

11.10.1900.

Library of the Theological Seminary,

PRINCETON, N. J.

Presented by Rev. W. Simonton, D.D.

SCB

8692

21

Shelf.....

Division..... Al.....

Section..... Alca.....

Number.....



A. G. Linton

SERMÕES ESCOLHIDOS

DO

✓
REV.º A. G. SIMONTON.



NOVA YORK:
G. L. SHEARER,
NO. 150 RUA DE NASSAU.

PREFACIO.

Os discursos contidos neste volume foram pré-gados no Rio de Janeiro, nos annos de 1864 a 1867, pelo Rev. A. G. Simonton, que foi o fundador e o primeiro pastor da Igreja Evangelica Presbyteriana daquella cidade.

Elles foram escolhidos dentre muitos outros, que o auctor deixou ineditos. Offerecendo-os ao publico Brasileiro na presente forma, o editor se persuade que presta um grande serviço em beneficio aos interesses religiosos e moraes da sociedade.

O maior elogio que se podia fazer ao character do Auctor, seria uma simples narração de sua vida, de seus trabalhos, e da estimação que sempre merecia aos que o conheceram. Seria tambem tarefa das mais gratas ao editor, que por mais de oito annos vivia na mais intima confiança com elle.

Seja-lhe permittido, nesta occasião, dar um esboço o mais resumido possivel de uma vida tão cheia de interesse para todos que o conheceram e que amam a causa do Evangelho, que elle servia com tanta abnegação, zelo e proveito.

Ashbel Green Simonton era natural dos Estados Unidos; tendo nascido no condado de Dauphin no estado de Pennsylvania aos 20 de Janeiro de 1833.

Seu pai, William Simonton, M. D., e sua mãe, Martha Davis Simonton, eram Christãos sinceros e piedosos, e no acto de se baptizar este seu filho, solemnemente o consagraram ao ministerio do evangelho; e o instruíram cuidadosamente nas Sagradas Lettras.

Depois de fazer os estudos preparatorios, o Sr. Simonton cursou as aulas do Collegio de Princeton, New Jersey, uma das melhores instituições do seu genero nos Estados Unidos, e em 1852, formou-se em todas as materias do seu curso.

Durante os dous annos seguintes dirigiu um collegio de instrucção secundaria. Deixou, porém, o magisterio para estudar o direito. O fôro e a arena politica lhe acenaram com lisongeiras esperanças. A sua intelligencia varonil e activa, e a sua illustração variada, deram garantia de uma carreira brilhante e feliz.

Logo, porém, depois de começar o estudo do direito, foi convertido a Christo. O seu coração, que por muitos annos resistira aos convites do Salvador e aos impulsos do Espirito Santo, rendeu-se a final, humilde e docil. A mudança foi radical, e d'ali em diante a sua vida teve nova mira em vista. Reconheceu por suas proprias as obrigações dos votos feitos por seus pais a seu baptismo, e não poudesquivar-se ao cumprimento dos deveres que importaram-lhe.

Depois de seguir com distincção o curso regular do Seminario em Princeton, formou-se em theologia em 1858. Foi ordenado como presbytero da igreja presbyteriana, em 1859; e no mesmo anno chegou

ao Rio de Janeiro, onde exerceu o seu ministerio, quasi sem interrupção, até a sua morte em Dezembro de 1867.

Desde 1861 elle prégou em Portugese tanto como em Inglez, desde 1862 tendo sido organizada a Igreja Evangelica Presbyteriana daquella cidade.

Como pastor desta igreja, era incansavel no desempenho de seus deveres. Em muitas occasiões prégou quatro vezes por semana, escrevendo quasi todos os discursos; e alem disso visitava assiduamente os membros e as familias da congregação. Era homem sympatico, caritativo e sempre accessivel a todos. Nada parecia dar-lhe maior prazer do que trabalhar em beneficio dos outros.

Em 1864 o Sr. Simonton associou-se com alguns outros para estabelecer *A Imprensa Evangelica*, periodico que continúa a ser publicado no Rio de Janeiro, no interesse dos dogmas simples e puros do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Christo; e do qual pelos primeiros tres annos elle foi o principal redactor. Os artigos de fundo que partiram da sua penna, são notaveis pela habilidade da didactica e pelo alcance das ideas, tanto como pela força e clareza da expressão.

Seus discursos são caracterizados pelas mesmas qualidades. Como prégador tinha poucos rivaes. Seu thema era o do grande apostolo aos gentios: como S. Paulo, não quiz saber de outra cousa senão de Jesus Christo e de Jesus Christo crucificado.

Valente sempre pela verdade que defendia, nem por isso deixava de ser benigno e tolerante para com os que discordavam de suas opinões.

O Sr. Simonton casou-se em Maio de 1863 com Helen Murdoch, da cidade de Baltimore. Em Junho de 1864, esta amavel senhora, estimada de todas que a conheceram, foi chamada pelo Senhor para assistir comsigo nas moradas celestes na casa de seu Pai. Deixou uma filha, que herdou o nome da mãe.

Pelos fins de Novembro de 1867, o Sr. Simonton, estando na cidade de São Paulo, foi prostrado por uma febre violenta, e aos 9 de Dezembro, antes de completar seus 35 annos, dormiu no Senhor. Seus restos mortaes descansam até a resurreição no cemeterio protestante daquella cidade. As suas obras, porém, o seguem. Por sua vida irreprehensivel, por seu exemplo nobre e magnanimo, e por seus escriptos, elle continúa a prégar o evangelho, que com tanto enthusiasmo folgava de annunciar em quanto vivo.

O tratado sobre *A Morte e o Futuro Estado dos Justos*, não foi escripto pelo Sr. Simonton. É extrahido de varios artigos publicados em 1868 no 4º volume da *Imprensa Evangelica*, da qual, como já se disse, elle foi par alguns annos o principal redactor. A importancia do assumpto de que se trata nestas paginas, e o precioso testemunho do Sr. Simonton nellas citado, induziram o editor a inseri-las neste volume.

A. L. B.

NOVA YORK, 23 de Junho de 1869.

TABLA DE MATERIAS.

PREFACIO-----	PAGE 3
ENTRAI PELA PORTA ESTREITA-----	11
“Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que guia para a perdição, e muitos são os que entram por elle. Que estreita é a porta, e que apertado o caminho, que guia para a vida: e que poucos são os que acertam com elle!” S. Matt. 7:13, 14.	
O VIVER É CHRISTO -----	27
“Porque para mim o viver é Christo, e o morrer lucro.” Filip. 1:21.	
DEUS É CARIDADE -----	38
“Aquelle que não ama, não conhece a Deus: porque Deus é caridade.” 1ª S. João 4:8.	
SEM EFFUSÃO DE SANGUE NÃO HA REMISSÃO ----	51
“E quasi todas as cousas, segundo a Lei, se purificam com sangue: e sem effusão de sangue não ha remissão.” Heb. 9:22.	
CHRISTO NOSSO SUBSTITUTO-----	67
“Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” S. Matt 27:46.	

BARTIMÉO O CÉGO----- 79

“Sucedeu porém, que quando Jesus ia chegando a Jericó, estava sentado á borda da estrada um cégo pedindo esmola. E ouvindo o tropel da gente que passava, perguntou que era aquillo. E responderam-lhe, que era Jesus Nazareno que passava. No mesmo tempo se poz elle a bradar, dizendo: Jesus, filho de David, tem de mim piedade. E os que iam adiante reprehendiamno para que se calasse. Porém elle cada vez gritava mais: Filho de David, tem de mim piedade. Então Jesus parando, mandou que lh’o trouxessem. E quando elle chegou fez-lhe esta pergunta, dizendo: Que queres que te faça? E elle respondeu: Senhor, que eu veja. E Jesus lhe disse: Vê, a tua fé te salvou. E logo immediatamente viu, e o foi seguindo engrandecendo a Deus. E todo o povo, assim que isto presenciou, deu louvor a Deus.” S. Lucas 18:35-43. Vede tambem S. Marcos 10:46-52.

A PESSOA DE CHRISTO----- 93

“Logo que eu o vi, cahi ante seus pés como morto. Porém elle poz a sua mão direita sobre mim, dizendo: Não temas: eu sou o primeiro e o ultimo, e o que vivo, e fui morto, mas eis aqui estou eu vivo por seculos dos seculos, e tenho as chaves da morte e do inferno.” Apoc. 1:17, 18.

A FÉ E A VISÃO ----- 103

“Não attendendo nós ás cousas que se vêem, mas sim ás que se não vêem. Porque as cousas visiveis são temporaes: e as invisiveis são eternas.” 2ª Cor. 4:18.

“Por isto vivemos sempre confiados, sabendo que emquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor: (porque andamos por fé, e não por visão.) 2ª Cor. 5:6, 7.

A CARIDADE ----- 119

“Se eu fallar as linguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que sôa, o como o sino que tinne. E

se eu tiver o dom de profecia, e conhecer todos os mysterios, e quanto se póde saber: e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada. E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada disto me aproveita. A caridade é paciente, é benigna. A caridade não é invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade: tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre. A caridade nunca jámais ha de acabar: ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as linguas, ou seja abolida a sciencia.” 1ª Cor. 13:1-8.

O CONSOLADOR ----- 128

“E eu rogarei ao Pai, e elle vos dará outro Consolador, para que fique eternamente comvosco, o Espirito de verdade, a quem o mundo não póde receber, porque o não vê, nem no conhece: mas vós o conhecereis: porque elle ficará comvosco, e estará em vós.” S. João 14:16, 17.

OS FILHOS DO PACTO ----- 142

“Porque para vós é a promessa, e para vossos filhos, e para todos os que estão longe, quantos chamar a si o Senhor nosso Deus.” Actos 2:39.

O BAPTISMO----- 156

“E depois que Jesus foi baptizado, sahiu logo para fóra da agua: e eis que se lhe abriram os céos: e viu ao Espirito de Deus, que descia como pomba, e que vinha sobre elle. E eis uma voz dos céos, que dizia: Este é meu Filho amado, no qual tenho posto toda a minha complacencia. S. Matt. 3:16, 17.

A CÊA DO SENHOR ----- 161

“De maneira que quando vos congregais em um corpo, não é já para comer a Cêa do Senhor.” 1ª Cor. 11:20.

ACCÃO DE GRAÇAS A DEUS. 1 Reis 7:12-----	171
OS MEIOS DE GRAÇA. S. Marcos 16:15, 16 -----	177
A MORTE E O FUTURO ESTADO DOS JUSTOS-----	183
TUDO ESTÁ CUMPRIDO. S. Matheus 27:50-51; S. Marcos 15:37, 38; S. Lucas 23:45; S. João 19:30 -----	205
O THESOURO ESCONDIDO. S. Matheus 13:44-46 -----	237
OS IMPIOS NÃO TEM PAZ. Isaias 57:21 -----	255
A PAZ. O LEGADO DE CHRISTO. S. João 14:27-----	265
CHRISTO CRUCIFICADO. 1 Cor. 1:22-25- -----	279
SOMOS FILHOS DE DEUS, OU NÃO VOS HEI DE DEL- XAR ORFÃOS. S. João 14:18-----	301
A VIDA ETERNA: EM QUE CONSISTE. S. João 3:36--	315

SERMOES ESCOLHIDOS.

ENTRAI PELA PORTA ESTREITA.

“Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que guia para a perdição, e muitos são os que entram por ella. Que estreita é a porta, e que apertado o caminho, que guia para a vida: e que poucos são os que acertam com elle!”
S. MATT. 7:13, 14.

Nosso Senhor aqui compara a vida de cada homem a uma viagem, e a comparação é tão bella como propria para nos instruir. Com effeito somos viajantes e peregrinos na terra. Não temos morada fixa e permanente; porque, como é provavel, daqui a cincoenta annos nenhum de nós estará morando neste mundo. Nos vamos gastando rapidamente os poucos dias ou annos que nos restão, e ao pôr do sol de cada dia o termo da nossa jornada fica cada vez mais perto. Nem nos é dado onde parar no meio do caminho. A sepultura é o paradeiro do corpo, e além da campa, a alma, parte immortal do homem, ou descança no gozo da bemaventurança ou lastima e pena os seus crimes. É forçoso caminhar até o fim da carreira. Nem a vida nem a morte depende da vontade dos homens, mas sim do decreto de Deus.

Ha porém uma cousa que fica á vossa escolha, e

é cousa sobremaneira importante. Tendes não só o direito mas a obrigação de escolher, de entre os caminhos propostos, aquelle que é seguro e recto, e conduz á felicidade eterna. É-vos forçoso caminhar, mas é livre a escolha do caminho e da direcção da viagem.

Antes de proseguirmos em nosso assumpto, ponderemos as consequencias desta escolha. Nos paizes onde ha muitas estradas de ferro, e os trens vão e voltam constantemente, succede ás vezes que um viajante, querendo ir a uma parte, toma por engano o trem que vai para outra. Por conseguinte cada minuto vai elle mais se afastando do lugar aonde tencionava ir e onde talvez os seus amigos o esperam. Mas, quando isso acontece, o erro se descobre e o recurso é facil. Vem logo outro trem, o viajante toma lugar nelle e segue o caminho direito, vencendo com a mesma rapidez o espaço percorrido por engano.

Porém na viagem de que Nosso Senhor falla, não é tão facil remediar-se qualquer escolha errada. Não ha estações a cada passo onde se possa parar, e donde se possa voltar facilmente. Má escolha traz consigo inevitavelmente mau fim. Ninguem tem mais do que uma só vida. Oh! quanto é importante que a vossa escolha acerte com o bom caminho! Se isto não succeder, certamente não será porque vos falte um guia capaz, pois aqui se vos apresenta na qualidade de conductor Nosso Senhor mesmo. Elle é o Pastor das almas, e veiu para as conduzir á segurança e felicidade. Prestemos pois toda a attenção ás suas palavras, invocando o auxi-

lio da sua graça para que nos possamos compenetrar das verdades solemnes que aqui se ensinam.

A primeira cousa que Nosso Senhor nos dá a entender é o perigo de seguir caminho errado. Ha dous caminhos, e cada um delles tem sua porta. Bem se vê pois que ha perigo de errar. Este perigo não consiste em ser um destes caminhos mais curto e mais commodo do que o outro, de sorte que o viajante que faz má escolha terá que soffrer mais incommodos e trabalhos, porém a final chegará ao lugar onde todos chegam. Pelo contrario; um caminho conduz á perdição, e o outro á vida eterna. Não são estradas parallelas entre si, nem a cada passo ha trilhos por onde se possa passar de uma para a outra á vontade do viajante.

Estes dois caminhos se afastam cada vez mais um do outro, pois um leva á perdição, e o outro conduz á salvação. Quanto á largura tem igual differença. O caminho que guia para a perdição é espaçoso; enquanto o da vida é apertado. Este é estreito e difficil; porém aquelle é largo e commodo. Eis um factó bem assustador! O caminho da perdição é espaçoso e por tanto facil de achar e de seguir; o da vida é apertado, incommodo, e difficil de acertar.

Cada um delles tem sua porta pela qual os viajantes entram. Uma destas portas é estreita, e a outra larga; e, para augmento do perigo, a porta por onde entram aquelles que se salvam é estreita; enquanto que é larga a porta que dá entrada ao caminho da perdição.

Oh! Senhor! que nos descobristes estas verda-

des tão sollemnes, faze-nos fugir do caminho da perdição! dirige os nossos passos pelo caminho da vida!

Sobre o sentido espiritual que convém dar a estas palavras, felizmente não ha duvida.

Jesus nos diz:

“Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo: e elle entrará, e sahirá, e achará pastagens.” S. João 10:9.

“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida: ninguém vem ao Pai, senão por mim. S. João 14:6.

É esta a doutrina que brilha em cada pagina do livro inspirado, e que, bem entendida, toca e abranda o coração, inclina a vontade para o bem, e livra a alma dos receios e incertezas que Ihe tiram a paz e o descanso.

Jesus é o facil meio de alcançar a vida eterna. Pela sua paixão, intercessão e auxilio, todo o peccador póde chegar a ser salvo e bemaventurado; e sem fé nelle ninguém sesalva.

Porém dir-se-ha: Como póde ser estreita esta porta, sendo a bondade de Jesus tão illimitada, tão infinita? E como será apertado o caminho que guia para a vida, quando é verdade que Jesus convida a todos os peccadores a se chegarem a elle, dizendo: “o que vem a mim, não o lançarei fóra?” S. João 6:37.

Dizendo que é estreita a porta e apertado o caminho, Nosso Senhor deu a entender aos Fariseos e hypocritas que o escutavam, e tambem a nós que agora estudamos as suas palavras, que não ha salvaçãõ sem haver santificaçãõ. Eis-aqui a estreiteza

da porta. Para lá entrar é preciso largar os vícios, os máos pensamentos e os desejos impuros. Antes de descançar no sacrificio e nos merecimentos de Christo, é mister sentirdes e confessardes a vossa culpa. Ninguém jámais aceitou a graça de Nosso Senhor antes de vêr-se obrigado a isto pelas suas necessidades. O soberbo não póde ir a Jesus: é necessário que se torne humilde. O hypocrita não póde entrar no caminho que guia para a vida sem que largue a hypocrisia. O homem cheio de vícios não póde entrar assim carregado.

Para ser mahometano não é preciso senão professar certas doutrinas e observar certos preceitos. Esta porta é larga. Para ser devoto de idolos não se exige mais do que um culto exterior. Tambem, segundo a idéa errada que muitos fazem do christianismo, para ser christão e seguir o caminho da salvação basta ser baptizado. Porém a verdade é outra. A porta pela qual se entra neste feliz caminho é estreita.

Para ser christão é necessario ser nova creatura; é necessario estar arrependido e constricto do coração; é necessario sentir e confessar a nossa insufficiencia e fraqueza; e, sentindo e confessando tudo isto, é-nos necessario dizer do coração: “Senhor, salva-nos, que perecemos.”

A fé que Jesus exige de nós, exclue a menor fé em outros e em nós mesmos. “Elle veiu salvar aos peccadores,” e aquelle que não se confessa tal, não poderá salvar-se.

Isto causa grande desgosto aos homens. Por isso elles acham estreita de mais esta porta, e vão

entrar por outra onde lhes será permittido caminhar carregados de vicios e inchados de orgulho, de hypocrisia e de mentiras.

Jesus disse aos Judeos: “Entrai pela porta estreita. Caminhai no caminho apertado. Vinde a mim. Eu sou a porta. Eu sou o caminho.”

Os escribas e fariseos lhes disseram: “Não. O caminho e a porta são outros. Observai a lei. Jejuai. Fazei obras meritorias. Eis-aqui uma porta nãis larga e um caminho menos apertado.”

Taes escribas sempre se encontram; ha sempre desses fariseos; e sendo o seu ensino tão agradável ao coração corrompido dos homens, não é de admirar que são muitos os seus discipulos e poucos os de Jesus.

Guardai-vos de um christianismo onde tudo é facil e commodo. Desconfiai de uma religião que se contenta com observancias exteriores, quaesquer que estas sejam, e que não descobre nem cura a molestia que por dentro contamina toda a alma.

Se alguem vos aconselhar a seguir certo caminho, será bom examinar bem a porta por onde se entra. Sendo larga, está provado que não é a porta pela qual entram aquelles que se salvam.

A verdadeira doutrina se conhece pela pureza dos seus preceitos, pela perfeição de sua moral, e pela sua superioridade sobre todas as invenções do homem. A verdadeira religião differe de todas as mais em reprehender severamente a maldade e os vicios dos homens, e em exigir um culto não fingido e falso, mas nascido de um espirito attribulado e sincero.

A vida de um christão é uma luta continua contra a concupiscencia da carne, contra o excessivo apêgo ás cousas mundanas, e contra os assaltos do inimigo das almas. Aquelle que nunca se sentia apertado dos seus inimigos tanto de dentro como de fóra, que nunca chegou a sentir e confessar que só a graça omnipotente de Jesus o podia livrar da escravidão do peccado, esse póde ficar certo que anda errado. A porta verdadeira é estreita e a muito custo se entra.

Da parte de Jesus não ha difficuldade nenhuma. Elle convida a todos. O que tanto vos embaraça, tanto vos impede, é o vosso orgulho, que vos faz desprezar os merecimentos do Salvador e viver satisfeitos com os vossos proprios; é o amor que tendes ás viadades e prazeres; é o vosso coração endurecido e rebelde contra Deus: essas são as cousas que tornam tão estreita a porta e tão apertado o caminho onde entram e caminham os que são servos do Senhor.

Por igual razão a outra porta é larga e o outro caminho espaçoso. Nada póde haver mais facil do que acertar com o caminho que guia para a perdição. Não é mister ao homem senão cerrar os olhos e deixar-se levar das suas paixões e caprichos. Póde seguir a religião de que mais gostar, com tanto que não seja a de Jesus Christo. Póde até chamar-se christão, ser baptizado, observar o culto e certas ceremonias exteriores da Igreja. A porta é larga e o caminho é espaçoso, e por consequencia cada um póde viver á sua vontade. Eis aqui a razão de todos preferirem o caminho espaçoso. Não querem

ser incommodados com uma religião que os aperta. Pretendem gozar o mundo enquanto se acham no mundo, e quando chegar a morte será tempo bastante de pensar no futuro. Tudo isto é facillimo e bem agradável ao coração depravado da raça humana.

Pórem, segundo diz Salamão em Proverb. 16:25: “Ha um caminho que parece ao homem que é direito: e comtudo o seu fim guia para a morte.”

Nosso Senhor assevera que o caminho espaçoso e commodo, onde se encontram viajantes de todas as idades, de todas as nações e côres, e em tão crescido numero, guia para a perdição. É facil de achar; estando nelle não ha que errar; é commodo; mas—“guia para a perdição.”

Por este caminho passaram os escribas e fariseos. Por aqui andou o rico avarento do Evangelho. Nelle se acha hoje uma multidão immensa de hypocritas, de orgulhosos, de ambiciosos, de avarentos, e de homens que se dizem christãos mas cujas obras mostram que não o são. Tambem se encontram alli alguns que mostraram ter desejo de seguir o caminho da vida.

Quando Jesus andava no mundo, muita gente ouvia com attenção os seus discursos, e comia o pão que elle lhes deu milagrosmente, e até tinha desejo de o seguir. Mas renunciar o mundo e a si mesmos, e viver pela fé nas promessas de Christo, isto pareceu-lhes difficil. Nunca puderam resolver-se a isso, e, por tanto, ião seguindo a multidão pelo caminho largo e espaçoso.

Hoje tambem se encontram taes pessoas. Ellas

até gostam de ouvir fallar da graça e da bondade do Salvador, convencidos de que não ha salvação senão por intervenção d'elle. Comtudo ficam irresolutos, não querendo nem perder a alma nem renunciar o mundo e soffrer nesta vida o que cada Christão tem que supportar. Talves haja certo vicio ou certo costume que lhes seja muito caro, de sorte que não se podem resolver a larga-lo. Querendo entrar com este vicio, a porta é tão estreita que não dá passagem.

“Porfiai a entrar pela porta estreita: porque vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão.”
S. Lucas 13:24.

Póde ser que haja entre nós taes pessoas. É muito perigosa tal indecisão. Aquelles, que depois de chegarem a conhecer o caminho bom, hesitam em segui-lo, quasi sempre acabam com a sua irresolução, indo adiante pelo caminho da perdição.

O governador romano Felis, ouvindo o discurso de Paulo sobre o arrependimento e o juizo vindouro, parou a escutar e mostrou-se ancioso pela salvação da sua alma. Mas a final decidiu-se despedindo-se de S. Paulo e continuando como d’antes. Era governador da Judéa, e, para tornar-se christão, fôra mister perder honras, dignidades e riquezas. Para um homem tão altamente collocado, a porta era muito estreita e o caminho mui apertado. Por isso elle não pôde resolver-se a entrar.

“Então lhe fez esta pergunta um homem de qualidade, dizendo: Bom Mestre, que devo eu fazer para possuir a vida eterna? E Jesus lhe respondeu: Porque me chamas tu bom? ninguem é bom, senão

só Deus. Tu sabes os mandamentos: Não matarás: Não commetterás adulterio: Não furtarás: Não dirás falso testemunho: Honrarás a teu pai, e a tua mai. Disse o homem: Todos estes mandamentos tenho eu guardado des da minha mocidade. O que tendo ouvido Jesus, disse-lhe: Ainda te falta uma cousa: vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um thesouro no céo: e depois vem, e segue-me. Quando elle ouviu isto, se entristeceu: porque era mui rico. E Jesus vendo que elle ficára triste, disse: Que difficullosa cousa é entrarem no reino de Deus os que tem cabedaes." S. Lucas 18:18-24.

S. Lucas nos falla de um homem de qualidade que veiu a Jesus, dizendo: "Bom Mestre, que devo eu fazer para possuir a vida eterna?" Esse homem escutou com attenção emquanto o Senhor citava os mandamentos da lei, e, pela resposta que deu, mostrou que tinha feito diligencia de observa-los. Mas quando Jesus disse: "Vende tudo e depois vem e segue-me," elle se entristeceu e partiu desgostoso de um conselho tão duro. Tambem esse achou muito estreita a porta que dá entrada á vida christã.

S. Lucas falla igualmente de um homem que fez uma grande cêa e enviou um de seus servos a chamar aos convidados. Porém todos começaram a escusar-se. O primeiro disse: "comprei uma quinta e é-me necessario ir vêl-a; rogo-te que me dês por escusado." Disse outro: "Comprei cinco juntas de bois e vou a fazer prova delles." Disse tambem outro: "Eu casei, e por isso não posso ir lá." S. Lucas 14:16-20. Por diversos pretextos todos recusaram ir.

Os servos de Jesus que em seu nome convidam aos homens a experimentar a sua rica graça, tem igual sorte. A boa noticia de se achar preparada a grande cêa do Evangelho não produz impressão alguma nos homens, e todos começam a escusar-se, um por este motivo e outro por aquelle. A razão desta indifferença e até inimizade ao Evangelho é patente: As condições com que se dá o convite não agradam. Jesus veio chamar e salvar aos peccadores. Por tanto é preciso ser dos taes para ser salvo. Isto é summamente desagradavel ao homem orgulhoso e altivo, como o são todos por natureza.

Jesus nos offerece a salvação de graça, pela fé e não pelas obras da lei, exigindo a renuncia de toda a confiança vã e falsa, a fim de que a nossa fé se funde simples e exclusivamente nos seus merecimentos e no seu poder. Isto causa grande desgosto aos fariseos e hypocritas do seculo, cujo numero é sempre crescido.

Jesus exige daquelles que o seguem que tomem a sua cruz e que se sujeitam a soffrer com paciencia o opprobrio e a inimizade do mundo. Isto é prova dura para os espiritos timidos e fracos.

Por estes e outros muitos motivos o caminho que guia para a vida é pouco frequentado em comparação com o caminho da perdição.

As lições mais proveitosas que se deduzem daqui são tres:

1^a. É maxima falsa e perigosa, que a religião mais seguida é tambem a mais segura. Nosso Senhor aqui affirma justamente o contrario, dizendo serem muitos os viajantes que pela larga porta eu-

tram no caminho que guia para a perdição, e poucos os que acertam com o caminho que guia para a vida. Eis-aqui reprovada a falsa doutrina hoje tão aceita—que não nos é preciso senão seguir o caminho mais seguido e trilhado.

Os verdadeiros crentes sempre tem sido poucos em comparação com os incredulos. Isto é verdade mesmo onde a religião christã é tida por verdadeira. Os Judeos com quem Christo assim fallou eram membros da igreja verdadeira e professavam a religião verdadeira. Possuiam o Velho Testamento e reconheciam por verdadeiro tudo que lá está escrito. Porém Jesus, que os conhecia por dentro, aqui declara que poucos delles se acharam no bom caminho. O resultado provou quanto era verdadeira esta palavra. Jesus mesmo, o Senhor a quem elles professavam adorar, foi crucificado ás mãos delles.

Hoje tambem entre nós a religião de Jesus Christo é professada geralmente. Todos se dizem christãos. Elles não mostram melhor vontade de estudar e observar os preceitos do Evangelho do que mostraram antigamente os Judeos; mas, com tudo, dizem e protestam que são christãos. Não se incommodam com o trabalho de procurar saber o que é ser christão. O que sabem é que são christãos como os mais o são, e isto lhes basta. Não fazem senão seguir a estrada geral.

Se estivessem na Turquia ou Arabia seriam mahometanos por igual razão, porque os mais o são.

Não; essas estradas geraes onde a multidão corre sem dar-se ao trabalho de examinar se faz bem ou mal, são perigosas e falsas. O facto de ser qualquer

religião professada por todos com facilidade e quasi sem exame, deve fazer-vos desconfiar della. É bem possível ser mahometano ou pagão, ou até christão de profissão, sem saber como. Porém para ser christão verdadeiro é mister a cada homem tal mudança no interior, que não só servirá de provar a elle mesmo a verdade da sua fé, mas tambem dará bellos frutos á vista de todos os seus conhecidos. O aperto de uma sincera e verdadeira profissão da religião de Christo é tal, que não é cousa que se faz sem consideração.

Por tanto, em vez de achardes na opposição dos homens motivo de receios ou de duvidas quanto á vossa crença religiosa, tendes nisto mais uma prova de ser ella verdadeira. Lembrai-vos sempre de que o caminho da perdição é o mais frequentado. Entram muitos pela porta larga, e são poucos os que acertam com a estreita. Melhor seria ir sózinho pelo caminho que guia para a vida, do que ter por companhia o grande concurso de gente incredula.

2^a. A segunda lição proveitoso que se tira das palavras do Senhor é a impossibilidade de ser qualquer systema de religião verdadeiro e ao mesmo tempo aceito ao coração do homem. Como Nosso Senhor affirma, não só é estreita a porta mas tambem é apertado o caminho que guia para a vida. Isto quer dizer que a vida do christão é uma carreira tão difficil que é preciso diligencia desde o principio até o fim. É necessario vigiar e orar. Cada dia traz seus trabalhos e suas tentações. O christão nunca póde encostar suas armas para descansar. Elle não póde servir a dous senhores: não póde

servir a Deus e ás riquezas. Nem lhe é permittido deixar-se guiar pelos costumes e maximas do mundo ou do paiz onde habita; porque deve sua obediencia a outras leis e a outro Rei. Este procedimento ha de crear-lhe muitos inimigos. Isto tem sempre acontecido desde o principio até agora. Não é de crer que haja grande mudança a este respeito. Aquelle que se propõe a viver vida christã deve contar com a opposição do mundo; e a unica maneira de livrar-se deste odio é renunciar a fé. Não ha meio termo. Não se póde gozar a amizade de Christo e a do mundo.

Por tanto, o systema religioso que sabe reconciliar os preceitos de religião com as maximas e usos do mundo; que em vez de um arrependimento profundo aceita uma obra de penitencia ou concede uma indulgencia debaixo de condições faceis; que se contenta com o baptismo em vez do novo nascimento sem o qual ninguem póde entrar no reino dos céos; e que tem substituido o culto espirital por outro que só faz impressão nos sentidos: este systema tão facil e tão commodo não é o do Evangelho.

Lembra-vos de que estreita é a porta e apertado o caminho do Evangelho. Para lá entrar, o homem carece despir-se tanto dos seus merecimentos como dos seus vicios. É necessario ser nova creatura pela obra do Espirito Santo, vestindo-se dos merecimentos do seu Salvador. Seus desejos, seus merecimentos, sua mesma natureza, tudo é contaminado. A mundança deve ser completa. É necessaria, pois de outra sorte não se póde entrar pela porta estreita.

3ª. A ultima lição que vou deduzir destas palavras é—que não basta conhecer o bom caminho. É necessario entrar pela porta e segui-lo. Jesus diz: “Entrai pela porta estreita.”

Todas as verdades que acabamos do ponderar são proprias para excitar o vivo desejo de achar e seguir o caminho da salvação. Se com effeito é cousa tão difficil salvar-se; se a maior parte dos homens segue caminho errado; importa-vos fazer toda a diligencia de assegurardes a vossa salvação. O perigo deve estimular os vossos esforços; porque a perda da alma será a consequencia do descuido ou da indifferença.

Hoje é o tempo conveniente para dar ouvidos ao conselho do Salvador. Bem que a porta seja estreita, comtudo está aberta. Virá tempo em que será fechada. O dia de amanhã é incerto para todos. As promessas e convites de graça se referem ao presente. Nem uma só vez fallam do futuro. Aqui se diz: “Entrai pela porta estreita,” isto é—“entrai agora,” “já,” “sem demora.”

Será verdade que quereis obedecer? Estais dispostos a entrar na carreira christã e perseverar até o fim? Bello proposito! Sabia escolha! Escutai a voz do Salvador: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo. Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Vinde a mim todos os que vos achais carregados. Em verdade, em verdade vos digo, o que crê em mim tem a vida eterna.”

Eis-aqui o que quer dizer—entrar pela porta estreita. É preciso que vos sintais peccadores, desgraçados, e sem recurso em vós mesmos ou em

outra qualquer parte a não ser aos pés do vosso Salvador. Não vos demoreis fazendo desconto dos vossos peccados, ou querendo tornar-vos dignos de ser aceitos e perdoados. Tudo isto é cousa impossivel. É duvidar da bondade de Jesus. É recusar a sua graça.

Ide a Jesus com plena confiança, assim como estais e sem demora. Elle vos está dizendo: “O que vier a mim, eu não o lançarei fóra.”

Para assim ir a Jesus, não é mister mais do que descançar nos seus merecimentos e na sua graça.

Não é preciso subir ao céo para trazer do alto a Christo. “Mas perto está a palavra na vossa boca e no vosso coração. - Porque se confessardes com a vossa boca ao Senhor Jesus, e órderdes no vosso coração que Deus o resuscitou d’entre os mortos sereis salvos.” Rom. 10:6-9.

Uma fé simples, firme e do coração: Eis-aqui o que se vos exige. Eis-aqui o meio de entrar pela porta estreita.

Seja o Espirito da verdade o vosso Guia, illuminando o vosso entendimento e inclinando a vossa vontade para seguir o caminho que guia para a vida eterna.

Amen.

O VIVER É CHRISTO.

“Porque para mim o viver é Christo, e o morrer lucro.” Filip. 1:21.

HA pouco tempo, conversando com uma senhora citei-lhe uma passagem de S. Paulo. Disse-me ella: Vejo que um padre a quem consultei ultimamente tinha razão para dizer-me: “O Apostolo Paulo é o predilecto dos que se dizem evangelicos.”

Este testemunho da boca de um padre, conhecido pela opposição que faz á leitura e prégação da Biblia, me foi summamente agradavel. É verdade que a cada passo citamos o grande Apostolo dos Gentios. É nos escritos de S. Paulo que se encontra a perfeita exposição da doutrina da salvação.

Porém tudo isto não basta. O que vale S. Paulo se ficamos nisto? Para merecermos o elogio que esse padre nos fez é mister imitarmos a S. Paulo. É preciso pormos em pratica as doutrinas que elle tão magistralmente expõe. Tomára eu que neste sentido os nossos inimigos fossem obrigados a dizer a nosso respeito: “São discipulos de S. Paulo.” O citar é facil. Citações não passam de palavras; e vós sabeis que as mais bellas palavras são vazias de sentido na boca de quem não as comprehende nem as pratica. O nome de Paulo anda na boca de cen-

tenares de pessoas que nem de longe conhecem nem apreciam o seu character.

Resolvi-me pois occupar a vossa attenção com uma passagem que dá a conhecer o segredo da vida de S. Paulo. Deixando por emquanto as doutrinas deste apostolo, occupemo-nos do fim que elle tinha sempre em vista. Deus permitta que, ao passo que vamos apreciando este bello exemplo, os nossos espiritos sejam tocados do fogo de um amor tão puro e abrazado como esse que era o motor da vida de S. Paulo.

1°. Notai que Paulo sabia qual a mira que tinha em vista. Nenhuma duvida ou incerteza o perturbava. Querendo dar razão de si e explicar para onde se dirigia, podia responder de, um modo o mais claro e explicito: “Para mim o viver é Christo, e o morrer lucro.” Filip. 1:21.

Esta certeza dava força e animação á vida de S. Paulo. Saber o que se quer, é a primeira condição de bom successo.

“O homem que tem o espirito repartido, é inconstante em todos os seus caminhos.” S. Tiago 1:8.

Aquelle que não tem algum fim em vista nem sabe dizer o que pretende conseguir, é irresoluto, fraco e inconstante. Ora pende para o lado direito, ora para o esquerdo. Hoje quer isto, amanhã aquillo. Um homem que assim vive, assemelha-se a um navio em alto mar sem bussola, sem carga, sem lastro e sem destino.

Entretanto o que é que presenciemos todos os dias? Os homens se dividem em duas classes, cha-

madras na Biblia os filhos do reino de Deus e os filhos deste seculo. Supponhamos que a cada uma destas classes se perguntasse qual o fim que tem em vista. Supponhamos que aos filhos deste seculo como tambem aos filhos do reino de Deus fosse dirigida a simples pergunta: Qual é o fim da vossa vida? Qual é o alvo de vossas aspirações?

Estou certo que muitos ficariam confusos, não sabendo dar uma resposta intelligivel. Posto que pareça incrivel, milhares de creaturas que se gabam de intelligentes e racionaes, não têm fim certo. Nunca se interrogaram a si mesmos sobre o seu destino. Para me servir de uma phrase vulgar, vivem á tôa. Os motivos que nelles influem são tão diversos e contrarios que não se pôde analysal-os. Esta indecisão dá-se entre ambas as classes referidas. Entre os mundanos vemos provas disto. Alguns querem riquezas e o seu commodo, cousas contrarias. A consequencia é que hoje cedem a um motivo, amanhã a outro. Outros querem ser honrados e ao mesmo tempo gozar de tudo, cousas tambem muitas vezes oppostas. Assim a vida é gasta entre prazeres, honras e riquezas. Os moços se entregam á satisfação de seus appetites; na idade mais madura as honras do mundo são o sonho mais attractivo, e no ultimo termo da vida humana a propensão dominante é a ambição de riquezas. Eis a historia do que se passa nesta vida.

Entre os Christãos dá-se a mesma indecisão. Todos querem salvar-se e servir a Jesus Christo; porém fazem tantas reservas, que torna-se difficil dizer o que querem de preferencia. Querem alcançar o

céo sem perder as cousas mundanas. Aspiram á corôa dos santos e martyres, comtanto que não tenham de abandonar os titulos e as honras que o mundo mais estima. Querem servir a Christo se esse serviço poder conciliar-se com a propria dignidade. Em fim, a mistura que ha nos motivos de muitos discipulos é tal, que elles mesmos não podem responder francamente a uma pergunta sobre o fim de sua vida. Tem muitos fins diversos e mesmo encontrados.

Paulo podia dizer o que poucos Christãos o podem sem reservas: “Para mim o viver é Christo, e o morrer lucro.”

Nesta decisão está em parte o segredo da força de S. Paulo, assim como a nullidade dos esforços de muita gente provém de sua irresolução. É muita cousa saber o que se quer. Nada de importante se faz sem que se tenha em vista um alvo fixo. Paulo sabia o que queria. Vós o sabeis?

2º. Deixando os que não sabem o que querem, occupemo-nos daquelles que tem um fim determinado, e avaliemos particularmente a escolha de S. Paulo.

Ha homens e são muitos, cuja idéa fixa é o dinheiro. Perguntados sobre o fim de sua vida, não ficariam áquem de S. Paulo quanto á promptidão e clareza da resposta. Assim como Paulo disse—“Para mim o viver é Christo,” aquelles diriam—“Para nós é o dinheiro.”

Outros vivem para gozar de tudo, e responderiam—“Para nós a vida consiste em nos divertirmos; tudo o mais são meios para isso.” Estes tambem sabem o que querem, e são consequentes.

Ha outra classe diminuta, que põe sua mira mais alta e fazem tudo ceder á sua ambição de dominar. Sabem o que querem.

Porém reparai bem no que vou dizer-vos a proposito de todas estas classes. Todas ellas vivem para si mesmas. O libertino, o avarento, o ambicioso, todos estes, sob fórmias diversas, dão culto a si mesmos, vivem para servir a si mesmos. São em corpo e alma egoistas.

Façamos agora parallelo entre estes e S. Paulo. Para mim, diz este, "*o viver é Christo.*"

Indo de Santos na direcção de S. Paulo chegasse logo á raiz de uma serra muito alta. O viajante sobe a vapor. Sentando-se n'um wagon em pouco é transportado das terras baixas, humidas, quentes e doentias para o alto da serra, onde os ares são bellos, d'onde se avista o alto mar e onde se goza de um clima perfeito. A mudança é tão sensível que o viajante fatigado julga-se em um novo mundo. Assim succede, moralmente fallando, ao passarmos dos homens mundanos para o apostolo Paulo. Ao ouvirmos sua resposta singela e sublime—"para mim o viver é Christo, e o morrer lucro," sentimo-nos rapidamente transportados para uma altura immensa d'onde se avista tudo o que o mundo chama *grande*, onde se respira um ar mais puro, onde as miserias do homem se desvanecem e a gloria de Christo tudo enche. Ditoso aquelle que puder elevar-se a tal altura e ligar-se a S. Paulo no seu protesto—"para mim o viver é Christo."

Mas em que sentido falla o Apostolo?

1º. A mira fixa que Paulo tinha em vista era a

gloria de Christo. No sentido em que alguns vivem para se divertir, outros para mandar, e outros para ajuntar riquezas, assim Paulo tinha um fim determinado a que se propunhar. Queria que Jesus fosse conhecido e amado á medida de seus merecimentos infinitos. Este desejo dava direcção a tudo quanto pensava ou fazia. Se elle formava planos no principio de um novo anno, o resultado que esses planos pretendiam conseguir era o engrandecimento da fama de Christo. Se, findo o anno, Paulo passava em revista os seus principaes acontecimentos, e avaliava a sua importancia, tudo era pesado e avaliado sob um só ponto de vista. Se em qualquer evento ou passo de sua vida a Jesus Christo redundou grande gloria, Paulo estava satisfeito, por mais doloroso que tivesse sido tal passo. Se as suas prisões melhor que a liberdade poderiam contribuir para o adiantamento da causa de Christo, Paulo ia contente para a prisão, e lá, algemado, escrevia:

“Quero pois, irmaos, que vós saibais, que todas as cousas que passam comigo, tem contribuido mais ao proveito do Evangelho: de maneira que as minhas prisões se tem feito notorias em Christo por toda a Côte do Imperador, e em todos os outros lugares; e muitos dos irmãos no Senhor, cobrando animo com as minhas prisões, tem ousado mais alentadamente fallar a palavra de Deus sem temor. É verdade que alguns prégam a Christo até por inveja, e por emulação: mas outros o fazem tambem por uma boa vontade: outros por caridade: sabendo que eu tenho sido posto para defensa do Evangelho. Mas outros prégam a Christo por contenção, não

sinceramente, crendo accrescentar afflicção ás minhas cadeias. Mas que importa? Com tanto que Christo em todas as maneiras seja annunciado, ou por pretexto, ou por verdade: não só nisto me alegro, mas ainda me alegrarei. Porque sei que isto se me converterá em salvação, pela vossa oração, e pelo soccorro do Espirito de Jesus Christo, segundo as minhas ancias, e esperança, que tenho, de que em nenhuma cousa serei confundido: antes com toda a confiança, assim como sempre, tambem agora será Christo engrandecido no meu corpo, ou seja pela vida, ou pela morte." Filip. 1:12-20.

Se pelo contrario era bem aceito do povo, aproveitava a influencia que exercia para promover os interesses do reino de Christo. Assim como o negociante indaga para descobrir novas especulações que rendam um bom lucro, assim S. Paulo buscava novos meios de dar impulso á causa de Jesus Christo. Em face de perseguições e de opprobrio da parte dos inimigos de Christo, perseverava, reprehendendo a uns, consolando a outros e animando a todos a crerem em Jesus Christo para a salvação. Foi este o theor de sua vida até o fim. O seu zelo nunca se esfriou. Para elle de facto o viver era Christo. Estas palavrãs não são exaggeradas. Não ha nellas nada de jactancioso. A sua vida comprovava o que a sua boca disse.

Acaso vós podeis dizer outro tanto? É summa-mente duvidoso. Acho provavel que ninguem o possa dizer sem muitas reservas. A maior parte dos Christãos está muito a baixo de S. Paulo, nem têm vontade de imital-o. Não querem sacrificar seu

commodo, nem sua reputação, nem seus bens. Embora remidos por Christo, e por isso devendo-lhe tudo, pretendem fazer o que succede com tantos negociantes fallidos, que mandam chamar seus credores e promettem pagar um tanto a cada um. É de admirar que Christo se digne aceitar um coração tão repartido como o são os de muitos christãos. Elle se entregou a si mesmo até á morte. Nós queremos retribuir-lhe tanta bondade repartindo entre elle e o mundo o nosso serviço, pospondo muitas vezes a sua gloria aos nossos caprichos, e de preferencia consultando o agradavel e o commodo.

2º. A gloria de Christo era a regra da vida de S. Paulo. A esta luz decidia as questões difficeis que tinha de resolver. Tendo de exercer o seu ministerio entre os Judeos, fez-se Judeo. Se se achava entre os Gentios, era Gentio. Com que sentido fez isto? Em Corinto não quiz ser pesado á Igreja, e trabalhava com suas mãos para ter com que viver. Dos Filippenses aceitou o que lhe deram. Qual a razão de assim obrar?

Meus amigos, é singular vêr como todas as questões se resolvem por meio desta regra pratica. Quem imitar a S. Paulo, fazendo da gloria de Jesus Christo a sua regra, não poderá errar muito na direcção de sua vida. É raro o caso de duvida que não se resolve assim.

Supponhamos que se trata da escolha de uma occupação ou de um emprego. Deve-se perguntar: "Como ha de ser em relação á gloria de Christo? Poderei eu nesta occupação conseguir melhor que em qualquer outra o grande fim de minha vida?"

Ou se se trata de um divertimento, não temos senão de ver se elle é prejudicial á causa de Christo para sabermos se elle é innocente.

Ou se alguém pensa em casar-se ou dar qualquer passo importante, deve considerar primeiro se assim póde melhor servir a Christo.

Tambem muitas questões delicadas entre irmãos no Senhor Jesus Christo facilmente se resolvem, uma vez que indaguemos para achar a solução que mais contribuirá para a honra de Christo.

Paulo em uma occasião resistio a S. Pedro na cara, pois assim exigia a causa da verdade.

“Ora tendo vindo Céfás a Antioquia: eu lhe resisti na cara, porque era reprehensivel.” Gal. 2:11.

Em outra occasião aconselhou aos Corinthios a não comerem carne sacrificada a idolos, caso estivesse presente um irmão que pudesse escandalizar-se.

“Pelo que se a comida serve de escandalo a meu irmão: nunca jámais comerei carne, por não escandalizar a meu irmão.” 1ª Cor. 8:13.

“Logo ou vós comais, ou bebais, ou fazeis qualquer outra cousa: fazei tudo para gloria de Deus.” 1ª Cor. 10:31.

Assim tambem Paulo procurou sanar as rivalidades que haviam na Igreja de Corinto, ensinando que cada um deve occupar a posição para que foi chamado; que o Espirito deu a uns certos dons, e a outros dons differentes, conforme quiz, e que nisto todos deviam ficar satisfeitos.

“Cada um na vocação em que foi chamado, nella permaneça.” 1ª Cor. 7:20.

“Porque a um pelo Espirito é dada a palavra de sabedoria: a outro porém a palavra de sciencia, segundo o mesmo Espirito: a outro a fé pelo mesmo Espirito: a outro graça de curar as doenças em um mesmo Espirito: a outro a operação de milagres, a outro a profecia, a outro o discernimento dos espiritos, a outro a variedade de linguas, a outro a interpretação das palavras. Mas todas estas cousas obra só um, e o mesmo Espirito, repartindo a cada um como quer. Porque assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, ainda que sejam muitos, são comtudo um só corpo: assim tambem Christo. Porque n’um mesmo Espirito fomos baptizados todos nós, para sermos um mesmo corpo, ou sejamos Judeos, ou Gentios, ou servos, ou livres: e todos temos bebido em um mesmo Espirito. Porque tambem o corpo não é um só membro, mas muitos. Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo: acaso deixa elle por isso de ser do corpo? E se a orelha disser: Uma vez que eu não sou olho, não sou do corpo: por ventura deixa ella por isso de ser do corpo? Se o corpo todo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfacto? Agora porém Deus poz os membros no corpo, cada um delles assim como quiz.” 1ª Cor. 12:8-18.

Meus irmãos, quero, quanto em mim está, recomendar á vossa imitação o grande Apostolo dos Gentios. É-vos possivel imita-lo. A obra que Paulo encetou com tanto zelo, não está terminada. O Reino de Jesus não é ainda universal. Resta occupar muito terreno; resta conquistar muitos ini-

migos antes de podermos dar por cumprida a prophacia do Apocalypse :

“E o setimo Anjo tocou a Trombeta: e ouviram-se no Céu grandes vozes, que diziam: O Reino deste Mundo passou a ser de Nosso Senhor, e do seu Christo, e elle reinará por seculos de seculos: Amen.”
Apoc. 11:15.

A Igreja de hoje continua a obra dos Apostolos. O fim é o mesmo. A gloria de Christo é a mira que temos em vista. Cada um de vós está chamado para tomar parte nas fadigas e provações deste trabalho, para tambem ter parte na gloria que d'elle redundaria ao Salvador.

As condições exigidas são as mesmas. Ninguem póde ser digno obreiro na vinha do Senhor sem que procure imitar a Paulo, tomando a Christo como o seu alvo, e tambem escolhendo entre os varios meios propostos aquelles que são conformes á vontade de Christo.

Amen.

DEUS É CARIDADE.

“Aquelle que não ama, não conhece a Deus: porque Deus é caridade.” 1ª S. João 4:8.

TODAS as sciencias têm certos principios que são fundamentaes, principios que não se podem negar sem negar tudo. A arithmetica tem certas cousas que o estudante é obrigado a saber antes de poder fazer o menor progresso naquelle estudo. A astronomia, a philosophia e as demais sciencias têm certas noções simples por onde deve começar aquelle que queira applicar-se ao seu estudo. Estes principios são a base em que tudo se funda. O conhecimento delles é sobremaneira importante, e se o estudante não tiver bastante capacidade para comprehende-los, ou se fizer idéa errada a seu respeito, será em vão pretender estudar. Por exemplo: se um de nós se applicasse ao estudo da geographia, ignorando ou negando a redondeza da terra, sustentando que o mundo é plano, que progresso poderia fazer? É evidente que não havia de poder dar um passo direito. Quanto mais estudasse, tanto mais iria se afastando da verdade; sonhando cousas que não existem; imaginando idéas impossiveis e ridiculas, e explicando tudo ás avessas. Os seus erros seriam a consequencia necessaria de ter elle negado um dos principios da sciencia que estudava. Ser-

lhe-hia necessario principiar de novo, informando-se da verdadeira fórma da terra. Então o caminho do progresso solido e verdadeiro ficará aberto; então lhe será possível ser *geographo*.

Posso dizer o mesmo em relação á theologia, ou sciencia de cousas divinas. Ha certos principios tão indispensaveis, que aquelle que os ignora ou os nega está de todo inhabilitado para dar um só passo no caminho que conduz ao verdadeiro conhecimento de cousas divinas. A theologia tem o seu alphabeto, isto é, suas primeiras noções, e aquelle que não principiar por ahi, informando-se das verdades indispensaveis, nunca poderá ser *theologo*. Os seus erros serão á proporção dos seus estudos; porque, partindo de principios falsos, cada passo será um novo erro, um degráo pelo qual irá descendo a um abysmo de trevas.

Meus ouvintes, tenho a certeza de que haveis de confessar que entre estes principios indispensaveis ao conhecimento de cousas divinas, o principal é o verdadeiro character de Deus. Sendo Deus o objecto da nossa fé e do nosso culto, é claro que aquelle que quer estudar theologia deve, em primeiro lugar, conhecer o character de Deus. É inutil passar adiante emquanto não tem certeza absoluta a este respeito. Este é o ponto de partida para todos os que se applicam ao estudo de doutrinas religiosas. Quem estiver enganado a respeito de Deus tambem o ha de estar quanto ás materias da fé. Sejam quaes fôrem os estudos que fizer, seu tempo será perdido, e sua alma ir-se-ha tornando cada vez mais confusa, cega e escura.

Sim, meus irmãos, aquelle que nega obstinadamente a verdadeira doutrina ácerca de Deus; aquelle que affirma ser Deus o que elle não é, é herege no verdadeiro sentido da palavra. Toda a doutrina contraria á verdadeira fé é uma heresia. Todo o que segue ou adopta uma heresia chama-se herege. Sendo fundamental, isto é, de toda a importancia a doutrina negada, a heresia torna-se maior. É evidente, pois, que aquelle que nega o verdadeiro character de Deus, que contraria obstinadamente a verdade sobre este ponto capital da nossa fé, é o maior herege possivel. Porque, se fôr ignorado ou negado o character do objecto da nossa fé e do nosso culto, todo o systema que adoptamos será falso. Aquelle que ignora a Deus, affirmando ser elle uma cousa quando na realidade é outra, está em trevas. Tal pessoa é incapaz de comprehender ou de explicar as doutrinas da fé. É de todo impossivel que tenha idéas correctas quanto ao caminho da salvação. Ser theologo sem saber o character de Deus, é o mesmo que ser geographo sem saber a fôrma do mundo.

Analysemos um pouco as idéas que se fazem ácerca de Deus, tendo em vista o alcance extraordinario da questão. Errar nesta verdade será um erro fatal. Se interpretarmos mal o que diz a palavra de Deus sobre este ponto fundamental, que esperança poderá haver de podermos acertar com a verdadeira explicação das mais doutrinas da fé christã? Nenhuma: Quem ignora a Deus ignora tudo.

1°. Ha uma classe de pessoas que só conhece a Deus pela revelação que elle faz nas obras da natu-

reza. Quanto a esta classe numerosa, Deus é o Creador, o architecto do universo. É sabio; é todo-poderoso; é infinito; é invisivel. De tudo isto ha certeza absoluta. As obras da natureza dão a conhecer estes factos.

Porém, por mais que olhemos para o firmamento e para os grandes luzeiros postos alli pela mão de Deus para allumiar a terra; por mais que profunde-mos nas entranhas do planeta que habitamos; por mais que escutemos a voz de Deus no bramido do trovão, do vento e das ondas do mar; é impossivel termos certeza de uma cousa que para nós, miseraveis peccadores, é sempre a cousa principal: o modo de nos reconciliarmos com Deus. É verdade que as obras da natureza descobrem a gloria de Deus; porém de um modo mui imperfeito. As doutrinas indispensaveis á paz da consciencia ficam occultas áquelle que não tem outro livro em que estudar o character de Deus senão o livro da natureza.

Qual é pois a idéa que esses estudantes ou philosophos, como gostam de chamar-se, fazem de Deus?

Dizem elles que Deus é grande . . . Mas se lhes fôr perguntado sobre o interesse que Deus sente pela nossa felicidade, ou sobre o culto que exige de nós, ou sobre os meios de satisfazer a sua justiça e de nos reconciliarmos com elle, não saberão dar resposta. Sobre estes pontos a natureza nada diz. Tristes sabios; miseraveis philosophos; sabendo tudo, menos a sua propria ignorancia.

Não é de admirar que esta classe de pessoas pense erradamente sobre o character de Deus. Para

elles, Deus é um ente que vive mui separado de nós e de nossos interesses; que trata a todos da mesma maneira, e que pouco ou nada se importa com o culto que lhe é feito. Quanto a elles, Deus é uma idéa vaga; um espirito que não se póde comprehender, e por conseguinte impossivel de amar. Esses philosophos não têm religião nenhuma; porque, para elles, Deus não é nada de positivo, de verdadeiro. Cada um faz de Deus a idéa que mais lhe agrada.

2º. Ha outra classe igualmente numerosa, que não é composta de philosophos. Esta segunda classe se compõe daquelles que, em vez de se applicarem com todo o cuidado ás Escrituras Sagradas para lá entrarem no verdadeiro conhecimento do character de Deus, escutam antes o que diz o coração do homem sobre este ponto. Em vez de se assentarem aos pés de Jesus Christo, e dos profetas e apóstolos que fôram inspirados para declarar a pura verdade, deixam-se levar pelos impulsos do seu proprio coração e pela tradição de gerações passadas.

E qual é a idéa que o homem naturalmente faz de Deus? Qual é o modo de pensar a que o coração humano mais se inclina? Quaes os sentimentos que naturalmente desperta toda a lembrança ou pensamento de Deus?

Quero ser exacto em responder a estas perguntas. Julgue cada um de vós o que vou affirmar. Deus geralmente é objecto de medo e de aversão. Os homens que fazem o seu juizo a este respeito sem attenderem á revelação feita no Velho e no Novo Testamentos, sempre figuram a Deus com ar severo e vingativo; um juiz severo que cumpre

satisfazer e applicar, falto de sentimentos ternos e brandos. Deus lhes parece viver retirado de creaturas humanas; irado contra ellas de tal maneira que a sua ira tarda só em razão dos mil meios que são empregados para diariamente applica-lo.

Segundo este systema, temos necessidade de satisfazer, ou neste mundo ou no futuro; e quanto mais nós soffremos, tanto mais contente ficará o nosso Juiz. Nem será permittido ao pobre peccador dirigir-se a Elle em direitura, confessando-se a a Elle e implorando-lhe perdão. Isto seria grande atrevimento. Seria peccar contra a dignidade do supremo objecto do nosso culto; porque Deus, como os grandes reis, não se abaixa a ponto de escutar a voz de um peccador que não tem amigos que o protejam. Ai daquelle que se encommenda a Deus sem valer-se de empenhos fortes!

Segundo este modo de pensar, a melhor religião é aquella que tem o maior numero de pessoas que nos possam servir de amigos para com Deus, satisfazendo por nós, rogando a Deus por nós, supplicando a Elle que não execute a sua propria vontade, mas que se deixe commover aceitando os padecimentos e desgostos da presente vida em desconto do castigo eterno que, de outra sorte, aguarda a todo o homem. Se Deus não se deixar mover dos seus conselhos vingativos, esses amigos se verão obrigados a pagar por seus devotos, offerecendo a Deus o thesouro de merecimentos adquiridos á custa de martyrios por elles soffridos para este fim.

É-me escusado dizer que tal Deus não é o objecto de amor a ninguem. É impossivel. Será in-

vocado com o fim de applica-lo; mas realmente amado, nunca o será. Aquelles que assim pensam a respeito de Deus, dedicam sempre as suas affeições aos amigos que fazem por elles o officio de medianeiros e intercessores, reservando para Deus unicamente os sentimentos de reverencia, de medo e de aversão. Todo o culto que consagram a Deus será culto obrigado e triste. O culto real, que o coração offerece, será o culto inferior com que imploram a intervenção daquelles que entendem ser seus amigos na côrte do céu.

3º. Meus amigos, Deus não é o que dizem aquelles que estudam as obras que a natureza apresenta; nem é o juiz vingativo que o coração humano figura.

A prova está á mão.

Escutem todos o testemunho que Deus mesmo dá ácerca do seu verdadeiro character.

S. João escreveu as palavras que vou ler; porém foi Deus quem o inspirou.

“Este veio por testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio d'elle: elle não era a luz, mas para que dêsse testemunho da luz. Era a luz verdadeira, que allumia a todo o homem que vem a este mundo: estava no mundo, e o mundo foi feito por elle, e o mundo não o conheceu. Veiu para o que era seu, e os seus não o receberam: mas a todos os que o receberam deu elle poder de se fazerem filhos de Deus, aos que crêm no seu nome: que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós: e nós vimos a sua gloria, gloria

como de Filho Unigenito do Pai, cheio de graça e de verdade. João dá testemunho d'elle, e clama, dizendo: Este era o de quem eu disse: O que ha de vir depois de mim foi preferido a mim: porque era antes de mim. E todos nós participámos da sua plenitude, e graça por graça: porque a lei foi dada por Moysés, a graça e a verdade foi trazida por Jesus Christo. Ninguém jámais vio a Deus: O Filho Unigenito, que está no seio do Pai, esse é quem o deu a conhecer." S. João 1:7-18.

"E havia um homem d'entre os Fariseos, por nome Nicodemos, senhor entre os Judeos. Este uma noite veio buscar a Jesus, e disse-lhe: Rabbi, sabemos que és Mestre, vindo da parte de Deus, porque ninguém póde fazer estes milagres, que tu fazes, se Deus não estiver com elle. E Jesus respondeu, e lhe disse: Na verdade, na verdade te digo, que não póde ver o reino de Deus, senão aquelle que renascer de novo." S. João 3:1-3.

"Bemdito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Christo, que, segundo a grandeza de sua misericordia, nos regenerou para a esperança da vida, pela resurreição de Jesus Christo d'entre os mortos, para uma herança incorruptivel, e que não póde contaminar-se, nem murchar-se, reservada nos céos para vós-outros, que sois guardados na virtude de Deus por fé para a salvação, que está aparelhada para se manifestar no ultimo tempo." 1ª Ped. 1:3-5.

"Se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e não impropera: e ser-lhe-ha dada. Mas peça-a com fé, sem hesitação alguma: porque aquelle que duvida é se-

melhante á onda do mar, que é agitada, e levada de uma parte para a outra pela violencia do vento.” S. Tiago 1:5, 6.

“Justificados pois pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Christo: pelo qual temos tambem accesso pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriámos na esperança da gloria dos filhos de Deus. E não sómente nesta esperança, mas tambem nas tribulações nos gloriamos: sabendo que a tribulação produz paciencia: e a paciencia experiencia, e a experiencia esperança, e a esperança não traz confusão: porque a caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espirito Santo, que nos foi dado. A que fim pois, quando nós ainda estavamos enfermos, morreu Christo a seu tempo por uns impios? Porque apenas ha quem morra por um justo: ainda que algum se atreva talvez a morrer por um bom. Mas Deus faz brilhar a sua caridade em nós: porque ainda quando eramos peccadores, em seu tempo morreu Christo por nós: pois muito mais agora, que somos justificados pelo seu sangue, seremos salvos da ira por elle mesmo. Porque se sendo nós inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho: muito mais estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida. E não só fomos reconciliados: mas tambem nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Christo, por quem agora temos recebido a reconciliação.” Rom. 5:1-11.

“Porque assim amou Deus ao mundo, que lhe deu a seu Filho Unigenito: para que todo o que crê nelle, não pereça, mas tenha a vida eterna. Por-

que Deus não enviou seu Filho ao mundo, para condemnar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por elle.” S. João 3:16, 17.

“Porque eu desci do céo, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquelle que me enviou. E este é a vontade daquelle Pai, que me enviou: que nenhum perca eu de todos aquelles que elle me deu, mas que o resuscite no ultimo dia. E a vontade de meu Pai, que me enviou, é esta: que todo o que vê o Filho, e crê nelle, tenha a vida eterna, e eu o resuscitarei no ultimo dia.” S. João 6:38-40.

“Eu tenho-vos dito estas cousas debaixo de parabolos. Está chegado o tempo, em que eu vos não hei de fallar já por parabolos, mas abertamente vos fallarei do Pai: naquelle dia pedireis vós em meu nome: e eu não vos digo que hei de rogar ao Pai por vós-outros: porque o mesmo Pai vos ama, porque vós me amastes, e crestes que eu sahi de Deus.” S. João 16:25-27.

O nosso texto é o resumo do que dizem Nosso Senhor Jesus Christo, e S. Paulo, e S. Pedro, e S. Tiago, e S. João.

“Deus é caridade.” Meus amigos, não sei o que pensais; porém, para mim, estas tres palavras reflectem mais luz sobre os attributos de Deus, e offerecem uma base em que nos fundarmos mais solida do que todos os discursos de quantos philosophos tem havido desde a criação do mundo. Lendo estas palavras e lembrando-me de que expriem o pensamento de Deus quanto ao seu proprio character, sinto-me alliviado de todas as duvidas a este respeito, e seguro de nunca me ver abandonado

delle. Não sou mais orfão. Tenho um Deus e ao mesmo tempo um Pai em cujo desvello e amor posso descançar seguro. A distancia immensa que antes parecia separar-me delle mostra-se cousa imaginaria e sinto-me perto de Deus: tão perto, que tudo o que faço é conhecido delle. A sua vista penetra nos segredos do meu espirito. Se faço bem, elle o approva. Se faço mal, elle se offende, assim como um bom Pai não póde ser indifferente ao procedimento de seu filho. Porém elle é sempre movido da caridade. Mesmo castigando, tem em vista despertar em mim o sentimento do peccado que tenho ou a lembrança do dever que tenho deixado de fazer. Quer castigando, quer abençoando, “Deus é caridade.”

Notai bem a força desta expressão. Não se diz que Deus é affectuoso ou terno. O alcance da linguagem é muito maior. “Deus é caridade.” Nesta virtude concorrem todos os attributos que são proprios da Divindade. Nunca se diz que Deus é justiça. A justiça não explica tudo o que ha no caracter divino. Nem se diz que Deus é santidade, mas sim santo. Porém diz-se: “Deus é caridade,” porque a sua justiça, a sua santidade, e tudo quanto diz respeito a Deus, se resumem na sua caridade. A lei de Deus se comprehende n’um só preceito—amor perfeito. Aquelle que ama a Deus de todo o seu coração e a seu proximo como a si mesmo, reflecte a imagem divina e cumpre toda a lei. Por tanto S. João, cheio de inspiração divina e querendo com uma só palavra dar a conhecer a Deus, disse—“Deus é caridade.”

A primeira consideração que faz sobresahir a caridade de Deus é a sua grandeza e a baixeza do homem. Todos ficam admirados vendo um rei ou imperador importar-se com o bem-estar da classe mais baixa do povo, da gente que não lhe pôde fazer nem bem nem mal. Nestes casos dizem logo: “Que bondade extrema! Que benevolencia extraordinaria!” O paiz que possui um rei tão interessado na felicidade de todas as classes, com toda a razão se julga feliz. Nunca faltará quem cante os louvores do tal rei.

Porém do maior dos reis da terra para Deus, a distancia é infinita. Deus é tão exaltado, que na sua presença não ha differença entre um homem e outro. Todos são iguaes. Todos são igualmente um nada.

Diz Isaias: “Eis-ahi está que são reputadas as gentes como uma pinga d’agua que cahe de um balde, e como um grão de peso na balança: eis-ahi estão as ilhas como pó miudo. E não bastará o Libano para queimar, e não bastarão os seus animaes para um holocausto. Assim são na sua presença todas as gentes como se não fossem, e por elle sempre foram reputadas por um nada e como uma cousa vã.” Isaias 40:15-17.

Outra cousa que se deve considerar para fazer uma idéa da grandeza do amor divino, é a maldade daquelles que são os objectos deste sentimento; é ser a raça humana muito baixa e muito inferior á Divindade.

Ainda ha outra consideração que faz brilhar a caridade divina. É o modo pelo qual se manifesta a nós.

Um rei que não sentisse interesse pelo bem-estar da sociedade, poderia facilmente perdoar ao maior malfeitor sem nisto dar prova alguma de ser realmente benevolo. Um acto de clemencia feito sem attender aos fins da justiça, não custa nada nem tambem prova nada. É acto arbitrario. Destes actos são capazes os maiores déspotas. Castigam e perdoam sem attender ao que exige a justiça.

Mas a caridade de Deus não é semelhante ao amor interesseiro de que vemos tantos exemplos na terra. É sentimento sem mistura. É um attributo que não se explica senão dizendo—“*Deus é amor.*”

SEM EFFUSÃO DE SANGUE NÃO HA REMISSÃO.

PRÉGADO NA OCCASIÃO DA CEA DO SENHOR.

“E quasi todas as cousas, segundo a Lei, se purificam com sangue: e sem effusão de sangue não ha remissão.” Heb. 9:22.

DEUS, sendo supremo, tem o direito de decretar leis a seu belprazer, e impo-las ás suas creaturas. Não nos compete criticar ou censurar a justiça de seus actos, e menos ainda oppôrmo-nos á sua execução. Se Elle tivesse julgado melhor punir desde já o genero humano por sua rebeldia e crimes, ninguem teria podido censurar semelhante acto de justiça. Mas foi de sua vontade salvar a nossa raça, e portanto elle suspendeu a execução de sua lei e publicou um decreto de amnistia ou de perdão, sob certas condições. Estas condições dependem de sua soberana vontade. É de nosso dever e de nosso interesse conhece-las e cumpri-las sem demora e com todo o escrupulo. Á vista da grandeza de Deus e das horriveis consequencias do peccado, uma vez que não haja perdão ao nosso alcance, toda a diligencia feita no sentido de conhecer e de cumprir as condições que Deus nos impõe, é pouca, pois nisto vai a nossa felicidade eterna. Aqui não se trata de qualquer interesse mundano e por isso momentaneo. O que está a perder ou a salvar é a alma immortal,

cujo valor Nosso Senhor bem exprime perguntando:

“Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que commutação fará o homem para recobrar a sua alma?” S. Matt. 16:26.

Temos á vista uma das condições indispensaveis a fim de que o peccado seja perdoado. Até se póde dizer que estas palavras explicam a principal condição necessaria á remissão dos peccados commettidos contra Deus. Quão vivo não deve ser o vosso interesse para comprehender o sentido destas palavras, sabendo que a vossa sorte eterna depende do cumprimento da condição nellas contida! Não vos parece que o criminoso carregado de ferros e á espera da hora fatal destinada á expiação de seus crimes, teria summo interesse em ler e estudar o perdão que lhe chegasse ás mãos, para se informar das condições necessarias da sua parte? Ou se elle não soubesse ler, e um amigo lhe fizesse o favor de ler o decreto de perdão, não tendes por certo que daria attenção fixa a essa leitura?

Expondo o significado do texto, faço em vosso proveito o mesmo serviço. Quero faze-lo, lembrado de que a minha salvação, tanto como a vossa, está sujeita a esta condição—que nem eu nem vós nos podemos salvar sem effusão de sangue. A garantia que posso dar da fidelidade da exposição que vou offerecer, não póde deixar de ser satisfactoria, pois prometto cingir-me á palavra de Deus, buscando nella todas as minhas provas e comparações e exemplos. Emquanto fizer isto, não sou eu que vos fallo,

mas antes é a palavra de Deus explicando um de seus versiculos em harmonia e combinação dos mais.

1°. Temos aqui um factó certo, que sem effusão de sangue não ha remissão; isto é, não ha remissão de peccados possivel aos homens, sem que haja effusão de sangue. Até aqui, não ha duvida. A linguagem é tão clara que póde se dispensar qualquer commento ou explicação. De algum modo a remissão dos peccados depende do derramamento de sangue.

Mas o que é a effusão ou derramamento de sangue tão indispensavel? De quem é esse sangue que uma vez derramado tem a virtude de remittir peccados? A palavra de Deus vos dará uma resposta satisfactoria:

“Porque a vida do animal está no sangue: eu vo-lo dei, para que sobre o altar expiasses com elle as vossas almas, e para que a alma fosse expiada pelo sangue.” Levit. 17:11.

A alma ou a vida de toda a carne está no sangue, e por tanto querendo-se fazer um sacrificio em expiação de peccados, não ha verdadeiro sacrificio e por consequencia não ha expiação sem que o sangue seja derramado. O sangue é a cousa essencial, porque a vida está nelle. Emquanto não se derrama o sangue da victima, não se dá a sua vida, e portanto não ha expiação nem tão pouco remissão.

Para tornar ainda mais clara esta verdade, consideremos em que consiste o valor de um sacrificio; por outras palavras, façamos uma idéa perfeita da natureza de um sacrificio pelo peccado.

Todo o sacrificio implica: 1°. Que aquelle que

o offerece, tem peccado, e não quer soffrer a pena do peccado que é a morte. “Toda a alma que peccar, certamente morrerá.” Sem consciencia de peccado, ninguém havia de offerecer sacrificios. 2º. Que a morte da victima será aceita em troca da morte do peccador que a offerece. Dá-se a vida da victima pela vida do peccador. A victima morre, e o peccador escapa ao castigo que seus crimes merecem. Por isso diz-se que esses crimes são expiados pela morte da victima. É um equivalente que se paga á justiça, e, sendo aceito, a divida está satisfeita. Tudo isto é simples e claro.

O modo por que se offereciam os sacrificios antigos, representava visivelmente o que acabo de explicar. Era o seguinte: O peccador cuja consciencia não estivesse tranquilla, escolhia algum animal que não tivesse defeito e dos que eram proprios para este fim, e, trazendo-o á porta do templo de Deus, punha as mãos sobre sua cabeça, confessando os peccados que lhe gravavam a consciencia. Este acto importava que elle, não obstante julgar-se culpado á vista de Deus, esperava ser perdoado pela expiação da victima que ia morrer em seu lugar. Dava-se a vida da victima pela sua vida. Não se póde explicar por outra fórma o rito do sacrificio que tem sido observado desde o principio do mundo até ao presente.

Conferindo-se agora a declaração de S. Paulo que “sem effusão de sangue não ha remissão,” Heb. 9:22, com Levitico 17:11, onde se diz que a vida está no sangue, ve-se facilmente o que Paulo quer dizer. Todo o homem é peccador. Deus é justo e

misericordioso. A sua justiça requer que se execute a lei que diz: “a alma que peccar, ha de morrer.” A sua misericordia intercede por nós, pedindo que se nos dê a remissão de nossos peccados. Parece impossivel Deus ser justo e ao mesmo tempo propicio a nós peccadores. Parece inevitavel que succeda uma de duas cousas—ou que a lei divina se execute, morrendo eternamente a raça humana, ou que Deus nos perdôe com grave offensa á sua justiça. Em outras palavras, a sabedoria humana não sabe conciliar a justiça e a misericordia de Deus.

Porém, como diz S. Paulo: “pois o que parece em Deus uma estulticia, é mais sabio que os homens: e o que parece em Deus uma fraqueza, é mais forte que os homens.” - 1^a. Cor. 1:25.

O mesmo já havia dito Isaias: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos: nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céos se levantam sobre a terra, assim se acham levantados os meus caminhos sobre os vossos caminhos, e os meus pensamentos sobre os vossos pensamentos.” Isaias 55:8, 9.

Qual é pois o segredo do plano que Deus traçou para conciliar a sua misericordia com a sua justiça? Á vista de todo o expendido, a resposta é facillima: Deus consentiu que a alma do peccador fosse remida pela morte de uma victima que o substituísse, pagando-se assim um equivalente á justiça divina. Deste modo a lei de Deus se executava, e o peccador alcançava a misericordia divina de tal sorte que ia impune. Isto tornava-se possivel pela interven-

ção de uma victima que dava a sua vida por elle, ou, em razão de estar a vida no sangue, derramava o sangue por elle.

Esta condição era essencial. Sem effusão de sangue não havia possibilidade de remissão; porque sem que se dê vida por vida a lei não está satisfeita nem a misericordia divina póde operar sem offender a justiça divina.

Toda a Biblia dá testemunho desta doutrina. Abel derramou o sangue de um cordeiro, animal que melhor symbolisa a innocencia e pureza, e foi aceito. Caim não o fez, e Deus não attendeu a sua offerta. Não era possivel que a offerta de Caim fosse attendida, pois nella não havia sangue que pudesse remir sua alma manchada de peccado. A lei requeria um equivalente; requeria que elle dêsse outra vida pela sua. Não a deu, e não alcançou a remissão.

Todos os antigos servos de Deus offereciam sacrificios de animaes vivos, cujo sangue os sacerdotes aspergiam defronte do lugar que representava o throno de Deus: “e o sacerdote rogará por elle, e pelo seu peccado diante do Senhor, e o Senhor usará com elle de misericordia, e se lhe perdoará o peccado.” Lev. 19:22.

Até o livro da lei de Deus e o povo e os vasos de que se fazia uso, e o templo e o altar, foram aspergidos com sangue: “Moysés pois tomou a metade do sangue, e lançou-a n’umas taças: e derramou a outra sobre o altar. E tomando o livro do concerto, leu, ouvinda o povo: o qual disse: Faremos tudo o que o Senhor disse, e lhe seremos obe-

dientes. Então tomando o sangue, elle o derramou sobre o povo, e disse: Eis-aqui o sangue do concerto, que o Senhor celebrou comvosco, debaixo de todas estas condições.” Exodo 24:6-8.

Tudo isto representando visivelmente que as nossas almas poderiam remir-se só em troca do sangue ou da vida de alguma victima que Deus se dignasse aceitar em nosso lugar.

Neste ponto convém darmos uma resposta á segunda pergunta que fiz quasi no principio deste discurso: De quem é esse sangue que uma vez derramado, dá remissão de peccados? Se errarmos aqui, o nosso erro será fatal.

1°. Posso affirmar-vos que a victima em que se falla aqui, não é qualquer dos animaes que antigamente se offereciam.

A razão nos ensina que a vida de um animal não póde ser um equivalente á vida de um homem. De qualquer animal para o homem que distancia não vai! A palavra de Deus confirma esta inducção da nossa razão.

“Porque se tu quizessees sacrificio, o houvera na verdade offerecido: tu não te deleitarás com holocaustos.” Psal. 50:18.

“As victimas dos impios são abominaveis ao Senhor: os votos dos justos o applacam.” Prov. 15:8.

“As victimas dos impios são abominaveis, porque o que offerecem é dos seus crimes.” Prov. 21:27.

“De que me serve a mim a multidão das vossas victimas, diz o Senhor? já estou farto dellas: não

quero mais holocaustos de carneiros, nem gorduras de animaes nédios, nem sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes.” Isaias 1:11.

“Para que me trazeis vós incenso de Sabá, e cana de suave cheiro de terra longinqua? Os vossos holocaustos não me são aceitos, nem as vossas victimas me agradaram.” Jerem. 6:20.

“Isto diz o Senhor dos exercitos, o Deus de Israel: Ajuntai os vossos holocaustos ás vossas victimas, e comei dessas carnes.” Jerem. 7:21.

“Eu aborreço, e tenho rejeitado as vossas festas: e não receberei o cheiro dos vossos ajuntamentos. Porque se vós me offerecerdes os vossos holocaustos, e os vossos presentes, eu os não aceitarei: e não porei os olhos nos sacrificios das hostias pingues, que me offerecerdes em cumprimento dos vossos votos.” Amós 5:21, 22.

“Póde-se acaso aplacar o Senhor sacrificando-se-lhe mil carneiros, ou muitos milhares de bodes gordos? por ventura sacrificar-lhe-hei eu pela minha maldade meu filho primogenito, o fruto do meu ventre pelo peccado da minha alma?” Mich. 6:7.

Prova-se tambem que as victimas antigas não remiam peccados, pela necessidade de as offerecerem tantas vezes. De manhã e de tarde, de um anno para outro, sempre victimas e mais victimas, de sorte que o sangue corria quasi sem cessar no antigo templo.

“Porque a lei tendo a sombra dos bens futuros, não a mesma imagem das cousas, nunca póde por aquellas mesmas victimas, que se offerecem incessantemente cada anno, fazer perfeitos aos que se

chegam ao altar: de outra sorte teriam ellas cessado de se offerecer: pelo motivo de que não teriam d'alli em diante consciencia de peccado algum os ministros, que uma vez fossem purificados: mas nos mesmos sacrificios se faz memoria dos peccados todos os annos." Heb. 10:1-3.

Paulo ãiz que é claro que a estes sacrificios faltava a virtude de tirar os peccados, por isso mesmo que elles eram repetidos tantas vezes, cousa desnecessaria se tivessem esse valor. Creio que estas provas são sufficientes para mostrar que não nos é necessario tornar a edificar o templo que havia em Jerusalem, para offerecer a Deus victimas pelo peccado; que a effusão de sangue em que Paulo falla como essencial, é outra cousa. Não é preciso ser Judeo para que alguém se salve.

2º. Talvez me digam que o sacrificio que tem a virtude de lavar nossos peccados é "o santo sacrificio da Missa" tal qual "a Santa Madre Igreja" o define e manda offerecer. Mais de metade da Europa, e toda a America do Sul, e o Mexico na America do Norte assim dizem. Diz o Concilio Tridentino que no sacrificio que na missa se faz está contido e immolado incruentamente o mesmo Christo que no altar da cruz se offereceu a si mesmo cruento. Acrescenta o anathema do costume, dizendo: Se alguém disser que na missa não está offerecido a Deus um sacrificio verdadeiro e proprio, seja *anathematisado*. Por tanto o sacrificio da missa é verdadeiro e por elle alcançamos a remissão de nossos peccados, mas não ha effusão de sangue. É incruento! Mas não obstante consegue a remissão dos

maiores peccados dos vivos e dos mortos! Assim diz a iglesia Romana.

Esta novidade é impossivel por dous motivos solidos:

1º. Sem effusão de sangue não ha remissão nem pelos vivos; muito menos pelos mortos. Sacrificio incruento pelo peccado! Desde os dias de Caim até os Padres do Concilio Tredentino, é cousa sem exemplo! O sangue sempre foi considerado como a vida de um sacrificio propiciatorio, isto é, a fim de fazer expiação. Abel assim o creu.

“Abel tambem offereceu das primicias do seu rebanho, e das suas gorduras: e olhou o Senhor para Abel, e para os seus dons.” Gen. 4:4.

Noé o entendeu assim.

“Ora Noé edificou um altar ao Senhor, e tomando de todas as rezes, e de todas as aves limpas, offereceu-lhas em holocausto sobre o altar.” Gen. 8:20.

E essa tradição foi transmittida fielmente de geração a geração até os tempos dos Apostolos.

S. Paulo emitta a sua opinião em linguagem ao alcance do mais fraco entendimento, affirmando positivamente: “E quasi todas as cousas, segundo a lei, se purificam com sangue: e sem effusão de sangue não ha remissão.” Heb. 9:22.

Se os factos constantes de mais de cinco mil annos, corroborados pelo testemunho de um Apostolo como Paulo, têm algum peso, não ha sacrificio pelo peccado sem effusão de sangue, e, portanto, não é pelo sacrificio da missa, que se confessa ser incruento, que temos a remissão de nossos peccados.

2º. Um sacrificio verdadeiramente propiciatorio não póde ser repetido.

“Porque a lei tendo a sombra dos bens futuros, não a mesma imagem das cousas, nunca póde por aquellas mesmas victimas, que se offerecem incessantemente cada anno, fazer perfeitos aos que se chegam ao altar: de outra sorte teriam ellas cessado de se offerecer: pelo motivo de que não teriam d’alli em diante consciencia de peccado algum os ministros, que uma vez fossem purificados: mas nos mesmos sacrificios se faz memoria dos peccados todos os annos.” Heb. 10:1-3.

A razão é a mesma dada por S. Paulo no 2º verso. A propiciação que se faz uma vez, está feita para sempre. A consciencia que se acha alliviada de seus peccados, não ha de ir em busca de novos sacrificios. Uma vez purificada, está perfeitamente purificada; assim como uma divida uma vez paga, está paga para sempre. Já disse que não é preciso ser Judeo para nos salvarmos. Posso agora acrescentar que tão pouco é necessario ser Romano para que alguém se salve.

De quem pois é esse sangue sem o qual não ha remissão? Que sacrificio terá o valor de tirar os peccados de tal sorte que não se faça outro sacrificio, nem elle mesmo tenha de ser de novo offerecido?

Todo o coração verdadeiramente christão já ha muito tempo está respondendo com S. João: “O sangue de Jesus Christo nos purifica de todo o peccado.” S. João 1:7.

Ou com João Baptista: “Eis-aqui o Cordeiro

de Deus, eis-aqui o que tira o peccado do mundo.” S. João 1:29.

Ou com S. Pedro: “Sabemos que havemos sido resgatados não por ouro nem por prata, que são cousas corruptiveis: mas pelo precioso sangue de Christo, como de um Cordeiro immaculado, e sem contaminação alguma.” 1ª S. Ped. 1:18, 19.

Ou com S. Paulo: “Nunca Deus permitta que eu me gloria senão na Cruz de nosso Senhor Jesus Christo.” Gal. 6:14.

Foi na cruz que houve realmente effusão de sangue. E de quem era esse sangue? Em apparencia, o sangue que se derramou era o de um homem. De certo elle era homem. Os factos de sua vida provam que Jesus Christo era um homem, sujeito a tudo o que é proprio do homem, excepto o peccado. Os Judeos o tinham por um impostor religioso, e os Romanos por um malfeitor, e os seus mesmos discipulos mal sabiam dizer por que o tinham. Ás vezes lhe davam a adoração que só compete a Deus, outras vezes, vendo-o nas mãos de seus inimigos, duvidaram e fugiram. Mas, a cima dos Judeos, e dos Romanos, e dos Apostolos, estava Deus testificando por muitos prodigios, e de viva voz:

“Tu és meu filho, eu te gerei hoje.” Psalmo 2:7.

“Eis-aqui o meu servo, eu o ampararei: o meu escolhido, nelle poz a minha alma a sua complacencia: sobre elle derramei o meu Espirito, elle promulgará a justiça ás nações.” Isaias 42:1.

“E eis uma voz dos céos, que dizia: Este é meu

Filho amado, no qual tenho posto toda a minha complacencia.” S. Matt. 3:17.

“Estando elle ainda fallando, eis que um lúcida nuvem os cobriu. E eis que sahiu uma voz da nuvem que dizia: Este é aquelle meu querido Filho, em quem tenho posto toda a minha complacencia: ouvi-o.” S. Matt. 17:5.

“E ouviu-se dos céos esta voz: Tu és aquelle meu Filho singularmente amado; em ti tenho posto toda a minha complacencia.” S. Marcos 1:11.

“E formou-se uma nuvem, que lhe fez sombra: e sahiu uma voz da nuvem, que dizia: Este é meu Filho dilectissimo: ouvi-o.” S. Marcos 9:6.

“E desceu sobre elle o Espirito Santo em fórma corporea, como uma pomba: e soou do céo uma voz que dizia: Tu és aquelle meu Filho especialmente amado; em ti é que tenho posto toda a minha complacencia.” S. Luc. 3:22.

“E sahiu uma voz da nuvem, dizendo: Este é aquelle meu Filho especialmente amado; ouvi-o.” S. Luc. 9:35.

“Pai, glorifica o teu Nome. Então veiu esta voz do céo: Eu não só o tenho já glorificado, mas ainda segunda vez o glorificarei.” S. João 12:28.

“Porque elle recebeu de Deus Padre honra e gloria, quando da magnifica gloria lhe foi dirigida uma voz desta maneira: Este é o meu Filho amado, em quem eu me comprazi; ouvi-o.” 2ª S. Pedro 1:17.

Eis aqui a chave do mysterio que havia na pessoa de Jesus. Elle era Deus revelado em carne humana; era a victima sem mancha, sem imperfei-

ção, vinda para dar remissão dos peccados. O passado não era mais do que uma constante profecia de sua vinda e do sacrificio realmente expiatorio que ia offerecer. E o futuro não tem outra esperança senão a de realizar e gozar os frutos da victoria alcançada por elle na hora em que o sacrificio se consummou e se ouviu o brado: "Tudo está cumprido."

Recordai a cruz de Jesus Christo e vêde o sangue correndo das veias do Filho de Deus. Fítai os olhos do vosso entendimento no que lá se passou, até que tudo fique gravado em vossas almas. Então abri a Biblia, e correndo suas paginas haveis de achar, desde Genesis até o ultimo versiculo do Apocalypse, um testemunho invariavel á doutrina do thema que—sem effusão de sangue não ha remissão, e que este sangue, nos dias de Poncio Pilatos, foi derramado por Jesus Christo sobre uma cruz.

Agora applicuemos ao sacrificio da cruz as notas já applicadas aos antigos sacrificios e tambem ao moderno sacrificio da missa. Vejamos se o sacrificio que se fez na cruz tem o que falta aos mais sacrificios.

Não se faz senão uma vez, pelo motivo de que aquelles que se purificam com este sangue acham-se alliviados e tranquillos em sua consciencia. Posso dirigir-me com toda a confiança áquelles que têm experimentado a virtude deste remedio soberano. Estou certo que nenhum crente quer saber de outro sacrificio. Posso até accrescentar que, se se dissesse a um verdadeiro crente que Jesus estava para vir para tornar a morrer em sacrificio, ainda que elle o

acreditasse (faço uma supposição impossivel,) em vez de sentir-se satisfeito, ficaria triste, desanimado e até desesperado. E a razão é simples. O sacrificio realmente valioso para tornar a Deus propicio, não póde ser repetido. Portanto o simples facto de se fazer um sacrificio duas ou mais vezes, basta para provar que elle nada vale.

O sacrificio em que nós acreditamos tem um character sublime. Jesus morreu uma só vez.

“E assim como está decretado aos homens, que morram uma só vez, e que depois disto se siga o juizo: assim tambem Christo foi uma só vez immolado para esgotar os peccados de muitos: e a segunda apparecerá sem peccado aos que o esperam, para salvação.” Heb. 9:27, 28.

Ha de voltar, diz Paulo, mas não para tornar a soffrer. O que elle fez na cruz, está feito para sempre. Resta só fazer applicção deste remedio infallivel ás consciencias perturbadas e aos corações impuros daquelles que ainda vivem fóra da graça de Jesus.

O acto que hoje celebramos representa á vista estas verdades, a que procuro dar expressão em linguagem ao alcance do entendimento de todos vós. Temos aqui os symbolos da paixão de Nosso Senhor. Digo symbolos de proposito; porque a perfeição da sua paixão teve lugar uma só vez. Portanto, não assistimos aqui a um sacrificio. Graças a Deus que não ha mais sacrificios. A justiça divina está satisfeita. As nossas consciencias estão tranquilladas. Ou, se ainda sentimos alguma falta, de certo não é na obra de Nosso Senhor. Não é que

elle não pagasse bastante. Não é que desejemos accrescentar alguma cousa nossa aos merecimentos de Nosso Senhor. Não é que julgemos arriscado o destino daquella alma que, ao partir do corpo para comparecer na presença de Deus, vai vestida unicamente dos meritos de Jesus. Se alguma cousa ainda nos falta, não é nada disto. É que a nossa fé é tão fraca, o nosso amor tão imperfeito, o nosso coração tão duro e insensível a despeito de tantas provas da extremada bondade de Nosso Senhor. Este é o unico pezar que temos hoje ao assentarmos á mesa onde o Senhor se digna ceiar connosco. Se não fosse a pressão da carne que sempre nos opprime, nossos corações saltariam de jubilo á vista de Jesus crucificado por nossos peccados o resuscitado para nossa justificação, e reinando para nos guiar e proteger. Ha sempre um lado para onde olhamos alegres e cheios de jubilo. Por dentro vemos peccados e miserias. Estamos cercados de tentações e adversidades. Mas olhamos com jubilo indizível para o throno em que o nosso Mediador se assenta, intercedendo e velando por nós. Enquanto não houver mudança nelle, teremos por certa a victoria. Mais ou menos dias, esta lucta será terminada, e iremos gozar d'elle para sempre, onde Deus enxugará toda a lagrima de nossos olhos, onde não haverá mais morte nem pranto, onde já nos esperam amigos e parentes que agora experimentam e vêm a gloria a que aspiramos chegar pela fé.

CHRISTO NOSSO SUBSTITUTO.

“Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” S. Matt. 27: 46.

Foi Jesus, o Salvador nosso, que soltou este brado de agonia indizível. Pendurado na cruz, insultado dos judeos e dos romanos, e coberto de chagas, Jesus, des do meio dia até ás tres horas, tudo soffria em silencio. Os máos tratos dos homens, Elle os supportava com toda a paciencia e até sem proferir palavra alguma. Foi-lhe, porem, mister soffrer cousa ainda mais dura do que os tratos e tormentos corporaes. Não vos admireis, irmãos, de ouvir o que nos declara o texto. Jesus, além dos padecimentos que lhe vieram da parte dos homens, teve de soffrer a ira e a maldição de Deus. Sobre elle pesaram, não só os insultos, as blasphemias e a ferocidade de homens malvados, mas até os golpes da justiça divina. Jesus, aquelle que nunca commetteu culpa alguma, Jesus, santo, innocente e perfeito; Jesus foi abandonado na hora de sua morte e bebeu até ás fezes o calis de amargura. Não é de admirar que n'aquella hora se tivesse apagado a luz do sol, e que a terra tivesse ficado coberta de trevas profundas. Não é de admirar que no excesso de sua cruel dôr Jesus soltasse o brado: “Deus meu, Deus, porque me desamparaste?”

“Para proveito nosso, meditemos no facto, que S. Mattheus aqui nos refere. E desça sobre nos o Espirito de verdade para que nos ajude a comprehender o que está escripto para nossa instrucção.

I. Em primeiro lugar, este brado, que nos vem do alto da cruz, serve para provar que Nosso Senhor realmente soffreu em lugar dos peccadores. Não pôde haver, nem se pôde imaginar prova que mostre mais concludente e evidentemente este facto da nossa santa religião—que Jesus realmente pagou o preço da nossa redempção. Este facto é de toda a importancia, pois que é a base sobre que assenta o edificio de nossa fé. Convem portanto, que não haja duvidas a este respeito, e peço toda a vossa attenção emquanto me esforço por explicar este ponto.

Dizendo-se desamparado de Deus, seu Pai, Nosso Senhor dá-nos a entender que estava soffrendo alguma pena ou castigo da parte de Deus. Deus nunca abandona senão áquelles, que merecem sua ira. É bem possivel ser abandonado e maltratado dos homens sem ser culpado de crime algum, porque os homens muitas vezes são injustos e perseguem os innocentes. Mas Deus é justo. Elle não pôde errar nem fazer mal. Ser abandonado por elle, é prova terminante de ser culpado para com Deus. A justiça não permite que Deus desampare e castigue aquelle que não está implicado em crime algum. Amaldiçoar e castigar aquelle que não tem parte em culpa alguma seria fazer uma injustiça enorme. Tal injustiça os homens ás vezes fazem, mas Deus, que tem seu throno assentado na justiça,

jamais fez nem fará. Fique pois bem entendido que quando Deus desampara e trata com severidade qualquer pessoa, é por ter esta incorrido em algum crime, ou por ser culpada por qualquer modo.

Agora, para chegar ao ponto de nosso argumento, Jesus, soltando este grito de dôr e de agonia, mostrou-se desamparado de Deus e tratado com toda a severidade por seu Pai. Isto não podia acontecer sem que elle fosse implicado em algum crime, e é igualmente certo que o crime por cuja pena estava soffrendo, não era seu proprio. Dizer ou pensar que Nosso Senhor mereceu ser desamparado ou castigado por Deus, por crimes que elle mesmo tivesse commettido, seria uma blasphemia. Não, até seus inimigos mais furiosos não foram capazes de convence-lo de crime algum, e Pilatos quiz solta-lo por innocente. Qual é então a explicação da pena que Jesus soffreu? De que maneira será possivel pôr de accordo a justiça de Deus e o facto de ter Christo sido abandonado sem ter crime proprio?

Servos de Christo, peccadores desgraçados, escutai a resposta não menos sublime que simples, dada pela palavra de Deus.

Christo realmente soffreu por nossos crimes, sendo elle mesmo innocente. De sua propria vontade, suggestou-se a receber em seu corpo e tambem em sua alma os golpes da justiça divina. Elle offereceu-se como fiador nosso, e sendo acceito, foi tratado como réo de morte. Por mais incrível que pareça, isto passa de ser simplesmente uma doutrina—é um facto, e tão certo e innegavel como outro qual-

quer facto. Christo foi desamparado por Deus seu Pai, soffrendo em seu corpo as dores terriveis do supplicio da cruz, e na sua alma a maior agonia de sentir-se abandonado e amaldiçoado por seu Pai, e, maravilha das maravilhas! só por amor de nós, pobres peccadores. Elle tomou sobre si a nossa iniquidade, e Deus exigiu d'elle o pagamento de tudo o que estava á nossa conta. Nem era facil satisfazer a justiça de Deus tão offendida e insultada por nossos crimes. Não bastava vir ao mundo e ser perseguido de homens hypocritas, e viver sem ter onde reclinar a cabeça. A justiça divina não se deu por satisfeita sem que o Salvador pagasse por nós com seu proprio sangue. Nem foi bastante derramar o sangue do seu corpo. As exigencias da lei quebrada por nós necessitavam o martyrio da alma do Salvador. Os peccadores merecem ser desamparados e amaldiçoados de Deus; e por tanto, Christo sugeitando-se a padecer a pena que merecíamos, teve de ser abandonado de Deus. Este foi o peor de todos os seus tormentos, porque todos os outros, elle os soffreu em silencio. Durante tres horas, fico pendurado na cruz com as mãos e os pés lacerados e vertendo sangue, coberto de trévas profundas, abandonado de seus proprios discipulos e insultado pelos romanos e judeos. Porem tudo isto não chegou a obriga-lo a soltar um suspiro ou uma queixa. Quando a final manifestou a dôr que mais o angustiava, fallou das trévas de sua alma, do abandono de seu Pai e da agonia de seu espirito.

Ah! irmãos! bem pequena é a idéa, que podemos fazer, da angustia que nosso bemdito Salvador

soffreu por amor de nós. Os tormentos do corpo são mais faceis de imaginar, mas a mysteriosa paixão da alma de Jesus—é uma cousa muito profunda para ser comprehendida por nós. Basta-nos saber e crer que Jesus se offereceu a si mesmo como sacrificio pelos peccados dos homens, e que realmente padeceu, tanto em alma como em corpo, o castigo que mereciamos. Esta nova nos traz paz de consciencia e amor para com Deus.

Mas porque me demoro eu tanto affirmando o que a Biblia em toda a parte affirma? É preciso ser muito ignorante para se poder negar este facto fundamental da fé christã—que Nosso Senhor realmente padeceu a pena a que estavamos sugeitos.

Agora passo a expôr duas verdades estreitamente ligadas ao facto de ter Christo feito uma real satisfação pelos peccados do mundo, sentindo no seu corpo e tambem na sua alma o cruel peso da condemnação de Deus.

A primeira vem a ser—o terrivel estado de todo aquelle, que não tem parte no pagamento que Nosso Senhor fez na cruz. Se Jesus, amado Filho de Deus, sendo santo e innocente, padeceu tanto porque quiz tomar sobre si a culpa do homem, qual não será o castigo d'aquelle, que, desprezando os mandamentos de Jesus, loucamente quer satisfazer por si mesmo. Se Deus não perdoou a seu Filho porque elle se tornou fiador do homem, que esperanza pôde ter quem não tem fiador? Se a lei divina é tão severa, e a justiça tão rigorosa, que só o sacrificio de Christo conseguia apagar a sentença pronunciada contra todo o que tem quebrado essa

lei, qual será a infeliz sorte do pobre peccador, que se apresentar perante o tribunal de Deus fiado em seus proprios merecimentos ou nos de creatura alguma? Se Jesus difficilmente poude supportar o peso de sua cruz, e cheio de amargura e de dôr, sentindo-se desamparado por seu Pai bradou—“Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” se no horto de Gethsemane suor de sangue lhe correu do rosto, se elle chegou a ponto de rogar tres vezes que o calis passasse se tal fosse possivel—se tudo isto é verdade, ai d’aquelle, que tiver o arrojo e atrevimento de procurar responder por si mesmo perante Deus. O Deus de bondade infinita não permitta que haja entre nós quem pretenda fazer isto. A justiça divina só aceita em descónto de peccados merecimentos de valor infinito, e ninguem os tem senão Jesus Christo. Em razão da sua natureza divina, o valor do que elle soffreu é illimitado—é infinito, de sorte que todos quantos n’elle crerem serão perdoados gratuitamente. Se fosse possivel satisfazer a lei de Deus sem que fosse derramado o sangue de Jesus, Deus sem duvida o teria feito e Jesus não teria morrido. N’este caso o calis teria passado sem que Jesus o bebesse. Nada, porem, servia para resgate das almas, senão a vida de uma victima santa, innocente e de preço infinito. Jesus, o Cordeiro de Deus, somente estava no caso de pagar o preço, que a lei divina exigia; e com effeito elle o pagou na cruz no meio de trevas e desamparado de seu Pai. Elle deu a sua vida preciosissima para remir as almas do seu povo. Os que não querem aceitar de graça o dom de perdão, terão de

comparecer na presença de Deus, para receber a sorte, que merecem as suas próprias obras. A lei não pôde deixar de ser executada, e a alma e o corpo do pobre infeliz irão parar no inferno. Toda a confiança posta nos merecimentos dos homens, de santos ou de anjos, não passa de um sonho. Á vista da lei de Deus, tudo é vil e desprezível a não ser a satisfação que Jesus fez, padecendo tanto na alma como no corpo o terrível castigo, que nós merecíamos. Portanto longe de nós a idéa de termos merecimentos próprios! Fóra! tambem o sonho de haver recurso aos merecimentos dos homens santos ou dos anjos! Na presença da cruz de Nosso Senhor, e ouvindo o brado—“Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste!” quem ha, que não reconheça que o preço pago por nós foi o sangue de Jesus? Se fosse possível á justiça divina aceitar a intervenção de homens ou de anjos, Jesus por certo não teria morrido. O facto, por tanto, de ter Jesus padecido na alma e no corpo angustias capazes de lhe arrancar palavras cheias de tristeza mortal, é prova concludente de ser falsa qualquer confiança, que por acaso tenhamos em nós mesmos ou em outra creatura alguma. É prova evidente da terrível sorte, que aguarda aos que tratam com desprezo o sacrificio de Jesus. Nada lhes resta senão a certeza de soffrerem a condemnação eterna. Quando apparecerem perante o tribunal de Christo no ultimo dia, este lhes dirá—“Apartai-vos de mim,” “Eu não vos conheço.” E porque será esta a sentença de Christo? Porque elle só poderá justificar aos que tiverem lavado as suas culpas no seu sangue. Ou-

tro preço sufficiente para satisfazer a justiça divina não ha. Digamos pois:

“Assim como sou, sem ter que dizer,
Senão que por mim vieste a morrer,
E me convidaste a Ti recorrer,
Bemdito Jesus, me chego a Ti?”

“Assim como sou, e sem demorar,
Minha alma do mal querendo limpar,
A Ti, que de tudo me podes lavar,
Bemdito Jesus, me chego a Ti!”

Outra verdade, que se deduz do facto citado no texto, é a certeza de haver perdão de graça para o peccador, que se arrepende e confia no Salvador.

A prova de haver tal certeza vem a ser esta. Segundo acabamos de mostrar, Nosso Senhor, sendo santo, innocente e perfeito, soffreu o castigo do peccado. Uma tristeza mortal se apoderou d'elle no horto de Gethsemane, de sorte que pediu tres vezes a Deus que o calis de seus tormentos passasse sem que elle o bebesse. Depois de pregado na cruz, exclamou, como nos conta S. Matheos, “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” Tudo isto prova mui claramente que Jesus, o Cordeiro de Deus, offereceu-se á justiça divina para nos remir; e prova alem d'isto, que Deus o aceitou e o tratou como réo de nossas culpas. Quem não vê, pois, como é certa a salvação d'aquelles, que se aproveitam dos merecimentos do Salvador? O innocente occupou o lugar do culpado. O justo morreu pelos injustos. A justiça divina consentiu n'isto. Aproveu a Deus aceitar de um fiador o pagamento, que sua lei exigia de nós. É admiravel, eu o confesso, parece incrível, mas é facto que a ira de Deus merecida por

nós, foi descarregada sobre a cabeça de nossa victima. Daqui resulta com toda a evidencia a completa absolvição do mais vil peccador, que se une a Christo pela fé. Por ventura não seria injusto exigir-se duas vezes o pagamento de uma divida? Póde um crédor, depois de receber do fiador a quantia a que tem direito, ir cobrar a mesma quantia do affiançado? Uma vez pago o dinheiro, quer da parte do fiador, quer da parte do affiançado, não fica satisfeito o credor? Ninguem o póde negar. Da mesma sorte, ninguem póde negar o facto de ter Deus aceito da parte de Jesus, fiador dos homens, o resgate de nossas almas. O pleno preço foi contado á justiça divina em dores crueis, tanto da alma como do corpo por nosso fiador Jesus Christo. O escarneo dos phariseos, os açoutes dos soldados romanos, o suor de sangue no horto, o supplicio da cruz, a ferida da lança feita pelo soldado romano, a traição de um apostolo e o abandono dos mais, e sobre tudo a agonia interior de sentir-se abandonado por seu Pai, eis o preço da salvação. Jesus o pagou em lugar de nós e por nós. Segue-se pois que nós não somos obrigados a paga-lo. A justiça de Deus não exige de nós o que já foi pago. Isto seria injusto. Isto seria tratar com desprezo o precioso sangue do Cordeiro. Emquanto Deus fôr justo—e a palavra de Deus não passar sem se cumprir—o crente poderá ter plena certeza de ser justificado de graça por meio da fé nos merecimentos de Jesus. A lei, que antes o ameaçava com a condemnação eterna, agora não tem mais que allegar contra elle, porque Jesus, o fiador, a satisfiz em seu lugar. A mesma consciên-

cia do crente, antes cheia de remorsos e de terrores, torna-se tranquilla e socegada, ouvindo a voz de Deus, que lhe dá a absolvição gratuitamente. O espirito até então engolfado n'um mar de tristezas e de tormentos, pula de alegria e de contentamento. A vida toda começa de novo. D'aqui em diante o crente põe todo o seu empenho em fazer a vontade de quem o amou de tal maneira que lhe deu a vida pela sua morte.

São estas as verdades, que a palavra de Deus nos ensina. São verdades certas e innegaveis. Estão de acôrdo com as mais doutrinas do Evangelho. Por exemplo diz-se, Rom. 8:1, "Nada de condemnação têm os que estão em Jesus Christo;" Rom. 6:1, "Justificados pois pela fé, tenhamos paz com Deus," Gal. 4:4, 5; Ef. 1:7; e em 1 S. João 1:7, "O sangue de Jesus Christo, seu Filho, nos purifica de todo o peccado."

Á vista do que fica dito, quem não se dará pressa em chegar-se ao Salvador para receber o perdão de seus peccados? É certo, é muito certo, que ninguém será lançado fóra. É igualmente certo que longe d'elle, nenhum de nós se salvará. As condições, que se exigem da nossa parte, são o arrependimento e a fé. Aquelle, que se sente peccador e confia na satisfação feita na cruz, está unido ao Salvador por um laço tão estreito que lhe assegura a salvação. Os merecimentos de Jesus passam a ser os do crente de tal sorte que a lei o absolve de toda a culpa. Deus torna-se reconciliado e propicio, e o Espirito Santo vem habitar n'elle para lhe esclarecer o entendimento e purificar o coração. Nem

penseis, meus irmãos, que seja preciso ir longe procurar o Salvador e pedir-lhe sua graça. Aqui mesmo elle está presente dizendo-nos em palavras cheias de doçura: “Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei.” S. Matt. 11:28. “O que crê em mim, tem a vida eterna.” S. João 6:47.

Mas dir-se-ha talvez: Os thesouros da Igreja, os merecimentos dos santos, o sacrificio da missa e as nossas boas obras, são cousas que têm algum valor na obra da nossa salvação. É assim que muitos pensam, e em apoio de suas idéas allegam costumes, tradições e mandamentos de homens. Citam as opiniões de doutores, padres e concilios. Há porem uma cousa, que não citam nem allegam, sendo esta a mais essencial. Não citam o Evangelho de Nosso Senhor, porque alli se vê contrariada em cada pagina a falsa doutrina d’elles. Do Evangelho é doutrina constante que toda a nossa salvação depende de estarmos unidos a Jesus Christo, e que esta união se realisa logo que o peccador lança mão de Jesus crendo n’elle. Toda a obra boa é fructo da união estreita entre o crente e o seu Salvador. Nasce da gratidão que a alma sente, logo que se vê perdoada.

Rogo, pois, a todos os que se sentem culpados e se querem reconciliar com Deus, que aceitem o perdão gratuito, que Jesus lhes offerece. Elle tudo padeceu para que não tivéssemos de penar eternamente no inferno.

Aceitai-o, e não só vos serão perdoadas as vossas culpas, como tambem recebereis o dom do Espirito

Santo, cuja obra é a regeneração da alma. O bem-dito Salvador aperfeiçoa toda a obra que principia. Primeiramente vem a remissão dos peccados, depois a renovação da alma por obra do Espirito, e afinal todo o crente se apresentará perante o tribunal de Deus sem macula, santo, e irreprehensivel.

Oh! quão alegres não serão os louvores com que os remidos do Senhor se reunirão á roda do Cordeiro no céo! Toda a gloria será dada áquelle, que remiu os homens pela sua morte e os fez herdeiros da vida eterna. Quereis vós ser do numero d'esses? Abraçai então a fé, em que viveram e morreram. Sede verdadeiramente christãos na terra, e haveis de ser santos no céo.

BARTIMÉO O CÉGO.

“Sucedeu porém, que quando Jesus ia chegando a Jericó, estava sentado á borda da estrada um cégo pedindo esmola. E ouvindo o tropel da gente que passava, perguntou que era aquillo. E responderam-lhe, que era Jesus Nazareno que passava. No mesmo tempo se poz elle a bradar, dizendo: “Jesus, filho de David, tem de mim piedade. E os que iam adiante reprehendiam-no para que se calasse. Porem elle cada vez gritava mais: Filho de David, tem de mim piedade. Então Jesus parando, mandou que lh’o trouxessem. E quando elle chegou fez-lhe esta pergunta, dizendo: Que queres que te faça? E elle respondeu: Senhor, que eu veja. E Jesus lhe disse: Vê, a tua fé te salvou. E logo immediatamente viu, e o foi seguindo engrandecendo a Deus. E todo o povo assim que isto presenciou, deu louvor a Deus.” S. Lucas 18:35-43. Vede tambem S. Marcos 10:46-52.

ESTE cégo se chamava Bartiméo. Não possuindo nada, e não podendo ganhar a sua subsistencia de outra maneira, pedia esmolas aos que entravam e saham pelas portas da cidade de Jericó. Ser privado da vista é um dos maiores males conhecidos. Quando alem de cégo alguem é pobre a ponto de ser obrigado a mendigar, a vida torna-se quasi insupportavel.

Bartiméo se achava reduzido a este triste estado. Era pobre e cégo, e vivia d’aquillo que por caridade se lhe dava. Na occasião referida n’esta historia, estava assentado á beira da estrada e mendigava.

O temporal é visivel figura do que é espirital. As molestias do corpo são signaes do effeito do pec-

cado. O estado de Bartiméo representa mui ao vivo o estado de todo o homem antes de conhecer a Christo. Bartiméo sentado á beira da estrada de Jericó a pedir esmolas aos transeuntes é o quadro exacto de todo o filho de Adão antes de se fazer filho de Deus pela fé em Christo.

Em sentido espiritual todo o homem é cego. As cousas mundanas cegam os homens de tal modo que os torna incapazes de enxergar cousa alguma que não seja visivel, sensivel e palpavel. Esta cegueira espiritual difere em diversos individuos. Uns não acreditam na existencia de Deus nem da alma. Esta cegueira é total. Outros dizem que acreditam tanto na existencia de Deus como na de sua alma, mas esta crença é tão vaga que vê-se a imperfeição de sua vista espiritual. Vêm tudo ás escuras e não têm certeza de nada. As unicas realidades para elles são os objectos e gozos materiaes.

Esta cegueira espiritual é geral. 1 Cor. 2:14, "O homem animal não percebe aquellas cousas, que são do Espirito de Deus: porque lhe parecem uma estulticia, e não as póde entender: por quanto ellas se ponderam espiritualmente." Esta cegueira não se explica por falta de luz, assim como tambem a cegueira de Bartiméo não se podia explicar por falta de luz natural. A estrada á beira da qual elle estava assentado podia ser inundada pela luz do sól sem que elle dêsse fé d'isto. A luz não entrava em seus olhos nublados. Havia luz bastante, mas elle não a percebia por causa do defeito que tinha na vista.

Assim succede na esphera espiritual. Christo é

a luz do mundo. O Evangelho contem uma revelação perfeita do que se deve conhecer e crer para a salvação; mas poucos são os que comprehendem esta revelação. Em relação ás cousas espirituaes os cégos são muitos. Salvo os que tem sido illuminados pelo Espirito Santo, todo o mundo anda na cegueira do peccado. O que é apparente, parece real; e o que é real fica encoberto.

Bartiméo alem de cego era pobre e vivia de esmolas. A este respeito o retrato é exacto. Todo aquelle, que não conhece a Jesus Christo, nem possue sua graça, é pobre e vive de mendigar.

Será possivel que os gozos d'esta vida fartem uma alma creada á imagem de Deus? Será crível que os deleites dos sentidos satisfaçam a fome e sêde do espirito immortal do homem? Não e possivel crer semelhante cousa. Os factos provam o contrario: É factó sabido que os que têm a maior abundancia dos bens d'esta vida, sentem grande falta de paz e de contentamento. Procuram todas as distracções de que se podem lembrar, viajam de uma parte para a outra, edificam e plantam, mas a felicidade sempre lhes foge. Não possuindo em suas almas o thesouro da paz verdadeira, procuram-no no mundo, frequentam todas as companhias e se tornam mendigos em certo sentido da palavra. Deixados a si mesmos têm aborrecimento á sua vida, e só acham alguma satisfação passageira na sociedade de outros. Quem assim vive, atormentado de uma febre ardente de gozar, sem poder achar a felicidade desejada, necessitado de procurar tantos divertimentos, distracções e companhias para por alguns

instantes esquecer-se de si e de sua fome interior, quem assim vive, é de véras um pobre mendigo, embora tenha grandes cabedaes.

Pois este pobre e cégo mendigo sentado á beira da estrada de Jericó serve para figurar as necessidades espirituaes de todo o homem. Vós, prezados ouvintes, tendes aqui um espelho em que mirar-vos. Se a Bartiméo faltava a vista natural, o vosso caso é ainda peor. Falta-vos a vista espiritual. Elle não enxergava objecto algum material, dos que havia em torno de si. O mesmo sól que o aquecia, lhe era invisivel. Vós não percebeis as cousas espirituaes, que muito de perto vos interessam, e póde ser que até Christo, o sol da justiça, a luz do mundo e a fonte de todas as graças, seja por vós desconhecido.

Tambem sois pobres, pois falta-vos o essencial, que é a paz do espirito, que só Christo dá; a consolação, de que o Espirito Santo é o author, e a reconciliação com Deus garantida só aos que se identificam com Christo pela fé.

Prestai attenção á historia de Bartiméo, porque o que lhe succedeu poderá tornar evidente o vosso dever.

Um dia estando a mendigar, Bartiméo ouviu uma commoção desacostumada. Muita gente vinha seguindo a direcção da cidade, ouvia-se o som de muitas vozes confusas, e evidentemente alguma cousa havia, que dava origem a este movimento entre o povo. O cégo mendigo nada via, mas movido de curiosidade perguntou o que era aquillo. Verso 37.

Jesus Nazareno passava! É de crer que Barti-

méo já tivesse ouvido fallar de Jesus Nazareno. Talvez que a fama das cousas feitas por Jesus lhe tivesse despertado o desejo de encontrar com elle, talvez deseioso de obter algum favor. A historia não decide este ponto, mas acho natural cre-lo assim. Seja como fôr, o certo é que Bartiméo reconheceu logo que sua hora era chegada. Alguma cousa lhe dizia que Jesus Nazareno lhe podia valer. Ao ouvir pronunciar o nome—Jesus Nazareno, o seu coração deu um pulo de alegria, a esperança de tornar a ver a luz do dia e de achar-se livre da necessidade de mendigar o pão, esperança, que já o não alentava mais, veiu-lhe de novo. Jesus Nazareno ia passando, e constava-lhe que para Jesus Nazareno nada era impossivel. Os momentos eram preciosos. Não era de esperar que Jesus passasse todos os dias. Convinha aproveitar tão feliz ensejo. Tambem Jesus andava acompanhado de um tropel de gente, que fazia grande ruido. Não era possivel que o som de uma só voz fosse ouvido longe. Convinha que Bartiméo aproveitasse o feliz momento, em que Jesus se achasse perto, para lhe fazer a sua supplica.

O verso 38 prova que Bartiméo assim fez com effeito. No mesmo tempo pôz-se a bradar. Certificado da presença de Jesus, não perdeu um só momento. Deus lhe havia mandado um medico que tudo curava, e Bartiméo não se fez esperar.

Tambem é digno de notar-se que elle não fez seu pedido por intervenção alheia. Elle não disse consigo: Sou cégo, não posso ver a Jesus nem ir busca-lo no meio de tanta gente para se me lançar a

seus pés, e pois pedirei a alguém que o faça por mim. Bartiméo não teve este pensamento. Tomou a resolução de obrar por si. Levantou a sua voz e bradou: “Jesus, Filho de David, tem de mim piedade.” Suas palavras foram poucas, mas póde-se dizer a respeito d’ellas o que não é possível dizer-se a respeito de muitas das orações feitas entre nós— as palavras de Bartiméo exprimiam o desejo de seu coração.

Examinando-as, achamos n’ellas uma confissão de sua fé em Jesus e uma supplica. Tratando a Jesus de Filho de David, Bartiméo o confessava como o Messias, que devia vir ao mundo. Lucas 1:32, 33. Vê-se que Bartiméo tinha fé em Jesus como o Messias, cuja vinda estava profetizada no Velho Testamento.

A supplica contida em suas palavras é evidente. Queria que Jesus olhasse para elle, e tivesse d’elle misericordia.

Consta da narração que Bartiméo disse isto não só uma vez porém muitas. Até o seu brado se ia tornando incommodo a algumas pessoas, que acompanhavam Jesus, as quaes reprehenderam-no para que se calasse. Bartiméo encontrou opposição da parte de alguns, que andavam acompanhando a Jesus. A fé de Bartiméo foi exposta a esta provação. Elle, porém, cada vez gritava mais: “Filho de David, tem de mim piedade.” Ah! como não é manifesto que Bartiméo realmente desejava o que pedia e estava convencido de que Jesus lhe podia valer. Se a sua fé tivesse sido mais fraca, facilmente teria achado motivo para desconfiar do resul-

tado. Se Bartiméo não tivesse formado de Jesus um conceito differente do que hoje se faz, teria desistido de sua pretensão. Teria dito comsigo; “Jesus Nazareno não me ha de attender, rodeado como se acha de tanta gente. A minha fraca voz não é capaz de chegar a seus ouvidos.” Bartiméo não argumentou assim. Persistiu no seu pedido, esperançoso de um resultado feliz. Não fez caso da reprehensão, que lhe passaram. Sua supplica nada tinha com essa gente que enchia a estrada, e que com sus vozes confusas tornava incerto se seu brado era ouvido. A supplica de Bartiméo era só dirigida a Jesus Nazareno, e em quanto este o não mandasse calar, fazia tenção de perseverar.

Paro aqui para recommendar áquelles a quem falta a vista e as riquezas da alma, que sigam o exemplo de Bartiméo. A pregação do Evangelho se resume em um só factó, a que se póde dar expressão dizendo: Jesus Nazareno vai passando. Com effeito, o Evangelho não tem outro assumpto senão Jesus Nazareno, nascido em Belem, crucificado por nossos peccados, resuscitado ao terceiro dia, e assumpto ao céo, porém presente em toda a parte onde se invoca o seu nome com fé. Todas as vezes que um pregador sobe ao pulpito, deve certificar a todos os cégos e pobres em relação ás cousas do Espirito, que Jesus Nazareno está perto d’elles e que querendo pódem dirigir-lhe suas supplicas. O fim principal do pregador deve ser conduzir seu auditorio aos pés de Jesus, e anima-lo a pedir-lhe as cousas que lhe faltam. Não digo bem. A palavra *conduzir* parece dar a entender que é preciso ir a

alguma parte em procura de Jesus. Isso não é exacto. Jesus mandou que se prégasse o seu Evangelho, e elle mesmo está presente em toda a parte onde esta ordem se cumpre. Todo aquelle, que préga o Evangelho, deve dizer a cada um de seus ouvintes o que foi dito ao cégo, que estava sentado á beira da estrada de Jericó—“Jesus Nazareno passa.”

Qual é o motivo d'esta reunião? Ha poucos annos não havia estes ajuntamentos. Por que motivo se acha reunida n'esta sala tanta gente?

A resposta é clara. Não ha aqui outro attractivo senão o Evangelho, e este Evangelho affirma que Jesus Nazareno está perto de cada um de vós, tão perto como se achava perto de Bartiméo. O Evangelho narra como outros têm sido reconciliados com Deus por sua fé n'elle. Vós sois convidados a pedir na certeza de que se vos dará.

Venho propor-vos o bello exemplo de Bartiméo. Apenas este soube que Jesus Nazareno se achava perto, poz-se a pedir a vista, que lhe faltava. As vossas necessidades são muitas e mui grandes. Não ha ninguem que não necessite de ser absolvido de suas culpas, de ser purificado interiormente e instruido no verdadeiro conhecimento de Deus e de si mesmo. Ninguem vos póde valer senão Jesus. Não sou eu, mas sim o Evangelho o que vos diz isto: Actos 4:12; 1 Tim. 2:5; e Apoc. 3:20.

Felizes os que se convencem da verdade d'esta noticia, e á maneira do cégo mendigo poem-se logo a pedir as cousas que lhes faltam, sem attender a qualquer reprehensão que se lhes faça. Elle não

perdeu o tempo precioso. Não quiz expôr-se ao perigo de ser deixado atraz em sua cegueira e pobreza. Infelizmente muitos ouvintes hoje em dia se portam de um modo muito diverso. Não parecem acreditar que Jesus de véras está perto para ser invocado, ou não têm consciencia de falta alguma. Nada pedem e por tanto nada recebem. Ou se começam a pedir, desistem logo. A menor reprehensão os faz callar, quando pelo contrario deve fazer com que redobrem de zelo, como succedeu a Bartiméo.

Mas voltamos ao cégo sentado á beira da estrada para sabermos que resultado teve o seu recurso a Jesus Nazareno. “Parando então Jesus, mandou que lho chamassem.” Sua fé depois de posta em prova e experimentada vai receber o seu premio. Jesus manda que lho chamam. Os que cumprem esta ordem, dizem ao cégo: “Tem boas esperanças, levanta-te, que elle te chama.” Sim, é com muita razão que assim se exprimem. Jesus a ninguem chama sem lhe fazer bem. Os que são por elle chamados podem ter a certeza de que se lhes destina algum favor mui grande.

Mas, prezados ouvintes, Jesus vos chama a todos. Os seus convites são tantos que não posso citar senão poucos. S. João 6:35-37, e 7:37; S. Matt. 11:28-30.

Posso servir-me da linguagem dos que foram chamar o cégo, e dizer a cada um de vós: “Tem boas esperanças, levanta-te, que elle te chama.” O que se passou com esse cégo ha dezoito seculos é a garantia do que se ha de fazer em beneficio de todo

o peccador, que recorrer a Jesus pela fé, pedindo a vista espiritual, as riquezas da graça divina, a remissão dos peccados e a paz da alma.

Vejamos como Bartiméo respondeu a este convite. Diz S. Marcos: “Elle deitando fóra de si a capa, saltando, veio ter com elle.” Deu inteiro credito á boa noticia. Largou sua capa e soltando de alegria foi ter com Jesus, tão certo do resultado como se estivesse já vendo perfeitamente. Todo o seu desejo estava a ponto de ser cumprido. O Medico para quem não havia nenhuma difficuldade insuperavel o chamava. Tudo estava ganho!

Jesus lhe perguntou: “Que queres tu que eu te faça?” Esta pergunta não tinha por fim o informar-se Jesus da vontade de Bartiméo. Elle já tudo sabia e tinha resolvido o que ia fazer. Mas convinha que Bartiméo declarasse abertamente o que queria. Assim hoje em dia é de nossa obrigação confessar as nossas culpas, descobrir a Deus as nossas precisões, pedir a remissão, a paz e a reconciliação, não para que Deus seja informado de alguma coisa, que ignora, mas sim porque nos é util fazer isto. Deus nos manda fazer confissão de nossas culpas e pedir o perdão d’ellas. Elle quer que cada um lhe diga o que pretende.

O cego respondeu logo: “Senhor, que eu veja.” O que elle desejava, era ver o sol, a natureza, os seus amigos, para se ver livre da necessidade de mendigar a sua subsistencia. Queria ver-se restituído á sua liberdade e ao uso de suas faculdades. Por isso disse: “Senhor, que eu veja.” Isto foi pedir uma cousa difficil. A outra qualquer pessoa

não se teria animado a pedir semelhante cousa. Mas achando-se na presença do Medico, que tinha baixado ao mundo para dar vista aos cégos, liberdade aos captivos e a salvação a todos os escravos do peccado, não duvidou dizer: “Senhor, que eu veja.”

A resposta não se fez tardar muito. Disse-lhe Jesus: “Vê, a tua fé te salvou.” Estas palavras operaram repentinamente uma mudança em seus olhos—dissipou-se a nuvem, que interceptava os raios da luz, e o cégo viu repentinamente. E qual o primeiro objecto que lhe chamou a attenção? Para que lado se dirigiu sua vista recuperada? Por ventura poz-se elle a admirar o sol na altura dos céos, ou os campos cobertos de espessa relva e matizados de flores? Não. Uma só cousa prendia toda a sua attenção—seu Salvador. Não podendo separar-se d'elle, Bartiméo o foi seguindo pelo caminho. Que bello quadro não offerece este cégo, que depois de curado da sua cegueira, não pôde desprender os olhos d'aquelle que acabava de cura-los!

Tenho commentado este caso interessante com o fim de ser-vos util. Aqui tendes o segredo da cura de todas as molestias da alma. Aquelle que deu vista a Bartiméo, pôde tudo. Esta cura vem referida com tanta minuciosidade com o fim expresso de provar que Jesus é o Filho de David, o Salvador dos homens. Imitando o procedimento d'este cégo, vós haveis de achar vista espiritual, o perdão de vossos peccados e a paz interior, que é um thesouro, que o mundo não vos pôde dar nem tão pouco tirar.

Dir-se-ha porém: Jesus não está mais no mundo em forma visível, não se pôde ir ter com elle, nem ouvir de sua boca palavras taes quaes ouviu este cego. Respondo aos que assim entendem: Esta objecção não tem fundamento. Esta historia não dá a entender que Bartiméo se curou por estar perto de Jesus, nem por ouvir a sua voz. Jesus mesmo lhe disse em termos claros: “A tua fé te sarou.” Aquillo que tornou este cego aceito e fez com que a virtude de Christo operasse em seus olhos uma cura milagrosa foi a confiança perfeita que o levou a pedir misericordia e vista.

Para que vós tenhais esta fé, não é necessario que Jesus em forma visível esteja presente. A fé é antes uma confiança firme em cousas não vistas. Não é preciso que Jesus esteja presente em seu corpo humano, para que despache as vossas preces. Basta que elle tenha conhecimento de vossos desejos. Basta que elle leia no fundo de vossos corações o desejo sincero de vos reconciliardes com Deus por sua intervenção. Tudo isto é tão facil hoje, como era hontem. Jesus assiste na gloria de Deus, mas sabe tudo quanto se passa na terra. A prova satisfactoria d’isto, se alguem quizer provas de uma cousa tão simples para todo o filho de Deus, acha-se nos recados enviados ás igrejas por Jesus depois de assumpto aos céos. Apoc. 2:2, 6, 13, 19; 3:1, 8, 15.

Certos de que Jesus tudo conhece, e de que a fé é a condição para que sejaes attendidos, não percais mais tempo em dirigir-vos a elle, para pedir-lhe o que haveis de mister. Ainda que todo o mundo vos

reprehenda, não vos deixeis intimidar. Se este cego tivesse dado ouvidos aos que lhe intimaram que se calasse, não teria sido curado. A opposição, que os outros lhe fizeram, só fez com que a sua supplica redobrasse de intensidade.

Não adieis para outra vez a vossa reconciliação com Deus. Hoje se vos diz: Jesus Nazareno passa. Não sei dizer se amanhã se poderá dizer outro tanto. Nenhum de meus ouvintes póde contar com o dia de amanhã. Muitos de nossos semelhantes se deitaram hontem cheios de projectos para hoje, mas Deus os chamou a contas. Jesus não passa onde elles se acham. Lá não se préga o Evangelho. Lá não ha dias de descanzo nem santas reuniões para o culto de Deus. Lá não se ouve a voz da oração, porque toda a esperança é vã. Lá se acha o rico avarento que se descuidou da salvação de sua alma e tudo gastou para regalar o corpo. Lá tambem se acham todos os que sabendo da salvação offerecida no Evangelho, não o aceitaram por motivos diversos. Uns acharam duras as condições, como o moço rico, que se chegou a Jesus, querendo saber o que devia fazer para entrar no céo. Sendo-lhe respondido que devia vender tudo e seguir a Jesus, retirou-se triste porque era muito rico.

Outros, como o rei Agrippa, por pouco não se persuadiram a ser discipulos de Christo. Tinham o entendimento, e só reluctava o seu coração, ainda dominado por algum vicio da carne, ou por algum laço do demonio.

Outros, em fim, faziam tenção de se converter, mas adiaram isto de um dia para outro, de sorte

que a morte veiu na hora em que não cuidavam, e cortou-lhes o fio da existencia.

Jesus Nazareno ainda vai passando, e póde ser procurado por todos os que d'elle têm necessidade. Aproveitai o ensejo de chegar-vos a elle. Pedi-lhe que tenha misericordia de vós, como fez ha dezoito seculos Bartiméo, o cégo mendigo de Jericó. A fé, que tem a Jesus como objecto, tem uma virtude sobrenatural. Os vossos olhos se abrirão, os vossos corações sentirão reanimar-se suas esperanças e as vossas almas terão uma nova vida. A vossa fé terá o seu premio. Dentro de vossas almas Jesus vos dirá: Ide em paz; vossa fé vos curou.

A PESSOA DE CHRISTO.

“Logo que eu o vi, cahi ante seus pés como morto. Porém elle poz a sua mão direita sobre mim, dizendo: Não temas: eu sou o primeiro e o ultimo, e o que vivo, e fui morto, mas eis aqui estou eu vivo por seculos dos seculos, e tenho as chaves da morte e do inferno.” Apoc. 1:17, 18.

AQUI temos um retrato a que parece difficil achar cousa que corresponda. O Ente glorioso que foi visto por S. João, não póde ser um anjo, nem um mero homem, nem simplesmente Deus. Ha cousas nesta descripção que tornam impossivel qualquer dessas hypotheses! Vou mostrar que esta linguagem não condiz com uma natureza nem angelica, nem meramente divina, nem humana.

Não foi um homem que S. João viu, pois os titulos de “primeiro” e “ultimo” não cabem a homem algum. Todo o homem é creatura e teve principio. Póde ter fim se Deus assim quizer. O ter as chaves da morte e do inferno não é da competencia de qualquer homem, porque requereria poder infinito e uma autoridade sem limites. Cada vez que as Escripturas sagradas fallam do homem empregam termos bem differentes. Para exemplo vou citar duas passagens d’ellas. Psa. 8:3 e 4: “Tu fizeste sahir da boca dos infantes e dos que mamam um louvor perfeito, por causa de teus inimigos, para destruires ao inimigo e o vingativo. Porque eu hei de ver os teus

céos, obra dos teus dedos: a lua e as estrellas, que tu estabeleceste.” Tambem Psa. 143:3-5: “Senhor, que é o homem, pois tu a elle te manifestaste? ou o filho do homem para tu assim o estimares? O homem se tem feito semelhante á vaidade: os seus dias passam como sombra. Senhor, inclina os teus céos, e desce: toca os montes e fumegarão?”

Nem é possível que o ente visto por S. João seja um anjo. Os anjos são creaturas de Deus. Portanto não se póde dizer em relação a qualquer anjo, que é “o primeiro,” pois antes de elle ser creado, Deus existiu. Houve tempo que Deus estava só, e elle só tem direito de dizer: “Eu sou o primeiro. Só se póde dizer em relação a Deus o qué David escreveu, Psa. 89:2-4: “Antes que os montes fossem feitos, ou formada a terra e a sua redondeza, desde a eternidade tu és Deus. Não reduzas o homem ao abatimento: pois disseste: Converti-vos, filhos dos homens. Porque mil annos aos teus olhos são como o dia de hontem, que passou.”

Nem é possível que o ente que conversava com S. João seja meramente Deus, pois diz de si mesmo: “Eu o que vivo, fui morto, mas eis-aqui estou eu vivo por seculos dos seculos.” Da natureza divina é impossível fallar assim, pois Deus não póde nem padecer, nem morrer. É proprio de Deus viver para sempre, e por isso elle se chama o Deus vivo em contradistincção com as creaturas e com os falsos deoses em que os Gentios acreditavam.

Quem pois será a pessoa a cujos pés o apostolo cahiu como morto? De certo já *reconhecereis* nesta descripção a pessoa de Jesus Christo, outr’ ora o

filho de Maria e o amigo de publicanos e peccadores. O retrato é tão perfeito que não é possível errarmos. Examinando attentos o retrato e depois fitando os nossos olhos no original, veremos que estão inteiramente conformes um ao outro.

Não o faremos levados de uma simples curiosidade. Este assumpto é de grande interesse. Virá tempo em que cada um de nós com seus proprios olhos verá o que aqui vem descripto. Jesus Christo ha de vir em sua gloria, e então serão congregadas todas as gentes diante d'elle. Matt. 25:31: "Mas quando vier o Filho do homem na sua magestade, e todos os anjos com elle, então se assentará sobre o throno da sua magestade, etc."

Apocalypse 20:11, 12: "E vi um grande throno branco, e um que estava assentado sobre elle, de cuja vista fugiu a terra, e o céo, e não foi achado o lugar delles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam em pé diante do throno; e foram abertos os livros: e foi aberto outro livro que é o da vida: e foram julgados os mortos pelas cousas, que estavam escritas nos livros segundo as suas obras."

É da maior importancia conhece-lo desde já e estar em sua graça na vida presente, a fim de que possamos sem receios ver a sua gloria.

1. *Não temas.* O temor de S. João era natural. Tanta gloria e luz deslumbrou-lhe a vista. O sentimento de sua propria indignidade o perturbava sobre maneira. É verdade que em outro tempo reclinou a cabeça no seio de Jesus, comendo com elle a ultima cêa. Mas então a gloria do Redemptor estava coberta de alguma maneira. Não convinha que

se fizesse uma manifestação de sua divindade; de sorte que João de um modo mui imperfeito conhecia ao Mestre que seguia. Tirado o véo que occultava as perfeições divinas de Christo em quanto andava na terra, S. João cahiu ante seus pés como morto, não podendo supportar o resplendor sobrenatural que o cercava. Porém semelhantes receios não convinham, pois S. João estava na graça de Christo e essas perfeições cujo brilho não podia supportar, estavam convertidas em garantias de sua salvação eterna. Pois disse-lhe Jesus: *Não temas*. As palavras que se seguem, mostram que não ha motivo para duvidas ou receios: antes pelo contrario a contemplação da gloria e de poder de Christo, devem animar a nossa fé e encher-nos de sentimentos de confiança e jubilo.

“*Eu sou o primeiro e o ultimo.*”

É no Evangelho de S. João que vemos a mais clara affirmação da divindade de Christo. Alguns entendem que o principal fim de compôr-se um quarto Evangelho era estabelecer este facto negado já por uma seita que depois tornou-se muito numerosa. Foi do agrado de Jesus Christo confirmar a fé de seu apostolo e recompensar o seu trabalho, descobrindo-lhe a sua gloria divina e dizendo-se o *primeiro* e o *ultimo*, e aquelle que é desde a eternidade até a eternidade, sem principio e sem fim.

Christo é o *primeiro*, porque é Deus.

S. João 1:1-3: “No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Elle estava no principio com Deus. Todas as cousas foram feitas por elle: e nada do que foi feito, foi fei-

to sem elle.” Não se diz: no principio o Verbo começou a existir, mas “era,” implicando existencia anterior.

S. João 8:56-58: “Vosso pai Abrahão desejou anciosamente ver o meu dia: viu-o, e ficou cheio de gozo. Disseram-lhe por isso os Judeus: Tu ainda não tens cincoenta annos; e viste a Abrahão? Respondeu-lhes Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo, que antes que Abrahão fosse feito, sou eu.”

Exodo 3:14: “Disse Deus a Moysés: Eu sou o que sou. Eis aqui, proseguiu elle, o que tu has de dizer aos filhos d’Israel: Aquelle que é, me enviou a vós.”

Antes de nascer o pai dos Judeus de quem estes herdaram as promessas e privilegios de que tanto se gabaram, Jesus Christo era o que é e o que será por todos os seculos. Dizendo de si mesmo, “Antes de Abrahão eu sou,” elle deu a conhecer que foi elle quem appareceu a Moysés na çarça e preguntado por este sobre o seu nome, respondeu: “*Eu sou o que sou.*” Em mim não ha mudança: sou o que sou. Nem é possivel achar a quem assemelhar-me, pois, “Eu sou o que sou.” Fora d'elle não ha Deus. Não ha quem junto com elle exerça a soberania. Tudo isto está implicado no titulo de “primeiro;” porque o primeiro só é Deus, que no principio já era e que a Moysés se deu a conhecer sob o appellido, “Eu sou o que sou.” A palavra *ultimo* é o complemento do *primeiro* e abrange os seculos por vir, affirmando que no seu decurso não haverá mudança em Christo. Ainda quando passarem os céos e a terra, nem uma só palavra de Christo pode-

rá passar. Se os seculos passados têm dado cumprimento a seus designios, não é menos certo que o futuro lhe pertence; porque elle é o primeiro e o ultimo. Não ha para elle as distincções que nós necessariamente fazemos, porque para Deus tudo é presente.

Meus queridos ouvintes, temos aqui uma prova da divindade de Nosso Senhor inteiramente satisfactoria. É de todo impossivel que um mero homem tenha titulos semelhantes. Por igual razão nenhum anjo póde arrogar a si taes titulos. Na boca de qualquer creatura, linguagem tão sublime seria uma blasphemia, pois o pretender-se *o primeiro* e o *ultimo* é só proprio da divindade—“E o que vivo.” São Paulo disse de si mesmo: *Eu vivo*, Gal. 2:20, mas apenas *tivesse proferido* a palavra, accrescentou, “para melhor dizer, não eu já o que vivo, mas Christo é que vive em mim.”

O apostolo aqui reconhece o que todo o christão sabe—que a sua vida depende de Deus. Isto *está* exacto em todo o sentido da palavra *vida*.

Col. 3:3: “Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Christo em Deus.” Dizendo de si mesmo—“Eu vivo,” o christão tem de emendar ou explicar sua linguagem, accrescentando “antes Christo vive em mim.” Ha certos poços que se enchem das aguas que por acaso cabem do céu, e outros tão fundos que nelles desembocam muitas veias de agua perenne. Estes poços sempre têm abundancia d’agua, mas aquelles podem a qualquer momento seccar-se. Existe nesta cidade, como todos sabem, um Deposito que recebe a agua cujas

nascentes são distantes. Mas sabemos que póde faltar agua nesse deposito por muitas difficuldades imprevistas, e sem que as fontes donde lhe vem o fornecimento d'agua se tornem seccas. Tão precaria é a nossa vida. Ella é um dom de Deus. Elle creou estes corpos, e deu-lhes o assopro da vida. Como disse S. Paulo aos Athenienses: “Nelle vivemos e nos movemos e existimos.” Elle é a fonte donde nos mana o que temos. Cada um de nós é um deposito em que existe o que Deus se digna conceder-nos de dia em dia. Não temos nada que absolutamente fallando se possa chamar nossa propria. Dizendo que vivemos, temos de emendar a phrase accrescentando, Para melhor dizer, Deus vive em nós ou nós vivemos em Deus. Porém esse que fallou com S. João usou de uma linguagem differente, não duvidando dizer: “Eu sou o que vivo.” Sou o *primeiro* e o *ultimo*, porque eu *vivo*.

Sim, Jesus Christo vive; e nós, Christãos, vivemos só unidos a elle. Elle vive, porque o viver é proprio d'elle. É tão impossivel que deixe de viver, como é que o mar se esgote. Nelle ha vida em tal copia que a todos dá liberalmente. Sentado ao poço a conversar com a mulher samaritana, disse-lhe: “O que beber da agua que eu lhe der, nunca jámais terá sede. Mas a agua que eu lhe der virá a ser nelle uma fonte d'agua que salte para a vida eterna;” referindo-se ao dom do Espirito Santo que ia dar a todos os que cressem nelle. Em outra occasião, S. João 7 : 38, 39, disse: “O que crê em mim, como diz a Escriptura, do seu ventre correrão rios d'agua viva,” fallando do Espirito que haviam de receber os

que cressem nelle. Ainda outra vez disse: “Eu vivo e vós vivereis.” João 14:19. Havendo agua na fonte tambem o haverá no deposito em quanto estão em comunicação. Christo é a nossa vida. Elle diz: “Eu sou o que vivo.” Unindo-nos a elle, nós viveremos eternamente.

Vemos aqui que um Salvador que não fosse pessoa divina, não poderia satisfazer á nossa sede nem dar garantias sufficientes. Nenhuma creatura por mais alta que seja a sua jerarchia, póde, absolutamente fallando, dizer: Eu sou o que vivo. Isto quer dizer: “É minha prerogativa viver e dar vida perenne aos que m’a pedirem.” Só o Filho unigenito de Deus, que está no Pai, tem semelhante direito. Elle vive, por isso viverão eternamente os que se identificarem com elle. A perpetuidade de sua vida é o penhor de que nunca havemos de sentir falta.

Como pois havemos de qualificar a cegueira daquelles que como diz o propheta Jeremias, têm deixado a Christo, fonte de agua viva e “cavaram para si cisternas, cisternas rotas que não podem reter as aguas.” Jeremias 2:13.

Quantos não fazem isto mesmo, deixando ao Christo que diz: “Eu sou o que vivo,” para se agarrarem com Christos mortos, esquecendo-se do Christo que appareceu a S. João tão glorioso que nenhuma lingua humana e muito menos nenhum pincel de homem póde desenhar as suas perfeições.

“*Eu fui morto.*”

O mesmo ente que diz: “Eu sou o *primeiro* e o *ultimo*—Eu sou o que vivo”—acrescenta “Eu fui morto.” Aquelle que disse, “Antes d’ Abrahão, *Eu*

sou,” que no principio era—por quem foram feitas todas as cousas—esse *foi morto*. Aqui temos cousa maravilhosa. O author da vida e a fonte donde nos vem a vida eterna, foi morto! Parece haver aqui uma contradicção. Como é que aquelle que tem vida em si como não tem nenhuma creatura, póde morrer? E como é que em morrendo elle, não morressem os que vivem dependentes d’elle?

Os quatro Evangelistas offerecem a resposta adequada. Vemos que aquelle que em quanto Deus vive desde a eternidade, fez-se homem e morreu em expiação pelo peccado. A solução da apparente contradicção está na natureza dupla de Christo.

Qual não deveria ser o jubilo de S. João ao ouvir da boca de Christo em seu estado de exaltação gloriosa esta recordação da sua vida sobre a terra!

Certamente o temor de que estava possuido á vista de tanta gloria foi dissipado pelas palavras, “*Não temas! Eu que sou o primeiro e o que vivo, fui morto.*” Sou a mesma pessoa que agonizou no horto, que foi insultada e crucificada. S. João bem comprehendia toda a significação das palavras “*Eu fui morto.*”

O que se passou no monte Calvario estava indelevelmente gravado em sua memoria. Mas talvez até este momento elle nunca tivesse apreciado bastante o grande amor que levou ao Filho de Deus a despedir-se de sua gloria para vir ao mundo e morrer ás mãos dos homens. Nem se póde conceber isto devidamente, senão á luz das perfeições divinas de nosso Redemptor.

Quando nos fôr concedido ver a sua gloria como João a viu, então melhor poderemos perceber quão maravilhoso é que o Primeiro e o Ultimo, que vive desde a eternidade até a eternidade, quiz morrer. Se agora isto não nos causa grande admiração, é só por causa da nossa insensibilidade e falta de comprehensão.

A FÉ E A VISÃO.

‘Não attendendo nós ás cousas que se vêm, mas sim ás que se não vêm. Porque as cousas visiveis são temporaes: e as invisiveis são eternas.’ 2ª Cor. 4:18.

“Por isto vivemos sempre confiados, sabendo que enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor: (porque andamos por fé, e não por visão.) 2ª Cor. 5:6, 7.

AQUI se falla em dous modos de andar: por *fé* e por *visão*. Estas duas cousas são contrarias, de sorte que ninguém póde andar por ambos estes modos. Tem de escolher, pois não lhe será possível andar ao mesmo tempo por fé e por visão.

A palavra *fé* implica confiança e crença no invisível e futuro. Aquelle que anda por *fé*, crê que as cousas invisiveis são de primeira importancia, sente falta dellas e as procura com esperança de conseguir seu intento. O vigor desta fé depende do gráo de confiança que se tem. Aquelle que crê em cousas invisiveis e futuras, sem a menor duvida as aprecia sobre as cousas visiveis, e as procura na persuasão de que ha de obte-las: esse anda por fé. A sua vida se regula por um principio diverso do dos mais homens.

Visão quer dizer *vista*. *Andar por visão* quer dizer—crer em cousas visiveis, estima-las, e buscar a felicidade no gozo dellas. Aquelle que não crê nem confia senão em cousas que são visiveis, palpa-

veis e patentes aos sentidos de seu corpo, esse não anda por fé, mas sim por visão.

Feita esta explicação do significado dos termos do Apostolo, mostrarei o fundamento que tenho para dizer que os christãos sobre a terra differem não só dos homens mundanos mas tambem de seus irmãos que já entraram no seu descanso, relativamente ao principio regulador de suas acções. Os christãos andam por fé e não por visão. Os mais homens andam por visão e não por fé. Os santos no céo não têm mais necessidade da fé, pois gozam da visão beatifica do Senhor. Todos andam por visão, menos o christão que ainda está nesta lida mundana, cercado de cousas visiveis que são temporaes e de pouco valor. Se elle andasse por visão, não poderia alcançar a visão futura das melhores cousas por ora invisiveis, que são o premio dos santos. Em outras palavras, andamos por fé na vida presente com o fim de gozarmos da visão e da posse da gloria de Deus além dos tempos e do sepulchro.

1°. Consideremos em primeiro lugar a vida dos que não são verdadeiros christãos. Quaes as cousas tidas no maior apreço? Ao levantarem-se de manhã e ao se deitarem á noite em que estão pensando? Qual é o fim principal de sua vida? Querendo interessa-los, como se consegue este fim com a maior facilidade, conversando sobre as cousas da fé que são invisiveis e futuras, ou antes conversando sobre os objectos que são visiveis e de que se póde gozar presentemente?

É-me escusado responder, pois a vossa conclusão já está feita. Aqui não póde haver divergencia de

pareceres. Todo o homem imparcial ha de confessar que os homens pela maior parte andam por *visão* e não por *fé*. Os interesses tidos no maior apreço são interesses temporaes. As rivalidades que ha versam sobre cousas de que se quer gozar quanto antes. Cada um dos cinco sentidos têm objectos que lhe subministram gozos, e são esses os objectos mais appetecidos. São objectos visiveis que os sentidos percebem e gozam. Entre estes objectos ha um que representa a todos elles, pois que por todos elles póde ser trocado. É o ouro. Quem tem ouro, tem ao seu alcance todos os objectos que os sentidos apreciam. Se seu paladar appetee delicadas iguarias e deliciosos vinhos, havendo ouro é facillimo obte-los. Se aprecia mais as cousas que agradam á vista, um punhado de ouro bastará para que se lhe faça a vontade como por encanto. Se tem paixão pela musica, nada mais facil do que satisfaze-la uma vez que queira pagar pelos instrumentos e pelas vozes que se alugam. Se quer entregar-se a prazeres mais sensuaes ainda, o ouro é sempre a moeda corrente. Tudo obedece ao que tem dinheiro e faz d'elle uso prodigo. Até tem valor religioso, se se póde julgar por factos tão notorios que são sabidos por todos. Objectos de culto religioso são fabricados e trocados por ouro. As portas do purgatorio giram sobre eixos de ouro, e crê-se vulgarmente que quem paga direitos em ouro ao successor de S. Pedro sobre a terra, tem em seu favor a probabilidade de uma entrada franca pelas portas do céo, cujas chaves pendem da cintura do Pescador Galileo. O ouro é a divindade universal-

mente adorada por quantos andam por visão e não por fé. Tem brilho e peso, e em troca por elle póde se obter quanto se quer.

Manifestamente os que assim ensinam e pensam são da classe que anda por *visão* e não por *fé*. São homens mundanos e carnaes, isto é, homens que appetecem os gozos de seus sentidos corporaes, homens que têm no maior apreço os objectos visiveis e palpaveis, de sorte que, se estes objectos lhes fossem arrebatados, cahiriam no maior desespero.

2°. Consideremos a vida do christão verdadeiro. Este anda por fé e não por visão. A divindade que elle adora é invisivel. É verdade que se revelou em carne humana, e no ultimo dia tornará a vir visivelmente; porém agora é invisivel.

“Ao qual certamente é necessario que o céo receba até aos tempos da restauração de todas as cousas, as quaes Deus fallou por boca dos seus santos profetas, des do principio do mundo.” Actos 3:21.

“Os quaes tambem lhes disseram: Varões Galileos, que estais olhando para o céo? Este Jesus que separando-se de vós foi assumpto ao céo, assim virá, do mesmo modo que o haveis visto ir ao céo.” Actos 1:11.

“Por tanto os que se haviam congregado lhe perguntavam, dizendo: Senhor, dar-se-ha caso que restituas neste tempo o reino a Israel? E elle lhes disse: Não é da vossa conta saber os tempos, nem momentos, que o Padre reservou ao seu poder: mas recebereis a virtude do Espirito Santo, que descera sobre vós; e me sereis testemunhas em Jerusalem, e

em toda a Judéa, e Samaria, e até ás extremidades da terra.” Actos 1:6-8.

A este respeito a religião christã differe de todas as mais religiões seguidas no mundo. Não consente que se renda culto a objecto algum visivel. Christo mesmo disse: “Vai-te Satanás: Porque escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a elle só servirás.” S. Matt. 4:10.

Mas, embora invisivel, Deus está presente por meio de seu Espirito. Isto é sabido pela fé que temos na palavra de Deus.

“Ensinando-as a observar todas as cousas que vos tenho mandado: e estai certos de que eu estou comvosco todos os dias, até á consummação do seculo.” S. Matt. 28:20.

“E eu rogarei ao Pai, e elle vos dará outro Consolador, para que fique eternamente comvosco, o Espirito de verdade, a quem o mundo não póde receber, porque o não vê, nem no conhece: mas vós o conhecereis: porque elle ficará comvosco, e estará em vós. Não vos hei de deixar orfãos: eu hei de vir a vós. Mas o consolador, que é o Espirito Santo, a quem o Pai enviará em meu Nome, elle vos ensinará todas as cousas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.” S. João 14:16-18 e 26.

“Não vo-las disse porém des do principio, porque estava comvosco. E agora vou eu para aquelle, que me enviou: e nenhum de vós me pergunta: Para onde vás? Antes porque eu vos disse estas cousas, se apoderou do vosso coração a tristeza. Mas eu digo-vos a verdade: a vós convem-vos que eu vá:

porque se eu não fôr, não virá a vós o Consolador: mas se fôr, enviar-vo-lhe-hei. Um pouco, e já me não vereis: e outra vez um pouco, e ver-me-heis: porque vou para o Pai.” S. João 16:5-7 e 16.

“Mas o fruto do Espirito é: a caridade, o gozo, a paz, a paciencia, a benignidade, a bondade, a longanimidade.” Gal. 5:22.

Estas verdades são de uma natureza tal que ninguém ha de acredita-las sem que tenha o dom da fé. Aquelle que anda dominado de seus sentidos não ha de dar credito ás palavras de Deus em relação á obra do Espirito Santo: “O Espirito de verdade, a quem o mundo não póde receber, porque o não vê, nem no conhece: mas vós o conhecereis porque elle ficará convosco, e estará em vós.” S. João 14:17.

Por não poder ve-lo, o mundo não crê no Espirito. É muito natural que assim succeda. Por natureza os sentidos triumpham do espirito. Se Deus não se compadece dos homens e lhes envia o dom do Espirito, andarão sempre por visão e não por fé. Querendo approximar-se de Deus e por-se bem com elle, darão sempre apreço aos meios visiveis, desprezando os meios espirituaes em que a Escritura Sagrada falla. Em vez de pedirem com importunidade os soccorros do Espirito Santo, procurarão meios visiveis, taes como offertas, penitencias, missas e sacramentos, que mais facilmente tornam-se acreditados por serem visiveis. Ah! é muito difficil andar por fé e não por visão! E difficil offerecer a Deus um culto espiritual. É difficil orar a Deus a exemplo do publicano dizendo de um coração contricto e

crente: “Meu Deus, sê propicio a mim peccador.”
S. Lucas 18:13.

Os christãos andam por fé pelo motivo de se julgarem cidadãos de um reino invisivel. Moysés a este respeito lhes serve de exemplo e modelo:

“Pela fé é que Moysés depois de grande, disse que não era filho da filha de Faraó, escolhendo antes ser affligido com o povo de Deus, que gozar da complacencia transitoria do peccado, tendo por maiores riquezas o opprobrio de Christo, que os thesouros dos Egepcios: porque olhava para a recompensa.” Heb. 11:24-26.

A fortuna lhe sorriu propicia. Tinha esperanza de subir aos mais altos lugares na côrte mais culta da epocha de então. Todavia escolheu unir-se a uma raça escrava e seguir a sua sorte aparentemente desesperada. Como se explica tal procedimento? Moysés andava por fé e não por vista; acreditava firmemente que Deus havia de remir seu povo da escravidão e conduzi-lo para a terra da promissão e do descanso.

Eis-aqui um dos triumphos mais bellos da fé. O resultado justificou plenamente a confiança de Moysés. O orgulhoso Faraó, cujas honras e riquezas eram o assumpto em que fallava todo o mundo, succumbiu nas aguas do Mar Vermelho; ao passo que Moysés pela fé no Deus visivel que o guiava, passou a pé enxuto, e, o que é melhor, do alto do monte Nebo avistou a terra da promissão—figura do descanso eterno para onde Deus levou a sua alma e onde goza do premio dos que andam por fé e não por visão.

“Pela fé é que aquelle que é chamado Abrahão obedeceu para sahir em demanda da terra, que havia de receber por herança: e sahiu, não sabendo aonde ia. Pela fé é que elle se deixou ficar na terra da promessa, como em terra alheia, habitando em cabanas com Isaac e Jacob, herdeiros com elle da mesma promessa. Porque esperava a Cidade que tem fundamentos, cujo architecto e fundador é Deus. Pela fé até a mesma Sara, que era esteril, recebeu a virtude para conceber, ainda fóra do tempo da idade: porque creu que era fiel o que lh’o havia promettido. Per isso até de um só homem (e esse já como morto) sahiu uma posteridade tão numerosa como as estrellas do céo, e como a arêa innumeravel que está á borda do mar. Na fé morreram todos estes, sem terem recebido as promessas, mas vendo-as de longe, e saudando-as, e confessando que elles eram peregrinos e hospedes sobre a terra. Porque os que isto dizem, declaram que buscam a patria. E se elles tivessem por certo memoria daquella donde sahiram, tinham na verdade tempo de tornarem para ella: mas agora aspiram a outra melhor, isto é, á Celestial. Por isso Deus não se dedigna de se chamar Deus delles: porque lhes apparelhou uma Cidade. Pela fé é que Abrahão offereceu a Isaac, quando foi provado, e offereceu a seu filho unigenito, aquelle que havia recebido as promessas: a quem se havia dito: Porque de Isaac é que ha de sahir a estirpe, que ha de ter o teu nome: considerando que Deus o podia resuscitar até d’entre os mortos: por onde elle o recobrou tambem nesta representação.” Heb. 11:8-19.

Vamos aos tempos dos apóstolos em procura de mais outros exemplos de uma vida regulada por fé no invisível:

“Porque na esperança é que temos sido feitos salvos. Ora a esperança que se vê, não é esperança: porque o que qualquer vê, como o espera? E se o que não vemos, esperamos: por paciência o esperamos.” Rom. 8:24, 25.

“Porque o que aqui é para nós de uma tribulação momentanea e ligeira, produz em nós, de um modo todo maravilhoso no mais alto gráo um peso eterno de gloria, não attendendo nós ás cousas que se vêem, mas sim ás que se não vêem. Porque as cousas visiveis são temporaes: e as invisiveis são eternas.” 2ª Cor. 4:17, 18.

“É pois a fé a substancia das cousas que se devem esperar, um argumento das cousas que não apparecem.” Heb. 11:1.

“E na verdade tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesus Christo meu Senhor: pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por esterco, com tanto que ganhe a Christo, e que seja achado nelle, não tendo a minha justiça, que vem da lei, senão aquella que nasce da fé em Jesus Christo: a justiça que vem de Deus pela fé.” Filip. 3:8, 9.

“Porque não temos aqui cidade permanente, mas vamos buscando a futura.” Heb. 13:14.

“Mas a nossa conversação está nos céos: donde tambem esperamos ao Salvador nosso Senhor Jesus Christo.” Filip. 3:20.

“Ao qual vós amais, posto que o não vistes; no

qual vós credes, posto que o não vedes ainda agora; mas crendo exultais com uma alegria ineffavel e cheia de gloria: alcançando o fim da vossa fé, que é a salvação de vossas almas.” 1º Pedro 1:8, 9.

“Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as ciladas do diabo: porque nós não temos que lutar contra a carne e o sangue: mas sim contra os Principados e Potestades, contra os governadores destas trevas do mundo, contra os espiritos de malicia espalhados por esses ares. Portanto tomai a armadura de Deus, para que possais resistir no dia máo, e estar completos em tudo. Estai pois firmes, tendo cingidos os vossos lombos em verdade, e vestidos da couraça da justiça, e tendo os pés calçados na preparação do Evangelho da paz: abraçando sobre tudo o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflammados do mais que maligno: tomai outrosi o capacete da salvação: e a espada do Espirito, que é a palavra de Deus.” Efes. 6:11-17.

“Mas nós, que somos filhos do dia, sejamos sóbrios, estando vestidos da couraça da fé, e da caridade, e tendo por elmo a esperança da salvação.” 1ª Thess. 5:8.

“Por quanto as armas da nossa milicia não são carnaes, mas são poderosas em Deus para destruição das fortificações, derribando os conselhos. 2ª Cor. 10:4.

“Por tanto cingidos os lombos da vossa mente, vivendo com temperança, esperai inteiramente naquella graça que vos é offerecida, para a manifestação de Jesus Christo.” 1ª Ped. 1:13.

“Porque todo o que é nascido de Deus, vence ao mundo: e esta é a victoria que vence ao mundo, a nossa fé.” 1ª João 5:4.

“Porque a palavra de Deus é viva, e efficaz, e mais penetrante do que toda a espada de dous gumes: e que chega até o intimo d’alma e do espirito, tambem ás juntas e medullas, e discerne os pensamentos e intenções do coração.” Heb. 4:12.

“E da sua boca sahia uma espada de dous gumes: para ferir com ella as nações. Porque elle as governará com uma vara de ferro: e elle mesmo é o que piza o lagar do vinho do furor da ira de Deus Todo Poderoso.” Apoc. 19:15.

A mesma condição regula ainda. Ninguem póde esquivar-se a esta regra. Se vós quereis alistar-vos no exercito de Christo, é mister despirdes as armas deste mundo e vestirdes a couraça da fé, e cingirdes a espada do Espirito que é a palavra de Deus, recebendo vossas ordens de Jesus, por quem combateis. Não podeis esperar receber o soldo que o mundo paga. O reino que haveis de conquistar é invisivel e eterno, e suas honras e prazeres são espirituaes. Não vos queixeis desta necessidade que se vos impõe. Desde o principio foi assim. Adão acreditava no Salvador que havia de nascer da mulher. Quantos seculos não se passaram antes de se realizar aquella promessa! Noé poz-se a profetizar um diluvio universal, e por cento e vinte annos foi objecto da zombaria de uma geração incredula e perversa. Porém a palavra de Deus foi cumprida sempre, e Noé recebeu o premio de ter andado por fé e não pela apparencia das cousas.

“No anno seiscentos da vida de Noé, no dia dezesete do segundo mez do mesmo anno, se romperam todas as fontes do grande abysmo, e se abriram as cataractas do céo. Todas as creaturas que havia sobre a terra, des do homem até ás bestas, tanto as que andam de rastos, como as que voam pelo ar, tudo pereceu da terra. Ficaram sómente Noé e os que estavam com elle na arca.” Gen. 7:11, 23.

“Pela fé é que Noé, depois que recebeu resposta de cousas, que ainda se não viam, temendo foi apparelhando uma arca, para livramento da sua casa, pela qual condemnou ao mundo: e foi constituido herdeiro da justiça que é pela fé.” Heb. 11:7.

O viver por fé é uma necessidade em todos os tempos. O Senhor quer pôr á prova a nossa fé. Quer livrar-nos do jugo das cousas visiveis. Não sei onde está o céo em que Jesus manifesta sua gloria. Póde ser que, se os céos se abrissem, essa gloria se nos tornasse desde já manifesta, como aconteceu a Paulo na viagem para Damasco. Nem isto nos importa, pois o certo é que essa gloria é para nós invisivel enquanto estamos no corpo, “ausentes do Senhor” na phrase de Paulo. Por mais contigua que nos seja a morada celeste, uma cortina nos separa della. Não temos outras noticias do que se passa atraz desta cortina senão as da fé. Sabemos que assim succederá enquanto a morte não vier desfazer estes corpos, libertando o espirito que voltará para o Senhor que o deu e o remiu por um grande preço.

3º. Em terceiro lugar consideremos a vida dos que já entraram em seu descanso. Em relação a estes veremos que, em premio da sua fé na vida presente, gozam da visão do Senhor.

“Pai, a minha vontade é, que onde eu estou, estejam tambem comigo aquelles que tu me déste: para verem a minha gloria, que tu me déste: porque me amaste antes da creação do mundo.” S. João 17:24.

“Na casa de meu Pai ha muitas moradas: se assim não fôra, eu vo-lo tivêra dito. Pois vou a apparellhar-vos o lugar. E depois que eu fôr, e vos apparellhar o lugar, virei outra vez, e tomar-vos-hei para mim mesmo, para que onde eu estou, estejais vós tambem.” S. João 14:2, 3.

“Carissimos, agora somos filhos de Deus: e não appareceu ainda o que havemos de ser. Sabemos, que quando elle apparecer, seremos semelhantes a elle: por quanto nós-outros o veremos bem como elle é.” 1ª S. João 3:2.

“E serei novamente revestido da minha pelle, e na minha propria carne verei a meu Deus, a quem eu mesmo hei de ver, e meus olhos hão de contemplar, e não outro: esta minha esperanza está depositada no meu peito.” Job 19:26, 27.

“Mas eu com justiça comparecerei na tua presença: saciar-me-hei quando apparecer a tua gloria.” Psa. 16:15.

“Bemaventurados os limpos de coração: porque elles verão a Deus.” S. Matt. 5:8.

“Nós agora vemos a Deus como por um espelho em enigmas: mas então face a face. Agora conhe-

ço-o em parte: mas então hei de conhece-lo, como eu mesmo sou tambem delle conhecido." 1^a Cor. 13:12.

Destas passagens concluimos que a necessidade de andar por *fé* acabará quando acabar a nossa vida sobre a terra. Emquanto durava sua peregrinação no deserto, o povo de Israel comia o manná, comida que lhes vinha do céo. Apenas chegados ao termo de sua viagem, cessou esta comida celestial: o povo começou a alimentar-se dos bellos frutos de Canaan, paiz que na linguagem da Escritura Sagrada *manava leite e mel*. Assim succede aos Christãos apenas chegam ao termo de sua vida ímortal, que é uma peregrinação n'um deserto espiritual em que se vive pela fé. Cortado o fio que prende a alma ao corpo, aquella volve para sua patria e morada eterna na casa de Deus nosso Pai. Nessa casa ha muitas moradas, como nos affirma o proprio Salvador. Mas em todas ellas brilha a gloria do Filho do homem. Em todas ellas está presente Jesus Christo. Em todas ellas a fé não tem mais prestimo, pois está ganha a victoria: desfruta-se aquillo que d'antes era invisivel e futuro. Assim como a aguia alcançando as alturas onde tem seu ninho fecha suas azas e contempla as vastas planicies que se estendem para os distantes horizontes, assim a alma descançando no gozo do Senhor não carece mais das azas da fé. Desde que a fé suppõe a ausencia de seu objecto, essa fé não tem mais lugar onde Christo, o autor e consummador da nossa fé, está presente. Desde que a fé implica que seu objecto ha de ser gozado no futuro, não é possivel que

essa fé tenha lugar no céo onde nos será dado ver ao Senhor bem como elle é, e gozar d'elle para sempre.

Meus ouvintes, de que modo andais presentemente? Por acaso podeis unir-vos á classe que anda por fé, da qual Paulo foi notavel exemplo? Felizes aquelles que puderem dizer que sim. Felizes aquelles que rodeados de objectos visiveis não lhes dão apreço, não se agarram a elles, não põem nelles sua felicidade, mas antes os encaram como transitorios e sem valor real em face das cousas invisiveis que são eternas.

Dir-se-me-ha porém que semelhante modo de andar não é natural; que as impressões recebidas pelo intermedio dos sentidos são as mais fortes; que todo o mundo tem mais certeza do que se vê que de cousas invisiveis. Tudo isso eu o sei perfeitamente. O andar por fé não é natural. Se alguém duvida disso, que faça prova por si mesmo. Tanto não é natural, que ninguém jámais andou por fé sem que o Espirito de Deus o conduzisse. Mesmo assim se leva muita quéda. A vida de quem anda por fé é uma lida constante. Não lhe será possivel nem por um só dia deixar de vigiar e orar para que não entre em tentação. Sua mira é distante: a vista não póde enxerga-la. Muitas vozes seductoras põem em duvida a existencia do bem invisivel que procura, e gabam os gozes visiveis. O que se ha de fazer nestas circumstancias? Como poderá o crente vencer nesta guerra entre os sentidos e o espirito?

Paulo responde a estas perguntas:

“Pondo os olhos no Author e Consummador da

fé, Jesus, o qual havendo-lhe sido proposto gozo, soffreu a cruz, desprezando a ignominia, e está assentado á direita do throno de Deus.” Heb. 12:2.

Jesus é o *author* e *consummador* da fé. Quem contempla a Christo pela fé, facilmente consegue romper as prisões dos sentidos e da carne. Jesus nos deixou um exemplo perfeito. Não temos senão de trilhar o mesmo caminho por onde elle passou. Cada vez que vos sentirdes fracos e cansados, pedi a elle augmento de forças e prosegui ávante. Sei como é difficil andar pela fé. Sei que, embora o espirito esteja prompto, a carne é fraca. Mas lembrai-vos da paciencia de Jesus Christo. Lembrai-vos dos santos que desde o principio do mundo tem sempre havido. Entre todos elles não houve um só que não andasse pela fé por longos annos. Muitos delles tiveram uma sorte dura, muito mais dura do que a vossa.

É verdade que todos elles descansam de seus trabalhos, e presenciam agora as cousas invisiveis que outr’ora esperavam pela fé. Tambem não tarda o dia da vossa redempção. Jesus não se fará esperar por muito tempo. Vigiai e orai, pois não sabeis nem o dia nem a hora em que ha de vir. Sêde fieis até á morte, e Elle vos dará uma corôa de vida eterna.

A CARIDADE.

“Se eu fallar as linguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que sôa, o como o sino que tiune. E se eu tiver o dom de profecia, e conhecer todos os mysterios, e quanto se pôde saber: e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada. E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada disto me aproveita. A caridade é paciente, é benigna. A caridade não é invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade: tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre. A caridade nunca jámais ha de acabar: ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as linguas, ou seja abolida a sciencia.” 1ª Cor. 13:1-8.

EM uma occasião um doutor da lei perguntou a nosso Senhor: Qual é o grande mandamento da lei?

Jesus lhe disse: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o maximo e o primeiro mandamento. E o segundo semelhante a este é: Amarás a teu proximo, como a ti mesmo. Destes dous mandamentos depende toda a lei, e os profetas.” S. Matt. 22:35-40.

S. Paulo disse: “O amor do proximo não obra mal. Logo a caridade é o complemento da lei. A ninguem devais cousa alguma, se não é o amor, com que vos ameis uns aos outros: porque aquelle,

que ama ao proximo, tem cumprido com a lei." Rom. 13:10 e 8.

Daqui segue-se que á vista de Deus somos avaliados conforme o gráo de nossa caridade. Se a alguém falta esta virtude, segue-se que essa pessoa nada faz que seja conforme á lei. Se outrem tem a caridade, mas em gráo imperfeito, na mesma proporção a sua vida é imperfeita. Se houvesse um homem perfeito em caridade (não digo que tal haja, é uma supposição que faço,) esse seria homem perfeito. A lei não o accusaria de nada. Tal homem viveria tranquillo em sua consciencia. Nenhum temor o turbaria, pois o amor lança fóra o temor.

A excellencia desta virtude não escapa á apreciação dos proprios incredulos. Quantas vezes não se ouve tecer elogios á caridade entre os que não obedecem a Jesus Christo! Não digo que de facto esta caridade se manifesta. Digo tão sómente que tal é o brilho desta virtude, que os cegos o vêm e se admiram.

Vou tratar da caridade, e da ante-mão explico o motivo que determina esta escolha. A caridade para com Deus e o proximo é a alma da religião de Christo. Sem ella a fé é morta. Pretendo pois explicar em que consiste a caridade; mostrar como ella se manifesta; expôr a falsidade de certos sentimentos e apparencias que ás vezes cobrem-se com as vestes da caridade. Meu fim expresso é facilitar a cada um de vós os meios de ajuizar seu verdadeiro estado á vista de Deus. Tenho insistido na necessidade da fé em nosso Senhor como o laço que vos prenda ao Salvador. Agora convém saber com que

fructo se vos annuncia o Evangelho. A fé, sendo verdadeira, obra por caridade. Pois a medida da vossa fé ha de ser a vossa caridade.

Appliquemo-nos então ao estudo da caridade tal qual o Evangelho a inculca, sabendo que della depende o juizo que Deus faz de nós. Não avançarei nada que não esteja escrito no livro de Deus. Só hei de commentar as palavras de S. Paulo. Faça cada um applicação a si mesmo do ensino do apostolo.

I. A caridade é uma cousa; os actos exteriores intitulos actos de caridade são outra cousa. É possível dar toda a fortuna aos pobres e o proprio corpo ás chammas sem comtudo possuir a caridade evangelica. É muito necessario notar este facto importante: Á vista de Deus, a caridade é uma virtude interior, e os actos exteriores não são aceitos sem que sejam inspirados por este bello sentimento. Quem dá aos pobres movido por motivos egoistas, não pratica a caridade. Aquelle que se entregasse ás chammas antes que blasfemar do nome de Christo, possuido de orgulho natural, não seria martyr á vista de Deus. Faltando-lhe o motivo que deve animar o martyr, o acto exterior não poderia ser agradável. Nem se diga que não é possível praticar estes actos sem que o amor seja o motivo dominante. A experiencia prova o contrario. Antiga-mente, quando os martyres eram tidos em tão alta veneração, houve casos de martyrio em que o orgulho influa mais que o amor. Muitos se entregaram á morte sem necessidade, ambicionando a corôa de martyr; e os christãos mais esclarecidos tinham de

reprehender severamente semelhante orgulho fanático.

Não, meus amigos, comquanto a caridade muitas vezes leva a estes actos de dedicação, todavia elle não se confunde com actos exteriores. Não é possível conhecer o gráo desta virtude por um cálculo arithmetico baseado na quantia que dependemos com o sustento dos pobres. Nem esta virtude se mede pelos tratos corporaes a que alguém se sujeita em nome da religião. Não é tão facil determinar o gráo do desenvolvimento desta virtude. O interior e o exterior nem sempre correspondem. A caridade é fruto da operação interior do Espirito Santo, e os actos que praticamos não têm valor real sem que sejam movidos pela caridade.

II. Em seguida S. Paulo mostra como a caridade se dá a conhecer :

1. *E' paciente* em face de insultos, de perseguição e de máo tratamento da parte dos incredulos. E, o que é mais difficil ainda, a caridade soffre com paciencia os erros, imperfeições e ignorancia dos que são professos servos de Deus. É mais facil na presença de muitas testemunhas e sob a inspiração do entusiasmo affrontar uma morte violenta, do que levar com paciencia um acto de injustiça que um irmão persiste em fazer-nos. O amor de Jesus Christo foi muitas vezes posto á prova por seus discipulos, cuja ignorancia, incredulidade e falta de caridade causaram-lhe mais admiração do que o odio dos escribas e fariseos. Mas tão puro foi o amor que lhes tinha, que perdoou-lhes não só sete vezes, mas setenta vezes sete.

Por acaso vós tendes esta caridade? Se eu vos fizesse uma injustiça, poderia por ventura contar com a vossa paciência? Não vos pergunto se me darieis que comer ou beber caso eu tivesse necessidade. Vou além em minhas indagações. Quero saber qual seria a consequencia de um acto de injustiça ou de ingratição. Ninguem póde ser indifferente nestas circumstancias, nem o Evangelho inculca semelhante falta de sensibilidade. Mas aquelle que é cheio de caridade, em taes casos sente só tristeza em relação a seu irmão, e se este lhe viesse confessando a sua culpa poderia contar com seu amor. E, mesmo que não fizesse confissão, seria perdoado no coração daquelle que recebeu a offensa.

2º. *E benigna.* Procura fazer bem a todo o mundo. Inspira sentimentos e desejos em que não entra nada que seja malevolo. Querendo agradar a um homem cheio de caridade, tendes sempre um meio infallivel de sahir bem. Fallai-lhe em algum projecto de que resultará um grande beneficio a seu proximo. Descobri-lhe o plano e os meios de conseguir o fim. Se o seu juizo calmo approvar o plano, não será preciso prometter-lhe interesse pecuniario, nem honras, porque a caridade é benigna. Ou se o vosso plano tiver em vista a gloria de Deus e a propagação do reino de Christo, elle não ha de falhar por falta de seu concurso.

A caridade é benigna, e portanto não póde ser cega. Um bom pai não deve fazer a vontade a seu filho quando semelhante vontade tenha de trazer consequencias funestas. Uma mãe não deve praticar actos de caridade sem consideração.

3º. *Não é invejosa.* A inveja é um sentimento diabolico em sua essencia, e entretanto é tão geral! Os pobres têm inveja dos ricos. Os membros de uma classe da sociedade contemplam com inveja seus superiores em posição. Na politica, os candidatos que não sahem eleitos têm raiva daquelles cuja candidatura vence. Em toda a parte reina a inveja, convertendo tudo em fel, introduzindo a anarchia na marcha do governo, e fazendo mallograr muitos projectos que de outra sorte teriam bom exito.

Prouvera a Deus que seja possível fechar as portas da igreja a este sentimento que não duvido chamar diabolico. É filho do odio. É um sentimento malevolo. Em uma sociedade onde a inveja prevalece, tudo quanto é bello morre. Em uma igreja, o sentimento de inveja é symptoma grave e perigoso. É sentimento diametralmente opposto á caridade. Examinai-vos a vós, meus irmãos, e se descobrires em vosso coração qualquer inveja, ficai certos de que a caridade não é senhora de vossa alma.

4º. *Não obra temeraria nem precipitadamente.* (Almeida: *Não trata indecentemente.*) O sentido é que a caridade não é arrogante, não gosta de ostentação. Aquelle em cujo coração reina o amor, que é o complemento da lei, não ha de ser encontrado orando nos cantos das ruas, nem disputando a preferencia em occasiões publicas. Se elle occupa uma posição alta é porque esta lhe foi conferida por outros.

5º. *Não se ensoberbece.* Não se incha. O amor de Deus e a humildade são inseparaveis. Nem é

possivel tirar da creatura a inclinação natural de fazer alto conceito de si, sem primeiro lhe mostrar o amor de Deus. Aquelle que não conhece por experiencia a bondade immensa de Deus, necessariamente está cheio de si. Se se perguntasse aos homens qual o objecto mais importante que conhecem, querendo responder conforme a verdade, cada um seria obrigado a dizer: no universo, o objecto mais importante que conheço—sou *eu*. Como tudo se muda logo que o amor de Deus se faz conhecer! A creatura sente-se nada e Deus é tudo. Aquelles que mais progressos têm feito, facilmente se persuadem que os outros christãos são melhores do que elles mesmos. A humildade é signal da vocação divina. O orgulho é prova de que a natureza corrompida que herdamos póde mais do que a graça. Muito imperfeito é o estado daquelle que se julga alguma cousa, que se incha com a idéa de sua importancia. Necessariamente tal pessoa está muito atrazada, muito menino em experiencia.

6°. *Não é ambiciosa.* Não trata indecentemente, isto é, não despreza as leis do decoro. Aquelle em cujo coração regula o amor, procura agradar a todos até nas cousas de menor importancia. Não diz nem faz o que possa ferir as susceptibilidades alheias. O christão deve ser cortez, e ha de se-lo se possui a caridade. Póde ser que não faça grande caso de certas phrases ôcas de que todo o mundo se serve; mas ha de ser cortez no melhor sentido da palavra. Mesmo tendo de reprehender, ha de procurar geito para não offender inutilmente. O desejo que tem de promover a felicidade de todos, melhor

do que qualquer regra de politica, ha de ensinar-lhe o que convém fazer. É máo symptoma vêr alguém indifferente ás suas maneiras e palavras, por mais insignificantes que estas cousas possam parecer.

7°. *Não busca os seus proprios interesses.* Para o homem sem o amor que o Evangelho inspira o *eu* é tudo. O movel de sua vida é o *eu*. Abrindo sua boca para fallar, o assumpto predilecto é *eu*. Não empheende cousa alguma que não dê esperanças de promover os interesses e a honra do *eu*. Todo o mundo é bom ou máo conforme serve ou não os interesses do *eu*. Mas para que demorar-me em descrever o que todos vós conheceis perfeitamente? Tudo que vos cerca, o proprio ar que respirais, está contaminado por este egoismo que mesmo não sei qualificar. Por todos os lados estais em contacto com esta peste peor que o cholera, pois o egoismo mata o que ha de nobre na alma, torna a sociedade insupportavel, traz a desunião e a dissenção para o seio das familias e da igreja. Quando reparo neste egoismo e suas funestas consequencias, lembro-me dos meninos do Evangelho:

“Mas a quem direi eu que é semelhante esta geração? É semelhante aos meninos, que estão sentados na praça que gritando aos seus iguaes, dizem: Nós cantámos-vos ao som da gaita, e vós não bailastes: chorámos-vos, e não chorastes. Porque veiu João, que não comia nem bebia, e dizem: Elle tem demonio. Veiu o Filho do homem, que come e bebe, e dizem: Eis-aqui um homem glotão e bebedor de vinho, amigo de Publicanos e de pec-

cadores Mas a sacerdotia foi justificada por seus filhos." S. Matt. 11:16-19.

Como não é diferente o amor que o Espirito Santo derrama no coração!

8º. *Não se irrita.* Que diferença não se vê quanto á facilidade com que os homens se irritam! Uma mera palavrinha basta ás vezes para provocar uma explosão, ou, o que é peor ainda, uma paixão surda e abafada. Ha pessoas com quem torna-se difficil viver pela facilidade com que se irritam. Por mais insignificante que seja o motivo, ficam resentidas. Ha certas sociedades onde a irritação é quasi habitual. Cada qual é uma planta sensitiva. Apenas se lhe toca, encolhe-se. O que se deita hoje amigo e com semblante sereno e radiante, poderá amanhecer de semblante carregado. Quando estes symptomas apparecem, torna-se evidente a ausencia do espirito da caridade. Póde ser que a palavra CARIDADE ande na boca de todos. Ha um ditado turco que diz: "O dizer mel não basta para adoçar a boca." Muitos escrevem versos e fazem discursos em louvor da caridade; queixam-se da falta de caridade nos outros; praticam actos de caridade; mas ai daquelle que lhes dirigir uma palavrinha provocante. A effervescencia é instantanea. O acido sulphurico deitado em carne crua não obra mais de prompto. A caridade não se irrita. Onde o Espirito Santo habita, não se vê esta irritação.

A caridade, que é fruto do Espirito Santo, *não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade: tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre.*

O CONSOLADOR.

“E eu rogarei ao Pai, e elle vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco, o Espirito de verdade, a quem o mundo não pôde receber, porque o não vê, nem no conhece: mas vós o conhecereis: porque elle ficará convosco, e estará em vós.” S. João 14:16, 17.

QUANDO Jesus fallou estas palavras, estava para ser entregue á morte. Elle viu chegado o tempo em que convinha deixar os seus discipulos para pôr a sua vida na cruz e para logo depois subir aos céos a servir de Advogado e de Pontifice entre Deus e os homens. Elle bem sabia quanto os seus servos haviam de lastimar a perda de seu Mestre, e movido pela sympathia que lhes tinha tratou de dar-lhes conforto e consolação. Nem faltavam ao Salvador meios para supprir a necessidade que sentiam de um Guia e Consolador. Elle mesmo não podia por mais tempo ficar pessoalmente na terra, ensinando-lhes como até então costumára. “Era necessario,” como se diz em Actos 3:21, “que o céu recebesse a Jesus até aos tempos da restauração de todas as cousas.” A obra da nossa salvação necessitava que nosso Senhor não só pagasse por nossos peccados cá na terra, mas igualmente que reinasse e intercedesse em nosso favor á mão direita do Pai nos céos. Não sendo possivel que Jesus estivesse corporalmente presente no céu e na terra ao mesmo

tempo, era necessario que deixasse os seus discipulos e que subisse aos céos, d'onde ha de vir no ultimo dia para julgar o mundo inteiro.

A noticia de que Jesus em breve ia deixar os seus discipulos, era para estes bem triste. Elles não sabiam passar sem estar no meio delles o mestre que tanto tempo seguiam. Julgavam que tudo ia perdido logo que Jesus deixou de comparecer como de costume para lhes dar conselhos e preceitos. Nem era de admirar que elles se mostrassem tristes com a noticia da proxima partida do Salvador. A fraqueza delles não permittia que ficassem sem a presença e sem o auxilio de alguma pessoa sabia para os guiar, poderosa para os proteger, e cheia de amor para sympathisar com elles.

Nosso Senhor, portanto, prometeu enviar-lhes uma pessoa que tivesse estas condições. Deu-lhes a promessa da vinda de outro Consolador cuja bondade e poder e sabedoria seriam não menos perfectos do que a bondade e o poder e a sabedoria que elle mesmo mostrára.

Quanto Jesus era bom para com seus discipulos! Vendo chegada a hora em que convinha que elle os deixasse, prometeu não deixa-los orfãos. Deu-lhes a promessa de outro Consolador para supprir as suas vezes, a fim de que não ficassem abandonados e desconsolados.

Sendo esta promessa feita a nós tanto como aos apóstolos, será bom examinarmos o sentido e o alcance della. Muito precisamos de Consolador e de Guia sabio para nos mostrar o caminho bom. Jesus tem nos deixado a nós tanto como deixou aos

primeiros discipulos. Na falta d'elle é essencial haver quem nos possa ensinar e valer no meio das angustias e das incertezas e das tentações do mundo.

Quem é o Consolador de que Jesus falla, quaes as qualificações d'elle e quaes as condições da nossa parte para que este Consolador venha a cada um de nós? Muito nos convém saber tudo isto. Vai nisto a salvação das nossas almas; porque é tão impossivel que o homem se salve sem o auxilio deste Consolador, como fôra salvar-se sem que Jesus morrêra na cruz. É absolutamente necessario que o sangue de Jesus apague a nossa iniquidade. Também é necessario que elle nos dê, segundo esta promessa, outro Consolador para que este fique eternamente conosco.

Nosso Senhor mesmo explica de quem é que fallava. Este Consolador é o Espirito de verdade, a quem o mundo não pôde receber porque o não vê nem no conhece; mas que é conhecido dos crentes e está nelles. É claro que se entende o Espirito Santo. Este é quem habita nos servos de Deus, ensinando-lhes todas as verdades necessarias á salvação e consolando-os nas tristezas e nos desgostos da vida. E é verdade o que se diz do mundo. O Espirito Santo só serve de Consolador e de Guia aos crentes. O mundo não o vê nem no conhece nem pôde recebe-lo. A descripção que el Senhor nos dá é de todo exacta.

Em S. João 14:26 se diz expressamente que “o Consolador é o Espirito Santo a quem Deus manda em nome de Jesus para ensinar aos crentes todas as cousas.”

No mesmo Evangelho de S. João 16:13, 14 tornou a prometter que mandaria o Consolador, empregando palavras tão claras que é impossivel duvidar de quem é que fallava.

“Quando vier porém aquelle Espirito de verdade, elle vos ensinará todas as verdades: porque elle não fallará de si mesmo: mas dirá tudo o que tiver ouvido, e annunciar-vos-ha as cousas que estão para vir. Elle me glorificará: porque ha de receber do que é meu, e vo-lo ha de annunciar.” S. João 16:13, 14.

Depois da resurreição e antes de subir aos céos, nosso Senhor de novo prometteu aos seus discipulos a vinda do Espirito Santo, e até ordenou que não sahisses de Jerusalem emquanto se não cumprisse esta promessa. Elles obedeceram, e, com effeito, cincoenta dias depois da resurreição e dez dias depois da assumção de Jesus, o Espirito Santo foi derramado sobre todos os crentes que, fiando-se na palavra de Jesus, estavam reunidos em Jerusalem.

“E comendo com elles, lhes ordenou que não sahisses de Jerusalem, mas que esperassem a promessa do Padre, que ouvistes (disse elle) da minha boca.” Actos 1:4.

“Mas recebereis a virtude do Espirito Santo, que descera sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalem, e em toda a Judéa, e Samaria, e até ás extremidades da terra.” Actos 1:8.

“E foram todos cheios do Espirito Santo, e começaram a fallar em varias linguas, conforme o Espirito Santo lhes concedia que fallassem.” Actos 2:4.

Desde aquelle dia até hoje o Espirito habita nos fieis, ensinando-lhes tudo quanto é necessario á salvação, augmentando-lhes a fé e o amor e a esperança, consolando-o se fortalecendo-os para soffrer com paciencia todos os males desta vida terrena.

“Acaso não sabeis que os vossos membros são templo do Espirito Srnto, que habita em vós, o qual tendes por vo-lo haver dado Deus, e que não sois mais de vós mesmos?” 1ª Cor. 6:19.

“Mas assim como está escrito: Que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jámais veio ao coração do homem, o que Deus tem preparado para aquelles que o amam: porém Deus no-lo revelou a nós pelo seu Espirito: porque o Espirito tudo penetra, ainda o que ha de mais occulto na profundidade de Deus. Porque qual dos homens conhece as cousas que são do homem, senão o espirito do homem, que nelle mesmo reside? assim tambem as que são de Deus ninguem as conhece, senão o Espirito de Deus. Ora nós não recebemos o espirito deste mundo, mas sim o Espirito que vem de Deus, para sabermos as cousas que por Deus nos foram dadas: o que tambem annunciamos não com doutas palavras de humana sabedoria, mas com a doutrina do Espirito, accomodando o espiritual ao espiritual. Mas o homem animal não percebe aquellas cousas que são do Espirito de Deus: porque lhe parecem uma estulticia, e não as póde entender: porquanto ellas se ponderam espiritalmente.” 1ª Cor. 2:9-14.

Que admiravel é esta doutrina! O Espirito Santo consente a habitar em creaturas tão indignas

como somos nós! E faz isto, não por achar tal morada digna de ser escolhida, pois a verdade é bem diversa. O Espirito Divino é santo e puro e perfeito, enquanto que nós somos impuros e criminosos e imperfeitos. O Bemdito Espirito só habita nos homens a fim de obrar nelles o arrependimento e a fé e a santidade, sem o que está declarado que ninguém póde ser salvo. Todos os bens espirituaes são gratuitos, isto é, não são merecidos, mas sim dados de pura graça. Isto póde ser dito com a emphasi peculiar do maior dom que ha, a não ser a morte do Salvador em nosso favor. O dom do Espirito Santo é só de graça, e manifesta tanto amor da parte de Deus, que ficamos de todo admirados. É impossivel explicar tal amor. A altura e a profundidade d'elle excedem todo o entendimento humano. Porém felizmente o facto é indisputavel. Nosso Senhor, sempre fiel ás sus promessas, offerece-nos o dom do Espirito Santo, dizendo que este ficará eternamente connosco.

E para que vem o Espirito Santo? Por que havemos mister d'elle? Como póde o Espirito Santo consolar-nos da ausencia de Jesus? Conferindo-se as passagens das Escrituras que explicam a obra do Espirito Santo, a resposta torna-se facil.

1°. O Espirito Santo fica morando nos crentes. Em razão de ser incorporeal e infinito, isto é, em razão de não ter corpo, o Espirito Santo habita no interior de todo o servo de Deus. De dia e de noite, desde o momento em que o peccador se arrepende e confia no Salvador, o Divino Espirito habita nelle, servindo-lhe de Ensinador e de Guia e de

Consolador. É de certo grande vantagem ter não só quem nos acompanhe sempre, mas quem habite dentro de nós para nos ajudar e valer. Nosso Senhor não podia estar sempre com os seus discipulos. Muitas vezes tinha de retirar-se delles, e nessas occasiões elles corriam risco de negar a fé e de cahir em graves erros e peccados. E, depois de ver acabada a sua missão na terra, Jesus tinha necessidade de subir aos céos para servir-nos de Advogado e de Pontifice na presença de Deus. Porém o Consolador que elle prometteu enviar de Deus, nunca abandona a ninguem em cuja alma uma vez consente a morar. É por isso Jesus disse, S. João 14:28, que os discipulos deviam regozijar-se da sua partida, porque em consequencia da sua partida o Espirito Santo havia de vir. E diz mais, S. João 16:7, que convinha que elle fosse, porque de outra maneira não viria o Consolador. Tudo isto nos dá a entender que não nos convém queixar de que Nosso Senhor não habite corporalmente na terra. É melhor que tenha assento no throno de Deus nos céos, protegendo-nos pela sua poderosa intervenção, e pela sua intercessão advogando a nossa causa perante Deus. Não falta nada aos crentes, porque o Espirito Santo habita nelles, facilitando os meios de santificação da alma e de esclarecimento do espirito de todo o servo de Christo. Na grande obra da salvação tudo está previsto e anticipado. Tudo que diz respeito á remissão de peccados e á santificação da alma e á illustração do entendimento, está disposto com tal acerto, que o mais vil peccador que descança na intervenção do Senhor não corre risco

algum de ficar perdido. Jesus veio ao mundo a fim de remir as almas perdidas, e, feito isto, de novo assentou-se á direita de Deus para servir de Mediador entre Deus e os homens. Para que na ausencia delle os seus servos não ficassem abandonados e desesperados, prometteu enviar o Espirito Santo para ficar sempre nelles. A vinda do Salvador era prova admiravel de sua extremada bondade. A assumpção delle aos céos não o era menos, porque subiu aos céos com o fim expresso de mandar o Espirito Santo para completar o que restava da obra da salvação.

E Jesus chama-se o Principe da Salvação.

“Porque convinha que aquelle, para quem são todas as cousas, e por quem todas existem, havendo de levar muitos filhos á gloria, consummasse pela paixão ao author da salvação delles.” Heb. 2:10.

“E pela sua consummação veio a fazer-se o Author da salvação eterna, para todos os que lhe obedecem.” Heb. 5:9.

N’um campo de batalha não seria bom que o general em chefe se misturasse com os combatentes. É melhor collocar-se em lugar d’onde possa avistar não só os seus soldados mas tambem as forças do inimigo, vendo tudo o que se passa e enviando socorros para onde haja precisão delles. O Principe da salvação, assentado no throno dos céos, dirige a guerra que os seus servos fazem contra os proprios vicios, contra o mundo e contra o inimigo das almas. Não ha nenhum aperto que não tenha meios de escapar. O entendimento póde ser cego, e o coração endurecido, e a alma fraca para resistir ás tentações

da carne e do mundo e do demonio. Porém Jesus, por meio do Espirito Santo, dissipa as trevas da ignorancia, toca e abranda o coração, e descobre quanto são vãos e perigosos os deleites carnaes e quanto são melhores os bens espirituaes. O Espirito Santo auxilia aos fieis nas difficuldades, nos apertos e nos perigos em que se acham. Sahem vencedores, porque Jesus, segundo a promessa de que tratamos, envia-lhes o poderoso auxilio do Espirito Santo.

Meus ouvintes, estas palavras de nosso Senhor esclarecem certos factos que estamos vendo todos os dias, factos que são tão singulares e extraordinarios que carecem de ser explicados. /

1º. O primeiro desses factos é a indifferença, a incredulidade, a ignorancia, mesmo a estupidez da maior parte dos homens quanto á sorte das suas almas. Os grandes interesses do mundo não são os da alma immortal. Bem poucos são os que fazem caso do futuro das suas almas. Uns trocam a felicidade eterna por prazeres mundanos, outros pelas dignidades e honras tão appetecidas dos homens. Ou, se por acaso cuidam na salvação da alma, facilmente acreditam tudo quanto dizem os homens a respeito dos meios da salvação, e zombam e desprezam a palavra de Deus. Como é raro encontrar com quem procura saber a vontade de Deus, indagando nas Escrituras Sagradas onde se acham as mesmissimas palavras de Deus! Quantas pessoas haverá nesta cidade que assim se occupam na leitura das Escrituras? E do outro lado quantos não são os que cegamente obedecem aos costumes do paiz, prefe-

rindo serem guiados por leis impostas por homens cujo character elles mesmos reprovam! E mesmo daquelles que têm o livro de Deus e ás vezes se dão á leitura d'elle, quantos não ha que pouco ou nada entendem do que lêem! Os escribas e os fariseos antigos tinham estudos e intelligencia, e costumavam ler com diligencia o Velho Testamento; mas, não obstante, perseguiram e crucificaram ao Messias de quem esse livro falla em todas as paginas. Da mesma maneira hoje ha pessoas instruidas que têm os Evangelhos de Jesus Christo e as Epistolas dos Apostolos sem colherem a boa nova de que a salvação da alma é cousa de pura graça, é cousa que não se merece, mas que se dá de graça a todos aquelles que se arrependem de suas culpas e se chegam a Deus, crendo na intervenção do Salvador Jesus.

Bem extraordinarios são estes factos! O Evangelho os explica. O Espirito Santo, o Consolador, o Espirito de verdade, não mora nesses homens incredulos. Elles nunca pediram em nome de Jesus o dom do Espirito Santo para lhes ensinar as verdades necessarias á salvação. Talvez ignorem que necessitam de guia em materia de fé, ou preferem fiar-se no que dizem os homens.

Para que cada um se examine a si mesmo, pergunto eu, quantos haverá entre nós que se deixam guiar pelo Espirito que procede de Deus e que Jesus envia a todos os que lh'o pedem? É impossivel comprehender as verdades necessarias á salvação sem que o Espirito Santo nos esclareça. Por mais douto ou sabio que seja, ninguem é capaz de achar o bom caminho pela luz da razão. E, por

outro lado, com a assistencia do Espirito Santo basta mui pouca intelligencia para ficar salvo. Tudo depende do Espirito Santo. Este só obedece á voz de Jesus, e portanto só habita nos que pedem este dom precioso em nome d'elle.

Acreditemos nós todos nesta palavra que diz: “Eu rogarei ao Pai, e elle vos dará outro Consolador, para que fique eternamente comvosco, o Espirito de verdade, a quem o mundo não póde receber, porque não o vê, nem no conhece: mas vós o conhecereis: porque elle ficará comvosco, e estará entre vós.” S. João 14:16, 17.

A promessa é clara. Aquelle que a fez é fiel e poderoso, e sem duvida ha de cumpri-la a nosso favor. Haverá aqui quem se sintá cego e ignorante e deseje gozar da luz do Evangelho? Digo á tal pessoa: Tendes facil recurso. Ha quem vos póde valer. A palavra de quem não póde errar nem mentir, diz: “Eu rogarei ao Pai e elle vos dará outro Consolador, o Espirito de verdade. Elle vos ensinará todas as cousas.”

Digo á tal pessoa: Acreditai nesta promessa. Ide pedir a Deus em nome de Jesus este dom tão precioso. Pedi-lhe com consciencia da vossa fraqueza e da cegueira de vosso entendimento. Pedi-lhe com plena fé no Salvador, porque é elle quem promette enviar o Espirito Santo. Lêde e estudai a palavra de Deus, desejando colher não as doutrinas de que o vosso coração mais gostar, mas sim o sentido que o Espirito lhe dá. Estudando o livro de Deus com esta disposição, não tardareis a saber tudo o que é necessario saber, e com tal evidencia e

luz que não podeis imaginar como vos era possível ser antes tão cego e ignorante.

Quanto ás cousas espirituaes, não ha comparação entre a luz do Espirito Santo e a da intelligencia do homem mais sabio que houver, seja este quem fôr.

“Naquelle tempo respondendo Jesus, disse: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do céo e da terra, porque escondeste estas cousas aos sabios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.” Salm. 8:3; S. Matt. 11:25; 16:17; S. Luc. 10:21; 1ª Cor. 1:19, 27; 2:8; 2ª Cor. 3:14.

Temos mais um facto que necessita de explicação. Ha muitas pessoas de poucos recursos e da baixa classe da sociedade, as quaes, não obstante serem obrigadas a lutar com quasi todos os males da presente vida, parecem sempre contentes e alegres. Em vez de se queixarem da má sorte que Deus lhes depara, dão constantes louvores pelas bençãos que gozam e de que se confessam indignas. Não têm inveja dos ricos e poderosos, porque conhecem uma fonte de deleites que estes ignoram. Em todas as épocas tem havido taes pessoas. Os apóstolos pareciam passar muito mal—odiados dos homens, perseguidos de cidade em cidade, e a final feitos victimas do furor dos seus inimigos. Desde aquelle tempo até hoje não é raro encontrar pessoas que parecem igualmente desgraçadas, e que realmente gozam da mesma paz e tranquillidade de que os apóstolos gozaram. S. Paulo até se regozijava dos soffrimentos que lhe vieram por amor do Evangelho.

Como havemos de explicar tudo isto? Leiamos mais uma vez a palavra divina de que tratamos. Jesus diz aos seus discipulos, tristes por ouvirem que elle ia deixa-los: “Eu rogarei ao Pai, e elle vos dará outro Consolador para que fique eternamente comvosco.”

Aqui vemos tudo explicado. A tranquillidade do espirito, o contentamento e a alegria que essas pessoas mostram até no meio dos revezes e das afflicções da presente vida, são devidas á presença do Consolador promettido nesta passagem do Evangelho. O Espirito Santo habita nelles, fazendo-os alegres tanto com a experiencia que agora têm do amor de Deus, como com a certeza das melhores cousas que desfrutarão na vida futura. Taes pessoas têm comida e bebida de que o mundo não faz idéa. São alegres quando o mundo entende que devem estar tristes.

Na *Viagem do Christão* falla-se de um fogo acceso ao pé de uma muralha que, não obstante uma pessoa occupar-se com muita presteza em lançar-lhe agua para apaga-lo, se inflammava cada vez mais, lançando ainda mais altas as suas chammas. *Christão* estava vendo este facto singular sem saber explicar como um fogo podia tornar-se mais ardente emquanto se lhe lançava torrentes d’agua. O seu companheiro, que era chamado Interprete, levou-o para o outro lado do muro e fe-lo vêr outro homem que tinha um grande vaso de azeite nas mãos e delle occultamente e sem parar deitava no fogo.

Nisto se vê figurada a obra do Espirito Santo. Os males e as afflicções e as tentações do mundo

são a agua que ameaça apagar no coração o fogo de amor a Deus; mas uma pessoa que o mundo não vê nem conhece está inflammando cada vez mais os corações dos crentes. Estes sabem pela propria experiencia quanto Jesus é fiel a esta promessa. O Consolador está nelles, ensinando-lhes e enchendo-lhes a alma de gozes espirituaes.

Eu não estranharia muito se houvesse entre os meus ouvintes pessoas que tenham feito prova da verdade de tudo isto, pessoas que não consentiriam em trocar a satisfação que agora sentem meditando no amor de Jesus e na bemaventurança que lhes é reservada nos céos, pelas maiores honras que o mundo lhes possa offerecer. Se o diabo, levando-nos a um alto monte, nos fizesse a promessa que fez a Jesus na hora da sua tentação, se elle nos mostrasse todos os reinos do mundo e a gloria delles, promettendo dar no-los com a condição de receber o nosso culto, certamente lhe diriamos como disse Nosso Senhor: "Vai-te, Satanaz;" porque toda esta gloria não tem comparação com a consolação e a alegria e o amor de que o Espirito Santo enche a coração de todo o crente.

OS FILHOS DO PACTO.

“Porque para vós é a promessa, e para vossos filhos, e para todos os que estão longe, quantos chamar a si o Senhor nosso Deus.” Actos 2:39.

A PROMESSA em que falla este verso, é a mesma que se acha no verso 38, e que diz que todo o que se arrepender e se deixar baptizar em nome de Jesus Christo, receberá a remissão de seus peccados e o dom do Espirito Santo. A isto, Pedro acrescenta, “porque para vós é a promessa, e para vossos filhos,” etc. Como me parece, o apóstolo aqui deu a conhecer que na nova lei assim como na velha, a alliança feita entre Deus e os crentes comprehende os filhos destes. A mais facil e simples interpretação que posso dar ás palavras de Pedro é que elle queria affirmar que Deus não só perdôa e justifica a todos que se arrependem e são baptizados em signal da sua fé, mas tambem se torna o Deus e o Pai de seus filhos, concedendo-lhes por signal e sello desta graça, o sacramento do baptismo. A crença geral tem sido e ainda é que todo o crente, unindo-se ao Senhor pela fé, é permittido não só receber para si o sello da nova Alliança, o qual é o baptismo, mas igualmente tem o direito ao baptismo de seus filhos que ainda não estejam com a idade sufficiente para professar a sua propria fé.

Esta doutrina é a minha, e segundo creio, é a dos apóstolos e da palavra divina.

Vou manifestar as idéas e convicções que tenho a este respeito, e os fundamentos que tenho para assim crer e obrar. Quero satisfazer o escrupulo que tem feito a alguém concluir que o Novo Testamento tira á igreja christã um privilegio que a igreja antiga muito apreciava—o privilegio de os pais dedicarem os seus filhos a Deus por meio de um rito que representa e sella as bençãos da alliança que existe entre Deus e o seu povo.

Todos devem saber que antigamente a circuncisão servia para os mesmos fins que agora tem o baptismo. Todo aquelle que quiz unir-se á antiga igreja foi circuncidado, assim como hoje em dia querendo alguém ser admittido como membro da igreja, é baptizado. É util haver algum rito visivel que possa servir para fazer publica a profissão da nossa fé. Antigamente a circuncisão era esse rito, e desde os tempos dos apóstolos até agora, em lugar da circuncisão o baptismo tornou-se a cerimonia da iniciação ou da introduccão na sociedade dos povos de Jesus Christo. A doutrina que agora vou sustentar é que na igreja christã tanto como na igreja antiga, o sello da alliança que existe entre Deus e os crentes é não só para os crentes, mas para os filhos dos que sejam crentes. Porque a promessa é não sómente para vós, mas tambem para vossos filhos. Peço a todos que me prestem estreita attenção, visto que o assumpto requer alguns esclarecimentos e argumentos.

Em primeiro lugar, o direito dos pais crentes

para dedicar seus filhos ao Senhor pelo rito de baptismo, funda-se na practica da antiga igreja.

Um artigo da nossa fé diz assim: “Cremos n’uma só igreja catholica.” Estas palavras dão a conhecer que realmente nunca houve nem haverá senão uma só igreja—que desde a quéda dos nossos primeiros pais até hoje a igreja verdadeira é uma só. Moysés e David e Isaias e todos os antigos eram membros da igreja de Deus pela mesma fórma que nós hoje o somos. Elles não só acreditaram no mesmo Deus, mas tambem se salvaram pelo sangue do mesmo Redemptor. A sua fé e a nossa não differem quanto ao essencial. A grande differença é que nós temos mil vezes mais luz e maiores privilegios. Tem-se abolido muita cerimonia e rito’ introduzido no tempo de Moysés para figurar e symbolizar a redempção que Jesus havia de fazer, e que agora não tem mais valor. Porém a cousa principal não foi abolida e nunca será abolida, isto é, a alliança que existe entre Deus e aquelles que fiam-se nas suas promessas. As Escripturas muitas vezes dizem que os crentes agora são filhos de Abrahão e herdeiros das antigas promessas. “Os que são da fé, são filhos de Abrahão.” Pois bem, o argumento é este: Se a alliança ainda existe, devemos crer que os seus termos ainda são os mesmos, não havendo qualquer Escriptura que diz o contrario. Se os membros da igreja antigamente tinham direito de manda pôr nos seus filhos o sello do pacto divino, quem nos tirou esse direito? Que passagem do Novo Testamento dá fundamento sólido para crer que foi abolido um privilegio que desde a epocha de Abrahão até hoje

foi tido por um dos maiores—o privilegio de firmar com Deus um concerto ou uma alliança que assegura a nossos filhos tanto como a nós mesmos a protecção, a misericordia e a graça do Senhor nosso Deus. A promessa dada a Abrahão, e da qual todos os que são crentes, são herdeiros está assim escrita: “E estabelecerei o meu pacto entre mim e ti, e entre os teus vindouros no decurso das suas gerações, por um concerto eterno: para que eu seja o teu Deus, e o da tua posteridade depois de ti.” Gen. 17:7.

Conferindo esta promessa com o que Paulo diz: “E recebeu o sinal da circumcisão, como sello da justiça da fé, que teve no prepucio: afim de que fosse pai de todos os que crêm estando no prepucio, de que tambem a elles lhes seja imputado a justiça: e seja pai da circumcisão, não sómente áquelles que são da circumcisão, senão tambem aos que seguem as pisadas da fé, que teve nosso pai Abrahão antes de ser circumcidado. Porque a promessa a Abrahão, ou á sua posteridade, de que seria herdeiro do mundo, não foi pela lei, mas pela justiça da fé. Porque se os da lei é que são os herdeiros, fica anniquilada a fé, sem valor a promessa. Porque a lei obra ira. Porquanto onde não ha lei, não ha transgressão. Em consequencia do que pela fé é que são os herdeiros, afim de que por graça a promessa seja firme a toda a sua posteridade, não sómente ao que é da lei, senão tambem ao que é da fé de Abrahão, que é pai de todos.” Rom. 4:11–16. Vê-se claramente, que nunca foi annullada a alliança feita com Abrahão. Todo o crente herda a promessa que

compreende também aos seus filhos. Para representar visivelmente este facto e para confirmar a fé do seu povo, ha agora e sempre tem havido um sacramento instituido por Deus. Até a morte de Nosso Senhor a circumcisão era tal sacramento, servindo como diz São Paulo, “do sello da justiça da fé.” Isto quer dizer que o sello visivel que provou aos Israelitas que Deus os justificou pela fé, era a circumcisão. Ainda é pela fé que somos justificados. Ainda existe um meio de sellar ou provar visivelmente que Deus justifica gratuitamente os que n'elle crêm. A questão agora versa sobre o direito que têm pais que são crentes, de mandar pôr este sello nos seus filhos. Antigamente a promessa comprehendia os filhos de pais crentes, e por consequencia elles foram circumcidados. A mesma promessa é feita a nós, e por consequencia, nossos filhos tanto como os dos antigos servos de Deus, têm direito ao sello da alliança entre Deus e o seu povo. Ninguém pôde citar passagem alguma que *revoga* e *annulla* este direito e privilegio, ou estabeleça o contrario. É verdade que *muita cerimonia* e rito e sacrificio da lei de Moysés foi revogado depois da morte de Nosso Senhor. Porém a alliança, cujo sello era a circumcisão e agora é o baptismo, não era parte da lei de Moysés e tão pouco foi abolida com a introdução da nova lei. Somos ainda filhos do pai dos fieis, se é que temos a fé de Abrahão. E em quanto Deus não ordenar o contrario, temos todo o fundamento para persistir na crença consoladora que na mesma santa alliança nascem os nossos filhos. “Porque para vós é a promessa,” etc.

A isto respondem alguns: para que serve o baptismo de crianças? É impossível que seja de utilidade, pois uma criança não póde nem aceitar nem recusar a alliança, cujo sello é o sacramento do baptismo? Em materias religiosas este modo de argumentar não tem cabimento. Não é assim que se decide uma questão destas. Era muito facil perguntar, para que servia o antigo sello da alliança posto por signal nos filhos dos crentes? É tão facil explicar a utilidade que se tira do baptismo, como era explicar o valor da circumcisão, porque quanto ao essencial, estas duas ceremonias não differem uma da outra. A circumcisão não tinha por si a virtude de lavar os peccados da pessoa circumcidada. Mas nem por isso deixava de ter utilidade. Era o sello que servia para confirmar o concerto estabelecido entre Deus e os servos de Deus juntamente com os seus filhos. O baptismo é a mesma cousa e serve para os mesmos fins. Tudo quanto ensinou Nosso Senhor, concorda perfeitamente com o que fica dito. Elle não fez uso de palavra alguma que annulla o privilegio dos filhos de pais crentes.

Diz São Marcos, capitulo 10, versos 13 até 16: “Então lhe apresentavam uns meninos para que os tocasse: mas os discipulos ameaçavam aos que lhos apresentavam. O que vendo Jesus, levou-o muito a mal, e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embarceis: porque dos taes é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Que todo o que não receber o reino de Deus como pequenino, não entrará nelle. E abraçando-os, e pondo sobr’elles as mãos, os abençoava.”

Póde ser que tudo isto não seja sufficiente para decidir o ponto em discussão. Traduzida ao pé da letra, a palavra de Jesus não diz que entre os participantes de privilegios religiosos devem ser contados os filhos daquelles que com fé os dedicam ao Senhor. Mas tanto as palavras de Nosso Senhor como o seu proceder, dando uma reprehensão aos discipulos que ameaçavam aos que trouxeram os meninos, e abraçando-os, appoiam fortemente a nossa doutrina. Qual será o pai de familia que não se sente commovido pela leitura desta narração, e animado para apresentar os seus filhos ao Senhor pelo modo por elle instituido. Póde haver quem lhe faça opposição. Este póde ser um dos discipulos de Jesus que entende que as promessas e as bençãos e o sello da nova alliança são unicamente para homens e mulheres crescidos. Que elle persevera até receber sobre os seus filhos a benção do Senhor.

A mais simples interpretação das palavras, “dos taes é o Reino de Deus,” é que no numero dos filhos de Deus entram tambem os pequenos. Se isto é assim, sem duvida devem ser baptizados.

Os apóstolos nas sua cartas e na sua pratica estabelecem a mesma doutrina. Pedro no primeiro sermão pronunciado no dia de Pentecoste disse, “Porque para vos é a promessa e para vossos filhos.”

De accordo com esta doutrina, quando qualquer pai ou mãe de familia fez-se crente, foi baptizado juntamente com a familia. Nos Actos dos Apóstolos, cap. 16, verso 14 a 15 se diz: “E uma mulher

por nome Lydia, da cidade dos Thyatirenos, que commerciava em purpura, serva de Deus, ouviu: o Senhor lhe abriu o coração, para attender áquellas cousas que por Paulo eram ditas. E tendo sido baptizada ella, e a sua familia, fez esta deprecação dizendo: Se haveis feito juizo de que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e pousai nella. E nos obrigou a isso.” Tambem se diz no verso 35 do mesmo capitulo: “E tomando-os naquella mesma hora da noite, lhes lavou as chagas: e immediatamente foi baptizado elle, e toda a sua familia.”

Na 1ª Epistola aos Corintios, capitulo 1º, verso 16: “E baptizei tambem a familia de Estéfanos: não sei porém se tenho baptizado a algum outro.”

Não é de crer que todos os membros dessas familias fossem homens ou mulheres já crescidos.

Na 1ª Ep. aos Cor. 7:14, se diz, que sendo qualquer dos pais do numero dos fieis, os filhos são santos, isto é, consagrados a Deus. Aqui vê-se provado com toda a evidencia que o estado dos pais decide o estado dos filhos. O pai que se professa christão, introduz consigo os seus filhos na sociedade dos fieis, e por tanto estes devem ser baptizados.

É muito natural que assim aconteça. Este principio prova-se por mil factos. Deus fez com nossos primeiros pais um concerto, prometendo-lhes a vida eterna se não comessem do fruto prohibido, e ameaçando-os com a morte se não obedecessem. Este concerto nos comprehendeu a nós. O peccado de Adão decidiu da sorte de seus filhos. Deus tornou a fazer um concerto com Abrahão, dizendo que

aquelle concerto havia de ser eterno e de comprehender a sua descendencia. Esse concerto existe e assegura a nós e a nossos filhos a remissão de peccados e a vida eterna. Fóra da igreja, o mesmo principio está em vigor. Sendo o pai cidadão de qualquer paiz, tambem o é o filho d'elle. Tão estreito é o laço entre os pais e seus filhos que o acto daquelles torna-se até certo ponto o destes tambem. Todas as leis e os usos reconhecem este principio. Tanto o Novo como o Velho Testamento reconhece muitas vezes tal principio.

Que efficacia tem o baptismo applicado a crianças que não tem idade bastante para crer por si mesmos? Em taes casos, o baptismo é da parte de Deus o signal e o penhor de ser o seu concerto feito não só com os crentes, mas igualmente com seus filhos. Todo o concerto tem duas partes, cada uma dellas obrigando-se a certas cousas. Os pais são uma das partes contrahentes, pois é em virtude da sua fé que os seus filhos são baptizados; e Deus é a outra parte. No acto de apresentarem seus filhos e de tomarem sobre si a responsabilidade de cria-los na fé verdadeira, os pais não só fazem registrar seus filhos no ról da igreja visivel, mas estabelecem da sua parte um concerto espirital entre Deus e os filhos que lhes tem sido confiados por Deus. A utilidade deste acto solemne não se liga necessariamente ao momento em que foi feito. Nem se liga á agua do baptismo nem depende do character daquelle que ministra o sacramento. Depende da benção de Deus e da operação do Seu Espirito que obra quando e como lhe melhor pareça. O que é

certo é, que o ser descendente de pais christaos não é cousa indifferente. Dão-se casos todos os dias que provam que os filhos seguem muito de perto as pizadas de seus pais. A palavra de Deus tambem affirma que não é cousa indifferente o ser nascido de pais que fielmente guardam o concerto de Deus. Deut. 7:9: “Saberás pois, que o Senhor teu Deus é o Deus forte e fiel, que guarda o seu pacto e a sua misericordia aos que o amam, e aos que cumprem os seus preceitos até mil gerações.”

Exodo 20:6: “E que usa de misericordia até mil gerações com aquelles, que me amam, e que guardam os meus preceitos.”

Psalmo 102:17, 18: “Mas a misericordia do Senhor está desde a eternidade e até á eternidade, sobre os que o temem; e a sua justiça sobre os filhos dos filhos, para com aquelles que guardam a sua alliança.” Vê-se pois que a promessa feita aos pais que guardam o concerto divino, comprehende aos seus filhos. O baptismo de seus filhos é pois da parte de pais crentes um solemne acto declarativo do concerto que existe entre Deus e elles e a sua descendencia. É para assim dizer um acto de adhesão á alliança que Deus estabelece com os fieis por todas as gerações.

Para que este acto tenha valor e utilidade não é necessario que o baptismo produza no mesmo instante o que significa, isto é, a remissão de peccado e a regeneração. Nem é indispensavel que a pessoa baptizada consinta no que se faz.

O valor do baptismo dos meninos depende a final e essencialmente da benção de Deus, que nunca

deixa mais tarde ou mais cedo de acompanhar todo o acto feito em attenção aos preceitos da sua santa lei.

Digo pois aos pais crentes com toda a confiança: não vos incommodeis com as objecções levianas que talvez se vos façam no sentido de desacreditar este acto religioso. Sede fieis em guardar e cumprir as promessas e obrigações que este acto importa da vossa parte, e não façais duvida de que Deus vos abençoará a vós e a vossos filhos; porque escripto está que elle disse ao pai dos fieis: “E estabelecerei o meu pacto entre mim e ti e entre os teus vindouros no decurso das suas gerações, por um concerto eterno, para que eu seja o teu Deus, e o’da tua posteridade depois de ti.” Pedro, referindo-se a isto disse tambem: “A promessa é para todos vós e para vossos filhos.” S. Paulo referindo-se ao mesmo concerto, tambem diz: “Se vós sois de Christo: logo sois vós a semente d’Abrahão, os herdeiros segundo a promessa.” Gal. 3:29. Segue-se por consequencia inevitavel, que os vossos filhos estam incluídos na promessa segundo os seus termos. S. Paulo, Rom. 13-16, diz sem rodeios que a promessa feita a Abrahão não foi pela Lei de Moysés, isto é, não era para aquelles que observaram a lei antiga, mas para todos os que eram da fé, de sorte que aquella promessa é para nós e para nossos filhos. É muito importante que este assumpto seja bem comprehendido. Tem-se abusado muito da doutrina do baptismo assim como a antiga igreja abusava da circumcisão. Alguns vendo estes abusos, fazem o que é muito natural a pobre natureza humana: puxam para o

lado contrario. Querem acabar d'uma vez com os abusos e com a mesma doutrina. Nada ha que dá mais triste idéa da fraqueza da razão humana, que esta tendencia a dar em extremes—a passar rapidamente de um a outro extremo—ora crendo que o baptismo póde tudo, ora crendo que para nada serve. Apontemos e cortemos as falsas idéas que alguns tem feito do baptismo, mas não o desprezemos, porque é o sello visivel d'uma graça invisivel.

Alguns por exemplo ensinam que o sacramento do baptismo por si lava os peccados e regenera a alma da pessoa baptizada. Segue-se por consequencia que as crianças que morrem na infancia vão para o céo se foram baptizados, e para o inferno se não o foram. Os Judeus faziam a mesmissima idéa da circumcisão. A circumcisão era o antigo sello da alliança e o baptismo é o novo sello da mesma alliança. Mas assim como muitas pessoas receberam o antigo sello sem possuirem o que elle significava, da mesma sorte agora ha muitas que não obstante serem baptizadas, não são Christãos do coração. Estes factos não provam a inutilidade nem da circumcisão nem do baptismo. Como já disse, não é necessario que o proveito do baptismo tenha lugar logo. É o sello que certifica as promessas que o Senhor dá aos pais de familia a respeito dos seus filhos. Quanto ao tempo conveniente para Deus obrar nelles a fé que salva, elle é quem decide isto. Continuam os pais a cumprir fielmente as suas obrigações na fé de que Deus será o Deus e o Salvador da sua posteridade segundo está escrip-

to. Não é permittido duvidar das promessas que nos convidam a pedir a Deus pelos bens que necessitemos, porque elle não nos responde no mesmo instante. Nem tão pouco deve-se concluir que foi applicado em vão o sello do baptismo a nossos filhos, só porque não appareça desde logo o seu effeito.

Outros entendem que o baptismo nada é senão um costume, ou pelo mais um meio de dar o nome á criança.

É provavel que não tenha tocado em todas as difficuldades deste assumpto nem é possivel faze-lo agora. Estou muito certo que a doutrina que acabo de explicar, tem por base toda a palavra de Deus e serve para magnificar a graça do Senhor o qual usa de misericordia com mil gerações daquelles que o amam e guardam os seus preceitos. Serve tambem para animar os pais de familia no cumprimento das obrigações que têm para com os seus filhos, fazendo-lhes ver que a promessa divina é para elles e para a sua posteridade.

Serve tambem para induzir aquelles que foram baptizados em virtude da fé dos pais, a ratificar depois de crescidos o acto dos pais, tomando sobre si a obrigação de obedecer aos preceitos do Senhor.

Nunca hei de me esquecer da impressão que me causou a noticia de haver meus pais me dedicado ao Senhor no baptismo com o fim de que eu fosse ministro do Evangelho de Jesus Christo, se o Senhor fosse servido de me chamar para este serviço. Sempre me lembrava disso, e estou certo que

essa lembrança muitas vezes não me deixava fazer cousas, que d'outra sorte tivéra feito. Tenho toda a fé nas promessas que dizem que Deus não abandonará nem os que guardam o seu concerto nem os seus filhos--que a linhagem dos justos será salva.

Amen.

O BAPTISMO.

“E depois que Jesus foi baptizado, sahi logo para fóra da agua : e eis que se lhe abriram os céos : e viu ao Espirito de Deus, que descia como pomba, e que vinha sobre elle. E eis uma voz dos céos, que dizia: Este é meu Filho amado, no qual tenho posto toda a minha complacencia.” S. Matt. 3:16, 17.

JESUS esteve em sujeição até á idade de 30 annos. Além do incidente de se demorar no templo fazendo perguntas que revelavam um espirito que não era de esperar em um menino de doze annos, nada se sabe ao certo. A Escritura Sagrada nada traz com o fim de satisfazer a curiosidade.

O assumpto é o começo de seu ministerio publico como Profeta de seu povo. S. João Baptista foi enviado para despertar attenção e preparar-lhe o caminho.

Não quiz baptisa-lo, e apparentemente com razão, pois Christo não tinha peccado algum de que se lavar, e o baptismo significa a lavagem da alma. Porém, embora isento de peccados proprios, Jesus veio pagar os peccados dos homens, e quiz principiar o seu ministerio por um acto expressivo dissc. Seu baptismo deve ser considerado como a sua voluntaria substituição pelos peccadores cujas almas veio remir. Desde aquella hora elle era o Fiador de seu povo crente.

Os céos se lhe abriram e o Espirito Santo em forma visível desceu sobre elle.

1º. É um milagre que attesta com toda a clareza a sua missão,

2º. Tem sentido mais importante ainda, pois indica que Jesus é o Christo, unguido pela communição do Espirito de Deus.

“Ungirás a Arão, e a seus filhos, e os santificarás para me servirem no sacerdocio.” Exodo 29:7; 30:30; Lev. 8:12 e 30.

A descida do Espirito Santo em fórma visível mostrou que Christo acabava de ser consagrado por Deus para ser o Salvador de seu povo.

“Sabeis que a palavra mencionada é Jesus de Nazareth: como Deus o ungiu do Espirito Santo, e de virtude; o qual andou fazendo bem, e sarando a todos os opprimidos do diabo, porque Deus era com elle.” Actos 10:38.

“O Espirito do Senhor repousou sobre mim: pelo que elle me consagrou com a sua unção, e enviou-me a prégear o Evangelho aos pobres, a sarar aos quebrantados de coração.” S. Lucas 4:18.

“Porque aquelle, a quem Deus enviou, esse falla palavras de Deus: porque não lhe dá Deus o Espirito por medida.” S. João 3:34.

“E todos nós participámos da sua plenitude, e graça por graça. E João deu testemunho, dizendo: Vi o Espirito que descia do céu em fórma de pomba, e repousou sobre elle.” S. João 1:16 e 32.

“Porque foi do agrado do Pai, que residisse nelle toda a plenitude.” Coloss. 1:19.

Convinha que ficasse patente este facto, e por tanto o Espirito Santo, que não tem fórma, se tornou visível em fórma de uma pomba.

Supponhamos que fazemos parte da companhia que rodeava o Baptista, e que somos testemunhas da descida do Espirito. Que conclusão tirariamos?

Que aquella pessoa acabava de ser consagrada divinamente para substituir os sacerdotes antigos, e habilitada para ser o Mediador entre Deus e os homens.

Embora a supposição seja gratuita, a mesma conclusão permanece: *Jesus é o Christo de Deus.*

Para confirmar ainda mais a fé dos homens, veio uma voz do céo. Como se um acto não fosse sufficiente, veio uma voz declarando a mesma verdade.

Realisou-se a visão de Jacob: a escada figurando que ha commercio entre Deus e os homens, e que a porta do céo se achava na terra.

“E vio em sonhos uma escada posta sobre a terra, e a sua summidade tocava no céo: e tambem os anjos de Deus subindo e descendo por ella, e o Senhor firmado na escada que lhe dizia: Eu sou o Senhor Deus de Abrahão teu pai, e Deus de Isaac: eu te darei a ti e á tua descendencia a terra em que dormes. E a tua posteridade será como o pó da terra: tu te dilatarás para o Occidente e Oriente, e para o Septentrião e Meiodia: e serão abençoadas em ti e na tua geração todas as tribus da terra. E serei teu guarda para onde quer que fôres, e te reconduzirei para esta terra: nem te desampararei

sem cumprir tudo o que te disse. E como Jacob tivesse despertado do somno, disse: Na verdade o Senhor está neste lugar, e eu o não sabia. E cheio de pavor disse: Quão terrível é este lugar! não ha aqui outra cousa senão a casa de Deus e a porta do céo.” Gen. 28:12-17.

E haverá ainda quem esteja perplexo, não sabendo a quem recorrer? haverá quem se conserve duvidoso ácerca da vontade divina a seu respeito? haverá quem continue a ignorar o que é indispensavel para que alguém possa valer-nos?

1º. É indispensavel que seja authorisado.

2º. Que seja de alta jerarchia para poder apresentar-se na presença de Deus.

3º. Que voluntariamente se encarregue da nossa salvação.

4º. Que possa dar-nos um coração novo.

5º. Que suas palavras e promessas sejam tão certas como se Deus mesmo as tivesse proferido.

Não sei o que mais possa dizer-vos.

Imaginai o que puderdes de util á vossa salvação, e eu vos mostrarei que Christo o tem, e que ninguém o tem senão Christo; “porque nelle habita toda a plenitude da divindade corporalmente.” Col. 2:9.

“E depois que Jesus foi baptisado, sahio logo para fóra da agua: e eis que se lhe abriram os céos: e vio ao Espirito de Deus, que descia como pomba, e que vinha sobre elle. E eis uma voz dos céos, que dizia: Este é meu Filho amado, no qual tenho posto toda a minha complacencia.” S. Matt. 3:16, 17.

Esta visão, este facto, nos instrue e anima: vemos aqui as tres Pessoas da Trindade occupadas na obra da Redempção:

O Filho, voluntariamente aceitando o cargo de Redemptor;

O Espirito, vindo repousar sobre elle para cooperar;

E Deus Pai, manifestando sua approvação em voz bem intelligivel.

A CÊA DO SENHOR.

“De maneira que quando vos congregais em um corpo, não é já para comer a Cêa do Senhor.” 1ª Cor. 11:20.

A PALAVRA *cêa* já não tem a força que tinha antigamente.

A phrase, “Cêa do Senhor,” é equivalente a “Banquete do Senhor.”

Proponho-me a explicar o fundamento que ha para chamar a esta cerimonia a Cêa do Senhor, e mostrar algumas consequencias que se tiram deste facto.

1º. É a Cêa do Senhor por ser elle quem a instituiu. “Porque eu recebi do Senhor, o que tambem vos ensinei a vós, que o Senhor Jesus na noite em que foi entregue, tomou o pão, e dando graças, o partio, e disse: Recebei, e comei: este é o meu corpo, que será entregue por amor de vós: fazei isto em memoria de mim. Por semelhante modo depois de haver ceado, tomou tambem o calis, dizendo: Este calis é o Novo Testamento no meu sangue: fazei isto em memoria de mim, todas as vezes que o beberdes.” 1ª Cor. 11:23-25; S. Lucas 22:19, 20.

Temos diante de nossos olhos um rito estabelecido na noite em que Nosso Redemptor foi entregue. Esta cêa divina tem atravessado 18 seculos,

e, embora muitas vezes desfigurada por praticas profanas, torna a apparecer em sua simplicidade primitiva, confirmando a fé dos verdadeiros servos do Senhor e demonstrando sua origem divina.

Hoje celebramos mais uma vez a Cêa do Senhor, observando á risca os preceitos do Evangelho, e rejeitando as ceremonias de origem humana que tendem a misturar-se com as leis de Deus como o musgo se mistura nas arvores e muros velhos. Felizmente temos um meio de fazer separação entre o que Christo ordenou e o que se acha prescripto em nome de Christo. Felizmente o Senhor não só velou pela trasmissão deste sacramento, mas tambem junto com elle nos dá uma revelação escrita, na qual vemos o ceremonial seguido pelo Senhor mesmo e pelos discipulos primitivos.

A nossa resposta aos que nos perguntarem sobre o acto que celebramos, poderá ser clara: É a Cêa do Senhor que nos reúne aqui. Obedecemos ao seu ultimo preceito, sem nos affastarmos em uma só virgula de seus termos. Se alguém estranhar a simplicidade deste acto, não terá razão alguma. Lendo os Evangelhos verá que a mesma simplicidade foi praticada no que se passou nessa noite fatal em que Christo foi trahido. Póde ser que o apparatus e a pompa tornassem este acto mais interessante para a multidão que só apprecia o visivel; mas, nesse caso, seria convertido em uma cousa sem significação nem valor espirituaes aquillo que devia ser a Cêa do Senhor. Poderia ser um magnifico espectáculo chamando com muita arte o concurso dos homens, mas nem por isso mereceria nunca o nome de

Cêa do Senhor. Só póde chamar-se por este nome *aquillo* que o Senhor mesmo instituiu.

2º. Dizendo que o Senhor mandou pôr esta mesa para que todos os seus discipulos juntos comessem e bebessem della, não tenho dito tudo. Isto chama-se a Cêa do Senhor não só em attenção a quem mandou celebra-la, mas tambem em attenção á comida e á bebida postas sobre esta mesa. Aos sentidos temos aqui pão e vinho. A vista, o cheiro, o paladar e o tacto dizem que estes elementos são pão e vinho. É impossivel contradizer o testemunho dos nossos sentidos, porque se estes nos enganam assim, póde-se duvidar de tudo, nem será possivel ter certeza de nada. Se os nossos sentidos mentem assim, não temos certeza da resurreição de Christo. Os apóstolos dizem que o viram; mas se estes elementos não são pão e vinho, a vista os póde trahir. S. Thomé apalpou suas mãos e pés; mas o tacto não prova nada, se estes elementos não são pão e vinho.

Porém não quero occupar-me de taes absurdos. Aceitemos o testemunho unanime dos sentidos de que Deus nos dotou, confessando que Christo tomou pão e vinho e os distribuio a seus discipulos, e que a comida e a bebida aqui preparadas são os mesmos elementos.

Mas as palavras de Christo e a exposição da natureza deste acto feita por S. Paulo dão a conhecer que este pão e vinho que a boca recebe offerecem á fé do que communga uma comida e uma bebida espirituaes. Como diz Santo Agostino, temos no pão e vinho signaes visiveis de uma graça invisivel.

Os nossos sentidos, em vez de nos enganarem grosseiramente, vêm ao soccoro da nossa fé, porque o que se passa na esphera do visível figura perfeitamente o mysterio da alimentação de nossas almas. No visível miramos o invisível. Christo se nos offerece como o pão da vida. A acção de partir este pão representa como o pão verdadeiro foi quebrantado sobre a cruz para dar vida ás nossas almas. O vinho derramado figura o sangue do Cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo. O simples ceremonial recorda o que se passou ha dezoito seculos. De um golpe de vista, percebemos o valor real do sacrificio consummado sobre a cruz. Temos aqui uma representação do facto fundamental da nossa fé, feita com tanta simplicidade que falla antes ao entendimento e ao coração de que aos sentidos. A nossa fé, estimulada e avivada por este quadro de Christo crucificado por nossos peccados, percebe os frutos da Paixão e exulta em Christo nosso Redemptor. Por tanto comemos a Cêa do Senhor em sentido importante e bello. Christo, real mas espiritualmente, se nos offerece como o pão espiritual, e todo o crente como tal o recebe não na boca mas no coração. O penhor desta recepção espiritual é o acto de comer o pão distribuido de conformidade com o preceito do Evangelho. Havendo da parte de quem communga a fé em Christo indispensavel, é tão certo que a sua alma come o pão espiritual que é Christo mesmo, como é certo que a sua boca recebe o pão que está visivelmente sobre esta mesa. Christo se nos offerece de boa fé e de um modo tocante. Se nós o aceitamos

com a mesma boa fé, sem duvida nenhuma: esta cêa será para nós a Cêa do Senhor. Em comparação com os beneficios que as nossas almas lucram, os mais sumptuosos banquetes do mundo são nada. Os convidados a estes tornam a sentir fome, pois “o que entra pela boca desce ao ventre e se lança ao depois n’um lugar escuso.” S. Matt. 15:17.

Mas tal não succede em relação á comida espiritual que a fé recebe e que entra no coração. “Eis-ahi estou eu á porta, e bato: se algum ouvir a minha voz, e me abrir a porta, entrarei eu em sua casa, e cearei com elle, e elle comigo.” Apoc. 3:20.

“E Jesus lhes respondeu: Eu sou o pão da vida: o que vem a mim, não terá jámais fome, e o que crê em mim, não terá jámais sede. Porém eu já vos disse, que vós me vistes, e que não credes. Todo o que o Pai me dá, virá a mim: e o que vem a mim, não no lançarei fóra: porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquelle que me enviou. E esta é a vontade daquelle Pai que me enviou: que nenhum perca eu de todos aquelles que elle me deu, mas que o resuscite no ultimo dia. E a vontade de meu Pai, que me enviou, é esta: que todo o que vê o Filho, e crê nelle, tenha a vida eterna, e eu o resuscitarei no ultimo dia. Murmuravam pois delle os Judeos, porque dissera: Eu sou o pão vivo, que desci do céu, e diziam: Por ventura não é este Jesus o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos? Como logo diz elle: Desci do céu? Respondeu pois Jesus, e disse-lhes: Não murmureis entre vós-outros: ninguém pôde vir a mim, se o Pai, que me enviou, o

não trazer e eu o resuscitarei no ultimo dia. Escrito está nos Profetas: E serão todos ensinados de Deus. Assim que todo aquelle, que do Pai ouviu, e aprendeu, vem a mim. Não que alguém tenha visto ao Pai, senão só aquelle que é de Deus, esse é o que tem visto ao Pai. Em verdade, em verdade vos digo: O que crê em mim, tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o manná no deserto, e morreram. Aqui está o pão, que desceu do céu: para que todo o que d'elle comer, não morra. Eu sou o pão vivo, que desci do céu. Se qualquer comer deste pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, é a minha carne, para ser a vida do mundo. Disputavam pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida: e o meu sangue verdadeiramente é bebida: o que come a minha carne, e bebe o meu sangue, esse fica em mim, e eu nelle. Assim como o Pai, que é vivo, me enviou, e eu vivo pelo Pai: assim o que me come a mim, esse mesmo tambem viverá por mim. Aqui está o pão que desceu do céu. Não como vossos pais, que comeram o manná, e morreram. O que come deste pão viverá eternamente. Estas cousas disse Jesus, quando em Cafarnaum ensinava na synagoga. Muitos pois de seus discipulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este dis-

curso, e quem no póde ouvir? Porém Jesus, conhecendo em si mesmo que seus discipulos murmuravam por isso, disse-lhes: Isto escandalisa-vos? Pois que será, se vós virdes subir o Filho do Homem, onde elle primeiro estava? O espirito é o que vivifica: a carne para nada aproveita: as palavras que eu vos disse são espirito e vida.” S. João 6 : 35-64.

Meus irmãos, a verdadeira interpretação do acto que voluntariamente praticamos, implica que os nossos corações estão franqueados ao Salvador, e aqui esperamos recebe-lo de novo como o pão espiritual. Semelhante esperança não ha de ser illudida. Christo nos está dizendo: “Eis-ahi estou eu á porta, e bato: se algum ouvir a minha voz, e me abrir a porta, entrarei eu em sua casa, e cearei com elle, e elle comigo.” Apoc. 3 : 20.

Neste acto elle bate de modo que os sentidos o percebem. Oh, incredulos! Christo está batendo á porta!

O vinho aqui presente é o penhor da virtude purificadora do sangue de Christo que purifica de todo o peccado. A acção de beber figura a applicação desse sangue para nos purificar interiormente, porque o que bebe o vinho com a devida fé, se identifica com Christo em sua morte, recebendo os frutos que della resultam. O visivel é sempre o espelho do invisivel, e uma cousa é tão real como a outra. A fé recebe a efficacia do sangue de Christo tão realmente como a boca recebe o vinho que a representa e confirma para os crentes.

Se alguem dominado ainda por idéas carnaes me disser: Queremos alguma cousa mais real e verda-

deira: só ficaremos satisfeitos comendo a carne de Christo e bebendo o seu sangue, como todos os dias comemos e bebemos em nossas casas: ver-me-hei obrigado a responder: Estais enganado: querendo tornar material este acto, vós o degradais de modo que deixa de ser real no mais profundo sentido da palavra; o mais fervoroso crente receberá tanto como o hypocrita; um João ou um Pedro não terá mais do que Judas; a boca commungará, mas o coração ficará em jejum; seguindo-se consequencias que não se podem contemplar sem um estremecimento de horror involuntario.

Para que esta communhão seja real, valiosa, para que seja um sacramento em que a alma se una a Christo, é forçoso fugirmos da idéa material que, ao passo que confunde a intelligencia, pretende alimentar o espirito com uma comida e bebida carnaes.

3º. Esta é a Cêa do Senhor em outro sentido importante. Invisivel e espiritualmente o Senhor assiste e preside a esta mesa. Estando para ausentar-se corporalmente, disse aos discipulos: “Não vos hei de deixar orfãos: eu hei de vir a vós.” S. Matt. 28:20; S. João 14:18.

Como é que Christo nos vem? Pela communicação de seu Espirito no uso dos meios de graça. Christo confirma a sua palavra fazendo-a frutificar em nossos corações. Christo pelo seu Espirito inspira as orações dos fieis. Christo preside á mesa em que se acham os penhores de seu amor.

Desta exposição da natureza da Cêa do Senhor resultam certas consequencias.

1ª. Só são convidados os que estão na graça. Aqui reina o amor de Christo. Aqui elle cumpre sua promessa de cear com os que lhe abrirem o coração. Por conseguinte aquelle que guarda seu coração fechado, aquelle que se obstina no peccado, aquelle que no seu orgulho se julga capaz de justificar-se a si mesmo por suas obras, aquelle que não professa o nome de Christo—todos esses são admoestados de não se approximarem da mesa de Christo.

É verdade que o banquete aqui preparado tem manjares sufficientes para todos, e todos serão bem-vindos se vierem com a disposição precisa. Arrependei-vos; convertei-vos de vossos peccados; crêde no Senhor Jesus do coração e confessai com a boca o seu nome, recebendo o signal convencionado, que é o baptismo; e então se vos dirá: Ainda ha lugar; vinde, comei e bebei.

2ª. Todos os que tiverem cumprido com as condições têm direito a esta mesa. Desde que esta cêa é a Cêa do Senhor, o unico competente para estabelecer as condições impostas aos que se apresentarem, é Christo, e de certo elle quer que toda a sua familia esteja junta á sua mesa. É bom estar onde Christo assiste. Ninguem deve pôr estorvos a seu irmão que quer chegar-se aos pés de Christo e utilizar-se dos beneficios que Christo reparte liberalmente entre seus amados.

3ª. A disposição que melhor condiz com a participação da Cêa do Senhor é essa mistura de humildade e de alegria que é difficil explicar a quem não tem experiencia do que se passa quando Chris-

to e seu povo estão juntos. Estes sentem-se nada, e reconhecem que Christo é tudo. E nisto estão satisfeitos. Enlevados na contemplação da belleza de Christo, não se occupam mais de seus proprios defeitos; ou se reparam em alguma falta, é para achar logo em Christo o remedio adequado.

ACCÃO DE GRACAS A DEUS.

“Até aqui nos soccorreu o Senhor.” 1 Reis 7:12.

O COSTUME de erigir pedras em commemoração de factos importantes data talvez do principio do mundo. A torre de Babel foi construida com o proposito de transmittir a fama dos homens ás gerações futuras. Foi uma obra impia, porque essa torre era destinada a glorificar os homens, como se estes podessem passar sem Deus.

Gen. 28:18. A pedra de Jacob foi destinada para recordar a bondade de Deus. Que differença não vai entre a torre de Babel e a pedra erigida em padrão por Jacob!

Gen. 35:14. Em testemuinho d'esta promessa tão preciosa, levantou um padrão de pedra. Foi levado a fazer isto por um sentimento de gratidão para com Deus.

Josué 4:9. Estas pedras deviam ser signaes e monumentos da intervenção de Deus em beneficio de seu povo.

“Até aqui nos soccorreu o Senhor.”

Os Israelitas acabavam de ser soccorridos pela interposição de Deus. Não lhes foi possivel ser ingratos a ponto de não renderem gloria a Deus. Samuel em seu nome erigio uma pedra a que poz o

nome de soccorro, dizendo: “Até aqui nos soccorreu o Senhor.” Assim se confessou de uma maneira simples e tocante que a victoria ganha foi devida á interposição de Deus, e que toda a sua esperança para o futuro estava no soccorro de Deus.

Aqui temos um exemplo edificante. O christão é soccorrido por Deus. Todo o christão vive rodeado de inimigos. Nem isto é tudo. O peor é que o mal reside em nossos proprios membros. Quantas vezes não temos de pedir soccorro ao Senhor contra nós mesmos, contra as tentações da carne, e contra o orgulho do nosso espirito rebelde.

É feia ingratidão receber os soccorros divinos sem algum acto de reconhecimento. Com que razão podemos contar com novos favores, se os já recebidos não nos levam a erigir algum padrão em honra de Deus. Se o christão não se confessa com o coração cheio de gratidão—“até aqui”—que razão lhe assiste para esperar ser soccorrido em tempo futuro?

Parece-me que hoje temos forte motivo para imitar o acto de piedade praticado por Samuel. No retrospecto dos poucos annos da existencia da nossa igreja, sinto-me forçado a pedir-vos, meus irmãos, que digais comigo hoje: “Até aqui nos soccorreu o Senhor.” Levantemos aqui n’esta nova sala de culto, que Deus nos depara, a nossa pedra de “soccorro,” tributando a Deus, nosso Senhor, toda a honra e gloria d’aquillo, que por meio de nós se tem feito até o dia de hoje, e supplicando-lhe que aqui sejamos plenamente abençoados do alto.

Em poucos dias se completará o sexto anno

em que explico a palavra de Deus n'esta corte. Em Maio de 1861, á rua Nova do Ouvidor, comecei a dar ensino familiar áquelles que alli se queriam reunir. A primeira vez compareceram duas pessoas. No domingo seguinte assistiram as mesmas pessoas e mais uma, e por muito tempo o numero das pessoas que se reuniam para o culto regulava de 6 a 12 pessoas. Em Janeiro de 1862, celebrou-se pela primeira vez a santa Cêa do Senhor, e duas pessoas se professaram discipulos de Jesus Christo. Assim foi que Deus plantou a nossa igreja. Acho grata a memoria d'aquelles dias, em que tudo estava por fazer. De certo que se não houvera crido que esta obra é de Deus, não a tivera começado em face de tantas difficuldades. Foi Deus quem deu o crescimento ás primeiras sementes tão mal semeadas, e hei de ter sempre aquella antiga sala da rua Nova do Ouvidor como um padrão recordando o soccorro obtido da parte de Deus.

No anno de 1863 foi occupada uma nova sala maior na rua Sete de Setembro. Lá tambem se manifestou o poder de Deus. É de crer que alguns, dos que me ouvem, nunca se esquecerão das reuniões alli celebradas. Sei como é grato ao crente recordar as provas da bondade de Deus, e como todo o lugar em que Deus se lhe manifesta, é, em certo sentido, sagrado. Sem duvida os apóstolos se recordaram muitas vezes do lugar em que se achavam reunidos quando o Espirito Santo foi derramado. N'esse dia se organizou a igreja christã, a qual tem por destino encher a terra toda. Assim todo o crente folga de recordar-se do lugar, ondê se achava

quando seu coração sentio os primeiros toques do Espirito Santo, quando começou a dizer com o publicano: “Oh Deus, sê propicio a mim peccador,” quando Christo se lhe manifestou em toda a sua belleza como um Salvador cheio de graça e de gloria. É bom fazer estas gratas recordações. É assim que se imita o exemplo de Jacob, de Josué, e de Samuel. É assim que damos testemunho de nossa gratidão para com Jesus Christo, a quem rendemos toda a honra e gloria.

É-me dispensado fallar-vos da sala de culto, que acabamos de deixar, e que foi occupada em 1864. O que lá se passou é de data tão recente que dispensa-me de recordar-vo-lo. Porém mesmo absten-do-me de fallar do soccorro lá obtido da parte de Deus, e das diversas conversões operadas pelo Espirito Santo, não posso deixar de manifestar a esperança de que nem a eternidade poderá apagar de vossa memoria os sentimentos de gratidão pelos favores e bençãos lá gozadas. Eu não poderia olhar para o futuro com tranquillidade e esperança se julgasse possivel tamanha ingratição para com Deus. Mas não é possivel que o passado seja tão facilmente esquecido. O soccorro que temos recebido é tão manifesto, que é impossivel que alguém o não reconheça, e tão precioso que é impossivel que não manifestemos gratidão.

“Até aqui nos tem soccorrido o Senhor.” Bem-digamos o seu sante nome.

Quanto ao futuro, não ha motivo para duvidas nem receios. Tomemos o passado como garantia de maiores cousas no futuro. Firmados nas pro-

messas divinas resolvamos proseguir avante, tranquillos e cheios de esperança.

Outra observação me parece opportuna na occasião de abrir uma nova sala de culto. É a seguinte: A conveniencia de uma confissão de nossas imperfeições e culpas passadas. É bom recordar como Deus nos tem soccorrido. Porém é tambem conveniente que cada um examine sua consciencia com o fim de ver se não tem obstado a que maiores soccorros nos viessem. É certo que Deus não tem faltado no cumprimento de nenhuma de suas promessas. Será porém certo que não tenhamos faltado a nenhum de nossos deveres para com elle? Lembraivos da historia de Acór, o qual foi causa de ser o exercito de Israel desbaratado por duas vezes.

Acho opportuno acrescentarmos aos louvores que tributamos a Deus uma humilde confissão de nossas proprias culpas e supplicas para que sejamos zelosos para o futuro. Faça cada um renuncia de tudo quanto a sua consciencia e a palavra de Deus prohibem, e profiemos na carreira christã, esquecendo-nos do que fica para traz e avançando sempre para o que fica adiante. O premio é a vida eterna. Assim obrando, fazemos certa a nossa propria vocação, e se Deus nos abençoar, conseguiremos chamar para o gremio de sua igreja muitos, que até agora tem vivido na sombra da morte espiritual.

Deus permitta que em tempo futuro esta casa seja indicada por muitas pessoas como o lugar de seu nascimento espiritual. Quem não conserva na memoria as gratas recordações da casa, em que pela primeira vez vio a luz? Não importa que ella seja

uma casinha humilde. Basta ter ella sido o lugar onde nascemos, para que nunca se apague da nossa memoria. Mas Jesus ensina que sem renascermos, não podemos entrar no reino de Deus.

Que importancia não é devida a este nascimento espiritual! O nascimento natural é um bem acompanhado de muitos males. A vida presente é cheia de provações e desgostos. Ella é transitoria. Mas a vida espiritual communicada pela intervenção do Espirito de Deus é eterna e sem mistura de males. Começa des da hora em que o péccador abraça a Christo como seu Salvador, desenvolve-se por meio da leitura e da pregação da palavra de Deus, da oração e do devido uso dos sacramentos, e se aperfeiçoará no dia da segunda vinda de Christo quando o nosso corpo imperfeito resurgir feito semelhante ao seu corpo glorioso. Se é assim que se deve encarar o nascimento espiritual, vê-se que elle é sem comparação mais importante que o nascimento natural. Tambem se vê que o auctor d'esta obra não póde ser senão o Espirito Santo. S. João 3.

Unamos pois as nossas supplicas no intuito de invocar do alto o Espirito de verdade para que convença aos incredulos, desperte aos indifferentes, e em todos opere um sincero arrependimento de seus peccados e uma viva fé em Jesus Christo.

Se todos os membros da igreja sentem a força d'estas palavras e se applicam á oração fervoroso, fiquem certos de que não tardará a realisação de nosso desejo. Então esta sala se tornará para muitas almas a porta do céo, o lugar onde Deus dê socorros espirituaes aos que os buscarem,

OS MEIOS DE GRAÇA.

“Ide por todo o mundo, prégai o evangelho a toda a creatura. O que crêr e fôr baptisado, será salvo: o que porém não crêr, será condemnado.” S. Marcos 16:15, 16.

No edificio da fé ha proporções que se devem guardar escrupulosamente. De outra sorte perde-se uma cousa essencial á sua perfeição—a unidade. Uma verdade deslocada e exagerada deixa de ser verdade, e torna-se tão perigosa e falsa como uma qualquer mentira.

Examinemos os meios de graça que nosso Senhor ordenou, tendo em vista principalmente fazer sobresahir a dependencia, relação e ordem natural e logica que têm entre si.

A phrase, meios de graça, já está implicando que existe uma pessoa que beneficia e outra beneficiada. *Meios* pela propria significação da palavra são expedientes da parte de um agente, para conseguir algum intento. *Meios de graça* ou *meios de salvação* são expedientes tomados por algum bemfeitor, para conceder graça ou salvação a alguém que está no caso de ter precisão della. Cumpre, pois, distinguir entre os meios e o agente que use delles e o fim que se pretende conseguir. Em materia de religião é erro grosseiro confundir o Salvador, os meios da salvação e os que se salvam, ora fallando nos meios

assim como se elles fossem quem nos salva, ora referindo-so aos que se salvam na idéa de serem elles os autores da propria salvação.

O Salvador é um só. O ponto central da fé está nesta affirmativa. O theologo que se propozer a explicar o caminho da salvação, sem ter convicção intima desta verdade central, perderá o seu trabalho. Seria um marinheiro que não soubesse usar da bussola. A cada passo irá confundindo o autor da salvação com os meios de que este faz uso, e cuja utilidade depende da sua cooperação. Não estamos sonhando perigos imaginarios. Dá-se muitas vezes o caso supposto. Ha livros que de proposito tratam dos interesses da alma, em cujas paginas difficilmente se encontra, mesmo por implicação, a verdade indispensavel para vivificar quaesquer meios de salvação, a saber, a existencia de um Divino Salvador que ordenou esses meios, e que obra por meio delles. A leitura de taes livros dá em resultado um systema de religião, no qual os meios da graça são causas da graça, e o Salvador vivo é substituido por ceremonias e ritos que, divorciados de sua dependencia natural, são mortos. Assim o christianismo converte-se em meras formalidades, e a pobre creatura humana que o abraça, depois de uma infinidade de trabalhos, morre á mingua de verdadeiros meios de salvação.

O salvador é Jesus Christo, filho de Deus e tambem filho da virgem Maria. Em razão de ser Deus e homem, é a fonte de toda a graça. “Nelle estão encerrados os thesouros da sabedoria e da sciencia. Col. 2:3. Nelle habita toda a plenitude da divin-

dade corporalmente, e nelle é que vós estais cheios. Col. 2:9, 10. Christo é tudo em todos. Col. 3:11. O autor e consummador da fé é Jesus. Heb. 12:2.

Eis o autor e agente da nossa salvação! A elle é devida a efficacia de quaesquer meios de que se faz uso na salvação da raça humana. Qualquer rito ceremonial a que falta a autorisação de Christo e com que elle não promette obrar pelo seu Espirito, é tão morto como é o corpo humano quando o espirito deixa de habitar nelle.

Passemos agora aos meios de salvação. Por esta phrase não entendemos, nem entenda o leitor, causas que pela sua propria virtude produzem effeitos espirituaes. Isto seria commetter o erro fatal acima notado. *Meios de salvação* no seu justo sentido, são expedientes no uso dos quaes Jesus Christo justifica e santifica a alma. Certamente fôra possível a elle conseguir este fim sem a intervenção de meios; assim como elle criou o mundo por uma simples palavra. Pelo contrario, ordenou que a salvação de homens peccadores dependesse do uso de certos meios. Tratemos resumidamente delles e da sua dependencia natural e logica.

S. Marcos em poucas palavras indica quaes são, e a relação que existe entre elles.

A prégação do evangelho, a fé, o baptismo. Em primeiro lugar está a prégação; e note-se, *a prégação do evangelho.* Jesus Christo, cujas palavras S. Marcos refere, não ordena a prégação em geral, deixando ao arbitrio de cada um prégar o que lhe passar pelo entendimento. A unica materia de prégação, no sentido de Jesus Christo, é o evangelho. É esta

uma verdade que deve estar na consciencia de todo o prégador. Ministros de Christo, lembrai-vos disto cada vez que subis ao sagrado pulpito! Não vos occupeiis em fabulas e genealogias interminaveis, ás quaes antes occasionam questões, do que edificação de Deus, que se funda na fé. 1 Tim. 1:4.

Prégar o evangelho. É facil comprehender a razão de ser a prégação do evangelho o primeiro dos meios de salvação. O evangelho é a revelação do Salvador ao entendimento do peccador. Emquanto o peccador não conhecer a pessoa de Jesus nem a obra que elle fez, e ainda está fazendo, nem os convites que lhe dirige, não póde ter o menor principio da vida christã.

O que crêr. É pela fé que o evangelho se arraiga no coração e começa a produzir fruto. O que crê no evangelho, ou, para melhor dizer, o que crê no Salvador revelado no evangelho, no mesmo instante une-se a elle, reconcilia-se com Deus e recebe o Espirito Santo, o que é um penhor da consummação da obra da qual a fé é o principio. Pela fé o crente se abraça com o Salvador e assim torna-se participante do proveito da obra consummada na cruz e dos infinitos merecimentos do Redemptor do mundo.

O meio da salvação, por excellencia, é a fé em Jesus Christo. Com fé, no sentido das Escripturas Sagradas, ninguem é condemnado, e sem essa fé ninguem se salva.

A singular importancia da fé nas Escripturas não se explica pelo seu intrinseco valor. A fé *de per si* não é melhor que a caridade. Talvez nem seja igual a essa magna virtude. Mas na obra da salvação de

um peccador a fé é o principio de tudo, é a raiz das mais virtudes e o penhor certo da salvação.

Porque? Não por causa de qualquer virtude propria, pois neste caso a fé seria *a causa* da nossa salvação. O Salvador seria substituído pela fé nelle.

A fé é o acto pelo qual o Salvador e o peccador se abraçam pela primeira vez; e dado este mutuo abraço, o crente d'alli em diante vive unido ao seu Salvador tão intimamente, que aquelle participa do fructo da paixão deste, como tambem dos fructos do Espirito, indispensaveis á perfeita sanctificação. Segue-se pois que o essencial em materia de salvação, aquillo sem o que não se salva, e com o que não póde haver perdição, cifra-se nisto: Um Salvador tal qual é Jesus, e fé nelle da parte de qualquer peccador. Ha outros meios de grande utilidade e que ninguem despreza sem dar nisso prova de lhe faltar a fé verdadeira; porém é forçosa confessar, que é possível haver salvação sem elles. O ladrão na cruz deve estar na memoria de todos, como um exemplo disto. Tinha diante de si o Salvador, creu nelle e salvou-se.

E fôr baptisado. Note aqui o leitor a ordem estabelecida por Nosso Senhor. Prêga-se o evangelho, crê-se nelle, e então baptisa-se nessa fé. Não é admissivel inverter ou trocar esta ordem natural e logica e divina. Ah! quantos abusos não se tem introduzido nos dogmas e nos costumes da igreja de Christo, pelo simples esquecimento da dependencia por elle estabelecida entre estes meios de graça! Ouve-se muitas vezes uma prêgação que nada tem com o evangelho. Por consequencia dão-se super-

stições, lendas e fabulas. Baptisa-se com a idéa de assim conseguir sem fé a remissão dos peccados, a regeneração e a purificação da alma, e n'uma palavra, tudo que as Escripturas dizem ser effectuado pelo Salvador, mediante a prégação da palavra e a fé da parte dos que ouvem a palavra. O baptismo tirado da sua legitima ordem e supposto o meio de produzir a fé, vem a occupar o lugar, não só da prégação do evangelho e da fé, mas mesmo do Salvador, e chama para si tal fé, que o evangelho e Jesus que é revelado no evangelho, ficam substituidos pelo sacramento do baptismo! E neste caso, quem lava os peccados e salva a alma, é o baptismo e não o Salvador!

A MORTE E O FUTURO ESTADO DOS JUSTOS.

EXTRAHIDO DA IMPRENSA EVANGELICA.

CAPITULO I.

SE existe alguma fé no invisivel, a morte não póde deixar de manifesta-la, pois todo o homem que se vê á beira de um sepulchro perde a indifferença que por ventura lhe tenha sido habitual, e perscruta os mysterios de sua existencia. Mas, se em tal contemplação elle insiste em negar a vida de além tumulo, não ha mais que duvidar de sua incredulidade.

Quasi sempre acontece ao moribundo, ainda quando incredulo em toda a sua vida, morrer mais ou menos constricto e desenganado, procurando remediar com um arrependimento tardio os erros de uma vida gasta em desprezar os prazeres superiores a tudo quanto este mundo offerece de gozo ephemero, e em esquecer (ao menos ostensivamente,) as realidades do futuro.*

* Bocage, o poeta erotico, o mesmo que escreveu a
 “Pavoroso illusão da eternidade,
 Terror dos vivos, carcere dos mortos. . . .

 Céu não existe, não existe inferno,”

deixou, como um de seus chefes d’obra, o popular soneto que termina :

“Oh Deus! E quando a morte a luz me roube,
 Ganha um momento o que perderam annos;
 Saiba morrer o que viver não soube!”

Se o moribundo sente a severidade deste provação, porque, nas agonias da morte, é a sorte eterna d'elle que se decide, os seus parentes mais chegados, contemplando-o, soffrem provação talvez não menos severa. Aquelle, muitas vezes exausto por seus padecimentos, tem a consciencia embotada para o que se passa comsigo mesmo, emquanto que estes tudo vêm, tudo escutam, de sorte que a dôr não é menos acerba aos que sobrevivem para lastimar a perda do pai, da mãe ou do amigo. ‘

A crença religiosa se manifesta em taes occasiões nos meios empregados para suavisar-se as feridas do espirito, e ministrar-lhe as consolações que pede.

De algum tempo á esta parte temos feito um estudo particular a respeito da fé religiosa de nossa sociedade, sob este ponto de vista: ora lendo o que se tem publicado concernente á experiencia dos que têm morrido, ora apreciando os discursos funebres e epitaphios escriptos pelos amigos e parentes que lhes sobrevivem. Esta leitura póde ser considerada como um dos meios mais proprios para patentear o objecto, a natureza e a intensidade da crença religiosa.

Julgada por este meio, a fé que prevalece entre nós prende-se, em regra, a alguma idéa vaga do desconhecido, infinito e pasmoso. Ora tibia, ora exagerada e violenta, é no emtanto sempre incerta e inconsequente. O seu ardor é umas vezes a *deferencia* servil e hypocrita áquillo que se chama *conveniencias*, e outras vezes é o fanatismo da mais crassa superstição.

Quando alguém morre, é de estylo enviar cartas

aos amigos e conhecidos do fallecido e de sua familia, convidando-os a assistir ao enterro *d'aquelle a quem Deus foi servido chamar desta para melhor vida.*

Logo depois seguem-se novos convites para assistirem á missa do *setimo dia*, em suffragio por sua alma; d'onde se conclue que essa *vida melhor* não é lá tão bôa, e que aquelle que a foi desfructar não se acha muito bem accommodado n'ella.

Seria ridicula e irrisoria tão revoltante contradicção, se não fosse tão serio o assumpto que antes torna-se contristadora.

Depois de ser o homem salvo por varias vezes, por differentes modos e diversas contribuições, durante a sua vida, e segundo os dogmas e as praticas que se inculcam com esta pretensão, ainda, para maior segurança, torna a garantir a sua salvação na hora da morte. Seja, porém, qual fôr a sua confiança, seja qual fôr o destino que elle espera, com o exhalar de sua alma, desfallecem tambem as esperanças dos parentes e amigos que ficam, os quaes pressurosos lá vão, com *missas de corpo presente* e de *setimo dia*, de novo se esforçar em franquear-lhe outra vez a entrada para a bemaventurança eterna nessa *melhor vida á qual já Deus fôra servido chama-lo.*

E emquanto alguem se lembrar d'elle, e tiver a indispensavel *esportula* para um *caridoso* celebrante de suffragios, repetem-se os esforços para salvar essa alma bemaventurada, ao menos uma vez em cada dia de finados.

É devéras triste um tal systema. Nem sabemos que haja nada de mais doloroso no meio da cegueira

do espirito humano. É o incentivo efficaz para a incerteza e o desanimo, impulso poderoso para a indifferença, estimulo energico para a incredulidade. Systema de hesitações, duvidas e trevas, nada têm de commum com a verdade e a luz do Evangelho, que significa noticias alegres. Antithese de boas novas, cabe-lhe o distinctivo de anti-evangelico, por que importa o annuncio de tristezas. Systema de perversão das doutrinas evangelicas, quando não faz esquecer-se de Deus, grava no espirito a impressão repulsiva de que elle é um ente caprichoso, que se deixa levar por mesquinhas paixões e sordidos interesses! Póde-se temer a um Deus desta natureza, porém, repugna-se o ama-lo e servi-lo.

O resultado pratico, a consequencia logica e funesta de tudo isto deve ser justamente o que se presencia em nossa sociedade: a descrença, o indifferentismo e a hypocrisia em materia de religião.

É bem notavel, que quanto mais virtuoso, illustrado, bemfazejo e bemquisto alguem tenha sido durante sua vida, tanto mais suffragios fazem-se por seu descanso eterno: o que traduzido em linguagem clara, quer dizer que quanto melhor tem sido o que morreu, tanto mais custa a tirar sua bôa alma desse carcere ficticio, que Deus desconhece, e onde nem Satanaz domina: que apenas se acha entregue á gerencia dos padres, e cujas portas só se abrem á musica suave e mavioso tinir dos metaes preciosos.

A verdade é que todo esse aparato de officios deslumbrantes de tochas, gallas e orchestras, não se ostenta em homenagem a Deus, mas em honra dos mortos, e pelo honorario que toca aos celebrantes.

O tributo dessa vaidade religiosa é um verdadeiro culto aos penates, oriundo não da revelação divina, mas da mythologia pagã.

Não é de admirar, pois, que nos panegyricos funebres nada se diga das esperanças e consolações do Evangelho. A leitura e analyse dos discursos necrológicos actualmente em voga entre nós só tendem a augmentar as incertezas e duvidas sobre o destino e o estado dos mortos, e portanto põem mais em relevo a discordancia absoluta entre o systema vigente de que tratamos, e o ensino da palavra de Deus.

Na maior parte das orações e dos escriptos funebres que temos lido ultimamente, não se encontra as palavras—CHRISTO, ou JESUS. Nada se diz de perdão pelo sacrificio do Cordeiro de Deus, nem uma palavra a respeito da justificação por seus merecimentos, nada, absolutamente nada ácerca do poder de seu precioso sangue, que purifica de todo o peccado.

Resumem-se taes discursos em encomios exagerados, em panegyricos adultores das virtudes do fallecido, cuja alma no emtanto, por conveniencias officiaes, é abandonada ao mais triste estado de clausura e purgação, d'onde só poderá sahir á força de suffragios constantemente repetidos em beneficio da classe a que pertencem os panegyristas.

Não é para estranhar que os homens procuram escapar ás repugnantes contradicções e tristezas de uma tal religião, refugiando-se nas trevas mais certas e comprehensíveis do indifferentismo e da incredulidade.

CAPITULO II.

O resultado legitimo do ensino e das practicas referidas, é acarretar inevitavelmente as duvidas, a hypocrisia e a descrença. O Evangelho pelo contrario offerece tudo quanto se póde esperar e pedir para socegar o espirito, animar a alma e alegrar o coração do crente, quer na expectativa da propria morte, quer nas tristezas incidentes da perda dos mais amados.

O ensino constante da palavra de Deus concernente a esta materia póde ser resumido nas seguintes expressões tiradas della mesma: “O que crê no Filho, tem a vida eterna.” S. João 3:36. “Não se turbe o vosso coração,” disse Jesus a seus discipulos. “Crêdes em Deus, crêde tambem em mim. Na casa de meu pai ha muitas moradas: se assim não fôra, eu vo-lo tivera dito: pois vou a apparellhar-vos o lugar. E depois que eu fôr, e vos apparellhar o lugar, virei outra vez, e tomar-vos-hei para mim mesmo, para que onde eu estou, estejais vós tambem.” S. João 14:1-3.

“Carissimos, agora somos filhos de Deus: e não appareceu ainda o que havemos de ser. Sabemos, que quando elle apparecer, seremos semelhantes a elle: porquanto nós-outros o veremos bem como elle é.” 1 S. João 3:2.

“Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor.” Apoc. 14:13.

Sobre estas passagens e grande numero de outras que fallam em igual sentido, é que se basêa a confiança ou intima persuasão que tem todo o ver-

dadeiro christão, de que, na vinda do Senhor, ou na hora da sua propria morte, elle ha de hir immediatamente assistir com seu glorificado Salvador e fruir para sempre os indiziyeis gozos celestiaes, que este lhe comprou pelo preço de seu sangue, e está agora preparando para todos que são seus.

Na historia dos servos de Deus, em todas as épocas, vê-se o testemunho sufficiente de se verificar esta sua confiança, pela plena realização das promessas de Deus na experiência propria de cada um delles.

A religião que se ensina na palavra de Deus é verdadeiramente catholica. Seus resultados beneficos para os que a abraçam e vivem nella, são sempre os mesmos em todos os seculos, entre todos os povos e para todas as classes dos homens.

No que diz respeito ao assumpto especial de que tratamos, passamos a exemplifica-lo citando alguns factos historicos, tanto antigos como modernos.

Para quem é Christão no sentido proprio da palavra, nada haverá de estranho no que se vai dizer. Os exemplos que serão apresentados são todos verificaveis.

Abrindo a Biblia, temos dada por S. Paulo, Heb. 11, uma extensa lista dos santos antigos, cuja fé era a substancia das cousas que se devem esperar, e uma convicção das cousas que se não vêem; dos quaes muitos, sendo cruelmente atormentados, não queriam resgatar a sua vida, tendo confiança de alcançarem melhor resurreição.

Confiados na palavra do Salvador estes seus servos nos maiores extremos o acharam fiel a sua pro-

messa: “Eu não te hei de deixar, nem te hei de desamparar.” Heb. 12:5.

No cap. 49 do Genesis temos a tocante narração da morte do patriarcha Jacob.

Uma vida cheia de eventualidades e duras provações tinha-lhe confirmado a fé na fidelidade do Deus de seus pais.

Sabendo que era chegada a sua ultima hora, chamou para si os filhos e lhes deu a um por um a sua benção paternal e prophetica. São edificantes e significativas a submissão, a confiança e a calma com que elle se houve nestas circumstancias solemnes. Deu ordens explicitas a respeito da sepultura de seu corpo, que devia ir descançar com seus pais na terra da promissão; mas não se lembrou, como hoje em dia é voga, de mandar fazer sacrificios, preces e suffragios pelo repouso eterno da sua alma. Melhor comprehendia elle a missão do Messias, que, como elle acabou de prophetisar, havia de vir de sua descendencia para salvar seu povo. Tendo a sua fé fixa neste Redemptor, e acabadas as ordens e instrucções que deu a seus filhos, ajuntou Jacob os seus pés sobre o leito, e morreu, e foi-se unir a seu povo; descançou no seio de seu pai Abrahão.

CAPITULO III.

No intuito de demonstrar que a fé, a esperança e a confiança do povo de Deus, no que diz respeito á morte e á immortalidade, têm sido sempre as mesmas, quanto a seu objecto, sua base, sua operação e seus resultados benéficos e consoladores no espi-

rito dos feis servos do Senhor, proseguimos na analyse de alguns exemplos recordados na propria palavra de Deus.

Deste exame saltará aos olhos de todo o pensador a distancia insuperavel, que existe entre o ensino e os effeitos espirituaes do verdadeiro Christianismo e os do estupendo systema de trevas, duvidas e tristezas com que os estamos comparando.

A tristura com que estes ennuviam o coração, dissipa-se ante a luz do Evangelho, que pelo poder do Espirito Santo, esclarece o espirito do homem e lhe certifica da immortalidade e da vida eterna para todo o que crê em Jesus Christo como seu Salvador.

Já vimos qual era o poder desta fé no animo do patriarcha Jacob, que, exilado da terra da promessa, morreu na confiança de entrar no gozo da patria melhor, isto é, a celestial.

Olhemos agora para a historia de Job, que pertencia, como geralmente se acredita, a outra época e a outra nação. Vemo-lo attribulado como talvez não haja outro exemplo semelhante, e ferido com quantos males a malignidade de Satanaz pôde alcançar permissão de lhe impôr. Privado em um só dia de todas as suas posses, e dos filhos amados, cujo bem-estar e salvação elle constantemente implorava; ferido depois em seu proprio corpo de uma molestia atroz, importunado por sua propria mulher para amaldiçoar a Deus, atormentado por aquelles que se diziam seus amigos, elle gardou inabalavel a integridade de sua fé no meio de todos estes indiziveis padecimentos. Na amargura de sua angustia vemo-

lo adorando a Deus e bendizendo o nome do Senhor. Da profundeza de sua tribulação, ouvimos a sua voz entoando em notas de triumpho louvores ao seu Salvador. Quanto a seu proprio destino eterno e ás esperanças da vida futura, que consolavam a sua alma nas vicissitudes da presente, suas proprias palavras no-las dão a conhecer: “Eu sei que o meu Remidor vive; e que eu no derradeiro dia surgirei da terra: e serei novamente revestido da minha pelle, e na minha propria carne verei a meu Deus. A quem eu mesmo hei de vêr, e meus olhos hão de contemplar, e não outro: esta minha esperança está depositada no meu peito.” Job 19:25-27.

Como não é bella e tocante esta confiança firme, viva e efficaz, que dá a força de uma realização actual ás promessas e aos gozos do eterno e, pelo emquanto, invisivel porvir. A fé que é a substancia das cousas que se esperam, e a evidencia das cousas que não apparecem, vigorava no coração deste antigo servo de Deus com uma virtude que todo o poder e astucia de Satanaz não podiam vencer.

Quão differente é tudo isto d’aquillo que provém dos dogmas e do ensino que escondem o unico Salvador com o véo de um ritual imponente e ceremonias supersticiosas, inconsequentes e contradictorias.

É tambem interessante o contraste entre o modo pelo qual Job encarava a morte dos membros de sua familia e aquelle inculcado pelo systema ante-evangelico que prevalece em nossa sociedade. Como sacerdote de sua familia, Job suffragava seus filhos

em quanto vivos, offerecendo holocaustos por cada um delles, e intercedendo a Deus para lhes perdoasse os peccados e os salvasse. Vede Job 1:4. Mortos, porém, em um só dia todos os seus filhos, não se lembrou de suffragios pelo repouso eterno de suas almas. Submisso á vontade de Deus, *como se vira ao invisivel*, a sua fé triumphou. Prostrandose em terra adorou, prorompndo nestas sublimes palavras: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou: como foi do agrado do Senhor, assim succedeu: bemdito seja o nome do Senhor.” Job 1:21.

Que bella e apropriada oração necrológica encerra-se nestas expressões cheias, de humilde mas inabalavel confiança no Deus da eternidade.

Estes mesmos sentimentos imperam nos corações de todos os que conhecem e amam a Deus em verdade, e pelas mesmas palavras os fieis crentes em Jesus Christo manifestam a sua fé e as esperanças que esta lhes inspira.

CAPITULO IV.

No ultimo capitulo, vimos qual era o modo porque o patriarcha de Idumea contemplava tanto a sua propria morte como a de seus amados filhos.

Repetimos, que os mesmos sentimentos prevalecem nos espiritos de todos os que conhecem o Evangelho e amam a Deus em verdade, e que pelas mesmas palavras os fieis crentes em Jesus Christo exprimem a sua fé, e as aspirações e esperanças que esta lhes inspira.

Facil seria accrescentar mais provas, tiradas das

éras subsequentes, cuja historia se abrange no Velho Testamento. Poderíamos fallar, por exemplo, do Rei David, que, vendo seu filho ferido de uma enfermidade mortal, rogava a Deus por elle, enquanto vivia, com orações, com jejuns e lagrimas. Mas quando morreu o menino, elle levantou-se da terra e adorou, e consolou-se dizendo: “Irei para elle, mas elle não tornará para mim.”

Poderíamos nomear a muitos outros dos antigos santos, “que todos morreram na fé, sem terem recebido as promessas, mas vendo-as de longe, e saudando-as, e confessando que elles’eram perigrinos e hospedes sobre a terra: com isso declarando que buscaram uma outra patria melhor.”

No proposito, porém, que temos de verificar a identidade da experiencia e das aspirações e esperanças dos servos de Deus em todas as épocas, passamos ao exame succincto de alguns exemplos narrados no Novo Testamento, e do ensino do mesmo.

Junto ao patibulo, em que, cumprindo o resgate de seu povo, o Redemptor agonisava no Golgotha, vemos tambem suppliciado um outro. Era um criminoso, que confessou que estava recebendo o castigo que mereciam as suas obras. Arrependido, virou-se para o Salvador, moribundo a seu lado, e disse: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. E Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo: Que hoje serás comigo no Paraizo.” Vede S. Lucas 23:42, 43.

Nos Actos dos Apostolos, cap. 7, temos a narração do martyrio de S. Estevão. Acommettido elle pelos inimigos, que furiosos o levavam á morte, “olhando

para o céo, viu a gloria de Deus, e a Jesus que estava em pé á dextra de Deus. E disse: Eis estou eu vendo os céos abertos, e o Filho do Homem que está em pé á mão direita de Deus.” Morrendo apedrejado, elle “invocava a Jesus e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espirito.” E implorando o perdão de seus algozes, dormiu no Senhor.

Ninguém pôde duvidar que estes dous crentes em Jesus crucificado e depois exaltado á dextra de Deus por Principe e Salvador, foram immediatamente assistir victoriosos com elle na gloria de seu reino, embora não fosse cumprido a seu respeito nada do ritual apparatuso de uma salvação hypthetica.

Porém dir-se-nos-ha talvez que estes foram casos especiaes, onde o Salvador em pessoa deu a absolvição e prometeu a vida eterna, e que não se pôde tirar conclusões geraes d'aquillo que aconteceu em circumstancias tão extraordinarias. Foram de veras singulares os eventos que acompanharam a morte dessas pessoas. No que disse respeito, porém, á sua salvação e á segurança de elles possuírem a vida eterna, não havia nada, absolutamente nada de especial. Quanto a estes pontos, todo o crente fiel em Jesus é igualmente privilegiado.

A voz que annunciou o perdão e prometeu a posse immediata do Paraiso ao ladrão moribundo na cruz, é a mesma que falla de paz e da vida eterna ao coração de todo o que crê nelle como seu Salvador; é a mesma voz que disse a seus discipulos: “Na casa de meu Pai ha muitas moradas: vou a apparelhar-vos o lugar.” O mesmo Jesus que

appareceu a S. Estevão “em pé á dextra de Deus,” é quem disse: “E depois que eu fôr, e vos apparellhar o lugar, virei outra vez, e tomar-vos-hei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós ‘tambem.” Fiel a esta sua promessa, elle vem ao encontro de todo o amado seu, que chama para si. E esta confiança elle inspira, pela operação de seu Santo Espirito, na alma de todo o homem que invoca com sinceridade o seu santo nome.

São Paulo, sendo já preso por causa do evangelho, e quando a sentença da morte contra elle já tinha sido lavrada, escreveu a Timotheo, alegrando-se na confiança que tinha em seu Salvador Jesus Christo, o qual na verdade destruiu a morte, e tirou á luz a vida e immortalidade pelo evangelho. Nos triumphos daquella fé, que é commum a todo o que ama ao Salvador, elle escreveu: “Sei a quem tenho crido, e estou certo de que elle é poderoso para guardar o meu deposito para aquelle dia.” Vide 2 Tim. 1:10, 12.

São Pedro na sua primeira epistola exprime os sentimentos de todo o coração que tem aprendido o verdadeiro sentido do evangelho, e experimentado em si o poder do Espirito Santo. “Bemdito,” diz elle, “seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Christo, que, segundo a grandeza de sua misericordia, nos regenerou, para a esperança da vida, pela resurreição de Jesus Christo dentro os mortos, para uma herança incorruptivel, e que não póde contaminar-se, nem murchar-se, reservada nos céos para vós outros, que sois guardados na virtude de Deus por fé para a salvação, que está apparellhada para

se manifestar no ultimo tempo. No qual vós exultareis, ainda que ao presente convem que sejais affligidos um pouco de tempo com varias tentações: para que a prova de vossa fé, muito mais preciosa que o ouro (o qual é acrisolado com o fogo) se ache digna de louvor, e gloria, e honra, quando Jesus Christo for manifestado: ao qual vós amais, posto que o não vistes: no qual vós credes, posto que o não vedes ainda agora, mas crendo exultais com uma alegria ineffavel e cheia de gloria.” 1 S. Pedro 1:3-8.

CAPITULO V.

DE um seculo para outro a natureza do homem é sempre a mesma. Os mesmos instinctos de immortalidade descobrem-se nas mesmas aspirações insaciaveis pelos bens e gozos temporaes. Privações, desgraças e infortunios identicos, procuram allivio no uso de meios correspondentes. A historia da raça humana e o estudo da philosophia de sua natureza mental e moral, attestam esta verdade de um modo não menos convincente do que as proprias Escripturas Sagradas.

So póde ter jus de chamar-se religião verdadeira, divina e catholica, aquella que é adequada a estas circumstancias invariaveis do ente ao qual ella se dirige, que suppre as necessidades que elle sente, ministra-lhe o allivio de que carece, satisfaz as suas aspirações, e dá-lhe a segurança de uma vida feliz no porvir, tão duradoura como a immortalidade.

A religião que offerece e garante menos do que isto, escarnece dos sentimentos mais nobres da humanidade.

Na discussão precedente deste assumpto demonstrámos, que, a religião que ensina que a salvação é simplesmente pela fé em Jesus Christo, sendo elle o unico Mediador, é a que unicamente póde satisfazer as precisões e os anhelos do espirito do homem, sendo essa por consequencia a religião verdadeira.

Pelos exemplos citados, vimos que esta simples fé inspirou aos antigos servos de Deus, aos patriarchas e prophetas e aos apóstolós, uma confiança firme e consoladora concernente á vida eterna e feliz que lhes esperava, e habilitou-os a triumphar sobre os temores que a morte costuma acarretar aos homens. A verdadeira fé deve distinguir-se sempre pelos mesmos fructos. Seria facil, seguindo em ordem a historia da éra christã, certificarmos-nos de que este era o resultado invariavel do ensino singelo do Evangelho, ao passo que o erro, com todo o luxo imponente de seu mecanismo ritual, foi sempre impotente para realiza-lo.

O espaço não nos permite, porém, explorar este erário tão rico em testemunhos preciosos. Passamos a alguns exemplos de nossos proprios dias, conhecidos entre nós mesmos, e que provam irrefragavelmente que o Evangelho, tal qual nós o possuímos e ensinamos, é o unico verdadeiro e catholico remedio para os males que o homem soffre em seu estado lapso.

Ha alguns annos passados conhecemos um pobre preto, natural de Madagascar, com quem conversá-

mos muitas vezes sobre a religião. Nascêra pagão e fôra logo affeito á vida marítima. Depois de percorrer quasi que o mundo inteiro, relacionou-se, na catholocissima cidade de Napoles, com uma familia que fe-lo christão, isto é, mandou baptiza-lo. Entrou para um convento, onde passou alguns mezes. Tinha uma voz melodiosa e cantava admiravelmente os officios da igreja. Desgostoso, porém, de seu novo officio, voltou para o mar. Veiu afinal servir em casa de uma familia christã nesta côrte, com a qual ficou até á sua morte.

Era dotado de uma intelligencia viva e robusta. Porém, não obstante ter elle sido christianizado em Napoles, e apezar de seus estudos monasticos, ignorava inteiramente a existencia de Deus e a sua propria immortalidade. Não tinha ideia alguma de possuir uma alma, nem de haver uma vida futura. Tinha com tudo o mais terrivel medo de morrer, e a qualquer accesso dos symptomas da molestia que ia pouco a pouco roendo-lhe a vida, mostrou-se ancioso, e as vezes tremia de susto.

Os seus novos amigos, a quem elle servia com affectuosa fidelidade, procuravam ensinar-lhe as verdades do evangelho. Era tarefa difficil e pouco animadora no principio. As vezes irascivel repellia todos os esforços para instrui-lo: e outras vezes meditativo elle mesmo procurava esclarecimentos sobre o que tinha ouvido; fazendo perguntas que pelo alcance do pensamento causavam admiração. Pouco a pouco, como quem acorda de um sonho lethargico, seu espirito parecia penetrar-se da verdade. Seguiu-se o resultado que era de esperar.

Veu um ataque violento prostra-lo no leito da morte. Tinha-se-lhe desvanecido todo o receio de morrer. Elle mesmo reconhecia e disse que estava perto de sua hora, e fallou della com uma calma imperturbavel. Resignado á sua sorte, lembrava-se com a maior ternura de seus amigos, por quem supplicava a Deus as bençams de sua graça.

Quando exhalou seu ultimo suspiro ficou-lhe no rosto uma expressão sobrenatural de serenidade, como indicio da paz que reinava em seu espirito, sanctificado para sempre pelo precioso sangue de seu Redemptor.

Ha poucas semanas acompanhámos á sepultura o cadaver de um amado irmão em Jesus Christo.*

Poucos mezes antes tinha elle abraçado com todo o coração o evangelho e a redempção n'elle offerecida aos peccadores. Tinha uma confiança inabalavel no Salvador, em cujos merecimentos descansava, e por cujo sangue foi salvo. O amor de Deus trاسبordava-lhe o coração, e suavizava-lhe as angustias corporaes da molestia fatal, que o levava lentamente ao sepulchro. A ancora segura da esperanza o prendia a seu Precursor dentro do véo. Do porvir que lhe esperava não tinha cuidado nenhum; sabia em quem tinha crido. Desejava viver por uma só cousa, para annunciar aos outros as noticias que alegrâram o seu proprio espirito. Pelo mais esperava ancioso seu tempo de partir e achar-se com o Senhor. Deixou-nos assim, em preciosa herança, o seu testemunho de que o nosso Salvador é sempre fiel ás promessas feitas a seus discipulos.

* Foi escripto em November de 1868.

Estas convicções, e estes sentimentos acerca da morte, e esta certeza de esperança e confiança, que o evangelho nos autoriza e que Deus por seu Santo Espirito opera nos corações de todos os que o procuram por seu Filho Jesus Christo, não prestam o seu allivio e consolo só nos rigores da doença e nos transe da morte. Tambem tranquilizam, alentam e alegam o espirito do crente nas privações, fadigas e tristezas que o accommettem nesta vida transitoria. Ajudam-no a cultivar e manter esse espirito de submissão e contentamento tão indispensavel para a felicidade na vida presente.

De tudo isto dão testemunho os exemplos já referidos. Era animado por estas esperanças, que S. Paulo regozijava-se sempre nos padecimentos que soffria e nos trabalhos incessantes a que se entregava pela causa de Christo; ainda que seu desejo ardente era ser desatado da carne e estar com Christo. “Porque eu tenho, para mim, (diz elle,) que as penalidades da presente vida não têm proporção alguma com a gloria vindoura que se manifestará em nós.” Rom. 8:18. “Esta é a razão, porque não desfalecemos: mas ainda que se destrua em nós o homem exterior, todavia o interior se vai renovando de dia em dia. Porque o que aqui é para nós de uma tribulação momentanea e ligeira, produz em nós, de um modo todo maravilhoso no mais alto grão um pezo eterno de gloria, não attendendo nós ás cousas que se vêm, mas sim ás que se não vêm. Porque as cousas visiveis são temporaes: e as invi-siveis são eternas.” 2 Cor. 4:16-18.

Todos que têm fé em Jesus Christo como seu

Salvador, podem comprehender os sentimentos que o grande apóstolo assim exprimiu. Não era de maneira nenhuma um privilegio especial ou privativo dos antigos santos realiza-los em sua experiencia. Em prova disto, e em conclusão desta serie de artigos, invocamos o testemunho de uma pessoa que era bem conhecida de nossos leitores, como redactor da *Imprensa Evangelica* e pastor de uma das igrejas evangelicas desta côrte. Referimo-nos ao Rev. A. G. Simonton, que ha quasi um anno está já fruindo os gozos da casa celeste, junto do Salvador e dos amados aos quaes tão saudosamente se referia.

Citamos alguns trechos de uma carta escripta por elle á sua familia, poucas semanas antes de sua morte: “Se eu soubesse que havia em prospecto uma completa reunião de nossa familia, daqui a um, dous ou tres annos, nutriria mais vivas anticipações de satisfação em uma tal reunião, do que até hoje tenho podido sentir. Julgo que por sermos menos offuscados com a miragem do futuro, e sabermos melhor o que é a nossa vida, poderíamos assentarnos juntos e fallar sobre o passado e dizer o que actualmente occupa a nossa attenção com uma calma e profunda satisfação, nunca sentidas antes. E tambem o mais distante porvir, sobre o qual não paira miragem, agora se avista com mais clareza. A casa celeste! os amados que se acham ali! Parece-me que aquella casa e pensamentos saudosos della, devem nos ser familiares a todos nós! Fazendo-se a chamada de nossa familia, e como que ouvindo nome após nome dos que já partiram desta vida, as memorias preciosas de seu amor commovem o cora-

ção. Nenhum de nós ha que não sinta que a verdadeira reunião de nossa familia não poderá ter lugar sobre a terra, e que um dos melhores resultados destas reuniões neste mundo, é o avivar a lembrança dos que nos esperam no mundo por vir, e fazer a cada um sentir que em espirito o circulo não está quebrado.

“Não e verdade que o Deus de Abrahão, Isaac e Jacob é tambem o Deus de nossa familia? Não temos nós herdado as bençams e orações d’aquelles que se uniram ao pacto e puzeram o sello santo delle sobre os seus filhos? ‘Deus não é Deus de mortos, mas de vivos.’ Por mais de tres annos que este texto constantemente me occupa a memoria nas horas solitarias em que me sinto sob o dominio do passado. Quando contemplo a profundeza das ideias que estas palavras nos dão das relações de Deus com o nosso ser inteiro, alma e corpo, admirado adoro e exulto: sinto-me como firmado sobre um rochedo eterno. Uma gloria solemne envolve aquellas seis sepulturas, espalhadas tão longe sobre os dous continentes d’America, em que descansam os nossos amados. Elles não estão mortos! Apenas dormem! o mesmo Senhor o dissera: ‘Porque Deus não é Deus de mortos mas de vivos.’

“Não sentis ás vezes um desejo ardente de penetrar mais e mais nestas cousas? de achar-vos sobre os baluartes da eternidade, e contemplar d’ali o caminho tortuoso por onde fostes guiados? Mas talvez que estes sentimentos não devam ser cultivados. Esta vida é de trabalhos e disciplina. As cousas secretas pertencem a Deus; e até as mais

claras promessas da revelação nos parecem feitas só á meia luz—montanhas cujos topos se escondem por entre as nuvens.

“Eu outr’ora occupava-me muito em traçar e modificar planos e projectos para o futuro. Agora quasi que tenho abandonado isto. Acho que tenho menos que fazer com minha propria vida do que pensava então, e com isto estou agora muito contente. Aquelle que a dirige é meu eterno Pai, e elle faz tudo bem.”

Assim escreveu quem já penetrou as nuvens; quem já em plena luz vê face á‘face Aquelle que deu as promessas e as cumpriu nelle.

Amen.

TUDO ESTÁ CUMPRIDO.

SERMAO SOBRE

A PAIXÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO.

“E Jesus tornando a dar outro grande brado, rendeu o espirito. E eis que se rasgou o véo do Templo em duas partes de alto abaixo.” S. MATHEUS 27:50, 51.

“Então Jesus dando um grande brado, expirou. E o véo do Templo se rasgou em duas partes de alto a baixo.” S. MARCOS 15:37, 38.

“Escureceu-se tambem o sol: e rasgou-se pelo meio o véo do Templo.” S. Lucas 23:45.

“Jesus, porém, havendo tomado o vinagre, disse: TUDO ESTÁ CUMPRIDO. E abaixando a cabeça rendeu o espirito.” S. João 19:30.

SÃO quatro os historiadores que nos referem as circumstancias mais notaveis da Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo; a saber; S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas e S. João. Excepto S. João, todos elles dizem que á morte do Senhor sobre a Cruz seguiu-se immediatamente a rasgadura do véo do Templo, em que por longos seculos o povo escolhido estava acostumado a offerecer a Jehovah seus holocaustos e victimas pelo peccado. S. João guardando silencio a respeito deste facto singular, prefere referir outro facto que teve lugar ao mesmo tempo, e do qual os outros Evangelistas não fazem menção; e este outro facto é ter Jesus, no instante de morrer, proferido as palavras: “Tudo está cumprido.”

Temos, pois, aqui dous pontos que precisão ser esclarecidos :

Primeiro.—A significação que deve ter a rasgadura do véo do Templo no instante de Christo expirar sobre a cruz :

Segundo.—Qual a razão por que S. João passa por alto esse facto maravilhoso, para nos referir, com tanto escrupulo, as ultimas palavras de seu Mestre e Senhor.

Dir-se-ha, talvez, que será impossivel descobrir nexo algum entre a morte de Jesus, que teve lugar no Calvario, fóra dos muros de Jerusalem, e o rasgar de um véo pendente no interior do Templo situado dentro dos muros da cidade santa.

Porém, por mais estranhos que pareçam esses dous factos, considerados entre si e em relação um a outro, ha de haver algum modo de estabelecer entre elles uma dependencia intima e real. É impossivel que tres evangelistas os tivessem imaginado, sem que effectivamente succedessem, ou que os tivessem ligado assim um a outro, sem que entre elles houvesse connexão intima e importante.

O fim a que me proponho neste discurso, é tornar clara a evidencia desta connexão, explicando a importancia real que tem em si, e que convém dar ao sacrificio consummado na cruz, quando Christo disse : “Tudo está cumprido,” e a relação immediata que existe entre este facto solemne e o notavel milagre que se operou no mesmo instante dentro do Templo.

Peço-vos, meus ouvintes, especial atenção, visto que o assumpto por sua natureza me obrigará a tocar nas leis e ceremonias antigas, cuja verdadeira significação e utilidade são pouco conhecidas entre nós, pelo descuido que ha no estudo da palavra de Deus. Se me escutais com benevola atenção, creio poder mostrar que o milagre da rasgadura do véo, referido por S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas, e as palavras “Tudo está cumprido” de que S. João nos falla, por essa mesma occasião, têm o mesmissimo valor, e concorrem admiravelmente para nos certificar da efficacia da morte de Nosso Senhor sobre a cruz.

Combinando os factos narrados no Novo Testamento com o culto feito no antigo Templo, verificaremos a perfeita e manifesta concordancia que ha entre os dous testamentos (Novo e Velho): longe de haver contradicção em sua essencia, ambos fallam de Christo o Salvador do mundo; ambos dão evidentemente testemunho do unico sacrificio realmente efficaz; ambos declaram solemnemente, que nada de condemnação têm os que são de Jesus Christo por uma fé verdadeira.

Primeiro, importa conhecermos de que servia o véo em que falla o nosso texto e que rasgou-se quando Jesus Christo expirou: para isso é indispensavel saber em que lugar estava esse véo, e qual o valor do culto offerecido a Deus nesse lugar.

O Templo que Salomão edificou por ordem expressa de Deus, com todo o apparatus de que este

véo fazia parte, foi construido de proposito para significar verdades religiosas. Tudo tinha sentido figurativo: havia diversos compartimentos no Templo, e cada um desses compartimentos tinha o seu uso e o seu sentido especial. Ao redor do edificio propriamente chamado Templo e tido por lugar santo, corria uma especie de vestibulo largo, ou atrio, no qual eram admittidos até os gentios, que não professavam a lei de Deus, e por isso era esse lugar chamado o *atrio dos gentios*. Se alguém, sem ser circumcidado, isto é, sem ser servo professo de Deus, ousasse passar dalli para o interior do Templo, ficava sujeito á pena de morte; e para que ninguém peccasse por ignorancia, havia um aviso escripto e exposto sobre as portas que davam passagem para o interior. Esta prohibição representava o facto de achar-se excluido da presença e do reino de Deus todo o impio e incredulo.

O povo professo de Deus, porém, tinha accesso livre e franco ao recinto do Templo, onde havia dous compartimentos apropriados ao seu fim: um chamava-se *atrio dos homens*, e o outro *atrio das mulheres*, pois que não era licito aos dous sexos assistirem juntos aos actos do culto publico. Neste culto, a parte que tocava ao povo era trazer para dentro do Templo o animal que se queria offerecer a Deus, as mais das vezes um cordeiro ou um novillo, e com as mãos postas sobre a cabeça de tal victima, confessar os peccados que lhe pesavam na consciencia. Fazendo isto o pio israelita, confessava-se merecedor

da ira divina por causa de seus peccados, e ao mesmo tempo professava procurar afastar de si a vingança de Deus, fazendo-se substituir pela victima que Deus para este fim instituiria. Feita, por este acto symbolico, a transferencia das culpas do peccador para a cabeça da victima, esta era entregue aos sacerdotes encarregados deste officio, para ser immolada como offerta pelo peccado.

Tudo isto significava que mesmo os professos servos de Deus eram tão criminosos e indignos, que, sem a intervenção de sacerdotes, e de uma victima por seus peccados, Deus não lhes perdoaria.

O lugar em que se fazia taes ofertas chamava-se *Santuario* ou *Lugar Santo*, onde só assistiam os levitas e os sacerdotes incumbidos do serviço do Templo. Quem não fosse expressamente consagrado ao serviço de Deus nas cousas santas, não podia ter acesso ao Santuario, onde estava o altar em que se offerecia a victima pelo peccado.

No fundo do *Lugar Santo* estavam duas columnas, das quaes pendia o véo de que falla o texto, e que servia para dividir o *Lugar Santo* do *Santo dos Santos*, que ficava atraz dos dous pilares ou columnas. Este outro lugar era tido por *santissimo*, e tanto que não havia quem ousasse penetral-o, a não ser unicamente o Summo Sacerdote, e este mesmo uma só vez cada anno. Ahi se guardava a Arca do Testemunho, guarneçada de cherubins com azas estendidas, como enlevados em contemplativa veneração sobre a natureza das maravilhas das graças divinas.

A chapa de ouro fino, que cobria a Arca, era chamada *Propiciatorio*. Dentro da Arca estava a Lei escripta em duas taboas de pedra, de sorte que o *Propiciatorio* ficava sobre os dez mandamentos.

O *Santo dos Santos* figurava a morada de Deus, e o *Propiciatorio* symbolisava o throno em que elle se manifestava *propicio* ou favoravel ao seu povo. Porém, a lei debaixo do *Propiciatorio* significava que, comquanto Deus se manifestasse benigno e *propicio* aos criminosos, elle não deixava de attender ás exigencias de sua propria lei; ou, como ensina S. Paulo: Tal é a sabedoria do plano da salvação, que Deus se acha justo, justificando aquelle que crê em Jesus Christo. (Vid. *Rom.* 3:26.)

Em prova de ser o *Santo dos Santos* o lugar em que o Deus de Israel habitava, uma nuvem brilhante, a mesma que conduzira o povo pelo deserto, pairava sobre o *Propiciatorio*, attestando deste modo sensível ser elle o throno da graça divina.

Passemos agora ao culto que se fazia a Deus no Templo, e examinemos com especial attenção os actos desse culto praticados dentro do véo, no *Santo dos Santos*. Entretanto, estejamos todos lembrados de que o fim do antigo culto era descobrir o modo por que um peccador pudesse approximar-se de Deus para receber o perdão de seus peccados.

Já vos disse, que a ninguem era permittido entrar no lugar *Santissimo* senão ao Summo Pontifice,

e a este uma só vez por anno. Vou expôr o ceremonial prescripto no livro de *Levitico*, cap. 16, para ser observado por occasião dessa solemne entrada, chamada o *grande dia de propiciação*. Nesse dia o Summo Pontifice, que necessariamente era da familia de Arão, depois de se lavar em agua pura, vestia as santas vestes de linho fino, e offerecia por suas proprias culpas e imperfeições um novillo e um cordeiro. Estando para comparecer na presença de Deus, elle carecia de preparar-se, cumprindo com rigor todas as ceremonias prescriptas na lei. Então o Summo Pontifice recebia do povo um bode, e immolando-o, e tomando do seu sangue em uma mão, e na outra um thuribulo cheio de incenso e de brazas tiradas do altar, entrava no *Santo dos Santos*, que ficava por detraz do véo que se rasgou quando Nosso Senhor morreu. E quando o Summo Pontifice estava para levantar esse véo, e comparecer onde a nuvem luminosa testificava que Deus lhe dava audiencia, os outros sacerdotes eram obrigados a sahir do Santuario, afim de que nenhum se atrevesse a olhar para o interior de um lugar tão santo. Que honra singularissima não era a que assim se concedia ao filho primogenito da familia de Arão! Que vocação sublime, a de comparecer onde Deus visivelmente se manifestava presente aos homens, sobre o *Propiciatorio*, no meio dos cherubins! Quem não desejaria ser assim honrado pelo Rei dos reis e Soberano dos soberanos?

Vejamos agora o que fazia o Summo Pontifice

nesse *Santissimo* lugar. Tomando do sangue que levava na mão, elle o aspergia com o dedo sete vezes defronte do *Propiciatorio*, fazendo por este acto solemne expiação das culpas do povo inteiro, cujo representante elle era : e então, tornando a levantar o véo, sahia para invocar o nome de Deus sobre o povo congregado fóra, dizendo : “ O Senhor vos abençõe e vos guarde; o Senhor vos mostre a sua face, e se compadeça de vós ; o Senhor volva o seu rosto para vós, e vos dê a paz.” (Num. 6 : 24, 26.)

Só no anniversario daquelle ‘dia lhe era licito tornar a entrar da mesma fórma, para offerecer de novo o sangue da victima immolada pelo povo. Durante o decurso de um anno, o véo mencionado no texto fechava a todos o accesso á presença de Deus, interceptando o caminho ao lugar onde elle se manifestava propicio e reconciliado com seu povo. Esse véo que ficava pendente entre as columnas por onde se entrava no *Santo dos Santos*, era prova sensível de ser o sangue de bodes e novilhos insufficiente para de uma vez tornar a Deus propicio a seu povo. Esse véo que não dava passagem a ninguem mais, além do Summo Pontifice, e a este mesmo uma só vez por anno, significava que ainda era necessario um sangue melhor que o de animaes, e um Pontifice isento das culpas e imperfeições dos filhos de Arão. Em uma palavra : esse véo era signal visível de serem os sacerdotes, as victimas e os ritos do antigo Templo, pura e simplesmente sombras, figuras e symbolos do Desejado das Nações, que

havia de ser a um tempo *o sacerdote e a victima* de uma expiação tal, que, uma vez feita, deixaria franca e livre a todos a entrada para o throno da graça divina.

Deixando o Templo e o culto dos Judéos ponderemos agora certos factos que tiveram lugar ha mais de 1800 annos, na terra da Judéa.

Conforme o costume desse paiz, alguns pastores em uma certa noite estavam guardando seus rebanhos, quando de repente lhes appareceu um côro de anjos, cantando em louvor de um Menino, que no mesmo dia havia nascido em Belém. Segundo o que os anjos diziam, este Menino era o Salvador, o Christo. Os pastores foram ligeiros, e achando a Maria e José, viram o Menino posto em uma mangedoura : e á medida que este ia crescendo em idade, crescia tambem em sabedoria e graça. Aos doze annos, na companhia de seus pais, foi levado a Jerusalém, para assistir a uma festa ; e nessa occasião assentando-se no meio dos doutores, respondia ás suas perguntas de maneira tal que todos ficaram admirados de sua maravilhosa sabedoria.

Aos trinta annos apresentou-se publicamente, deixando-se baptisar por João Baptista, em signal de sua sujeição á lei, e de já ter dado principio ao seu ministerio a favor dos homens. Pelo espaço de tres annos e tanto, andava de aldêa en aldêa fazendo bem a todos os necessitados, curando os enfermos, fazendo fallar os mudos, andar os côxos, e até re-

suscitando os mortos. Uma grande multidão de gente o seguia, e cada qual tinha alguma cousa que pedir áquelle que de todo se mostrava amigo tão poderoso como benevolo. Um lhe rogava que o curasse de terrivel molestia de que padecia: Ia-se são. Outro se mostrava afflicto por um filho quasi a morrer: “Vai-te em paz, teu filho vive,” disse-lhe o Medico, cuja palavra valia mais que todos os medicamentos jámais applicados segundo as regras da medicina. Olhando para um paralytico que andava de rastos e a custo, disse-lhe o filho de Maria: “Levanta-te e anda,” e o pobre homem levantou-se e andou perfeitamente. Ordenou aos demonios que sahisses, e elles sahiam confessando a prepotencia daquelle que tinha vindo para lhes tirar o dominio. Não consta, finalmente, que houvesse sequer uma só pessoa que lhe fizesse qualquer supplica em vão.

Além de praticar estas maravilhosas obras de Deus, Jesus ensinava “fallando como nunca homem algum fallou.” Explicava a lei divina sem os rodeios e sophismas com que os doutores judaicos obscureciam seu justo sentido, mostrando-se manso como um cordeiro quando instruia os ignorantes que de boa vontade aprendiam, e terrivel como um leão quando via-se obrigado a tirar aos phariseos a mascara de zêlo, que escondia sentimentos e intentos os mais fanaticos e torpes.

Não tardou a levantar-se contra elle uma opposição furiosa, a cuja frente estavam as summas

dignidades da Synagoga, cujos interesses a prégação do filho de Maria punha em perigo. Nada disso, porém, era occulto áquelle que tudo sabia, sem que os homens o informassem : e bem facil lhe fôra livrar-se da morte que lhe armavam os que blazonavam de zeladores da lei de Deus, offendidos pela prégação de Jesus.

Não o quiz. Subiu a Jerusalém com o proposito de alli deixar-se crucificar.

Instituida a cêa sagrada, para que ella fosse ás gerações vindouras a solemne commemoração da morte que ia soffrer, Jesus foi ao horto de Gethsemani, onde agonisou em oração onde pediu ao Pai que se tal fosse possivel, o calix de seus soffrimentos passasse, sem que elle o bebesse.

Tal não foi possivel.

Jesus foi entregue pela traição de Judas, foi interrogado perante o Synhedrio, isto é, o suprêmo tribunal da antiga igreja, e tambem na presença de Pilatos, sem poder provar-se contra elle crime algum. Foi injustamente condemnado e crucificado ás nove horas da manhã. Foi pregado na cruz, traspassado de dôres no corpo, abandonado de seu Pai a beber o calix em que a justiça divina misturára quanto havia de amargo na pena devida ao peccado dos homens, feito objecto de escarneo aos Judêos e de desprezo aos Romanos, e desamparado de seu Pai, de sorte que bradou em agonia indizivel de espirito : “ Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste ? ” Neste martyrio do corpo e da alma,

Jesus ficou das nove horas da manhã da sexta-feira até ás tres horas da tarde. Então dizendo em alta voz: “Tudo está cumprido,” morreu; e immediatamente *o veo do Templo*, que fechava a passagem á presença divina, *rasgou-se em duas partes de alto a baixo*.

Deus, por este milagre symbolico declarava a seu povo, que a lei nesse mesmo instante acabava de a um tempo ser cumprida e inutilisada pela morte de seu Filho, ha tantos seculos esperado como a victima de propiciação pelos peccados do mundo.

Sim, irmãos e crentes em Jesus, o véo que servia de divisão entre Deus e seu povo rasgou-se, conforme nos testemunham os tres Evangelistas. S. João supprindo as ultimas palavras de Christo, “Tudo está cumprido,” explica perfeitamente o *porque* deste milagre. Não vos maravilheis de um facto tão extraordinario. O véo rasgou-se, porque não era possivel que acontecesse de outra maneira. Jesus era o Summo Pontifice, que com o seu proprio sangue acabava de entrar, não no *Lugar Santissimo*, onde uma nuvem só *symbolisava* a presença de Deus, mas sim onde Deus realmente habitava, para torna-lo propicio aos homens. Esse sangue, ao contrario do sangue das victimas cerimoniaes, tinha tal efficacia, que de uma vez satisfez por todos quantos tivessem fé nelle, e em signal deste facto augusto rasgou-se o véo de exclusão, deixando aberto o caminho para Deus.

Ouça o mundo inteiro, (pois importa á toda a

creatura sabê-lo,) a morte de Jesus Christo abriu logo passagem para a presença de um Deus reconciliado e propicio: uma passagem que nunca se fechará, enquanto o mundo subsistir, e houver quem queira salvar-se gratuitamente; uma passagem tão larga, que todo o crente poderá facilmente chegar a Deus, para alcançar a remissão de seus peccados e regeneração do seu coração.

A morte de Jesus conseguiu *de facto* o que a morte das antigas victimas apenas figurava e prophetisava. O sangue que foi derramado na cruz satisfez de uma vez e tão perfeitamente a justiça de Deus, que o throno da graça, do qual era typo a arca contendo as taboas da lei, e coberta pelo propiciatorio, deixava de ficar por mais tempo lugar escondido e fechado, quer com portas quer com véos. Agora, quem lá quizer entrar, comtanto que tenha fé no valor do sacrificio feito na cruz, não será embaraçado ou lançado fóra. Digo-o, porque Christo morreu, o véo rasgou-se, deixando o caminho franco e aberto, e nem ha quem possa tornar a fecha-lo a qualquer servo de Jesus.

Para que ninguem me accuse de ter inventado esta explicação do rasgar do véo do Templo no instante da morte de Christo, lerei as provas em que me fundo. Sei muito bem que a minha palavra não merece credito se ella não combinar exactamente com o testemunho da palavra escripta de Deus. Para esta regra de fé e de doutrina eu appello de bom grado.

Vou lêr primeiro o que escreveu Isaias, no capitulo LIII de sua prophesia, perto de 800 annos antes da morte de Christo, e depois citarei alguns trechos da Epistola de S. Paulo aos Hebreos, escripta perto de 30 annos depois do mesmo evênto. Julgai por vós mesmos se é satisfactoria ou não a coincidencia destes dous escriptores inspirados.

Fallando de alguem, que se chamava no capitulo 52 v. 13, o SERVO DE DEUS, Isaias assim escreve desde o v. 2 do cap. 53 :

“ Subirá como arbusto dianté d'elle, e como raiz que sahe de uma terra sequiosa ; elle não tem belleza, nem formosura, e vimo-lo e não tinha parecença do que era, e por isso o estranhámos.”

A esta figurativa descripção do humilde nascimento de Jesus, e do acolhimento que lhe fazia o povo judaico, correspondem perfeitamente todos os factos narrados no Evangelho.

Continúa o propheta :

“ Feito um objecto de desprezo e o ultimo dos homens, um varão de dôres e experimentado nos trabalhos : e o seu rosto se achava como encoberto, e parecia desprezível, por onde nenhum caso fizemos d'elle. Verdadeiramente elle foi o que tomou sobre si as nossas fraquezas e elle mesmo carregou com as nossas dôres, e nós o reputámos como um leproso, e ferido por Deus e humilhado.

“ Mas elle foi ferido por nossas iniquidades ; foi quebrantado pelos nossos crimes ; o castigo que nos devia trazer a paz cahiu sobre elle, e nós fomos

sarados pelas suas pisaduras. Todos nós andamos desgarrados como ovelhas, cada um se extraviou por seu caminho, e o Senhor carregou sobre elle a iniquidade de todos nós.

“Foi offerecido por que elle mesmo quiz, e não abriu a sua boca. Elle será levado como uma ovelha ao matadouro, e como um cordeiro diante do que o tosquia emmudecerá e não abrirá a sua boca. Elle foi tirado da angustia e do juizo : quem contará a sua geração? por que elle foi cortado da terra dos viventes. Eu o feri por causa da maldade do meu povo. E lhe dará os impios pela sepultura, e o rico pela sua morte : porque elle não commetteu iniquidade, nem se achou nunca dólo na sua boca.

“E o Senhor quiz quebranta-lo na sua enfermidade : se elle tiver dado a sua alma pelo peccado, verá a sua descendencia perduravel, e a vontade do Senhor será por sua mão prosperada. Verá o fructo do que a sua alma trabalhou, e se fartará. Aquelle mesmo justo, meu servo, justificará a muitos com a sua sciencia e elle tomará sobre si as suas iniquidades. Por isso eu lhe darei por sorte uma grande multidão de pessoas : elle distribuirá os despojos dos fortes, porque entregou a sua alma á morte. E foi posto no numero dos malfeitores : e elle carregou com os peccados de muitos, e rogou pelos transgressores da Lei.”

De véras, a quem assim se exprimiu cabe o titulo de propheta evangelista, pois ao lêr-se este trecho, mal póde-se acreditar que Isaias não seja

um dos doze que presenciaram a paixão do *Servo do Senhor que foi offerecido por seu povo, porque elle mesmo quiz.*

Escutai agora ao apóstolo S. Paulo, que vos explicará o que de obscuro ou symbolico haja nos ritos e prophcias do Velho Testamento.

Abrindo a epistola de S. Paulo aos Hebreos, temos nos cinco primeiros versos do capitulo IX a mesma descripção do interior do Templo que já temos feito. E pois escusado citar esses versos. Passo a lêr a explicação do véo do Templo, e do culto feito no lugar mais santo, principiando pelo verso 6 :

“E dispostas assim estas cousas, não ha duvida que entravam sempre no primeiro tabernaculo os sacerdotes para cumprirem as funcções dos seus ministerios; mas no segundo (isto é, no *Santo dos Santos*) só entrava o Pontifice, uma vez no anno, não sem sangue que offerecesse pelas suas proprias ignorancias, e pelas do povo; significando com isto o Espirito-Santo (ponderai bem a linguagem, significando com isto o Espirito-Santo) que o caminho do sanctuario não estava ainda descoberto, enquanto subsistia o primeiro Tabernaculo, o qual é figura do que se passava naquelle tempo: no qual se offereciam dons e sacrificios que não podiam purificar a consciencia do que sacrificava por meio sómente de manjares e bebidas, e de diversas oblações e justiças da carne, postas até o tempo da correção.”

Isto é, o véo—que tapava a passagem que do lugar onde entravam os sacerdotes todos dava para o Lugar Santissimo em que ninguém entrava senão o Pontifice, e este uma só vez por anno—representava que o caminho para Deus ainda estava encoberto, e continuaria a sê-lo até o tempo de reformar este culto, que só consistia em ritos e ceremonias exteriores, sem valor real e intrinseco.

S. Paulo continúa: “Mas estando Christo já presente, Pontifice dos bens vindouros, por outro mais excellente Tabernaculo, não feito por mão de homem, isto é, não desta criação: (Veja-se S. João 2:19, 22) nem por sangue de bodes ou de bezeros, mas pelo seu proprio sangue, entrou uma só vez no santuario, havendo achado uma redempção eterna.”

“V. 24. Porque não entrou Jesus em um santuario feito por mão de homem, que era figura do verdadeiro: senão no mesmo céo, para se apresentar agora diante de Deus por nós outros. E não entrou para se offerecer muitas vezes a si mesmo, como o Pontifice cada anno entra no santuario com sangue alheio: de outra maneira lhe seria necessario padecer muitas vezes desde o principio do mundo; mas agora appareceu uma só vez na consummação dos seculos para destruição do peccado, offerecendo-se a si mesmo por victima. E assim como está decretado aos homens que morram uma só vez e depois disto se siga o juizo, assim tambem Christo foi uma só vez immolado para esgotar os peccados

de muitos, e a segunda apparecerá sem peccado aos que o esperam, para salvação.”

O Cap. X, tratando do mesmo assumpto, accrescenta :

“Porque a lei tendo a sombra dos bens futuros, não a mesma imagem das cousas, nunca pôde por aquellas mesmas victimas que se offerecem incessantemente cada anno, fazer perfeitos aos que se chegam ao altar.

“De outra sorte teriam ellas cessado de se offerer, pelo motivo de que não teriam dalli em diante consciencia de peccado algum os ministros que uma vez fossem purificados; mas nos mesmos sacrificios se faz memoria dos peccados todos os annos. Porque é impossivel que com sangue de touros e de bodes se tirem os peccados.

“Por isso é que o Filho de Deus entrando no mundo diz: Tu não quizeste hostia nem oblação: mas tu me formaste um corpo: os holocaustos pelo peccado não te agradaram. . . .”

“Então disse eu: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tira o primeiro (testamento ou culto) para estabelecer o segundo. Na qual vontade somos santificados pela offrenda do corpo de Jesus Christo feita uma vez.

“E assim, todo o sacerdote (da lei) se apresenta cada dia a exercer o seu ministerio, e a offerer muitas vezes as mesmas hostias, que nunca podem tirar os peccados. Mas este (Jesus), havendo offerido uma só hostia pelos peccados, está assentado

para sempre á dextra de Deus, esperando o que resta, até que os seus inimigos sejam postos por estrado de seus pés. Porque com uma só offrenda fez perfeitos para sempre aos que tem santificado.”

E o Espirito Santo tambem no-lo testifica : porque depois de haver dito (veja-se Jeremias 31 : 33, 34): “ Este é pois o testamento que eu farei com elles depois daquelles dias, diz o Senhor, dando as minhas leis, as escreverei sobre os corações delles, e sobre os seus entendimentos, (acrescenta) : E nunca jámais me lembrarei dos peccados delles, nem das suas iniquidades.”

“ Pois onde a remissão destes : Não é já necessario offrenda pelo peccado. Portanto, irmãos, tendo confiança de entrar no santuario pelo sangue de Christo, seguindo este caminho novo e de vida que nos consagrou primeiro pelo véo, isto é, pela sua carne, e tendo um Grande Sacerdote sobre a casa de Deus, chegemo-nos a elle com verdadeiro coração, revestidos de uma completa fé, tendo os corações purificados de consciencia má, e lavados os corpos em agua limpa. Conservemos firme a profissão de nossa esperanza, porque fiel é o que faz a promessa.”

Como é admiravel o accôrdo que ha entre as figuras e prophcias do Velho Testamento, e os factos e doutrinas do Novo! Como tudo é claro! Que noticia alegre não é esta para toda a alma manchada e sobrecarregada de peccado! O templo e o culto da antiga igreja representavam, por figu-

ras e enigmas, o plano da salvação traçado por Deus desde o principio. Era necessario haver um mediador que offerecesse um sacrificio de valor sufficiente para expiar de uma vez os peccados do mundo.

Tal mediador já veiu ! Tal sacrificio já foi feito.

Nosso Summo Pontifice, o Filho de Deus e de Maria, já entrou no verdadeiro *Santo dos Santos*, onde Deus habita, isto é, nos céos. O sangue que levou comsigo não foi o de qualquer animal, nem o de um simples homem, mas sim o sangue do Deus-Homem. Não é necessario que elle volte, para de novo offerecer-se a si mesmo, e muito menos ainda para ser offerecido por mãos de homens.

Na phrase de S. Paulo, “foi Christo uma só vez immolado, para esgotar os peccados de muitos.” “Com uma só offrenda fez perfeitos para sempre aos que tem santificado.” Em testemunho deste facto rasgou-se o véo. Deus operando este milagre, pôz o sello á perfeita expiação de seu Filho. Tirando o véo que fechava o lugar onde elle dava audiencia aos homens, por intermedio do Summo Pontifice, uma só vez no anno, Deus assim declarava, que dalli em diante haveria entrada franca e passagem livre á sua presença para todos quantos tivessem fé em seu Filho, e não só em qualquer tempo, mas em qualquer parte onde estivessem.

O preço pago na cruz de tal maneira satisfez a justiça divina, que desde a hora em que Jesus disse, “Tudo está cumprido,” até ao presente, nenhuma

alma contrita e crente tem tido precisão de valer-se da intervenção de nenhum outro sacerdote, com seus sacrificios, seus thuribulos e suas ricas vestimentas.

O véo foi tirado pela mão de Deus, deixando aberta a passagem para o throno da graça, e não ha quem tenha nem direito nem o poder de interpôr-se entre o mais humilde crente e o seu Deus, já propicio com a offrenda do corpo de Jesus feita uma só vez.

O unico sacerdote da igreja do Novo Testamento, é Jesus Christo, o qual no seu ministerio sobre a terra cumpriu e inutilisou a lei dos sacrificios, offerecendo-se a si mesmo sobre a cruz. O unico sangue que purifica do peccado é o de Christo, que foi derramado ha 18 seculos sobre a cruz que Poncio Pilatos mandou collocar sobre o Calvario, fóra dos muros de Jerusalém. As vestimentas de todo puras e resplandecentes, com que o christão carece de se vestir antes de chegar ao throno da graça, são os merecimentos de Christo, apropriados pela fé.

Em qualquer parte onde uma alma christã procura a Deus, crendo no valor do sacrificio feito na cruz, e vestida dos merecimentos d'aquelle que a remiu, lá está Deus presente, espiritual, mas realmente; lá está a real sala da audiencia do Rei dos reis, do Soberano dos soberanos. Onde quer que um sentimento profundo por ter offendido a Deus, faz a qualquer peccador curvar a cabeça, ao passo que a fé nos merecimentos de Christo lhe desperta

no intimo da alma a doce esperanza de poder reconciliar-se com Deus ; nesse lugar e nessa hora, o Rei invisivel está realmente presente, absolvendo e consolando a seu filho prodigo ! Nessa mesma hora ha jubilo no céo sobre mais um peccador salvo de graça mediante a sua fé no Redemptor dos homens.

Sim ! Por onde uma viva fé em Christo faz subir á presença de Deus as supplicas e os arden-tes rogos de almas contritas e atribuladas, por ahi já vem descendo um chuveiro de graças e misericordias divinas.

Toda a oração de uma alma realmente anciosa por se reconciliar com Deus por meio de seu Filho, eleva-se de um só vôo ao ouvido d'aquelle que, sem jámais adormecer, véla sobre a felicidade de seus filhos na terra. O suspiro de qualquer destes pela benção de seu Pai no céo, vai subindo ao throno divino, onde assistem os Cherubins e Seraphins, mais rapidamente do que corre qualquer despacho pelo fio electrico. Se o espirito de qualquer creatura humana ora em verdade e com fé na intervenção de Christo, está elle em communicação immediata com seu Creador, de quem desce toda a boa dadia e todo o dom perfeito. Como consequencia de Jesus Christo ter-se identificado com seus discipulos de um modo tão intimo, o pulsar do coração do crente na terra se communica ao seio divino, o qual corresponde como o beneficio mais necessario. Tanto assim é, que a mão que se estende a Deus,

com fé no seu Filho, retira-se sempre cheia de dons divinos.

Não se diga, que da narração dos Evangelistas estou tirandô conclusões que me inspira a minha propria imaginação, nem tão pouco, que procuro agradar-vos com esperanças doces, porém illusorias. Não : e muito pelo contrario, eu apenas faço o que cabe em minhas forças, para dar uma idéa exacta, embora fraca, do valor da morte sacrificial do Redemptor : o qual havendo removido o véo que servia de divisão entre Deus e os crentes, torna valiosa a mais fraca supplica feita em seu nome, pela sua continua intercessão á dextra do Pai. Estou a repetir promessas e convites, que Nosso Senhor fez, estando ainda na terra.

Disse elle a seus discipulos : “Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu vo-lo farei. Se me pedirdes alguma cousa em meu nome, essa vos farei.” João 14 : 13, 14.

“Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.” João 15 : 7.

“Pedi, e dar-se-vos-ha ; buscai, e achareis : batei, e abrir-se-vos-ha. Porque todo o que pede recebe, e o que busca acha, e a quem bate abrir-se-ha.” Matheus 7 : 7, 8.

Estas e outras muitas promessas de Jesus, “que fallava como nunca homem algum fallou,” são o apoio do meu discurso, e das doutrinas nelle apresentadas. São estas doutrinas necessarias á salva-

ção, e o pulpito que as não prégar, não conseguirá nada de bom. O prégador (seja elle quem fôr) que lê a palavra divina, ou consulta a voz da sua propria consciencia, sem se convencer de que a morte de Jesus Christo na cruz é o unico remedio efficaz para o peccado, é cego e surdo, e no pulpito ha de mostrar-se tambem mudo a face de tudo o que ha de realmente valioso no Evangelho.

O christão que não conhece por sua propria experiencia, quanto póde o sangue do Cordeiro de Deus que veio tirar os peccados do mundo, e que não sente-se devendo a Elle a paz de que está gozando, não é o que elle se intitula: não é christão.

Riscai do Evangelo a doutrina de que a morte de Jesus Christo é uma satisfação real, e de valor sufficiente para reconciliar com Deus a todo o fiel, e o que fica restando jámais poderá trazer paz a qualquer alma, nem tão pouco renovar em ninguem o coração e a vida.

Onde é ignorado ou escondido o valor da paixão de Nosso Senhor; onde não ha quem, abrindo a Biblia, e lendo aos ouvidos do povo o testemunho dos prophetas, evangelistas, apóstolos e do proprio Filho de Deus, explique a efficacia do sangue que Nosso Grande Sacerdote levou para dentro do véo; onde não se conhece que o véo que servia de divisão entre Deus e seus adoradores, rasgou-se de alto a baixo, deixando franca passagem á face de Deus para todos os que se sentissem carregados de culpas: ahi não ha paz de consciencia: ahi não ha

moralidade: ahi não ha religião que não seja, de um lado superstição, e do outro um meio de vida, ou um negocio como outro qualquer!

Se o sacrificio principiado pela agonia de espirito que se apoderou de Nosso Senhor, no horto de Gethsemani, e consummado quando do alto da cruz, elle bradou: "Tudo está cumprido," rasgando-se a esta voz o véo do Templo; se este sacrificio não foi sufficiente para de uma vez pagar pelos peccados do mundo, então o culto antigamente feito no Templo perde o seu valor como figura e sombra do futuro, e torna-se sobre maneira irracional e até ridiculo! E não só isto, mas nós mesmos nos enganamos agora, cuidando que este nosso culto tem algum prestimo aos olhos de Deus!

É mui certo que as nossas preces, canticos e adoração de per si não têm a virtude de nos reconciliar com Deus, nem de fazer vir sobre nós seus beneficios; mas não é menos certo, que se nós offerecemos todos esses actos de culto de um coração verdadeiramente arrependido, e com fé no sacrificio de Christo, a nossa victima pelo peccado, temos real e immediata communhão com Deus, nosso Pai nos céos, e a adopção de filhos legitimos.

Creio ter agora conseguido o fim proposto, demonstrando com provas solidas, tiradas tanto do Velho como do Novo Testamento, a natureza do nexó que existe entre a morte de Nosso Senhor, fóra dos muros de Jerusalém, e a rasgadura do véo que ficava pendente do mais intimo recinto do

Templo, no centro da mesma cidade. Tenho, igualmente, mostrado que S. João, guardando silencio sobre este milagre, e referindo as ultimas palavras de Nosso Senhor, em vez de discrepar de seus co-evangelistas, explica admiravelmente o modo de se entender o milagre referido por estes. É claro que o milagre e as palavras têm uma só interpretação.

A doutrina que fica provada por todos os factos que se deram durante a Paixão de Christo, é o infinito valor da expiação feita na cruz, e a plena liberdade que, por consequencia, temós de entrar confiadamente ao throno da graça, para recebermos a remissão de nossos peccados e a salvação de nossas almas.

Admiravel doutrina! “Deus é caridade: e tanto amou ao mundo, que enviou a seu Filho Unigenito, para que todo o que crê nelle não pereça, mas tenha a vida eterna.” De boa vontade recebe outra vez a seus filhos prodigos e rebeldes, e os trata com a ternura de um pai!

Aqui poderia eu concluir, se outro facto, igualmente espantoso, não me obrigasse a demorar mais um instante. Este facto vem a ser a indifferença e a incredulidade que ha a este respeito entre aquelles em cujo proveito Christo morreu na cruz.

Alguns ha que não acreditam que deveras elle morreu. São bem poucos, porém, os que negam assim redondamente os factos da vida de Jesus Christo.

Outros ha, e esses em muito maior numero, que

não podem crêr que a sua morte tivesse tanto valor. Estão convencidos de que Jesus morreu sobre uma cruz, e que, de um ou outro modo, o christão póde valer-se dessa morte; porém entendem que o véo não se rasgou, e por conseguinte, não ha livre accesso ao throno do um Deus já propicio, sem mais intervenção quer de sacrificios quer de sacerdotes. Esses taes se dizem christãos, mas, não contentes com o sacrificio e o sacerdocio de Christo, querem valer-se da intervenção de outros sacerdotes, que, á maneira dos antigos, servem a novos altares, com outros sacrificios, thuribulos, vestimentas e incenso, como se Jesus nunca dissera: Tudo está cumprido; como se o véo não se rasgára; como se o apóstolo não tivera reiterado que “com uma só offrenda Nosso Senhor sanctifica, de sorte que não é mais necessario offrenda pelo peccado.”

Ha ainda outros, que reconhecem a verdade de todo o exposto neste discurso, e não duvidam affirmar que o maior peccador que se arrepende, e procurar chegar-se a Deus, confiando sincera e puramente na intervenção de Christo, será acolhido benignamente e perdoado de graça; mas a elles mesmos faltam este arrependimento e fé individual, e por consequencia, não fazem o que poderiam aconselhar a quem estivesse afflictio por causa de seus peccados.

Para todas estas classes, o sacrificio de Jesus Christo não é da menor utilidade.

Sem duvida nenhuma, que o véo se rasgou em

morrendo o Nosso Redemptor. Sem duvida nenhuma, que á vista do eterno Filho de Deus agonizando e expiando os delictos humanos, ficaram inutilizados os antigos ritos, e prohibidas para sempre novas offertas pelo peccado. Mas de que aproveita a um doente o remedio que elle não quer tomar? Que valor terá uma promessa que ninguem aceita? Para que serve o mais rico banquete, se por falta de appetite ou por desprezo áquelle que os convida, os convidados não se querem assentar á mesa? E o sol, brilhando com toda a sua luz no firmamento, o que será para um cego que vai andando ás apalpadelas por un caminho que leva á borda de um precipicio?

Assim, em razão da indifferença de uns e da incredulidade de outros, o sacrificio do Cordeiro divino não os reconcilia com Deus. Não ha mais véo nem porta que estorve o passo ao peccador que busca ao Senhor. Mas se elle não tiver a fé individual que o anime a entrar confiadamente para a presença de um Deus reconciliado e propicio, a sua condemnação será maior que a dos que nunca ouviram fallar no nome de Jesus.

Porém folgo de saber que estou me dirigindo a alguns que têm esta fé individual que o Evangelho requer dos que se salvam.

Meus irmãos na fé de Jesus, o sacrificio é um só, e apenas foi offerecido, o véo se rasgou: mas convém que façais muitas entradas. Não passa dia algum sem que pequemos, por ignorancia, por des-

cuido, ou talvez pela força de carne. Cada peccado é motivo sufficiente para de novo vos approximar-des de Deus, em nome de seu Filho. Quanto ao tempo e ao lugar mais proprios, lembrai-vos do que Jesus disse á mulher samaritana, que estava che-gando o tempo em que Deus havia de ser adorado onde quer que se achassem os que em espirito e verdade o adorassem.

Se vos fôr possível, será melhor recolher-vos a alguma parte em que, a sós com Deus, possais in-voca-lo sem serdes vistos ou distrahidos. Se isto não vos fôr possível, não vos importeis; é o espiri-to que ora, e Deus que, sem ser visto, tudo vê, ha de ouvir e corresponder aos rogos que lhe fizerdes, recolhidos em vós mesmos. Confessai a Deus as vossas culpas, sem encobrir nada, pois delle não se zomba. Toda a confissão fingida é abominavel á vista de um Deus Santo. Confessai o mal que ten-des feito, e o bem que poderieis ter feito. Lem-brai-vos de vossa falta de amor e de fé, do pouco zêlo que tendes pela gloria do nome de Jesus, da dureza de vossos corações, e do quanto estais longe de avaliar bastante os beneficios e misericordias que Jesus vos tem prodigalisado. Confessai tudo a Deus, sem vos desculpardes; não ha desculpa que vos possa attenuar as faltas, e é mister que as con-fesseis com um coração atribulado e contrito.

Para vos animar, recordai os convites e pro-messas do Evangelho, trazendo á memoria os mes-missimos termos da palavra divina. Seja a vossa

fé tão firme, e a vossa confiança tão perfeita, como se o mesmo Salvador ainda estivesse presente em propria pessoa, dizendo: “Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos alliviarei.” Mattheus 11:28. “Todo o que o Pai me dá, virá a mim, e o que vem a mim não no lançarei fóra.” João 6:37. “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a propria vida pelas suas ovelhas.” João 10:11.

Recordai-vos do testemunho dos apóstolos, igualmente digno de credito; de como S. João affirma que “o sangue de Jesus Christo nos purifica de todo o peccado;” 1 João 1:7; de como S. Pedro fallando de Jesus Christo Nazareno, diz: “Não ha salvação em nenhum outro. Porque do céo a baixo nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual nós devemos ser salvos,” Actos 4:12; e de como S. Paulo manda e exhorta a todos os fieis a ter confiança de “entrar no santuario, isto é, na presença divina, pelo sangue de Christo, e segundo o caminho novo e de vida, que elle consagrou pela sua carne.” Heb. 10:19, 20.

Recordai o sacrificio consummado na cruz, e escutai o Redemptor dizendo com seu ultimo suspiro: “Tudo está cumprido.”

O véo rasgou-se. Não ha mais divisão entre Deus e vossas almas. Pedi, en nome de vosso Mediador, e recebereis tudo o que quizerdes.

Se está presente alguém, que estranhe este conselho, que não costume dar tanto valor ao sacrificio

feito ha tantos seculos, que nunca pensou em pedir a Deus a remissão de seus peccados e a adopção de filho, na fé de que seria attendido simplesmente por amor de Jesus Christo, eu me dirijo a essa pessoa. Meu amigo, rogo-te que faças, sem mais demora, o que até agora nunca tiveste animo bastante para fazer. Aproveita o privilegio de que ninguém te póde privar, desde que o teu Redemptor disse do alto da cruz: "Tudo está cumprido;" desde que o véo se rasgou, em signal de ser Deus reconciliado com os homens, e de teres assim o privilegio de te chegar ao throno da graça divina, pedindo com plena confiança que elle te perdôe gratuitamente, e te renove o coração.

Atreve-te a crêr o que o Redemptor disse. Neste seculo de descrença e de superstições tão crassas, que não se sabe mais o que é o christianismo, assenta o edificio de tua crença sobre Jesus Christo só. Veste-te de seus merecimentos infinitos. Tuas orações, confissões e adoração, dirige-as a Deus em nome de seu Filho. Na tribulação, lembra-te de como Jesus chorou á vista da afflicção da familia de Lazaro, e de que elle é o mesmo hoje o que era nesse tempo. Ninguém tanto como elle se commove de compaixão. Abre-te com elle, abraça-te com elle, com a firme resolução de não te arredares dalli, emquanto elle te não disser: "Perdoados te são os teus peccados."

Jesus e Jesus só é, que é um Salvador.

Uma só palavra áquelles (se os houver) que já

têm seus salvadores, seus advogados, e não se sentem necessitados de Jesus, e tenho concluído.

Cumpre que se faça a vosso respeito o rogo feito pelo Redemptor do mundo a favor dos membros da antiga igreja, que com seus proprios olhos viram a sua paixão, e delle zombaram: "Pai, perdôa-lhes, porque não sabem o que fazem."

O THESOURO ESCONDIDO.

A PÉROLA DE GRANDE PREÇO.

“O Reino dos Ceos é semelhante a um thesouro escondido no campo, que quando um homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo.

“Assim mesmo é semelhante, o Reino dos Ceos a um homem negociante que busca boas pérolas.

“E tendo achado uma de grande, preço, vai vender tudo o que tem, e a compra.”—S. Matt. xiii. 44-46.

ESTE capitulo está cheio de parabolae de Nosso Senhor, empregadas com o intento de por este meio captivar a attenção do povo e instrui-lo. Uma parabolae se parece com uma pintura, com a differença de que a pintura faz impressão nos sentidos do corpo, emquanto que a parabolae representa verdades espirituales que só o espirito do homem percebe. A parabolae é especie de conto, ou breve historia, onde todo o objecto em que se falla tem sentido figurado, religioso e espirital. Para comprehender qualquer das parabolae de Nosso Senhor é preciso penetrar a casca e tirar a doutrina que nella está encerrada. Aquelle que não faz isto não

tira proveito nenhum, porque lhe fica occulta a parte mais importante, que é sempre o sentido moral e religioso.

Esta era a culpa de muita gente que ouviu da boca de Jesus estes discursos. A cegueira e ignorancia dessa gente era tal, que não comprehendia que Nosso Senhor fallava em sentido espirital. Ouvindo a historia do homem que sahiu a semear, e como tres partes da semente não chegaram a dar fruto, enquanto a quarta parte a deu abundantemente, esses homens cegos não pareciam imaginar que aqui se tratava de cousas muito mais importantes do que a criação de plantas e de arvores. Jesus servia-se de cousas terrenas para melhor explicar verdades espirituas cujo conhecimento é indispensavel á salvação da alma. A sua missão não tinha por fim outra cousa senão livrar a raça humana da perdição eterna, e os meios por elle empregados eram os que melhor condiziam com este proposito.

Por tanto, se pretendemos entender o que Nosso Senhor queria dizer fazendo comparação entre o Reino de Deus e um thesouro escondido ou uma pérola de grande preço, cumpre-nos procurar um sentido espirital para estas palavras. Nem ser-nos-ha permittido dar-lhes qualquer outro sentido, cada um fazendo dellas a idéa de que mais gostar. É necessario achar a significação que lhes é propria, e que Nosso Senhor quiz que trouxessem.

Nem isto será difficil, porque as parabolias do

Evangelho são taes que, lendo-as qualquer pessoa que quer comprehende-las, ser-lhes-ha quasi impossivel errar quanto á sua significação principal.

Pedindo a Deus o dom do seu Espirito, façamos agora a diligencia de interpretar a parabola do thesouro escondido e da pérola de grande preço.

É evidente que a principal cousa que Nosso Senhor pretendeu ensinar é o grande apreço em que se deve ter a alma do homem, e a maneira de proceder para lhe assegurar a salvação. Torna-se evidente este sentido logo que a parabola fôr lida com attenção.

“O Reino dos Ceos é semelhante a um thesouro escondido no campo, que quando um homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo.

“Assim mesmo é semelhante o Reino dos Ceos a um homem negociante que busca boas pérolas.

“E tendo achado uma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra.”

Este thesouro é a salvação das nossas almas, ou, em outras palavras, o direito de ser cidadão do Reino dos Céos. “Entrar no Reino dos Ceos,” “vêr o Reino dos Ceos,” “ser do Reino dos Ceos,” são phrases bem conhecidas para mostrar todos os beneficios de que gozam os servos de Jesus. Da mesma maneira o thesouro escondido, em que Nosso

Senhor falla nesta parabola, figura os privilegios, os direitos e as benções espirituaes que se concedem aos crentes.

Nem é possível achar outra parabola mais acertada e propria para nos dar a entender quanto é grande a felicidade de ser filho de Deus e cidadão do seu Reino. Disto depende a nossa sorte eterna. De que nos póde aproveitar este mundo se as nossas almas vierem a ficar perdidas? Ser abençoado de Deus, sentindo as nossas culpas perdoadas, e estar firmes na esperança de alcançar entrada no Ceo, é isto o que se póde chamar "thesouro."

Porém se diz que este thesouro ficou escondido n'um campo de sorte que não ó acharam todos os homens.

Isto nos representa que os meios de alcançar a salvação estão occultos a grande parte dos homens. As Sagradas Escrituras são o campo desta parabola, onde fica escondido o thesouro que facilmente faria rico o homem que o achasse. Um pouco de diligencia é quanto basta para descobrir ricas minas de sabedoria e de graça no livro de Deus. Nelle se referem os grandes factos que explicam o estado actual da raça humana; a criação do homem e do mundo; o peccado de nossos primeiros pais e a consequente maldição perpetuada de geração em geração e cujos terriveis effeitos são attestados pela cegueira do nosso entendimento, pela dureza do nosso coração e pela baixeza de nossos sentimentos e affectos. N'uma palavra, todos os males que nos affligem são

fielmente apontados neste livro da sciencia divina e de sabedoria celestial.

Mas de pouca utilidade fôra o livro de Deus se não passára além de nos dar a saber os males que nos incommodam e os perigos que nos cercam de todos os lados. O grande proveito que se tira da leitura das Escrituras Sagradas é a cura deſses males. E'um livro de medicina que mostra a maneira de applicar ás dôres e ás doenças da alma os remedios que infallivelmente dão allivio a essas dôres e curam essas molestias, sejam ellas quaes fôrem. Falla em um Medico de sabedoria infinita e de bondade tão extremada que conhecendo que só o proprio sangue teria a virtude de curar a molestia de que o genero humano soffre, entregou-se a morrer. Este medico é Christo, o Salvador, cujo sangue, diz S. João, "purifica de todo o peccado." A applicação deste remedio tão infallivel para curar a alma tirando-lhe as manchas, realisa-se logo que o doente, o peccador, desesperado de se ver sarado por outros medicos e outros remedios, faz o que fez a pobre mulher de que falla S. Marcos no capitulo 5, versos 25 a 34.

Esta mulher, desenganada das esperanças que por longos annos punha em outros medicos, veio a Jesus, crendo no seu poder para a curar. Estendeu a mão e tocou o Salvador com o toque de fé. O Evangelho nos conta este caso para nos descobrir de que modo nos cumpre chegar a Jesus. Esta mulher sentia-se muito mal, largára toda a confiança em outros medicos, e chegando-se a Jesus com fé firme recebeu o

que mais desejava. No mesmo instante operou-se uma cura radical. Para que não houvesse duvida sobre a condição essencial a fim de alcançar tanto a cura da alma como a do corpo, Jesus disse a esta mulher: “Filha, a tua fé te salvou: vai-te em paz, e fica curada do teu mal.”

Tal é o Medico e Salvador em que fallam as Escrituras Sagradas. O Thesouro que está escondido no livro de Deus é a noticia de haver salvação gratuita para todos os que se sintam necessitados e cansados de vãos esforços para comprar ou merecer que Deus lhes perdôe.

Porém é um thesouro escondido para muitos, assim como se diz na parabola que “o Reino dos Ceos é semelhante a um thesouro escondido no campo.” E porque está escondido? Porque é que são tão poucos os que apreciam as riquezas reveladas na palavra de Deus? E’ por serem os homens cegos do entendimento e tão inclinados a toda a casta de prazeres mundanos e carnaes que nenhum interesse sentem nas cousas em que fallam as Escrituras. Nosso Senhor, que conhecia a fundo o coração humano, disse que “os homens amam mais as trevas do que a luz e por tanto não se chegam á luz.” S. João iii. 19, 20. Nenhuma mudança tem havido d’alli para cá, e o seculo presente, em materia de religião, é em tudo semelhante aos seculos passados. Nosso Senhor veiu annunciar aos Judeos a nova lei que confere privilegios muito mais ricos do que a Igreja antiga gozava, mas poucos lhe de-

ram credito. Até as authoridades da Igreja se pronunciaram contra as suas pretensões de ser o Messias, e mandaram-no entregar para ser crucificado como malfeitor. Os Judeos até hoje andam em trevas, sonhando n'um Salvador que ainda está para vir, para os fazer voltar a seu paiz natal. Elles têm nas mãos o Velho Testamento, donde é facil tirar provas concludentes e terminantes a favor dos Christãos. Fôra facil mostrar na Biblia dos Judeos (que não é outra cousa senão o Velho Testamento dos Christãos) textos em abundancia que são profecias da vinda de Jesus, do seu nascimento, das principaes cousas acontecidas na sua vida, e da sua morte na cruz para tirar os peccados dos homens. O Velho Testamento é thesouro riquissimo, mas os Judeos, por causa da cegueira de espirito e da sua maldade, não o acharam. Era e ainda é um thesouro escondido.

Muitos que se dizem Christãos estão no mesmo caso. Vendem-se as Escrituras pelas ruas e talvez tenham a ventura de possuir a inteira palavra de Deus, tanto o Novo como o Velho Testamento. Mas quanto á salvação da alma e aos meios de se lavarem dos seus crimes, são cegos como Judeos. Em vez de acreditarem firmemente que o Salvador é o Medico das almas e está perto delles ouvindo toda a humilde confissão que se lhe dirige e perdoadando de graça aos contritos de coração e aos crentes, entendem, pelo contrario, que elle fica muito distante e difficilmente se deixa interessar em nossas

miserias e desgraças e tentações. Em vez de olharem para a cruz de Christo, crendo o que dizem S. João e S. Paulo, que lá se pagou de uma vez todo o preço exigido pelos rigores da justiça divina, julgam-se ainda obrigados a pagar e a penar, assim inutilizando o perfeito sacrificio da cruz. E' desses de quem fallou Nosso Senhor dizendo: "O Reino dos Céos é semelhante a um thesouro escondido no campo." Assim como os Indios da California passaram muitas vezes por cima de minas de ouro, sem uma só vez sonharem nas riquezas que pizavam aos pés, assim tambem ha hoje muitos que possuem as Escrituras e ás vezes folheam as suas paginas sem acharem o thesouro nellas escondido—sem entenderem que "pela graça é que somos salvos mediante a fê, que ha um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens," que, havendo feito uma só offrenda na cruz, Jesus tornou desnecessario e impossivel qualquer outro sacrificio para expiar os peccados da raça humana.

Como é triste tanta cegueira! Isaias, a quem foi concedido descrever as cousas então futuras, lastimou-a nestes termos:—"Ouvi ouvintes, e não no entendais: e vêde a visão, e não na conheceis." Isaias vi. 9; S. Matt. xiii. 14.

Porém sempre ha alguns que descobrem o thesouro em que falla esta parabolá. Voltando a ella vejamos qual é o melhor procedimento neste caso.

Um homem achando-o e apreciando o seu immenso valor, o esconde e vai vender tudo o que tem

e compra aquelle campo. Isto é, todo o homem achando um thesouro escondido sente-se ao mesmo tempo alegre de vêr ao seu alcance tantas riquezas e receioso de perde-las, e por tanto trata logo de ter em seu poder o titulo que lhe dá a posse do thesouro escondido. Com toda a pressa e prudencia faz-se possuidor do campo que o pôde fazer rico.

Procuremos agora o sentido moral e religioso em que Nosso Senhor quiz que as suas palavras fossem interpretadas.

A alegria que o homem da parabola sentiu, figura um dos effeitos que sempre resultam de descobrir que Jesus é Salvador compassivo, misericordioso e fiel em seu ministerio. A alma que a primeira vez se convence de que Jesus realmente pagou a sua divida e de graça offerece-lhe o proveito desse pagamento, não pôde deixar de alegrar-se, porque noticia melhor é impossivel imaginar.

Diz-se tambem que um homem achando o thesouro escondido, o esconde, e, depois de vender todos os seus bens, apressa-se a comprar o campo onde existe escondida tanta riqueza. Isto representa o cuidado e a diligencia que exige a obra da nossa salvação. Cumpre-nos fazer tal apreço das nossas almas, que no mesmo instante em que conhecemos a graça de Jesus devemos tratar de participar della. Toda a demora é cousa muito insensata, porque os nossos dias vão fugindo como uma sombra e pôde estar perto a hora destinada da nossa morte. Ninguem sabe hoje o que lhe acontecerá

amanhã. Deixar para mais tarde negocio de tanta importancia—a aceitação do favor gratuito que Nosso Senhor nos quer fazer—seria proceder indigno de um homem de bom juizo. Não foi assim que fez o homem da parábola, que representa um peccador a quem o Santo Espirito abriu os olhos para crer em Jesus. Elle apressou-se a tomar posse de thesouro escondido. Meus amigos, imitai este exemplo que o Senhor vos propõe. O rico thesouro ha tanto tempo escondido são as promessas e as benções que a palavra de Deus vos offerece. Apressai-vos e abraçai a salvação gratuita e perfeita, que é o fructo da paixão e dos merecimentos de Nosso Senhor.

Para que todos saibais que vos exhorto em nome de Jesus, escutai o que elle mesmo disse :

“ Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos alliviarei.” Matt. xi. 28.

“ O que vem a mim, não no lancarei fóra.”
“ O que crê em mim tem a vida eterna.” João vi. 37, 47.

“ Logo nós fazemos o officio de embaixadores em nome de Christo, com que Deus vos admoesta por nós-outros. Por Christo vos rogamos que vos reconcilieis com Deus.” 2ª Cor. v. 20.

“ Porque pela graça é que sois salvos mediante a fé.” etc. Efes. ii. 8.

Todas estas e muitas outras bellas palavras se acham neste livro. Não posso cita-las todas, pela

mesma razão por que não é possível tirar de uma vez todo o ouro da California ou da Australia. S. Gregorio, fallando das Sagradas Escrituras, o campo da parabola, diz estas palavras tão bellas quão acertadas: “Se a Escritura encerra mysterios capazes de confundir os mais versados, tambem encerra verdades simples, proprias para alimentar os humildes e menos sabios: no exterior até ás crianças dá o leite da doutrina; e nos mais secretos arcanos tem com que exaltar até á maravilha os mais sublimes espiritos. E’ semelhante a um rio cujas aguas em certos sitios são vadeaveis a um cordeiro, e n’outros tão profundas que um elephante nadaria nellas.”

Outro grande escritor diz muito bem: “Não ha na vida uma posição para a qual se não possa encontrar na Biblia um verseto vindo a proposito.”

Com toda a razão se póde dizer que as Escrituras são um campo em que está escondido um thesouro, não de riquezas mundanas, mas sim de sabedoria e de consolação e da graça salvadora.

Oxalá que nenhum de vós tenha a infelicidade de ficar por mais tempo surdo ás boas noticias do Evangelho—que nenhum de vós deixe passar mais tempo sem lançar mão do Salvador que no Evangelho está vos convidando a si mesmo para que elle vos salve da perdição eterna.

Diz-se porém que o homem da parabola, cujo exemplo é citado para nos instruir sobre os meios proprios para assegurar a posse do thesouro escondido.

dido, vendeu tudo e comprou o campo em que se achava o thesouro. Como é que se deve entender esta parte da parabolá? Em que sentido temos bens com que comprar as riquezas espirituaes em que Nosso Senhor queria fallar? Comprar a graça divina é cousa de todo impossivel. Não se encontra nas Escrituras caso algum em que a graça de Deus ou qualquer dom espiritual fosse vendido. Entre todos os doentes, mancos, surdos, paralyticos, cegos, entre todos que se apresentaram a Nosso Senhor, é de notar que nenhum jámais pensou em offerecer-lhe offerta alguma para alcançar o favor que queria obter. Não preciso dizer que nunca se vendeu qualquer cura; é escusado dizer-vos isto; porque espero que ninguem possa ser capaz de imaginar que Nosso Senhor jámais aceitou de alguém cousa alguma em pagamento do beneficio que fez ou que ia fazer. O que estou dizendo é que, de todas as pessoas que o procuraram para que elle lhes fizesse qualquer bem, nem uma só jámais pensou em offerecer lucro algum nem a elle nem a seus discipulos, excepto n'um caso notavel que nos vem contado em Actos viii. 18-24. "E quando Simão vio que se dava o Espirito Santo por meio da imposição da mão dos Apostolos, lhes offereceu dinheiro, dizendo: Dai-me tambem a mim este poder, que qualquer a quem eu impozer as mãos receba o Espirito Santo. Mas Pedro lhe disse: O teu dinheiro pereça comtigo: uma vez que tu te persuadiste que o dom de Deus se podia adquirir com dinheiro. Tu

não tens parte nem sorte alguma que pretender neste ministerio: porque o teu coração não é recto diante de Deus. Faze pois penitencia desta tua maldade: e roga a Deus que, se é possível, te seja perdoado este pensamento do teu coração. Porque eu vejo que tu estás n'um fel de amargura, e preso nos laços da iniquidade. E respondendo Simão, disse: Rogai vós por mim ao Senhor, para que não venha sobre mim nenhuma cousa das que haveis dito.”

Visto como foi tratado o unico homem que se atreveu a offerecer dinheiro a um ministro de Deus para comprar um dom espiritual, não será preciso gastar tempo em provar que esta parabola não nos manda vender os nossos bens para com o preço delles comprar riquezas espirituaes n'um sentido litteral. Foi só o campo que comprou o homem em que a parabola falla. Não se diz que comprou o thesouro. Todos os seus bens não chegaram para isto.

O verdadeiro sentido é que devemos avaliar em seu justo preço as riquezas que a palavra de Deus nos descobre, e em comparação ter em pouco, em nada, todas as mais riquezas. E' isto o que nos aconselha a prudencia. Ha muitas passagens das proprias Escrituras que confirmam esta interpretação. Destas são exemplos:

“Então disse Jesus aos seus discipulos: Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me.

“Porque o que quizer salvar a sua alma, perdela-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, acha-la-ha.

“Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que commutação fará o homem para recobrar a sua alma?” Matt. xvi. 24-26.

“Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda a sua mesma vida, não pôde ser meu discipulo.” Lucas xiv. 26.

Tanto estes textos como a parabola affirmam que é necessario sermos diligentes e prudentes para fazer certa a nossa salvação. Não há tempo a perder. Todo o dia que vai fugindo, emquanto ficamos irresolutos e indecisos sobre este negocio urgente, é dia perdido. Os nossos inimigos são numerosos e temiveis. Vemo-nos apertados de todos os lados por tentações fortes. A morte é inimigo que com certeza nos vencerá mais cedo ou mais tarde. E' possivel acontecer-nos o que succedeu ás cinco virgens em que falla Nosso Senhor em S. Mattheus xxv. 1-13.

“Então será semelhante o Reino dos Ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahiram a receber o Esposo.

“Mas cinco de entre ellas eram loucas, e cinco prudentes:

“as cinco porém que eram loucas, tomando as suas alampadas, não levaram azeite comsigo:

“mas as prudentes levaram azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas.

“E tardando o esposo, começaram a tosquenejar todas, e assim vieram a dormir.

“Quando á meia noite se ouviu gritar: Eis-ahi vem o Esposo, sahi a recebe-lo.

“Então se levantaram todas aquellas Virgens, e prepararam as suas alampadas.

“E disseram as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagam.

“Responderam as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister.

“E emquanto ellas foram a compra-lo, veiu o Esposo: e as que estavam apercebidas entraram com elle a celebrar as vôdas, e fechou-se a porta.

“E por fim vieram tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos.

“Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço.

“Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.”

Cuidemos, meus irmãos que não nos surprensa a mesma sorte das cinco fatuas, ou segundo ao que o Senhor nos ensina no mesmo Evangelho.

“Nem todo o que me diz, Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Ceos: mas sim o que faz a von-

tade de meu Pai, que está nos Ceos, esse entrará no Reino dos Ceos.

“Muitos me dirão naquelle dia: Senhor, Senhor, não é assim que profetizámos em teu nome, e em teu nome expellimos os demonios, e em teu nome obrámos muitos prodigios?”

“E eu então lhes direi em voz bem intelligivel: Pois eu nunca vos conheci: apartai-vos de mim, os que obraes a iniquidade.” S. Matt. vii. 21-23.

DESEJOS DO CÉO.

QUAL suspira sequioso,
Lasso cervoá clara fonte ;
Tal anhelos fervoroso
Por vêr o meu Creador.

Meu espirito ancioso
Teve sêde de seu Deus ;
Ah ! quando verei nos céos.
A face do meu Senhor.

De continuo amaro pranto
Me mantenho, noite e dia ;
Povo infido exclama em tanto :
Esse teu Deus onde está ?

A tão perfidos accentsos,
Magoado me bate o peito,
Desafogo com lamentos
Minha dôr tyranna e má.

De saudade consumido,
Só me consola a lembrança,
A dôce e eterna esperança
De que um dia te verei.

Qual será minha alegria
Nesse dia afortunado !
Com que gozo transportado
Teus louvores cantarei !

Mas porque, coração meu,
De temor triste palpitas ?
Enxuga as faces afflictas,
Espera no teu Senhor.

Inda has de vêr seu semblante
E exaltar seu nome santo,
Pois elle é um Deus amante,
Teu refugio, e teu valor.

Adoço assim o tormento
Que me cerca o coração,
Esperando de cantar-te
Sobre as margens do Jordão.

Ouve os meus ardentes rogos ;
Ah ! meu Deus, eu te direi
Que tú és o meu amparo,
Que sem ti viver não sei.

De continuo exclamam, bradam
Com sorriso mofador :
Onde está esse qu'adoras,
Esse Deus, esse Senhor ?

Mas porque, coração meu,
De temor triste palpitas ?
Enxuga as faces afflictas,
Espera no teu Senhor.

Inda has de vêr seu semblante
E exaltar seu nome santo,
Pois elle é um Deus amante,
Teu refugio, e teu valor.

OS IMPIOS

NAO TEM PAZ.

“Para os impios não ha paz, diz o Senhor.”

ISAIAS lvii. 21.

TEMOS aqui uma declaração formal e explicita, que quasi dispensa commentarios. Afim de que ninguem faça pouco caso della, accrescenta-se:— assim diz o Senhor.

Os decretos officiaes entre nós acabam pelas palavras:—Com a rubrica de Sua Majestade o Imperador. Esta formula previne aos que tenham de o ler da sua origem e validade. Da mesma maneira aprouve a Deus sellar as solemnes palavras: “Para os impios não ha paz,” accrescentando a formula: “diz o Senhor.” Os decretos dos Reis e Imperadores deste seculo podem ser revogados, annullados e até violados muitas vezes, sem que seja possivel punir aos authores de semelhante desacato. A rubrica do Imperador muitas vezes se acha affixa a leis que jazem nos archivos publicos sem que pessoa alguma faça caso dellas. Mas tal não suc-

cede em relação ás leis de Deus. Onde se acha o sello de Deus affixo a qualquer decreto ou determinação, ficai certos de que esse decreto ou determinação é valido e em tempo opportuno ha de se cumprir. Deus ao mesmo tempo é o supremo poder legislativo e executivo. O que a sua boca diz, assim o executará o seu braço omnipotente. Ou, se Deus quizer, delegados que executem a sua vontade, a seu aceno os exercitos do céo se põem em movimento. Se Deus affirmar que para os impios não ha paz, assim de facto o é e hade ser. Se elle disser: "Não ha condemnação para os que estão em Jesus Christo," tambem a este respeito não é admissivel a menor duvida.

Persuadidos da impossibilidade de haver a menor quebra da palavra de Deus, estudemos com attenção esta linguagem. Verifiquemos o sentido da palavra "impios" e indaguemos as causas de elles não poderem descansar em paz.

Impio tem sentido opposto á palavra *pio*. Chama-se homem *pio* aquelle que é movido pela reverencia religiosa, pelo sentimento de seus deveres para com Deus seu Pai e Creador. Chama-se *impio* aquelle que não faz caso da lei de Deus. *Impio* é aquelle que cede ao impulso de seu proprio espirito ainda que este impulso conduza á violação dos preceitos divinos. *Impio* é aquelle que vive no mundo como se não houvesse Deus nem alma nem juizo vindouro. *Impio* é aquelle que, apezar de confessar a existencia de Deus, não lhe dá a

reverencia nem o culto que lhe são devidos. Impio é aquelle que sabendo da existencia de uma revelação divina, descuida da sua leitura. Impio é aquelle que, depois de esclarecido sobre a vontade de Deus, obedece aos homens de preferencia, quer movido do medo das consequencias de uma franca adhesão á verdade de Deus, quer seduzido pelo peccado. Em uma palavra, a falta de piedade para com Deus, é impiedade. Todo aquelle em cujo coração não preside o amor de Deus, é chamado *impio*, e deve ser classificado entre os impios para os quaes não ha paz; diz o Senhor. E'-me desnecessario dizer-vos como é numerosa esta classe. Vivendo em contacto com o mundo, vós sabeis tão bem como eu o que são os homens. Alguns são *atheus*, negando a propria existencia de Deus e a immortalidade da alma. Outros se chamam *deistas* —isto é, reconhecem um Deus, mas não admittem revelação nem culto externo.

Outros, emfim, se professam servos de Deus e discipulos de Christo. Mas attendendo de perto á sua vida, o que é que vemos? A lei de Deus é systematicamente violada, o evangelho de Christo desprezado, e o culto de Deus ou profanado ou cahido em desuso. Debaixo de diversas fórmulas a impiedade existe em toda a parte e se propaga por milhares de bocas, algumas bem eloquentes. Não me faço accusador gratuito de ninguem. Aprecio tão sómente factos patentes e confessados dos proprios que são responsaveis por elles. Vejo o livro

de Deus taxado de falso e de perigoso. Vejo o dia do Senhor profanado em grande escala. Vejo o Christo do Senhor substituído por outros que são inculcados como seus supplentes. Vejo o sentimento de reverencia para com Deus amortecido e prestes a ser apagado da consciencia publica como se apaga a torcida que fumega. Tudo isto vejo, porque tenho olhos e não os fecho. Vendo tudo isto, volvo os meus olhos para o throno de Deus, o qual tambem tudo isto vê, e ouço a sua voz dizendo:—“ Não ha paz para os impios.”

“Criei a paz, fruto dos labios, a paz para aquelle que está longe, e para o que está perto, disse o Senhor, e o sarei. Os impios porém são como um mar agitado, que não póde acalmar, e com o proprio rolo vem as suas ondas a quebrar na praia e fazer lodo. Não ha paz para os impios, diz o Senhor.” Isaias lvii. 19-21.

Eis-aqui a voz de Deus. Curvemo-nos em presença de seu decreto. A impiedade e a paz não se communicam. O leão e o carneiro não habitam juntos. A luz e as trevas não se misturam; nem tão pouco o azeite e agua. Não ha paz senão nos corações em que o Senhor reina e dispensa suas graças. Assim diz o Senhor. Os factos e a experiencia de todas as gerações o comprovam.

Sabido o facto de não haver paz para os impios, vejamos se as causas que o produzem estão ao nosso alcance. Por que razão não ha paz para os impios das diversas classes já referidas?

1°—Quanto a mim, a falta de paz que o impio sente procede da dependencia em que toda a creatura vive. Um recém-nascido depende de sua mãe. Della recebeu o ser, e recebe della o alimento de cada dia. Embora uma criança e a mãe sejam dous entes, quasi se confundem ao principio, tão intimos são os laços que os unem. Se a mãe morresse e não houvesse quem a substituisse, seu filhinho morreria com ella.

Neste espelho podemos ver as relações que temos para com Deus, nosso Pai. Na linguagem de S. Paulo, “nelle mesmo vivemos, e nos movemos, e existimos.” Actos xvii. 28.

Separados de Deus, morremos inevitavelmente. Não ha quem faça as suas vezes. Todo o mundo não é capaz de encher o vacuo quando Deus se retira da sua creatura. Dizendo que a separação de Deus é a morte para a creatura, não quero dizer que esta deixe de existir. Existir e viver são cousas mui diversas. Uma arvore depois de arrancada da terra pôde existir por longos annos, mas não tem a vida que tinha d’antes, a vida que é propria de uma arvore. Existem no museo desta côrte os restos de corpos humanos que ha seculos estavam vivos no Egypto. Existem ainda; mas a alma que os animava não os anima mais. Existem nas ruas e nos beccos desta côrte centenares de infelizes bebendo a taça de dissoluções vergonhosas. Essas infelizes outr’ora viviam no seio de familias honestas. Talvez seus pais e mãis ainda ignorem a

triste sorte de suas filhas. Supponhamos que alguém fosse dizer a um pai e a uma mãe:—Tua filha vive. Não seria essa noticia irrisoria e falsa para esse pai ou mãe de familia? Tal viver é a peor das mortes.

Pois é neste sentido que não ha paz para os que vivem apartados de Deus e esquecidos de seu Pai nos céos. A todos os impios falta o essencial para a sua felicidade, falta a benção de seu Pai e por conseguinte falta a paz para suas almas.

Todo o vivente tem o seu proprio elemento, fóra do qual morre. O peixe vive no mar e nos rios. As aves voam pelo ar e fazem seus ninhos nas arvores e nos penhascos dos montes. O homeni pisa a terra e respira o ar. Assim a alma que emanou de Deus, vive em Deus, e privada da presença de Deus começa a agitar-se nas convulsões de uma morte espiritual. Para essa alma não ha paz. Essa alma vive fóra do seu elemento. Sente uma falta, uma ancia indizivel. Tem fome, mas não acha nenhum alimento substancial que lhe satisfaça; tem sede abrazadora, mas as aguas amargas que vai bebendo nas cisternas deste mundo são como lenha para um fogo acceso.

Convencei-vos de uma vez, meus irmãos, de que não ha paz para os impios. A alma que vive fóra da graça de Deus está fóra do elemento e da vida para os quaes foi destinada.

Ouvi a voz de Jesus Christo:—“Eu sou o pão da vida: o que vem a mim, não terá jámais fome,

e o que crê em mim, não terá jámais sede.” S. João vi. 35.

Diz outra vez a mesma voz:—“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida: ninguem vem ao Pai, senão por mim.” S. João xiv. 6.

Diz ainda Nosso Senhor:—“Eu darei ao vencedor o manná escondido, e dar-lhe-hei uma pedrinha branca: e um nome novo escrito na pedrinha, o qual nao conhece, senão quem no recebe.” Apoc. ii. 17.

“Ao vencedor darei a comer da arvore da vida, que está no Paraíso do meu Deus.” Apoc. ii. 7.

Quem recusar dar credito a estas promessas, tem de ser como o mar—sempre agitado:

“Os impios porém são como um mar agitado, que não póde acalmar, e com o proprio rolo vem as suas ondas a quebrar na praia e fazer lodo. Não ha paz para os impios, diz o Senhor Deus.” Isaias lvii. 20, 21.

E’ tão impossivel que a sua alma tenha paz e descanso, como o é que o mar cesse de se agitar. Terrivel pensamento! . . . Quem não terá contemplado o mar, rolando suas ondas para a praia, quebrando-se sobre os rochedos, sem um só instante de descanso. Ah! se as vossas almas tivessem de ser sempre agitadas de remorsos e de tempestades á semelhança do mar, como não seria horrivel semelhante sorte!

2º.—Agora vou mostrar-vos as causas da falta de paz que toda a alma apartada de Deus sente.

A consciencia é a voz de Deus fallando dentro

de nossas almas. Sem que as nossas almas estejam reconciliadas com Deus e consoladas com a sua graça, a consciencia assusta-se, protesta, geme, não querendo nem podendo nunca calar-se.

A Escritura Sagrada, dizendo:—“onde o bicho que os rõe nunca morre, e onde o fogo nunca se apaga,” S. Marcos ix. 43 e 45, falla de um bicho que ha de roer os impios para sempre e de um fogo que nunca se apaga. Aqui se refere aos remorsos de uma consciencia criminosa. E’ com razão que uma tal consciencia é comparada a um bicho que sempre rõe e nunca morre, a um fogo que queima sempre mas nunca se apaga.

E’ difficil fazer-se uma ideia destes tormentos. Na presente vida a lembrança de nossas culpas se apaga facilmente. A memoria é fraca. Toda a recordação desagradavel facilmente se desvanece. Mas tal não succederá na vida futura. Não haverá as distracções que ao presente affogam e afugentam pensamentos incommodos. A alma condemnada a penar por suas culpas facilmente se lembrará dellas todas. Os peccados que lhe pareciam esquecidos, serão lembrados perfeitamente. Então a consciencia, d’antes amortecida, ha de acordar e começará a agitar-se como o mar ao levantar-se um temporal. Esta turbacção do espirito produzida pelos remorsos da consciencia ha de ser immensa quando toda a fealdade do peccado fôr descoberta aos nossos olhos e á vista de Deus. Na presente vida o peccador se julga sózinho. A ideia de Deus é vaga. Mas virá

tempo em que a creatura se reconhecerá núa na presença de seu Deus, como o esteve Caim quando Deus o interrogou ácerca da morte de seu irmão. Então os seus crimes mudarão de aspecto. A sua alma se encherá de immenso horror e espanto. Então o peccador se sentirá outro Judas, culpado de ter peccado contra o sangue de Jesus Christo.

O pensamento que virá encher a medida dos tormentos de uma alma entregue aos seus remorsos é a convicção de serem esses remorsos eternos. Na presente vida toda a dôr é suavizada por alguma esperança de allivio. E' rarissimo encontrar-se uma creatura de todo privada de esperanças para o futuro. Embora taes esperanças sejam muitas vezes illusorias, ao menos servem para diminuir o immenso desgosto causado pelas infelicidades da vida presente.

Se entre nós apparecesse algum dotado de um conhecimento perfeito de nosso estado, e, rasgando o véo de illusão que com tanto escrupulo cada um de nós quer interpôr entre si e o futuro, descobrisse o nosso demerito e o nosso destino eterno, que espanto não se veria pintado em semblantes agora risonhos e alegres! Não é verdade que a calma habitual dos impios assenta em sua ignorancia de si mesmos e do destino que os aguarda? Porém no mundo além do sepulchro revelar-se-ha toda a verdade em sua nudez. Ver-se-ha interposto entre os justos e os impios uma barreira intransitavel.

“ Havia um homem rico, que se vestia de pur-

pura, e de hollanda: e que todos os dias se banquetava esplendidamente. Havia tambem um pobre mendigo, por nome Lazaro, todo coberto de chagas, que estava deitado á sua porta, e que desejava fartar-se das migalhas, que cahiam da mesa do rico, mas ninguem lh'as dava: e os cães vinham lambe-lhe as ulceras. Ora succedeu morrer este mendigo, que foi levado pelos anjos ao seio de Abrahão. E morreu tambem o rico, e foi sepultado no inferno. E quando elle estava nos tormentos, levantando seus olhos, vio ao longe a Abrahão, e a Lazaro no seu seio: e gritando elle disse: Pai Abrahão, compadece-te de mim, e manda cá a Lazaro, para que molhe em agua a ponta de seu dedo, a fim de me refrescar a lingua, pois sou atormentado nesta chamma. E Abrahão lhe respondeu: Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em tua vida, e que Lazaro não teve senão males: *por* isso está elle agora consolado, e tu em tormentos: e de mais, que entre nós e vós está firmado um grande abysmo: de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os de lá passar para cá." S. Lucas xvi. 19-26.

E' facil ver que nestas circumstancias não ha paz. A consciencia não adormecerá nunca.

Que partido resta a tomar?

"Todos vós os que tendes sede, vinde ás aguas: e os que não tendes prata, apressai-vos, comprai, e comei: vinde, comprai sem prata, e sem commutação alguma vinho o leite." Isaias lv. 1. AMEN.

A PAZ.

O LEGADO DE CHRISTO

A paz vos deixo, a minha paz vos dou.

S. João xiv. 27.

As maiores fortunas são legados herdados por testamento de pessoas que já passaram desta para outra vida. Todos os dias sommas fabulosas de dinheiro e ricas propriedades passam a herdeiros que não tem ajudado em nada para a sua accumulção. Uma pessoa pelo direito de successão recebe uma corôa e tem direito a ser obedecida por uma nação inteira. Outra recebe uma fazenda de grande valor por ser o parente mais proximo daquelle que a comprou com seu suor.

Tambem se herdam males de toda a classe. A geração actual soffre pela má direcção dos negocios publicos em tempo passado, e hoje o governo está contrahindo dividas cujo pagamento ha de exigir das gerações por vir grandes sacrificios e impostos. Uma nação tem herdeiros, tanto como um homem, e cada geração deixa, para aquella que tem de seguir-se, legados ora de cousas boas ora de males.

O direito adquirido em virtude de um testamento é o mais absoluto de todos os direitos reconhecidos

entre os homens. E' verdade que não ha pagamento. O herdeiro não paga nada pelos legados que lhe são deixados. Mas por isso mesmo ninguem pôde contestar-lhe o seu titulo. Quando se compra alguma cousa, pôde haver contendas e demandas. O direito assim adquirido pôde ser contestado allegando-se incompleta a quantia ajustada, ou falsa a moeda com que se quer pagar. Mas isto não tem lugar quando se trata de um legado. Tudo quanto pertencia ao testador fallecido, forçosamente passa a seus herdeiros, sem pagamento, e sem poder outrem pôr embargo algum.

Mas não é de legados constando de dinheiro nem de propriedades nem de corôas reaes que pretendo fallar-vos. Seja qual fôr o valor de semelhantes objectos, ha cousas de mais subido preço. Quero fallar-vos de legados cujo valor passa de todo o calculo humano, e em que cada um de vós está de perto interessado. O sentido em que fallo ficará evidente logo que tiver indicado de quem vós sois os herdeiros legitimos.

1º.—Sois os herdeiros de Adão. O sangue d'elle corre em vossas veias. Fostes nascidos á sua imagem e semelhança. Sois carne de sua carne e osso de seus ossos. Isto não é tudo. Elle foi constituido vosso representante legal. Deus em tudo o tinha como a cabeça do genero humano, e nesta qualidade fez com elle um concerto, promettendo-lhe a vida eterna caso fosse obediente: e intimando-lhe que a quebra do mesmo concerto seria punida

com a pena de morte. Sabeis o resultado. Adão cahiu por sua desobediencia e ficou incurso na pena da lei. Foi lançado fóra do paraíso e condemnado a ganhar a vida á custa de duros trabalhos e padecimentos. Ficou possuido de medo e de remorsos. A sua alma perdeu a paz que d'antes era o doce enlevo de sua existencia. Ao ouvir a voz de Deus, em vez de sentir o jubilo proprio de uma creatura vendo-se perto de seu Creador, Adão fugiu e se escondeu. Não pôde contemplar-se a si mesmo sem corar de vergonha. Dentro d'elle tudo estava mudado. A paz foi substituida por crueis remorsos, e a contemplação do futuro já não trazia mais esperança nenhuma. Triste aquisição foi essa que o peccado trouxe ao nosso primeiro Pai! Para completar esta desgraça, ella deveria ser transmitida como uma herança ás gerações por vir, até o fim do tempo. Por sermos descendentes de Adão, somos seus herdeiros legitimos. Temos de padecer as tristes consequencias de sua desobediencia, assim como teriamos gozado da vida eterna se elle tivesse guardado o concerto de Deus.

As provas do que estou dizendo estão ao vosso alcance. Por ventura vossas almas tem paz e socego e quanto é indispensavel á sua felicidade? Responda cada um por si mesmo, depois de ter consultado a consciencia. Ou antes não estais no caso de Adão depois de expulso do paraíso? Vossos corpos estão lutando com a fome e a sêde, e conseguem satisfazer suas necessidades com trabalho

duro e continuo; e vossas almas estremecem ao ouvir pronunciar-se o nome de Deus. Perdida a innocencia, foi-se a paz. Sois os herdeiros de Adão. O legado que elle vos deixou é triste em extremo. Males e só males são a herança dos filhos de Adão. Vós e todos os homens sem excepção estais incursos na desgraça de que elle tornou-se a causa.

2º.—Felizmente Adão não é o unico que deixou um legado para o genero humano. Na 1ª epistola aos Corinthios xv: 45, Christo chama-se o segundo Adão, porque, a exemplo de Adão, elle foi constituido fiador e representante de nossa raça, e por seu testamento assegurou a seus herdeiros uma herança adquirida por seus trabalhos e soffrimentos. A passagem que me serve de thema explica a natureza do legado que Jesus Christo nos deixa. O principal fim do meu discurso é expôr-vos o valor deste legado e a validade do direito que tendes a recebe-lo.

1º.—O SEU VALOR.

A primeira consideração que trago para dar-vos a conhecer o valor do legado de Christo, resulta da sua natureza. Christo não vos promete grandes sommas de dinheiro, prazeres, jerarchia. Isto tem seu valor. Mas ha alguma cousa sem comparação alguma muito mais preciosa. E' a paz que foi perdida quando o peccado entrou no mundo. Porque o peccado e a paz são cousas que não se póde conciliar. Em presença de uma dellas a outra se des-

vanece, assim como ao nascer do sol fogem as trevas. O peccado entrando no mundo, poz termo á paz que a creatura d'antes sentia. O coração humano tornou-se semelhante ao mar, que não é capaz de descansar por um só momento. Isaias lvii. 20. Mas o coração d'onde foi banida a paz, fica triste ainda que tenha tudo quanto este mundo possa dar-lhe. O primeiro passo, pois, para restituir a alguém a felicidade, é a sua absolvição, de modo que não seja mais sujeito ás consequencias de seus peccados. Só assim a paz torna a habitar em nossas almas, e junto com a paz a felicidade propria de uma creatura racional e moral.

Ora, este beneficio Christo vos offerece. Elle vos diz: "A minha paz vos dou." Se aceitais a offerta, será vosso o mais precioso dos legados. Uma paz que o mundo não póde nem dar nem tirar, reinará em vossas almas, pondo termo á inquietação e ao medo e aos remorsos que o peccado gera sempre. A contemplação da lei de Deus não vos abalará, porque Jesus Christo já satisfez por vós, e sois herdeiros do merecimento por elle ganho. Não haveis de sentir mais o medo que levou Adão a esconder-se de Deus, porque Deus está reconciliado com os que crêm em Christo. O pensamento da morte e do juizo final não assusta mais, pois tendes em quem fiar-vos. O proprio Juiz está dizendo: "A minha paz vos dou."

O seu valor torna-se mais evidente se consideramos o preço por que foi adquirida. Emquanto

nada nos custa a nós, tal não succedeu a Christo que no-la deixou como legado. O preço da paz, que é a herança do Christão, foi o sangue de Christo.

“Porque foi do agrado do Pai que residisse nelle toda a plenitude: e reconciliar por elle a si mesmo todas as cousas, pacificando pelo sangue da sua Cruz, tanto o que está na terra como o que está no ceo. E sendo vós n’outro tempo estranhos, e inimigos de coração pelas más obras: agora por certo vos reconciliou no corpo da sua carne pela morte, para vos apresentar santos e immaculados e irreprehensíveis diante delle.” Collos. i. 19–22.

“E para reconcilia-los com Deus a ambos em um só corpo pela cruz, matando as inimidades em si mesmo.” Efes. ii. 16.

Escutai as palavras com que saudou os discipulos, depois de resuscitado:

“Chegada porém que foi a tarde daquelle mesmo dia, que era o primeiro da semana, e estando fechadas as portas da casa, onde os discipulos se achavam juntos, por medo que tinham dos Judeus: veiu Jesus, e poz-se em pé no meio delles, e disse-lhes: Paz seja comvosco. E dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Alegraram-se pois os discipulos de terem visto o Senhor. E elle lhes disse segunda vez: Paz seja comvosco. Assim como o Pai me enviou a mim, tambem eu vos envio a vós. Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles: e disse-lhes: Recebei o Espirito Santo: aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão elles perdoados:

e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-hão elles retidos. Porém Thomé, um dos doze, que se chama Didymo, não estava com elles, quando veiu Jesus. Disseram-lhe pois os outros discipulos: Nós vimos o Senhor. Mas elle lhes disse: Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e se não metter o meu dedo no lugar dos cravos, e se não metter a minha mão no seu lado, não hei de crer. E oito dias depois estavam os seus discipulos outra vez dentro: e Thomé com elles. Vieu Jesus ás portas fechadas, e pôz-se em pé no meio, e disse: Paz seja comvosco.” João xx. 19-26.

Nem é difficil expôr-vos a necessidade que havia de se comprar a paz dos homens por este preço. Já vos disse que o que nos roubou a paz foi o peccado. Portanto não havia possibilidade de paz sem fazer desvanecer o peccado, nem havia meio de livrar os homens de seus peccados, senão pagando-se o resgate exigido. Consultando a lei vemos que a pena da sua quebra é a morte. A alma que peccar, certamente morrerá.

“ Maldito todo o que não permanecer em todas as cousas que estão escritas no Livro da Lei, para fazel-as.” Gal. iii. 10; Deut. xxvii. 26; Jer. xi. 3.

Afim de expiar pelo peccado e deixar intacta esta lei, o Redemptor voluntariamente deixou-se prender, condemnar e crucificar. Foi maldito para que nós nunca jámais o fossemos. Padeceu em seu corpo e alma o castigo que nos devia trazer a paz. Por isso a paz que deixou por testamento aos crentes

é fructo de sua paixão. Elle a comprou, no rigor da palavra, e de sua bondade quer transmitti-la a todos os seus como precioso legado. E' por este motivo que Christo diz: "A minha paz vos dou." Sim, a paz que todo o Christão sente em gráo mais ou menos perfeito, resulta da reconciliação feita por Jesus Christo entre Deus e suas creaturas.

Garantindo-a aos crentes, Jesus Christo diz: "A minha paz vos dou." Foi com justissima razão que Christo emprega a palavra—*minha*. Ella não estava ao alcance dos homens antes da vinda de Jesus Christo. Enquanto o peccado não fosse expiado, era inutil fallar em paz. Nem foi possível fazer expiação senão pela vinda e morte de Jesus Christo. Por isso, havendo padecido com constancia a pena merecida por nossos peccados, Jesus Christo adquiriu essa paz que deixou para os que nelle cressem. O que para nós é um dom—um presente—uma mercê, foi por elle ganho a preço de seu sangue. Nós temos paz com Deus e paz em nossas almas, por sermos feitos herdeiros de Christo. A paz que temos, não é nossa senão pelo direito de successão. E' herdada de Christo, o qual depois de resuscitado, e logo antes de separar-se de seus discipulos, disse: "A paz seja comvosco."

2º.—*A validade do titulo* que temos a este legado. Já disse que o direito de successão é considerado o melhor titulo possível. Se uma pessoa por testamento deixa uma propriedade a um amigo, este tem titulo muito seguro. Uma vez que o testamento

seja assignado e sellado em ordem, o direito do fallecido passa á pessoa nomeada no testamento. Não se póde impedir que tome posse dos bens do fallecido. Não se póde contestar seu titulo dizendo—esta pessôa não é digna de ser rica, não trabalhou para ganhar estes bens, etc. A tudo isto existe uma só resposta:—Elle é nomeado no testamento como herdeiro. O que regula é a vontade do testador. Desde que não ha duvida sobre os termos do testamento, é forçoso dar-lhe cumprimento, entregando ao herdeiro seus bens. Embora este seja indigno, o seu titulo é tão valido como o era o titulo do testador fallecido.

Pois bem : Christo por um testamento deixou—um legado acima de todo o preço. Custou-lhe adquirir o direito de assim enriquecer a humanidade. Foi necessario que viesse do céu á terra—que tomasse a si uma natureza humana—que a final morresse, pois todo o testamento não é valido sem que tenha morrido o testador. Jesus Christo quiz que os homens lhe ficassem devendo o maior dos beneficios—a paz de seus espiritos na consciencia de serem perdoados e reconciliados com Deus. Eis a linguagem em que se exprimiu o seu desejo:—“A paz vos deixo, a minha paz vos dou : eu não vo-ladou, como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem fique sobresaltado.” João xiv. 27. O que regula é a vontade de Christo escrita aqui no seu testamento. Aqui não se trata de nossos meritos nem de nossos direitos. Uma pessoa sem

merecimento pôde muito bem ser herdeira de um homem honrado, se este assim o quizer. Assim também o titulo que o crente tem á paz deixada por Jesus Christo não depende das boas obras que tenha feito, nem de merecimento pessoal de que possa gabar-se, mas depende sim da soberana vontade de Jesus Christo, significada e ratificada no seu testamento, e sellada por seu sangue. A validade de semelhante titulo não pôde ser posta em discussão sem negar que Jesus Christo tivesse o direito concedido pelas leis do Brasil a todo o cidadão,—o direito de fazer do que é seu o què quizer,—o direito de deixar o que ganhou com suor de sangue a seus amigos,—o direito de dispôr livremente *daquillo* por que tanto trabalhou.

Cito-vos algumas passagens que confirmam esta exposição da validade do titulo que temos á paz de Christo :

“E por isso é mediador de um novo testamento: para que intervindo a morte, para expiação daquellas prevaricações que havia debaixo do primeiro testamento, recebam a promessa da herança eterna os que tem sido chamados. Porque onde ha um testamento: é necessario que intervenha a morte do testador. Porque o testamento não tem força, senão pela morte: d’outra maneira não val emquanto vive o que fez o testamento.” Heb. ix. 15-17.

“Irmãos (fallo como homem) ainda que um testamento seja de um homem, com tudo sendo confirmado, ninguem o reprova, nem lhe acrescenta

cousa alguma. As promessas fôram ditas a Abrahão, e á sua semente. Não diz: E ás sementes, como de muitos: senão como de um: E á tua semente, que é Christo. Mas digo isto, que o testamento foi confirmado por Deus: a lei que foi feita quatrocentos e trinta annos depois, não o faz nullo para abrogar a promessa. Porque se da lei é que vem a herança, logo não vem ella já da promessa. Ora pela promessa é que Deus deu a esperança a Abrahão. Para que é logo a lei? Por causa das transgressões foi posta, até que viesse á semente, a quem havia feito a promessa, ordenada por anjos, na mão de um Mediador.” Gal. iii. 15-19.

Segue-se, pois, que a herança é tão certa como o titulo pelo qual Jesus Christo a possuia. Se elle comprou a herança por sua obediencia e suor de sangue, se a deixou por testamento, e se nós somos seus herdeiros, ninguem pôde disputar-nos o titulo.

Quaes são os herdeiros legitimos de Jesus Christo?

“Porque todos os que são levados pelo Espirito de Deus, estes taes são filhos de Deus. Porque vós não recebestes o espirito de escravidão, para estardes outra vez com temor, mas recebestes o espirito de adopção de filhos, segundo o qual clamamos, dizendo Pai, Pai. Porque o mesmo Espirito dá testemunho ao nosso espirito, de que somos filhos de Deus. E se somos filhos, tambem herdeiros: herdeiros verdadeiramente de Deus, e coherdeiros de Christo: se é que todavia nós padecemos com elle,

para que sejamos tambem com elle glorificados.”
Rom. viii. 14, 17.

“A abrir-lhes os olhos, afim de que se convertam das trevas á luz, e do poder de satanaz a Deus, para que recebam perdão de seus peccados, e sorte entre os santos pela fé, que ha em mim.” Actos xxvi. 18.

“Nelle é tambem que a herança nos cahiu como por sorte, sendo predestinados pelo decreto daquelle, que obra todas as cousas segundo o conselho da sua vontade.” Efes. i. 11.

“Assim tambem nós, quando eramos meninos, serviamos debaixo dos rudimentos do mundo. Mas quando veiu o cumprimento do tempo, enviou Deus a seu Filho, feito de mulher, feito sujeito á lei, afim de remir aquelles, que estavam debaixo da lei, para que recibessemos a adopção de filhos. E porque vós sois filhos, mandou Deus aos vossos corações o Espirito de seu Filho, que clama: Pai, Pai. E assim já não é servo, mas filho. E se é filho: tambem é herdeiro por Deus.” Gal. iv. 3-7. AMEN.

JESUS É O MEU REFUGIO.

O' MEU amante Jesus,
Abriga minh'alma afflicta,
Emquanto brama a procella,
E revolto o mar se agita !

Salvo em quem ao porto guia,
Não ha mais temor em mim :
O Creador me protege,
'Stou seguro e salvo enfim !

Sê o refugio e guarida
D'est'alma sem protecção,
Preservando-a d'um naufragio
Nos mares da tentação !

Porque és todo o bem que eu quero,
Em ti tudo se depara :
Ergue ao vil, reforça ao fraco,
Guia ao cego, ao enfermo sara !

Porque só em Ti confio,
Sê tu minha fortaleza !
De tuas azas com a sombra
Cobre-me a frente indefeza !

Porque sou todo peccado,
Todo trevas e maldade,
E só tu és justo e santo,
Luz, amor, e caridade !

Amar-te, Jesus, e crer-te,
No teu seio repousar :
Por meu Rei e Senhor ter-te,
Pela bebida e manjar :

Saborear em paz tua graça,
Da tua morte, ó Salvador!
Provar a santa efficacia,
Oh! ineffavel dulçor!

Oh! ventura inenarravel!
Tenho o Eterno por Pastor!
Sempre terno e exoravel;
Tanto e tal é seu amor.
Em sua viva caridade
Desce abaizo aqui na terra,
Suas ovelhas da orphandade
Tomando nos braços cerra.

Elle deu por mim sua vida,
Me conhece a nomear;
A sua meza me convida,
Na sua casa hei meu lugar.
Elle quer bem inquirir
Da minha fraqueza e mal,
Quanto é bom! quer supprimir
Minha falta original.

Se o Soberano Monarcha,
Dos homens na multidão,
Me discerne, se me marca
Na palma da sua mão;
Que m'importa a mim, ó mundo!
Se sempre me desconheces!
Tu, com teu olhar profundo,
Tu, Jesus, tu me conheces.

CHRISTO CRUCIFICADO.

“Porque tanto os Judeos pedem milagres, como os Gregos buscam sabedoria: mas nós prégamos a Christo crucificado: que é um escandalo de facto para os Judeos, e uma estulticia para os Gentios, mas para os que têm sido chamados assim Judeos, como Gregos, prégamos a Christo, virtude de Deus, e sabedoria de Deus: pois o que parece em Deus uma estulticia, é mais sabio que os homens: e o que parece em Deus uma fraqueza, é mais forte que os homens.”

1ª COR. i. 22-25.

SALAMÃO disse “que não ha nada que seja novo debaixo do sol, e ninguem póde dizer: eis aqui está uma cousa nova. O que é já foi; e o mesmo ha de ser.” Eccles. i. 9, 10; iii. 15.

Se o Apostolo Paulo voltasse e viesse prégar nas ruas do Rio de Janeiro, teria occasião de verificar o dito do Rei sabio. Encontraria aqui as duas classes em que fallou aos Corinthios. Uns lhe pediriam provas visiveis e sensiveis das doutrinas que lhes prégasse, e outros quereriam ouvir de sua boca argumentos e raciocinios de uma eloquencia

ostensiva e pretenciosa. Se elle não quizesse accommodar-se á vontade de nenhuma destas classes; se não quizesse fazer milagres para aquelles que têm a consciencia tão entorpecida que só alguma cousa visível lhes faz impressão, nem tão-pouco consentisse em fallar na linguagem dos que fazem timbre de sabios e de philosophos, teria de certo o mesmo exito que teve em Corintho. Os adoradores do visível e do sensível ficariam escandalizados com suas doutrinas puras e espirituaes, e os philosophos achariam aborrecida a citação de tantos textos das Escrituras Sagradas, as quaes elles estão tão longe de apreciar como estavam os proprios Corinthios.

Sim, os Judeos pediram milagres ao Apostolo. Seus Rabbinos sem duvida tinham a pretensão de obra-los; e onde o povo quer milagres, e já crê nelles, é facil arranjar cousa que sirva. Mas Paulo não condescendeu com este appetite dos Judeos para as cousas que só fazem impressão nos sentidos, deixando a consciencia empedernida e o coração submergido no vicio. Prégou a Jesus Christo crucificado, testificando a todos que não havia outro caminho para o Pai senão por seu Filho crucificado. Insistiu na necessidade de um arrependimento sincero da parte de todos, porque todos eram peccadores, e só pela fé no sangue que foi derramado na cruz havia esperanza de perdão. Os Judeos, orgulhosos de serem já filhos predilectos de Deus, ouvindo prégar que nem o seu nascimento, nem o rito de circumcisão, nem suas melhores obras,

lhes poderiam valer alguma cousa, pois que o unico pagamento valioso era o que se fez na cruz, ficaram escandalizados.

“Nós prérgamos a Christo crucificado: que é um escandalo de facto para os Judeos, e uma estulticia para os Gentios.” 1ª Cor. i. 23.

A cruz de Christo para elles era escandalo, e o Apostolo, que não queria prérgar outra cousa, foi insultado, desprezado, e a final martyrisado.

Meus ouvintes, se achais duvidoso o que estou dizendo; se não podeis acreditar que hajão entre nós pessoas que se escandalisariam se S. Paulo lhes pregasse a cruz de Christo, ha um meio de se fazer um ensaio satisfactorio. Sahindo desta sala, levai comvosco a mesma palavra que Paulo prérgava; lêde-a por vós mesmos; abraçai a doutrina do Apostolo, e, como elle, não queirais saber outra cousa em materia da salvação de vossas almas senão a Jesus Christo e este crucificado; dai testemunho disto a vossos parentes e amigos, citando as palavras e o exemplo dos Apostolos e do proprio Salvador: fazei esta experiencia, e então vereis comprovado o facto de se acharem entre nós pessoas para as quaes a cruz de Christo é um escandalo insupportavel. Se o Judaismo morreu, o seu espirito sobreviveu e ainda move guerra mortal ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Christo.

A outra classe que não gostava da prérgação de S. Paulo era a dos *gregos*, e compunha-se dos que se prezavam de sabios. Estes não queriam outra

revelação senão essa que elles mesmos tivessem inventado, nem outro remedio para os males que affligissem o mundo do que as maximas de sua philosophia. Póde-se imaginar com que desprezo estes taes ouviram a S. Paulo dizer que o unico remedio para um mundo corrompido e perdido estava em crer n'um Judeo que nasceu na villa de Belém, morou em Nazareth, e a final morreu crucificado, affirmando ser o Filho de Deus e o Salvador. “Que estulticia,” diziam elles comsigo.

Criticaram tambem o estylo de S. Paulo e os argumentos com que elle lhes pretendia impôr esta doutrina extravagante. Paulo mesmo confessa que o seu estylo não foi sublime nem estudado, pois isto não convinha ao fim que tinha em vista. Diz elle:

“E eu quando fui ter comvosco, irmãos, fui não com sublimidade de estylo, ou de sabedoria, a annunciar-vos o testemunho de Christo. Porque julguei não saber cousa alguma entre vós, senão a Jesus Christo, e este crucificado.” 1ª Cor. ii. 1, 2.

Creio que é escusado provar que temos numerosos representantes desta classe. Ha muitos para quem a prégação de Jesus Christo crucificado é uma estulticia, mórmente se o prégador não busca um estylo sublime e não ostenta a sorte de eloquencia que está na moda.

De veras não ha nada de novo em materia de religião. O que S. Paulo diz em referencia aos Corinthios póde se applicar aos Fluminenses. A

prégação de Christo crucificado é de facto um escandalo para uns, e para outros uma estulticia.

O que se hade fazer nestas circumstancias? Devemos concluir que esta prégação não serve? Vejamos o que S. Paulo fez nas mesmas circumstancias. Por acaso elle perdeu a confiança no Evangelho, ou procurou accommodar-se a estes partidos? Diz elle:

“Porque tanto os Judeos pedem milagres, como os Gregos buscam sabedoria: mas nós prégamos a Christo crucificado: que é um escandalo de facto para os Judeos, e uma estulticia para os Gentios, mas para os que tem sido chamados assim Judeos, como Gregos, prégamos a Christo, virtude de Deus, e sabedoria de Deus.” 1ª Cor. i. 22–24.

Vemos aqui a grande fé do Apostolo em Christo crucificado como o unico remedio para a alma. Tão certo estava disto que não quiz saber de outras doutrinas ou de outros remedios, pois tinha convicção absoluta de que aquillo que para os Judeos era um escandalo e para os Gregos uma estulticia, era a virtude de Deus e a sabedoria de Deus para todos os que foram chamados de Deus e creram nelle. Isto quer dizer que em Jesus Christo crucificado está a unica sabedoria e virtude divinas para fazer a felicidade dos Corinthios quer nesta vida quer na que ha de vir.

Já disse que as nossas circumstancias são as mesmas. Logo: se em Christo crucificado os Corinthios podiam achar um remedio infallivel e soberano,

uma sabedoria divina, uma felicidade á prova de todas as provações desta vida e mesmo superior á morte;—nós temos tudo isto ao nosso alcance.

O Evangelho tem atravessado muitos seculos de trevas e de perseguições sanguinarias, e, a despeito de *Judeos* e *Gregos* que de mãos dadas lhe tem feito uma opposição constante, hoje aqui está, testificando ainda que a palavra da cruz, isto é, a doutrina da cruz de Christo, embora escandalo para uns e estulticia para outros, é para os que se salvam a virtude de Deus e a sabedoria de Deus.

Peço a vossa attenção para uma demonstração deste facto. Esta demonstração consiste em mostrar que a morte de Christo na cruz ensina as doutrinas seguintes :

1.^a.—A nossa raça é tão criminosa e culpada, que a salvação não está em nossas mãos nem nas de qualquer creatura.

2.^a.—Deus é infinitamente bom e quiz deparar-nos uma salvação que fosse gratuita para nós e que não fosse contraria á sua justiça.

3.^a.—Crendo em Jesus crucificado temos a reconciliação com Deus e a vida eterna.

1.^a.—*A nossa raça é tão criminosa e culpada, que a salvação não está em nossas mãos nem nas de qualquer creatura.*—Este ponto tem sido sempre discutido com calor entre os sabios, uns affirmando que não somos criminosos, outros que somos culpados, porém que em troca de obras meritorias e dos socorros da igreja temos ou teremos a remissão de

todas as nossas culpas. Outros ainda entendem que os anjos de Deus nos podem valer para nos pôr bem com Deus. Ora, em Jesus crucificado temos a verdadeira resposta a todas estas theorias.

Se o homem pôdesse curar-se a si mesmo, Jesus não teria vindo como nosso Medico. Se nós não estivéssemos perdidos, Jesus não houvera vindo para nos buscar e salvar. Se a salvação de nossas almas fosse cousa tão facil que as nossas obras podéssem merecer a graça de Deus, ou se a Igreja nos podeésse facilitar os soccorros precisos, ou se a vinda de qualquer anjo ou côro de anjos podeésse ter alcançado a remissão de nossos peccados, Jesus o Filho de Deus não teria baixado á terra e se humilhado a ponto de fazer-se homem e de morrer sobre a cruz. Perante a cruz não tem lugar qualquer destas theorias. A morte de Christo é uma resposta formal a todas ellas, pois importa que a raça humana estava perdida, e tão criminosa que fóra de Deus não havia remedio possivel. Vêde o Salvador prostrado sobre a terra; pedindo que o calis passasse, se fosse possivel. Porém o calis não passou; pois não era possivel que passasse e que nós escapássemos á perdição eterna. Só havia uma alternativa. A maldição de Deus provocada pelo peccado pesava sobre o genero humano. Nenhum homem ou anjo podia intervir entre Deus e suas creaturas rebeldes. Nenhum homem estava no caso de intervir, porque todo o homem é peccador. Nenhum anjo o podia fazer, pois os anjos são tam-

ben creaturas finitas e limitadas, e, por mais que façam, não podem fazer mais do que tem obrigação de fazer, e por tanto não podem ter merito de sobejo para os homens. Só o Filho de Deus estava nas condições de intervir, tomando sobre si a maldição do peccado. Era justo, santo e innocente, e, por ser pessoa divina, tinha o direito de dispôr de si mesmo, tomando a nossa natureza e a nossa responsabilidade perante a lei insultada e ultrajada por nossos delictos. Elle o fez, morrendo em expiação de nossos peccados.

Meus ouvintes e amigos, desejo muito que esta doutrina fique profundamente arraigada em vossos corações para nunca mais ser esquecida. Convencei-vos do grande demerito de vossas obras, e do rigor da lei divina. Eu sei quão humilhante é esta doutrina, e quão difficil é o confessar a verdade, e dar de mão toda a confiança em nós mesmos. Todo o homem quer ainda achar em si alguma cousa que possa servir de desculpa diante de Deus. Por isso a prégação da cruz de Christo offende o amor proprio, e desperta no coração forte opposição. Mas, meus amigos, de que serve o enganarmo-nos a nós mesmos, desde que não se póde enganar a Deus? O perigo não deixa de ser perigo, não fica sendo menos grave, por termos os olhos fechados de maneira que não o possamos vêr. Dizem os viajantes que a avestruz dos desertos da Africa, perseguida por um Arabe montado a cavallo, não podendo mais correr de cansaço, busca qualquer

mouta, ainda que esta só sirva para esconder a cabeça, e lá fica quieta, de maneira que o caçador a apanha com toda a facilidade. A pobre ave não vê mais o perigo, e, por não vê-lo, crê que não existe. Os homens fazem a mesma cousa. Fecham seus olhos e ouvidos ao perigo que correm suas almas. Não querem aprender da cruz de Jesus Christo a sua miseria. Querem persuadir-se de que ha outro remedio e outra sabedoria fóra de Jesus crucificado. Enganam-se. Não é possível. Sómente a palavra da cruz é que é a verdadeira sabedoria e a virtude de Deus para os que se salvam.

2^a.—*Deus é infinitamente bom e quiz deparar-nos uma salvação que fosse gratuita para nós e que não fosse contraria á sua justiça.*—A cruz nos ensina a unica verdadeira sabedoria em relação a Deus.

Os sabios nos dizem que Deus é misericordioso. Fallam tambem em sua justiça; mas aqui se acham embaraçados e confusos de sorte que não sabem explicar-se. Perguntados se Deus é justo, dirão que sim. Mas não sabem conciliar a sua justiça com a sua misericordia. Não podem explicar como é possível que as ameaças da lei e as promessas do Evangelho possam ser fielmente cumpridas. Para poderem dizer que Deus é bom e misericordioso, vêm-se obrigados a fazer pouco caso da sua lei. E, de facto, é isto o que se faz. Desde que não roubamos, nem matamos, nem fazemos as cousas de que a policia da terra toma conhecimento, Deus de sua muita bondade dá-se por contente. Até na

França tem-se discutido se é essencial crer na existencia de Deus e na immortalidade da alma. Tudo isto é terrivel, hediondo, e falla bem alto em favor da doutrina que quero demonstrar. Prova que não ha verdadeira sabedoria para aquelles que não querem abrigar-se á sombra da cruz, pois o que se passou na cruz ha mil e oitocentos annos é a unica solução da harmonia entre a misericordia e a justiça divinas. O christão que, como Paulo, não quer saber senão de Jesus crucificado, sabe conciliar a justiça de Deus com a sua misericordia, e manter intacta a lei ao mesmo tempo que se regozija no Evangelho de paz e de amor. O christão não carece de negar a santidade da lei, nem duvidar de seu cumprimento. Sabe e confessa que a lei exige um coração puro e perfeito; que pôde peccar-se odiando ao proximo, ainda que a lingua não o maldiga nem a mão o fira; que pôde se adular com uma vista d'olhos; que, perante a graça de Jesus, a maior das ingratições e o mais horrivel peccado é o ser indifferente. O christão sabe que a menor destas culpas basta para precipitar a alma na perdição eterna, pois Deus é justo e a sua lei diz—“a alma que peccar, morrerá.” O christão comprehende a perfeição da lei melhor do que ninguem, e confessa que essa lei não poderá deixar de ser executada emquanto o mundo fôr mundo; mas, não obstante, chama a Deus seu Pai e julga-se reconciliado com elle. E como é que pôde julgar-se assim? Como é possivel que um peccador possa chegar a ter tanta confiança

em um Deus cuja justiça elle mesmo reconhece? Não ha senão uma resposta a estas e outras semelhantes perguntas. A verdadeira sabedoria consiste em saber dar esta resposta. Se fosse necessario, eu quereria esquecer tudo o que já sei, ou o que se póde saber, por amor de poder dar uma resposta satisfactoria á grande questão:—Como póde Deus ser justo, e perdoar-me os peccados? Esta sabedoria está ao vosso alcance. O segredo escondido aos sabios, vos é revelado no Evangelho. Jesus crucificado é a resposta que convém dar. Elle fez tudo quanto era necessario para dar plena satisfação á justiça divina. A lei dizia: “a pena da lei é a morte.” Jesus a soffreu por nós. A lei dizia: “Maldito todo o que não permanecer em todas as cousas, que estão escritas no Livro da Lei, para faze-las.” Gal. iii. 10; Deut. xxvii. 26. Jesus se fez maldição para nos livrar da necessidade de soffre-la. Gal. iii. 13; 2ª Cor. v. 21; Deut. xxi. 23. Tudo isto elle fez porque Deus nos amou e enviou a seu Filho para nos salvar. Por tanto, não ha mais condemnação para aquelle que tenha depositado a sua confiança inteira em Jesus Christo. Esse sabe que, se Deus de sua bondade enviou a seu Filho para soffrer a pena da lei, não se póde mais duvidar do amor divino. Meus irmãos, como vós bem sabeis, todo o mundo falla na bondade de Deus. Muitos pretendem ter tanta confiança na bondade de Deus, que não têm medo de ser castigados por peccados que todos os dias façam. Para estes, nada mais

facil do que perdoar. Não custa nada. Elles mesmos não haviam de ser tão severos em castigar; e dizem que de certo Deus não ha de ser rigoroso.

Aquelles que assim fallam não comprehendem o comprimento e a largura e a profundidade do amor de Deus. Não sabem quanto é custoso o perdão que o Evangelho offerece de graça ao genero humano. A sua cegueira e ignorancia é tal, que imaginam a possibilidade de se achar falta de rectidão em Deus. Um Deus que não fosse justo, seria para elles o complemento de todos os seus desejos. Pois querem que o Creador dos céos e da terra seja um Deus sem justiça, facil em perdoar, porque não faz caso do peccado. Eis o Deus em que se falla geralmente. Tal Deus não existe. O Evangelho não o revela. O Deus da Providencia não é um Deus que não aborreça o peccado nem o puna. Se fosse uma realidade, não teria direito aos nossos louvores e ao nosso amor. Os anjos não poderiam clamar diante d'elle: Santo, Santo, Santo; nem os santos bemdizer o seu grande amor, porque aquelle que não aborrece nem castiga o peccado não é santo; e um perdão que nada custa não é prova de grande amor.

E' por isso que affirmo que só o christão pôde fazer uma idéa do amor divino. Só elle pôde avaliar o preço pago pela redempção. Só se comprehende tudo isto lendo e meditando no Evangelho e em Jesus crucificado. Aqui se vê a força do amor de Deus. E' um amor santo e puro e gratuito.

E' santo porque não tem a menor indiferença ao peccado; antes sacrifica-se para que o peccado seja expiado. E' puro e gratuito, porque nós não o merecíamos, nem podemos retribui-lo. E' tão alto como o céu e tão profundo como o inferno, porque trouxe o Filho de Deus do céu para que elle nos arrebatasse do inferno. Nunca teve principio e nunca terá fim, pois Deus nos amou desde o principio, e ha de amar-nos para sempre. A primeira vez em que se fallou neste amor na terra foi no paraiso, quando Deus prometeu que a semente da mulher pizaria a cabeça da serpente. Abel sentiu o seu coração encher-se de jubilo em anticipação da vinda daquelle que, nascendo da mulher, destruiria as obras da serpente, e, em signal da sua fé, offereceu em sacrificio um carneiro. A Abrão Deus fallou de um modo mais claro, dizendo que o mundo inteiro teria parte nos beneficios da salvação. Cada seculo teve suas promessas: um propheta dizendo que o Salvador havia de nascer de uma virgem e que havia de morrer pelo peccado; outro, que o lugar de seu nascimento seria a villa de Belem; Daniel até marcou o tempo determinado. A final nasceu o Filho de Deus para cumprir as prophecias e para reconciliar com Deus todos os que são contritos e crentes. Entregou-se voluntariamente a padecer a maldição, para que o que crê nelle nunca tenha que soffrer, mas tenha a vida eterna. De facto, morreu o justo pelos injustos, o innocente pelos criminosos, o Filho de Deus pelos filhos dos homens.

3^a.—*Crendo em Jesus crucificado temos a reconciliação com Deus e a vida eterna.*—Jesus crucificado é pois a mais viva expressão tanto da justiça como do amor de Deus, e a unica sabedoria que póde fazer a nossa felicidade. A' luz da cruz de Nosso Senhor, tudo é claro. Vê-se que Deus é justo, pois pune o peccado mesmo na pessoa de seu amado Filho. Vê-se quão grande é o amor de Deus, pois não poupou a seu Filho para que nós fôssemos salvos. Vê-se a verdadeira significação da nossa vida sobre a terra. Somos peregrinos neste mundo; nossa morada eterna é na casa de nosso Pai, onde nosso Redemptor já nos espera. Em quanto estamos na carne, vivemos pela fé e temos em vista servir e glorificar aquelle que nos amou e nos salvou. Vê-se a utilidade das provações por que passamos, as quaes tem por fim desapegar-nos cada vez mais do mundo, e experimentar e patentear a nossa fé. Vê-se onde achar consolação quando perdemos os objectos que nos são mais caros no mundo. Jesus os remiu, e os chamou para vêr a sua gloria, a qual mais tarde nós tambem veremos. A morte muda de aspecto á luz da cruz, pois ahi o Salvador tirou ao Rei da morte o seu poder :

“ Porque eu estou certo, que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os Principados, nem as Virtudes, nem as cousas presentes, nem as futuras, nem a violencia, nem a altura, nem a profundidade, nem outra creatura alguma nos poderá apartar do

amor de Deus, que está em Jesus Christo Senhor Nosso." Rom. viii. 38, 39.

S. Pedro diz que Christo "está á direita de Deus, depois de haver absorvido a morte, para que fossemos herdeiros da vida eterna: tendo subido ao céo, sujeitos a elle os Anjos, e as Potestades, e as Virtudes." 1^a S. Ped. iii. 22.

Não é de admirar, pois, a persistencia de S. Paulo a despeito dos Judeos e dos Gregos. Nem ha mais mysterio no estylo da sua prégação, nem no seu proceder em referencia ao baptismo. Elle não queria baptizar (1^a Cor. i. 13-17) para que ninguém pudesse gabar-se de ter sido baptizado por um Apostolo tão eminente julgando que isto lhe valeria alguma cousa. Não buscou captivar com um estylo sublime, nem fez ostentação de seu saber, porque tinha receio de que os ouvintes se importassem mais com suas palavras estudadas e eloquentes do que com a cruz de Christo. Paulo fez o que os pintores costumam fazer com suas melhores pinturas. O pintor estuda o melhor modo de pendurar a pintura, procurando a luz que melhor possa revelar toda a perfeição de sua obra. Se a luz que cahe sobre a pintura é boa, não lhe importa o resto. Assim fez o Apostolo na sua prégação. O grande empenho era apresentar a todos a Jesus crucificado como o unico remedio, a unica sabedoria, o unica esperanza para o mundo inteiro. Julgou, com razão, que o estylo mais appropriado era o mais simples, e a linguagem mais apta a do cora-

ção. Oxalá que todos os pulpitos do Brasil fallassem esta linguagem, dando testemunho de Jesus crucificado como a sabedoria de Deus e a virtude de Deus para a salvação de todos os que crêm!

Porém não posso concluir, meus ouvintes, sem advertir-vos de uma cousa de muita importancia:— Tenho feito o que está em mim para mostrar que em Jesus crucificado temos a unica sabedoria que faz a felicidade do homem, e o unico remedio que nos pôde curar a alma. Este bem supremo, como todas as mais cousas, está sujeito a certas condições. Vou explicar as condições de que Deus faz depender o dom de seu Filho crucificado como vosso Salvador.

E' necessario primeiramente que vos sintais ignorantes e culpados. A sabedoria de Deus é para os que carecem della. O remedio que Jesus, como Medico das almas, offerece, é para os doentes. O perdão que Jesus offerece é para os criminózos. Reflicta cada um no que vai fazer a este respeito. Vós os que vos tendes por sabios, não ha sabedoria para vós emquanto não vos fizerdes ignorantes. Vós os que vos julgais com merecimento, ouvi o que diz o Salvador: “não vim chamar os justos, mas sim os peccadores ao arrependimento.” Vós os que estais indifferentes ao peccado, ouvi outra vez o convite do Redemptor: “Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei.” “Bemaventurados os que tem fé.” “Se não vos arreponderdes, haveis de pere-

cer.” Ah! poucos são os que tem convicção de sua miseria e de suas culpas. O peccado endurece o coração, e cega o entendimento e a consciencia. E’ de veras um terrivel cativeiro, porque até a vontade de se livrar não existe mais. O peccador muitas vezes fecha os ouvidos ás instancias do Salvador. Obstina-se em sua indiferença ou opposição. Adia de um dia para outro o negocio de sua salvação. Não vê quão incerta é esta vida, nem considera o risco que ha em ser abandonado e desamparado do Espirito Santo. Quantos sermões não se ouvem, sem proveito! Ninguem imagine todavia que sermão algum deixe de ter resultado, uma vez que seja uma fiel exposição de Jesus crucificado :

“ porque nós somos diante de Deus o bom cheirc de Christo, nos que se salvam, e nos que perecem : para uns na verdade cheiro de morte para morte : e para outros cheiro de vida para vida. E para estas cousas quem é tão idoneo?” 2ª Cor. ii. 15, 16.

O prégador cumpre com seu dever dando fiel testimonho de Jesus Christo crucificado. Deus vela para que a sua palavra não seja sem effeito. Para uns é cheiro de morte para morte, isto é, torna-os mais e mais dignos da morte, aggravando a sua responsabilidade e a sua condemnação. Para outros é cheiro de vida para vida, isto é, animando-os a perseverar no caminho da vida e inspirando-lhes coragem e confiança e fé.

Ninguem pôde subtrahir-se a esta necessidade.

Nós que prégamos e vós-outros que escutais, seremos julgados a este respeito. Tenho procurado dar testemunho de Jesus crucificado, o qual é a sabedoria e a virtude de Deus para a salvação dos que nelle crêm. Não tenho accrescentado nada á doutrina de S. Paulo, e, se a minha exposição não é tão perfeita como deve ser, é porque não posso accrescentar mais riqueza e instrucção a um assumpto tão rico e instructivo. O que é certo é que ninguém tem escusa á vista do que temos exposto. Aquelle que pede provas mais claras, cahe na condemnação dos Judeos que pediram milagres e não creram na prégação de S. Paulo. Os que não se sentem em necessidade da sabedoria de Deus, e tem a prégação da cruz por uma estulticia, a esses diz a palavra de Deus :

“de dia se verão em trevas, e ao meio dia andarão ás apalpadelas como de noite.” Job v. 14.

“Andarão ás apalpadelas como em trevas, e não em luz, e os fará desatinar como bebedos.” Job xii. 25.

“Por isso eis-aqui estou eu que accrescentarei uma cousa para excitar a admiração a este Povo com um grande e estupendo milagre : porque perecerá a sabedoria dos seus sabios, e ficará escurecido o entendimento dos seus prudentes.” Isaias xxix. 14.

“Eu o que faço baldar os prognosticos dos adivinhos, e o que torno furiosos aos agoureiros. Eu o que faço tornar atrás aos sabios : e o que deixo infatuada a sua scient'a.” Isaias xliv. 25.

“Confundidos foram os sabios, aterrados tem sido e presos: porque desprezaram a palavra do Senhor, e nenhuma sabedoria ha nelles.” Jerem. viii. 9.

“Porque escrito está: Destruirei a sabedoria dos sabios, e reprovarei a prudencia dos prudentes.” 1ª Cor. i. 19.

“Porque a sabedoria deste mundo, é uma estulticia diante de Deus. Porquanto está escrito: Eu apanharei os sabios na sua mesma astucia.” 1ª Cor. iii. 19. AMEN.

A GLORIA DE DEUS.

QUE psalmos, ou que versos cantaremos
 Em teu louvar, ó luz immensa e pura,
 Luz de quem o sol clara e quanto vemos,
 Recebe luz, e graça e formosura!

Que louvores tão novos te daremos,
 O Creador de todo a creatura!
 Que nunca ouvidos fossem, nunca ditos
 Em palavras, em cantos, em escriptos?

Falta o sentido, fica a lingua muda,
 Se tratar teus louvores imagina;
 Então diz menos quando mais estuda,
 E mais se abate quando mais se empina.

A humana sciencia mais aguda
 É ignorancia cega ante a divina;
 Só o amor te louva, só te obriga,
 O Belleza tão nova, e tão antiga.

Belleza d'onde nasce, e se deriva
 Quanta belleza teem as cousas bellas;
 Oh! belleza increada, eterna, altiva,
 Invisivel em ti, visivel n'ellas.

A ti só louve toda cousa viva,
 A terra, o céo, sol, lua, e estrellas:
 E quem te quizer dar maiarlouvór,
 Maiar parte te de do seu amor.

Amor queres de nós, amor pretendes,
Em paga d'esse amor, com que nos amas.
Oh! corações ditosos, onde acendes
Do teu divino amor divinas chammas!

O SANTÍSSIMO NOME DE JESUS.

VIVA Jesus! nossa verdade e vida,
Viva Jesus! nosso amor, nossa luz!
Nome de amor quando a voz te proclama,
O coração se aviventa e se inflamma!
Viva Jesus! Viva Jesus!

Viva Jesus! Deus verbo sempiterno,
Que por amor a nós do céu baixou;
Para nos livrar do rigor do inferno
A barro vil se abateu, se encarnou!
Viva Jesus! Viva Jesus!

Viva Jesus! ó nome sacrosanto!
Fonte de bens, e da gloria esperança,
Trazendo á terra alegria e encanto,
Dos tristes ais, só nos deixou lembrança,
Viva Jesus! Viva Jesus!

Viva Jesus! é senha do soldado
Que se alistou nas bandeiras da cruz;
No mór perigo o Christão animado
Do peito atira ao inimigo ousado
Viva Jesus! Viva Jesus!

Viva Jesus! ouvindo o Nome santo,
Infernal turba, inimiga da luz,
Treme, e fraqueia, e se vai com espanto
Do negro abysmo do mais fundo recanto
Viva Jesus! Viva Jesus!

Viva Jesus! suave melodia
A corações que atra nuvem conduz
Por afflicções, por mil ancias da vida;
Grito suave a quem está na agonia.
Viva Jesus! Viva Jesus!

Viva Jesus! é grito de esperança
Ao peccador que seguiu falsa luz,
E se arrepende, e já quer segurança
Da contrição, em que a alma descansa.
Viva Jesus! Viva Jesus!

Viva Jesus! é voz do peito grato
Em quem de Deus a bondade reluz,
Que vendo em si de mil bens o ornato,
Antes a morte quer, que ser ingrato.
Viva Jesus! Viva Jesus!

Viva Jesus! é canto de victoria,
Dos que no céu gozam eterna luz!
Tão santo nome imprimí na memoria,
Vós que queireis ve-lo um dia na gloria.
Viva Jesus! Viva Jesus!

SOMOS FILHOS DE DEUS,

ou

NÃO VOS HEI DE DEIXAR ORFÃOS.

“Não vos hei de deixar orfãos: eu hei de vir a vós”

S. João xiv. 18.

ORFÃO é aquelle que não tem nem pai nem mãe. E' triste a sorte dos meninos que em tenra idade se acham privados da protecção de seus pais e dos desvelos e carinhos que a natureza ensina a toda a mãe a prodigalisar a seus filhos. Dizer em referencia a um menino—*é orfão*, é aponta-lo como digno de compaixão, porque este mundo não tem boa fama. Os infelizes que se vêm destituidos de meios, sem protectores natos, não passam bem. O mundo não é muito hospitaleiro nem caritativo. Os que nelle são deixados orfãos, soffrem fome, sede e frio, e em cima de tudo isto são desprezados e insultados por aquelles que delles devem compadecer-se. Ou se alguns orfãos mais favorecidos não padecem necessidades desta ordem, não deixam de soffrer moralmente por se sentirem sós no mundo e privados dos

gozos e da alegria que são as delicias da vida domestica.

Diz um escritor muito entendido nos costumes do Oriente que, entre os antigos, todo o mestre de alguma fama era tratado de pai por seus discipulos, e depois de sua morte estes se chamavam seus *orfãos*. Este costume dá a conhecer a intimidade das relações que havia entre os mestres e seus discipulos. A perda de seu mestre era tida por estes como uma calamidade igual á perda do proprio pai.

Quando Jesus disse a seus discipulos: “Não vos hei de deixar orfãos” era chegada a hora em que devia despedir-se delles, para ser primeiro crucificado e ao depois assumpto ao céu. Este discurso foi o ultimo que lhes dirigiu antes de ser entregue. Na perspectiva de sua morte os discipulos já começavam a entristecer-se. A idéa de se acharem privados da presença de seu Mestre os enchia de perturbação. Parecia-lhes que iam ficar orfãos, abandonados a lutar sós com seus inimigos, cujo numero e força já muitas vezes experimentaram.

Ninguém dirá que o medo dos Apostolos fosse de todo sem fundamento. O christão é muito fraco para pelajar só contra as tentações da vida presente. Na ausencia de Jesus os seus discipulos por pouco não se afogaram no lago de Gennesaret. Outra vez se expuzeram á zombaria dos seus inimigos por tentarem lançar fóra um demonio que lhes resistiu. Para não narrarmos mais provas de sua incapacidade

dade e fraqueza, foi evidente que sem a presença de Jesus ficariam orfãos em toda a extensão da palavra. Era de todo natural que a separação lhes parecesse ser a perda de seu unico amigo e protector, de sorte que seriam deixados orfãos.

Jesus Christo tratou de acalmar esta perturbação e desvanecer os receios com que se lhes antolhava o futuro.

E' tocante a ternura de sua linguagem :

“Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede tambem em mim. Na casa de meu Pai ha muitas moradas : se assim não fôra, eu vo-lo tivera dito : Pois vou a apparelhar-vos o lugar. E depois que eu fôr, e vos apparelhar o lugar : virei outra vez, e tomar-vos-hei para mim mesmo, para que onde eu estou, estejais vós tambem.” S. João xiv. 1-3.

“Já tendes ouvido que eu vos disse : Eu vou, e venho a vós. Se vós me amasseis, certamente havieis de folgar, de que eu vá para o Pai : porque o Pai é maior do que eu.” S. João xiv. 28.

“Eu tenho-vos dito estas cousas : para que o meu gozo fique em vós, e para que o vosso gozo seja completo.” S. João xv. 11.

“Antes porque eu vos disse estas cousas, se apoderou do vosso coração a tristeza. Mas eu digo-vos a verdade : a vós convem-vos que eu vá : porque se eu não fôr, não virá a vós o Consolador : mas se fôr, enviar-vol-o-hei.” S. João xvi. 6-7.

“Em verdade, em verdade vos digo : que vós

haveis de chorar, e gemer, e que o mundo se ha de alegrar: e que vós haveis de estar tristes, mas que a vossa tristeza se ha de converter em gozo. Quando uma mulher pare, está em tristeza, porque é chegada a sua hora: mas depois que ella pariu um menino, já se não lembra do aperto, pelo gozo que tem, por haver nascido ao mundo um homem. Assim tambem vós-outros sem duvida estais agora tristes, mas eu hei de ver-vos de novo, e o vosso coração ficará cheio de gozo: e o vosso gozo ninguém vo-lo tirará.” S. João xvi. 20-22.

O sentido de todas estas passagens é o do verso que nos serve de thema: “Não vos hei de deixar orfãos.”

Jesus Christo queria com isto dar a entender que a separação, em que os discipulos nem podiam pensar sem tristeza, havia de ser antes aparente que real, que, subindo ao céo, elle ainda assistia com elles espiritualmente e poderia valer-lhes: em uma palavra, queria intimar que esta separação momentanea era conveniente e havia de trazer-lhes os mais importantes resultados. Esta promessa é tambem para nós e para os christãos de todos os tempos. E’ verdade que o objecto de nosso culto e amor é invisivel. Jesus assiste no céo e nós sustentamos sobre a terra uma lucta difficil com mil inimigos espirituaes. Apparentemente é triste sermos assim deixados entregues a nós mesmos. Muitos christãos suspiram pela vinda de Christo; e emquanto elle estiver ausente não se convencerão de que não sejam

orfãos. Mas eis-aqui a promessa do Salvador:—
“Não vos hei de deixar orfãos. Eu hei de vir a vós.”

Vou mostrar que nenhum christão é orfão e que de facto Christo lhes assiste.

1º.—Christo velou para que houvesse uma revelação escrita contendo toda a instrução necessaria á salvação. Depois de assumpto ao céo, deu aos apóstolos a inspiração precisa a fim de que explicassem perfeitamente as doutrinas da salvação. Os principaes acontecimentos do futuro foram revelados a S. João. Tudo foi providenciado de modo que os Christãos não fossem orfãos á maneira dos discipulos de outros mestres.

Vós não sois orfãos, meus prezados irmãos. Tendes ainda por mestre aquelle que ensinou aos doze. A toda a pergunta vossa é facil achar resposta na Escritura Sagrada. Não fallo de perguntas frivolas e impertinentes que versam sobre cousas que não vos dizem respeito. Refiro-me ás perguntas relativamente aos meios de salvação e aos vossos deveres. Quem nunca fez experiencia, não poderá fazer idéa da perfeição com que todas as questões importantes são resolvidas na Escritura. Aquelle que medita todos os dias na palavra de Deus, sente-se ainda discipulo na escola de Jesus Christo; não se vê privado de nenhuma luzes indispensaveis, e reconhece que Jesus tem verificado a sua promessa pelo que diz respeito á instrução.

E com effeito Jesus Christo vem a todo aquelle

que se applica ao estudo da sua palavra. Por intervenção do Espirito Santo dá ao crente a intelligencia das cousas que lê. Os outros mestres não podem fazer mais do que ensinar. Se os seus discipulos não têm a intelligencia indispensavel, os mestres não podem supprir esta falta. Porém Jesus fez mais do que deixar um livro contendo as verdades da salvação.

“E eu rogarei ao Pai, e elle vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco, o Espirito de verdade, a quem o mundo não pode receber, porque o não vê, nem no conhece: mas vós o conhecereis: porque elle ficará convosco, e estará em vós.” S. João xiv. 16-17.

“Mas o Consolador, que é o Espirito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, elle vos ensinará todas as cousas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.” S. João xiv. 26.

“Eu tenho ainda muitas cousas que vos dizer: mas vós não nas podeis supportar agora. Quando vier porém aquelle Espirito de verdade, elle vos ensinará todas as verdades: porque elle não fallará de si mesmo: mas dirá tudo o que tiver ouvido, e annunciarvos-ha as cousas, que estão para vir. Elle me glorificará: porque ha de receber do que é meu, e vo-lo ha de annunciar. Todas quantas cousas tem o Pai, são minhas. Por isso é que eu vos disse: que elle ha de receber do que é meu, e vo-lo ha de annunciar.” S. João xvi. 12-15.

Esta doutrina ha de sempre escandalizar aos in-

credulos, que não podem convencer-se da realidade de cousas que sejam invisíveis. Entretanto a experiencia do christão confirma a realidade da acção do Espirito Santo como uma luz para a intelligencia. E' facto sabido que todo o christão é ensinado por Jesus Christo. Reparai bem no que digo. O ensino de Jesus Christo não se limitou aos dias de sua estada na terra. Depois de assumpto aos céos elle ensinou aos apóstolos por seu Espirito, e ainda ensina a todo o crente pela sua palavra escrita e pelo Espirito Santo, o qual nos dá a comprehensão espiritual de que carecemos.

“Gozam muita paz os que amam a tua lei, e não ha para elles tropeço.” Salm. cxviii. 165.

“Que todos os teus filhos universalmente fiquem ensinados pelo Senhor: e que tenham uma abundancia de paz os mencionados teus filhos.” Isaias liv. 13.

“Escrto está nos Profetas: E serão todos ensinados de Deus. Assim que todo aquelle, que do Pai ouviu, e aprendeu, vem a mim.” S. João vi. 45.

Em referencia á instrucção não estamos privados de nosso mestre, não somos orfãos. A tristeza que se apoderou dos discipulos ao ouvirem fallar da proxima partida de Jesus, não tinha fundamento. Era filha de sua incredulidade, como os factos depois provaram. Nem vós tendes razão para vos julgardes privados de um mestre. O Espirito Santo é o interprete authorisado da palavra de Jesus Christo. Deixando-vos a Biblia e enviando-

vos o Espirito Santo para vos abrir o entendimento e o coração, Jesus ainda ensina o seu povo. Os outros mestres, arrebatados pela morte, deixam seus discipulos orfãos. Jesus Christo ainda assiste no meio dos que querem aprender d'elle. Elle não nos deixa orfãos, mas vem a nós cada vez que o procuramos no estudo de sua palavra, depois de invocada a assistencia de seu Espirito.

2º.—A oração é outro meio pelo qual Jesus Christo cumpre esta promessa.

A tristeza que se apodera do coração de um filho ao perder seus pais, é proveniente da certeza de serem cortadas as relações que faziam toda a sua felicidade. E' grato ao coração recordar as provas do amor que nos deram os nossos pais fallecidos. Até nos é licito crer que elles ainda nos amam. Mas não podemos fallar-lhes, nem elles podem communicar-se comnosco. Deus é servido fazer intransitavel o caminho pelo qual os mortos pretendessem regressar ao mundo. A morte se superpõe como obstaculo insuperavel entre os mortos e os vivos. Ainda que ás vezes os que são deixados orfãos chamem por seus queridos pais, ninguem lhes responde, e no fundo do seu coração elles mesmos sentem a inutilidade de taes esforços causados pelo desespero.

Mui differente era o caso dos apóstolos quando Jesus se despediu d'elles. Em obediencia á sua ordem expressa (Actos i. 4) reuniram-se em oração (Actos i. 13, 14) e esperavam que Jesus se lhes

dêsse a conhecer, conforme a sua promessa. Vós sabeis o resultado. Ficou demonstrado que a ausencia de Christo era antes apparente que real. Ficou demonstrado que Jesus Christo responde ás orações de seus servos. Ficou demonstrado que nenhum crente tem motivo para julgar-se orfão. O Salvador está mui perto dos que o procuram. Está presente em todo o aposento cuja porta está fechada para que, banido o mundo, o christão possa conversar com seu divino Salvador. ✽

O privilegio de orar com a certeza de sermos attendidos é prova sufficiente de não sermos orfãos. Notai bem que digo: “com a certeza de sermos attendidos.” Sem que as nossas orações sejam ouvidas por aquelles a quem se dirigem, não vale a pena orarmos. Temos pois toda a certeza quando oramos a Jesus Christo, porque elle é Deus. Elle nos manda orar. Elle prometteu despachar-nos. Quanto aos santos e anjos, tudo muda de figura. Não existe nenhum preceito nem exemplo que favoreça a sua invocação. Elles são limitados em seu saber e poder, e por tanto ninguem tem certeza de ser ouvido, e, ainda que o fosse, não poderia contar com o allivio impetrado. E’ singular a leviandade com que se tratam os interesses da alma!

Pedro Arbues acaba de ser canonizado a fim de que os fieis o invoquem! Com effeito o papa e os cardeaes devem sentir-se orfãos para se lembrarem de tão triste protector! Com effeito já não existe

fê em Roma desde que um inquisidor-mór acaba de ser constituido intercessor e medianeiro junto á côrte do céu!

Como não sôa doce esta promessa de Jesus Christo:—“Não vos hei de deixar orfãos!” Como se tivesse receio de que enganados procurassemos outros intercessores, Jesus nos preveniu de sua presença espiritual, de sua protecção constante, e de seu amor sem fim e sem variação.

“E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu vo-lo farei: para que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma cousa em meu nome, essa vos farei.” S. João xiv. 13, 14.

Graças á sua ternura não somos orfãos deixados para mendigar graças espirituaes ás portas dos conventos e das sacristias dos templos cá na terra, nem compra-las com dinheiro á vista nos mercados da igreja visivel, nem impetra-las aos pés de *S. Pedro Arbues*.

Se assim fosse; se nos vissemos reduzidos a este extremo de abandono e miseria, seriamos de véras orfãos, mais do que o podemos conceber.

3º.—Os sacramentos instituidos por Jesus Christo são ainda outro meio pelo qual elle se nos communica.

O Baptismo é o sello visivel de nossa alliança com Jesus. Como o soldado veste a farda de seu rei, o crente se baptisa em signal do novo estado que acaba de tomar, do serviço em que acaba de entrar. Não é a farda que faz o soldado, nem o

baptismo faz o christão. Se um cobarde ou traidor vestisse a farda de um rei, não deixaria de ser vil e desprezível. Comtudo o soldado cheio de patriotismo e dedicação não deixa de sentir-se ufano do uniforme que lhe recorda o seu dever e o seu rei.

Assim o baptismo é o signal visivel instituido para differenciar os crentes dos incredulos. Não é um sacramento de invenção humana, porque neste caso poderíamos duvidar de sua importancia. Jesus o instituiu a fim de que elle fosse o sello da nossa alliança comsigo.

A Cêa do Senhor é outro signal visivel pelo qual Jesus Christo nos dá a conhecer que seus discipulos não são orfãos.

Muitas vezes tenho ouvido fallar no costume seguido em certos casos de recordar um membro da familia fallecido, collocando-se á mesa a sua cadeira vasia. A' vista dessa cadeira se conserva viva a lembrança de um pai ou uma mãe fallecida, e os membros da familia quasi o figuram como presente. Este costume é simplesmente um meio natural de recordar o passado.

Jesus Christo, embora ausente corporalmente, está presente real e espiritualmente com seus discipulos. A santa Cêa é a manifestação visivel deste facto. Ella foi instituida como mais um laço que nos prendesse a Jesus Christo; como mais um penhor visivel e sensivel da presença espiritual de Christo no meio dos que se digna chamar irmãos; como mais um meio pelo qual o Espirito Santo nos

fortalecesse na fé e no gozo do Senhor. Ha dezoito seculos que se celebra a santa Cêa. Ella ha de ser celebrada até que Christo venha a segunda vez, como um protesto tocante da verdade do que diz o nosso thema :—“ Não vos hei de deixar orfãos : eu hei de vir a vós.”

Portanto, havendo tantos meios pelos quaes Christo ainda nos assiste para nos ensinar, proteger e alentar, cumpre-nos mostrar-nos agradecidos e alegres. Embora seja invisivel o nosso Redemptor, sabemos que elle não está longe de nós. Reconciliados pela sua paixão e morte temos paz com Deus, nosso Pai. Fruimos já a felicidade de communhão com Jesus Christo pela leitura e meditação da sua palavra, pela oração e pelo uso dos sacramentos de sua igreja.

Filhos do mesmo Pai, herdeiros das mesmas esperanças, não somos orfãos deixados sós e sem protecção neste mundo.

4º.—Outra consideração que não deve ficar esquecida é, que, além da vinda de Christo em espirito e pelos meios já referidos, sabemos que elle virá levar-nos para a casa de seu Pai, onde elle mesmo assiste.

A segunda vinda de Christo é doutrina ensinada com a maior clareza na Escritura. Alguns entendem ser proxima essa vinda. Não acho prudente aventurar opinião alguma ácerca dos tempos que Deus reserva em seu poder. Nem acho importante saber se elle virá em propria pessoa em breve, ou se esta vinda só se realisarâ mais tarde. O certo é

que ha de vir ao tempo opportuno. Mas a morte para cada um é a vinda de Christo. Na hora e momento de se desprender do corpo a alma do crente vai assistir com Christo. Este dia não póde tardar muito. O tempo corre como se tivesse azas. Então ninguem se julgará mais orfão. Cada um verá realizada a vontade de Jesus Christo quando disse:—“Pai, a minha vontade é, que onde eu estou, estejam tambem comigo aquelles, que tu me déste: para verem a minha gloria, que tu me deste: porque me amaste antes da creação do mundo.” S. Joãc xvii. 24. AMEN.

SOMOS FILHOS DE DEUS.

Entôa, ó minha alma,
Um hymno ao Senhor,
Um hymno de gloria
Ao teu Creador!

A luz que t'aclara
E' d'Elle emanada ;
E a tua linguagem
Por elle inspirada.

Em balde procuras
O bem sobre a terra ;
O bem que desejas
Só nelle se encerra.

No meio das ondas
O nauta mais forte
Pergunta ás estrellas
Qual é seu norte.

Se o mar s'enfurece
Se o vento se altera,
Invoca seu Nome
E salvar-se espera.

Sê tu sempre attento
Seu mando escutares,
E por seus dictames
Fiel te guiares.

Que haverá que possa
Roubar-te a victoria?
O bem terás certo
Torás certa a gloria.

A VIDA ETERNA:

EM QUE CONSISTE.

“O que crê no Filho tem a vida eterna: o que porém não crê no Filho, não verá a vida, mas sobre elle permanece a ira de Deus.”

S. João iii. 36.

ESCOLHENDO este texto, não faço tenção de insistir sobre a importancia da fé como condição indispensavel para a salvação. Não ha duvida, ninguem se salva senão pela fé. Para desconhecermos este facto fôra preciso torcermos arbitrariamente o sentido evidente de mil passagens da Biblia: “O justo vive pela fé,” “Sem fé é impossivel agradar a Deus,” etc., etc.

Tenho insistido neste facto repetidas vezes. Se Deus se dignar dar-me forças para continuar a occupar-me no seu serviço, espero tornar a dar testemunho deste luminoso facto, testificado pelos patriarchas e profetas e apóstolos, como tambem por Aquelle cuja palavra é a expressão da verdade em toda a sua pureza e perfeição. Se me fosse

permittedo escolher palavras encerrando a essência do Evangelho de Nosso Senhor, e deixa-las gravadas em todo o coração, não poderia achar nada mais digno que o dito de S. Paulo: “Pela graça sois salvos mediante a fé,” ou o texto; “O que crê no Filho, tem a vida eterna: o que porém não crê no Filho, não verá a vida, mas sobre elle permanece a ira de Deus.” S. João iii. 36.

Porém, como já disse, quero occupar-me de outro assumpto. Diz o texto: “O que crê no Filho, tem a vida eterna.” Crer no Filho é a condição ou meio. A vida eterna é o beneficio promettido aos que cumprem com a condição. E’ do beneficio que me occupo nesta occasião. Esta escolha é motivada por um reparo que ha algum tempo vou fazendo a meu pezar. Vejo que a phrase *vida eterna* na boca de muita gente é vazia de sentido solido. Quem não terá reparado nos nevoeiros que de manhã se vêm suspensos sobre os valles e os montes desta cidade e seus arrabaldes? O sol nasce e logo se desfazem e desaparecem. Assim succede em relação ás idéas ligadas á expressão—*vida eterna*. Em toda a parte se falla na vida eterna, mas o que seja a vida eterna é o que não se sabe e, o que mais faz admirar, não se procura saber. Não quero ser exaggerado nem fazer juizos temerarios, nem creio faze-lo affirmando que são poucos os que jámais se dêram ao trabalho de indagar seriamente a natureza da vida eterna promettida no Evangelho. Por via de regra cada um entende por *vida eterna* a felici-

dade; mas poucos procuram saber em que consiste esta felicidade. Perguntados a este respeito não sabem responder, ou, se respondem, vê-se de suas palavras equivocadas e vagas que a vida eterna é para elles um nevoeiro impalpavel que foge á luz de uma séria indagação.

Ora, este proceder não é digno de entes creados para a vida eterna. Quem não desejará saber o seu destino? Desde que existe um livro feito de proposito para dar-nos os esclarecimentos precisos, como não devemos ser diligentes no seu estudo! Que estudo poderá ser comparado á investigação da sorte eterna dos que crêm em Jesus Christo? Propondo-me a esclarecer este assumpto, de certo poderei contar com a vossa benevola attenção.

1º.—A vida eterna não é alguma cousa herdada nem transmittida de uma geração a outra de sorte que todo o homem regularmente entra no gozo deste beneficio. Ha muitos beneficios desta ordem. Muitos dotes são a partilha de todo o homem, taes como a intelligencia, a vontade, a saude, o direito de fazer uso de sua liberdade, e de exercer as suas faculdades de conformidade com as leis de Deus. Ha outros bens que são a herança de individuos favorecidos pela providencia divina, taes como grandes cabe-daes, influencia social e politica, e honras hereditarias. Todos estes bens, quer naturaes quer extraordinarios, são conferidos em virtude de uma lei providencial que preside ao nascimento de todo o homem.

A vida eterna não é uma cousa destas. Não nascemos com direito á vida eterna. Ninguém toma posse da vida eterna em nome de seu pai. Ninguém a compra com os avultados meios que tenha herdado ou adquirido. A vida eterna não é como uma condecoração ou titulo de nobreza.

Muito pelo contrario, ninguém a tem nem em seu proprio direito nem em virtude de direitos hereditarios. Nossos primeiros pais a possuíam e a perderam. Em virtude da nossa descendencia, nascemos privados da vida eterna. O nosso direito natural e hereditario é a morte eterna. Quero com isto dizer que deixando as cousas correr, e abstendunos do emprego dos meios extraordinarios revelados no Evangelho, o resultado ha de ser infallivel. O peccado reside já em todo o homem, e o fructo do peccado é a morte.

Este facto se collige do texto. O que não crê, permanece debaixo da ira de Deus. Não só deixa de alcançar a vida eterna, mas permanece debaixo da ira de Deus. Vemos, pois, que actualmente cada um vive exposto á ira de Deus. Ninguém póde permanecer n'um estado em que não esteja já collocado. Jesus Christo poderia dizer:—o que não crê no Filho ha de incorrer na ira de Deus. Mas não o disse assim, porque isso não seria exacto. A terrivel declaração da Escritura é o estarmos já incursos na pena da lei divina. Não nos é dado optar entre duas cousas ambas futuras. A morte

não é um mal que nos espera no distante futuro. Já obra em nós e em toda a descendencia de Adão. Como diz S. Paulo “entre os quaes vivêmos também todos nós em outro tempo segundo os desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos seus pensamentos, e eramos por natureza filhos da ira, como também os outros.” Efes. ii. 3.

Não deixeis este facto passar desapercibido. Não se trata de uma simples escolha entre a morte e a vida, como se cada uma destas cousas dependesse de vosso arbitrio. A morte, no sentido da Escritura, resulta da separação da creatura de seu Creador, uma separação accarretando sobre aquella a ira deste. Este triste estado é a sorte universal da raça humana. Os factos o provam. A palavra de Deus o confirma. Quem rejeita a graça de Jesus, não incorre na pena da separação de Deus simplesmente, permanece nesse estado.

Meus prezados ouvintes, este solemne facto vos patenteará todo o perigo de vosso estado e a urgencia dos convites de Jesus Christo. O Evangelho não pretende remediar qualquer mal imaginario. O Evangelho não é remedio preventivo. Já padecemos o mal que se quer remediar. Deus é justo e santo; e nós somos criminosos, injustos e impuros. O mal reside em nós. A corrupção que contamina os nossos pensamentos, palavras e obras é o triste legado transmittido em virtude dessa lei que diz:— O que é nascido da carne é carne. Já ha quasi tres mil annos, David o confessava, dizendo: “Fui ge-

rado na iniquidade, e minha mãe me concebeu no peccado.” Salm. l. 7.

A mancha e corrupção do peccado são males transmissíveis, e actualmente nos têm sido transmittidos.

2º.—Demonstrado este facto, a que ligo a maior importancia, passemos ao estudo da mudança operada mediante a fé no Filho de Deus.

O que crê no Filho, tem a vida eterna. Ponderemos attentamente estas palavras, porque encerram uma promessa cujo alcance muitos crentes não attingem. Nosso Senhor não diz:—o que crê, terá a vida eterna; e é de crer que elle se exprime perfeitamente. Diz elle: “O que crê, tem a vida eterna.” De *tem* para *terá* vai uma differença que a ninguém escapa. Uma destas palavras se refere ao futuro, entretanto que a outra é do tempo presente. Pois usando de preferencia a palavra *tem*, Nosso Senhor dá a entender que a vida eterna não é algum bem reservado para o futuro, quer este futuro seja distante quer proximo. O que crê, tem a vida eterna. A posse da vida eterna e a fé que Jesus requer, são ligadas de sorte, que, se se dêsse a condição (a qual é a fé) sem que se seguisse o resultado (o qual é ter a vida eterna), a promessa de Christo falharia. Nem se diga que este rigor não é permittido; que ás vezes se usa o presente quando se entende o futuro. Percorrendo as paginas da Biblia achamos muitas outras passagens igualmente explicitas.

—“Para que todo o que crê nelle, não pereça, mas

tenha a vida eterna. Porque assim amou Deus ao mundo, que lhe deu a seu Filho Unigenito: para que todo o que crê nelle, não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou seu Filho ao mundo, para condemnar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por elle. Quem nelle crê, não é condemnado: mas o que não crê, já está condemnado: porque não crê no nome do Filho Unigenito de Deus.” S. João iii. 15-18.

“Em verdade, em verdade vos digo, que quem ouve a minha palavra, e crê naquelle que me enviou, tem a vida eterna, e não incorre na condemnação, mas passou da morte para a vida.” S. João v. 24.

“Em verdade, em verdade vos digo: O que crê em mim, tem a vida eterna.” S. João vi. 47.

“Agora pois nada de condemnação tem os que estão em Jesus Christo: os quaes não andam segundo a carne.” Rom. viii. 1.

“Mas Deus, que é rico em misericordia, pela sua extremada caridade, com que nos amou, ainda quando estavamos mortos pelos peccados, nos deu vida juntamente em Christo (por cuja graça sois salvos), e com elle nos resuscitou, e nos fez assentar nos céos com Jesus Christo: para mostrar nos seculos futuros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua bondade sobre nós-outros em Jesus Christo. Porque pela graça é que sois salvos mediante a fé, e isto não vem de vós: porque é um dom de Deus.” Efes. ii. 4-8.

“Nós sabemos, que nós fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos a nossos irmãos. Aquelle que não ama, permanece na morte.” 1^a S. João iii. 14.

Vemos que em toda a parte a vida eterna é considerada como actualmente concedida ao crente. Em virtude da sua fé em Christo, o peccador é trasladado da morte para a vida. A condemnação que d’antes pesava sobre elle fica annullada. De inimigo sujeito á ira de Deus, o crente passa a ser contado no numero dos filhos. A vida eterna não é um bem a que aspira. E’ um bem que já possui, cujo gozo faz sua presente felicidade.

Mas resta sabermos a natureza desta vida. O que é que o crente obtém pela fé no Filho de Deus?

1^o.—Em primeiro lugar alcança a remissão de seus peccados. Estando em Jesus Christo e vestido de seus infinitos merecimentos não tem mais receio da condemnação divina. Não posso dizer-vos o alcance deste beneficio. Só quem tiver experimentado a amargura do peccado poderá comprehender o jubilo de ver-se reconciliado com Deus pela intervenção de Christo. A parábola do filho prodigo é bem conhecida. Quando, vencida a distancia que o separava, elle se vio face a face com seu pai e reconheceu-se perdoado, sem duvida experimentou uma satisfação tão intima que nenhuma linguagem fôra capaz de exprimir. Assim todo o crente reconciliado com Deus desfruta um prazer superior a tudo quanto o mundo tem de bom. O seu coração,

d'antes opprimido e receioso, salta de jubilo e de contentamento. Esta confiança de filho, que resulta da nossa reconciliação com Deus, é indispensavel á nossa felicidade. O que crê no Filho, tem esta confiança. Embora tenha quebrado as leis de Deus e seja indigno de cousa alguma, acha em Jesus Christo abrigo e um perdão gratuito. Esta experiencia feliz data do momento em que o peccador ancioso começa a descansar sobre as promessas de Jesus Christo. Crer no Filho de Deus e viver atormentado de duvidas e de receios, são cousas contradictorias. Todo o que é justificado pela fê, tem paz com Deus e por conseguinte paz na sua alma. Pois aqui temos uma das cousas cujo complexo é chamado a vida eterna.

2º.—Outro beneficio inseparavel da reconciliação com Deus é a participação do Espirito Santo. Deus a ninguem dá perdão sem acrescentar o dom do Espirito Santo.

“Mas a todos os que o receberam deu elle poder de se fazerem filhos de Deus, aos que crêm no seu nome.” S. João i. 12.

“Respondeu Jesus, e disse-lhe: Se tu conhecêras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber: tu certamente lhe pedirias, e elle te daria a ti da agua viva.” S. João iv. 10.

“E no ultimo dia da festa, que era o mais solemne, estava alli Jesus, posto em pé, e levantava a voz, dizendo: Se algum tem sede, venha a mim, e beba. O que crê em mim, como diz a Escritura

do seu ventre correrão rios d'agua viva." S. João vii. 37, 38.

Aqui temos a solução desejada. O que tem a remissão de seus peccados e a presença comsigo do Espirito Santo, tem a vida eterna. Seria inexacto dizer a seu respeito que este tal terá a vida eterna, pois já a tem. O Espirito Santo é o author de todos os sentimentos, impulsos e aspirações que fazem a felicidade da creatura.

1º.—O Espirito Santo apodêra-se do entendimento e lhe abre os olhos para que comprehenda o character e a vontade de Deus. O Christão, depois de feito tal pela operação do Espirito de Deus, começa a pensar de outro modo. O mundo perde seus attractivos. O corpo deixa de dominar sobre o espirito. Deus, o mundo invisivel onde Christo assiste preparando um lugar para seus caros, a alma que em breve tem de despedir-se da materia e emprehender longa viagem, são essas as realidades de primeira importancia para todo aquelle que crê no Filho de Deus. Esta mudança operada sobre o entendimento é o começo daquillo que se chama a vida eterna. O Christão esclarecido pelo Espirito Santo se occupa na contemplação dos mesmos objectos e das mesmas verdades que prendem a attenção e fazem a felicidade dos santos anjos e homens que já gozam da presença de Jesus.

2º.—O Espirito Santo se apodera igualmente do coração e nelle cultiva os bellos fructos mencionados em Galatas v. 22, 23 :—" Mas o fructo do Espirito

é: a caridade, o gozo, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a longanimidade, a mansidão, a fidelidade, a modestia, a continência, a castidade. Contra estas cousas não ha lei.”

Os frutos indigenas do coração do homem são mencionados no mesmo capitulo, versos 19 a 21 :— “ Mas as obras da carne estão patentes : como são a fornicação, a impureza, a deshonestidade, a luxuria, a idolatria, os empeçonhamentos, as inimizades, as contendias, os zelos, as iras, as brigas, as discórdias, as seitas, as invejas, os homicidios, as bebedices, as glotonerias, e outras cousas semelhantes, das quaes eu vos declaro, como já vos disse: que os que taes cousas commettem, não possuirão o Reino de Deus.”

E’ facto confirmado pela experiencia de todo o crente que as virtudes enumeradas como fructos do Espirito Santo trazem consigo uma satisfação tão intima e rica, que não tem comparação com nenhum gozo mundano.

Se alguém agora quizer saber em que consiste a vida eterna, vejo-me habilitado a responder sem equívocos nem rodeios :—A vida eterna consiste no maior desenvolvimento destas virtudes implantadas e cultivadas na alma do crente pela presença e operação do Espirito Santo. Ter o entendimento illuminado e robustecido para que possa contemplar a Deus e conhecer-lhe as perfeições, ter o coração purificado de seus idolos e consagrado ao culto de Deus, e viver na constante practica e experiencia

das virtudes enumeradas por S. Paulo, isto é—viver no gozo de Deus. Para isso fomos creados. Quem assim vive, tem a vida eterna. A sua alma se alimenta da comida dos anjos. O seu espirito já se eleva para onde Jesus Christo assiste na gloria de Deus recebendo o culto dos santos que já entraram no seu descanso.

Talvez alguém ainda queira oppôr a tudo isto uma objecção, baseada no termo *eterna*, e na imperfeição de tudo quanto o Christão desfruta na presente vida.

A palavra *eterna* em rigor só compete a Deus. Elle é eterno porque não teve principio, não tem successão nem terá fim. A vida eterna do homem é essa existencia feliz que não tem fim, cuja duração são os dias da eternidade. Isto não impede a que tenha principio neste mundo. De facto esta vida principia desde o momento da nossa identificação com Jesus Christo e reconciliação com Deus. O filho prodigo, volvendo para a casa de seu pai começou de novo a viver. Era morto. Tornou a viver. Da mesma sorte o homem que se converte, começa a viver na communhão de seu Deus e Pai no céo, e esta vida se chama *eterna* porque durará para sempre. A alliança entre Deus e a alma do christão é eterna. Na linguagem de S. Paulo:—“O que ainda a seu proprio Filho não perdoou, mas por nós todos o entregou: como não nos deu tambem com elle toças as cousas?” Rom. viii. 32.

Quanto á imperfeição de qualquer felicidade

actual, é forçoso confessa-la. A vida eterna que o crente tem é imperfeita, não ha duvida. Todo o menino recém-nascido é fraco, faltam-lhe as forças precisas para suster-se em pé, mesmo não é capaz de levantar a cabeça; sem o desvelo de sua mãe, apenas nascido morreria. Todavia elle está vivo. Tem todas as partes precisas para que venha a ser homem perfeito. A sua vida esta principiada. Com o exercicio de suas faculdades ha de ir desenvolvendo-se, passando por todas as experiencias que são a partilha da nossa vida neste mundo. Aos dez annos de idade ha de ainda ignorar muitas cousas que aos vinte serão muito faceis de comprehender. Mas não terá faculdade nem poder algum que não tivesse ao seu nascimento.

Em relação á vida da alma dá-se o mesmo facto. A alma começa a viver quando o Espirito Santo a regenera, implantando-lhe uma vida que d'antes não tinha. O que crê em Jesus Christo, recebe o dom do Espirito Santo, o qual desperta a alma do seu lethargo, torna a acender nella o fogo do amor de Deus, apagado pelo peccado, e liga a creatura ao seu Creador. A palavra *religião* é composta das duas palavras *re* e *ligar*, que significam o acto de ligar de novo dous objectos ou duas pessoas d'antes separadas. O que crê no Filho de Deus, torna a unir-se a Deus, e desta reunião resulta a vida eterna, a posse dos privilegios e beneficios dos filhos de Deus.

As imperfeições e os soffrimentos do crente não

contrariam este facto. Assim como um menino não é um homem, tambem o christão a lutar com a fraqueza da carne e as tentações do maligno e do mundo não tem o desenvolvimento que ha de ter depois de livre das prisões da carne e das cadêas do peccado. Mas a sua vida é uma realidade. O que lhe falta é desenvolvimento mais perfeito de suas faculdades. O christão que vive no mundo, e o santo que assiste com Jesus no céo, differem menos do que se pensa. Aquelle é como menino recém-nascido, fraco e necessitado; ao passo que o santo está mui adiantado na sua carreira. Mas a carreira é a mesma. Deus é o alvo a que ambos se dirigem. Jesus lhes ministra as forças em virtude das quaes se desenvolvem cada vez mais. Não differem senão no gráo de seu desenvolvimento, conhecimento e felicidade. O crente que hontem não o era, já tem o principio da vida eterna. E' chamado para ganhar o premio dos justos. Jesus lhe firma os passos vacillantes como uma mãei costuma fazer a seu filhinho. O Espirito Santo mora nelle como em um templo, ajudando-o a morrer mais e mais ao peccado e a viver para Deus. De conformidade com este facto todos os christãos são chamados santos, assim como se chama a um menino *homem*, querendo dizer que pertence á classe assim chamada. Todos os christãos são da mesma familia. Os membros desta familia vivem dispersos, ungemendo sob o peso da carne, outros assistindo á mão direita de Jesus no céo. Tanto aquelles como

estes têm a Deus por seu Pai, a Jesus Christo por seu Salvador, e o Espirito Santo nelles habita como a fonte de felicidades e gozos perennes e eternos. Esta familia é composta de todas as idades e nacionalidades. Seus membros não se acham nas mesmas circumstancias nem tem alcançado o mesmo gráo de desenvolvimento. Entre elles se acham meninos de poucos dias carecendo de simples leite e não podendo profundar altas cousas. Somos destes. Encontram-se outros mais experimentados na lucta contra o mundo e já informados dos segredos da palavra de Deus. E ainda se encontra essa multidão sem conta, vista por S. João, occupados em offerecer a Deus e ao Cordeiro um culto sem intermissão. São todos membros da mesma familia e herdeiros dos mesmos beneficios e honras, differenciando-se sómente no gráo de seu desenvolvimento.

A importancia deste assumpto é evidente. Estes esclarecimentos tornam facil a solução de muitas duvidas, e tambem descobrem o sem fundamento de muitas esperanças. Vemos que crer no Filho de Deus é ter já a vida eterna. A fé e a vida eterna são cousas inseparaveis. Não têm razão os que dizem:—Tenho fé em Jesus Christo e espero ter a vida eterna.

Ha pouco tempo conversando com uma pessoa, ouvi-lhe dizer:—Creio e tenho esperança de me salvar. Perguntei-lhe quando é que cuidava salvar-se. Respondeu-me:—Quando morrer. Uma tal fé não é o que a Escritura exige. Uma fé que

a nada mais se propõe senão a uma salvação futura, que não une a alma a Jesus e opera já os fructos da salvação, é uma fé morta. O que crê tem a vida eterna. Não quero dizer com isto que todo o crente tenha o zelo de S. Paulo, nem a caridade abrazadora de S. João, muito menos as forças de Gabriel; mas o que affirmo é que ninguem crê sem receber a remissão de seus peccados e o dom do Espirito, cujo officio é illuminar o entendimento, renovar e purificar o coração, e implantar todas as virtudes que em seu perfeito desenvolvimento distinguem aos santos e anjos.

Por ventura vós crêdes no Filho de Deus? Uma de duas. Ou não crêdes, ou tendes a vida eterna. Não me é dado resolver as vossas duvidas. A' vista deste esclarecimento da natureza da vida eterna, cada um examine-se a si mesmo. Não digais: "Creio e espero ter a vida eterna." O que crê, tem a vida eterna. Sabe em parte o que os santos sabem perfeitamente. Têm dado o primeiro passo na senda de um progresso illimitado. E' da familia de Deus. E' herdeiro da gloria. AMEN.

A VIDA ETERNA.

CANTA, lingua minha,
A corôa alcançada
Na grande peleja
Que na cruz foi dada.

Canta, lingua minha
A gloria da cruz,
Louva, humilde, nella
O teu bom Jesus.

Dize, justo é digas,
Que nobre victoria
O tropheo da cruz
Nos traz á memoria.

Dize o modo como
Venceu, immolado,
O que foi ao Orbe
Remir enviado.

Quando veio pois,
E se fez presente,
De tempo sagrado
A feliz enchente.

Do throno do Pae
Foi logo mandado
O Filho que tem
O mondo creado.

N'um ventre virgineo
A carne vestio,
Com que, encoberto,
Ao mundo sahio.

Vague, como infante,
Na rude tristeza
De um baixo presepio
A summa grandeza.

Involveo-lhe, humilde,
Em pobres panninhos,
Sua virgem mãe
Os membros tenrinhos.

Uma faixa aperta
(Quem tal o diria!)
As mãos, e os pés
Do que tudo cria.

Sempiterna gloria
Se dê á Trindade;
Ao Pae, e ao Filho
Gloria com igualdade.

A mesma ingualmente
Ao seu muito amor
Que de nossas almas
E' consolador.

Do que cremos todos
Ser Trino, e ser Um,
Louve o nome santo
O mundo em commum.